

**RICARDO
RAGAZZO**

**HORAS PARA
MORRER**

novo século®

Copyrighted material

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

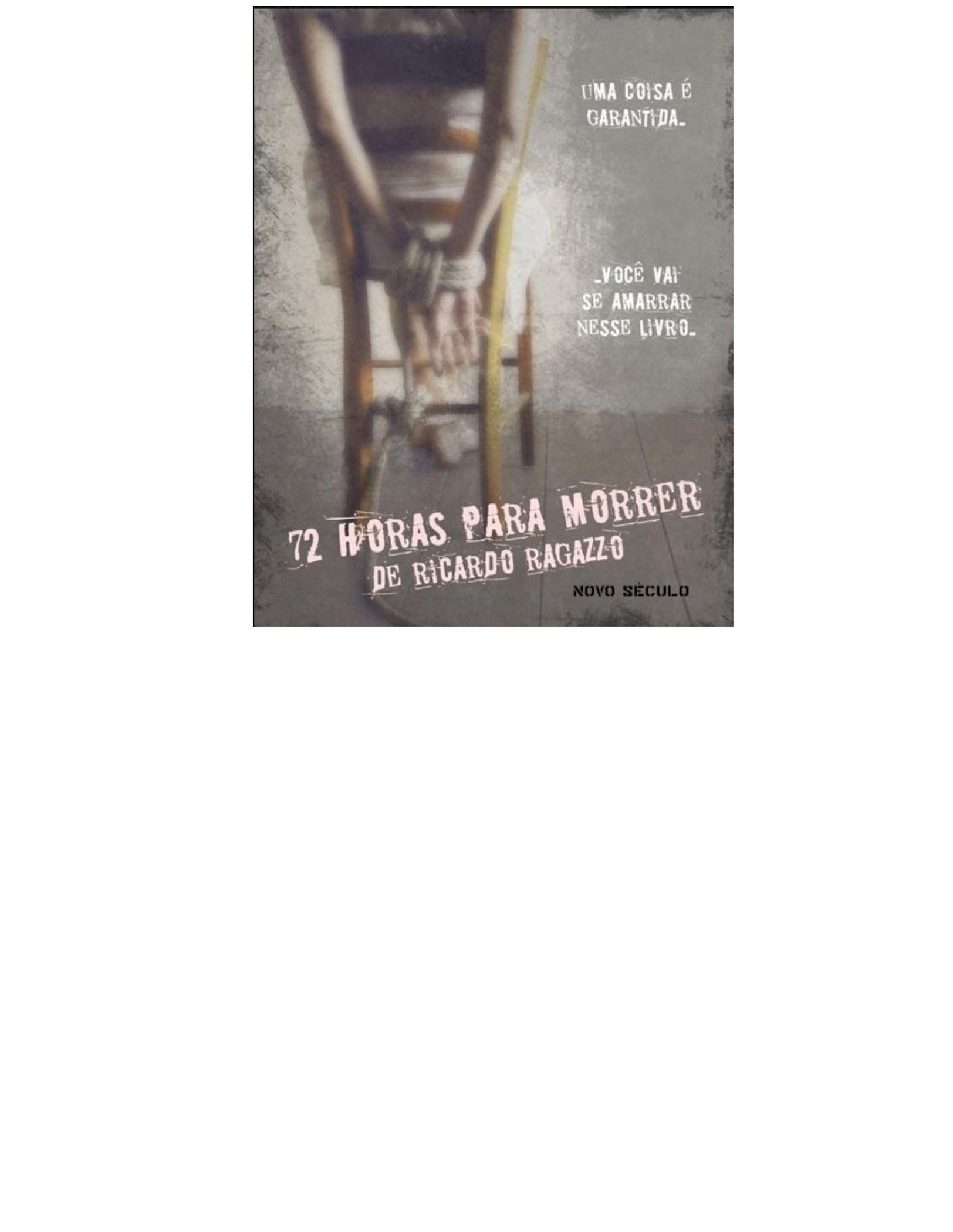
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: lelivros.love ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



A black and white photograph of a person sitting on a wooden chair, viewed from behind. Their hands are tied behind their back with white rope. The person is wearing a light-colored, possibly white, garment. The background is a plain, light-colored wall.

UMA COISA É
GARANTIDA.

..VOCÊ VAI
SE AMARRAR
NESSE LIVRO.

72 HORAS PARA MORRER
DE RICARDO RAGAZZO

NOVO SÉCULO

72 Horas para Morrer

Assim que acordou, Agatha foi tomada pelo desespero. Não era sempre que alguém abria os olhos e percebia-se amarrado a uma cadeira com a boca tapada por uma fita adesiva. Apesar da ausência de luz, Agatha conseguiu identificar algumas coisas no local em que se encontrava. Bem a sua frente, havia uma bem conservada escada de madeira que levava à única porta existente no local. Um cheiro fétido impregnava o ar.

De repente, a luz se acendeu (e o susto quase lhe tirou o ar), revelando vários outros detalhes do local. Os cantos do pequeno porão estavam repletos de entulho e sacos de lixo. Estes últimos pareciam os responsáveis pelo odor podre que inspirava. As paredes tinham manchas por todos os lados, resultado de inúmeras infiltrações esquecidas. Não se lembrava de como havia chegado àquela situação. Por mais que tentasse, a última coisa que recordava era o momento em que deixava a loja de conveniência.

Entretanto, arregalou os olhos quando a porta se abriu lá em cima da escada. Um homem encapuzado desceu os degraus carregando um tripé e uma filmadora. Agatha sentiu tanto medo que um pouco de urina escapou para as suas calças, afinal de contas, um homem que escondia o rosto dificilmente traria boas notícias. Ele colocou o tripé de alumínio bem a sua frente, fixando a filmadora logo depois. Mexeu em alguns fios, preparando tudo com muito cuidado. Agatha tentou segurar as lágrimas, mas isso foi inútil. *Em vão.* Alguns minutos depois, quando deu a impressão de já estar satisfeito com toda a arrumação, o homem virou-se para ela.

– Vou tirar a fita adesiva da sua boca. Se gritar, ela volta. E garanto que continuará a gritar depois. Só que de dor. Entendido?

Agatha meneou a cabeça verticalmente. O homem arrancou a fita num rápido movimento. Ela pensou em implorar por sua vida, mas teve medo de falar sem permissão. Ele puxou um papel do bolso direito, colocando-o em frente aos olhos dela.

– O que diz aqui é verdade?

Agatha desatou em um choro compulsivo. Por alguns segundos, esquecera-se de tudo e de todos. Agora, a verdade batia-lhe na cara. Quis acariciar a barriga, mas as mãos continuavam amarradas. Sequer teve forças para responder à pergunta.

– Presumo que isso seja um sim. Bom. Muito bom. Melhor do que poderia imaginar. Agora, chegou a hora de fazermos um filminho.

Sexta-feira 4 de outubro

23h43

No momento em que vi as pessoas à minha volta parando de conversar, percebi que Paulo havia entrado no bar. As reações nunca mudavam— *e, pensando bem, por que deveriam? O cara era um maldito padre! Dentro de um bar!*

— Paulo, aqui!— eu chamei, já erguendo um copo cheio de cerveja em sua direção.

— Deus o abençoe! — respondeu o homem de batina, enquanto pegava o copo e tomava toda a bebida num gole só.

— Sede?— perguntei.

— Nada. Só o dia que está sendo um pouco difícil.

Paulo tornara-se padre há quase vinte anos, mas, segundo ele, seu organismo ainda se recordava bem da juventude transviada. Para esse padre, cerveja e água benta caminhavam de mãos dadas.

— A cidade já está começando a se encher de turistas, hein, Júlio?

Você acha que neste ano as coisas serão mais tranquilas que no ano passado?

— Que nada. Elas ficam piores a cada ano. Tenho certeza de que se essa molecada aí na mesa ao lado fosse revistada, por exemplo, encontrariam muito mais do que carteiras naqueles bolsos.

Paulo soltou um leve sorriso. Conhecia bem minha falta de paciência. Preferiu mudar de assunto.

— E as coisas entre você e Laura? Melhoraram?

— Não sei como responder isso, Paulo. Não brigamos tanto quanto antes, mas também não nos falamos tanto quanto antes.

Na verdade, ela só vem até mim quando precisa de algo.

— Júlio, todo jovem é assim. Sua filha não é diferente das outras garotas da idade dela.

— Não sei... Pode ser. Mas tenho certeza de que você não me chamou aqui para conversar sobre minha relação com minha filha, certo?

Paulo concordou com a cabeça, fechando o sorriso aberto no segundo seguinte.

— Você tem razão. Há algo mais importante no momento.

— Então, sobre o que quer falar? Parece grave.

— A gravidade do assunto dependerá exclusivamente de você.

Talvez fosse melhor irmos para outro lugar.

Tique-taque. Tique-taque.

Sinal de bomba, Júlio! Atenção!

— Paulo, foi você que sugeriu que nos encontrássemos aqui. Qu-al é o assunto?

— Achei que esse seria o local ideal. Poucas pessoas e muito álcool; não é o caso hoje.

Contagem Regressiva iniciada. 5...4...3...

— Qual é o assunto, padre?— sempre o chamava assim quando ficava irritado.

— É sobre Miguel, Júlio. Ele deixou a prisão dois dias atrás.

2...1... Corram por suas vidas!

— Já estou sabendo, Paulo. Sou um policial, lembra-se? Por mim, aquele desgraçado apodreceria atrás das grades pelo que fez. Mas não estou entendendo, Paulo. Foi para me contar isso que me chamou aqui?

— Não, Júlio. Tenho outra coisa para contar. Queria que ouvisse da minha boca. Sei que será difícil para você entender, mas Miguel ficará um tempo comigo na igreja.

Meu Deus! Explosão nuclear!

– Paulo, espero que esteja brincando.

– Não brinco, Júlio. Não com esse tipo de coisa.

– Não entendo você, Paulo. Primeiro as visitas e agora isso. Qual é o seu objetivo?

Sem perceber, tinha dado armas ao inimigo. Não havia nada que um padre gostasse mais do que uma pergunta com cunho filosófico. Pregou-me alguns minutos sobre segundas chances.

Perdão. Vontade de Deus – *vontade de Deus? E a minha vontade? Não era importante para ele? E meus sentimentos? Joga no lixo e ponto final?* Mesmo assim, eu sabia que Paulo não mudaria de ideia. Ele podia ser mais teimoso que eu para determinadas coisas. Só havia uma coisa que podia dizer.

– Ok, padre– eu disse com frieza– Pelo visto, não há nada que eu possa fazer para impedi-lo de seguir com essa ideia absurda, certo? Mas, como delegado dessa porcaria de cidade, uma coisa posso lhe garantir: vou ficar de olho nesse desgraçado! E juro, pela vida da minha filha, um só deslize e ele irá desejar nunca ter deixado aquele esgoto de onde saiu. Um só deslize, Paulo! Você está me entendendo?

Paulo não respondeu a pergunta, apenas meneou a cabeça concordando. Antes de sair, virou outro copo repleto de cerveja.

Havia entendido meu aviso. Também, ele me conhecia há anos e sabia da minha terrível mania de cumprir com minha palavra.

Despediu-se e deixou o bar acompanhado por algumas dezenas de pares de olhos. Pedi ao garçom que me trouxesse algo mais forte para beber. Não podia acreditar no que acabara de ouvir.

Sabia que aquele dia chegaria e percebi que nunca havia me preparado para tal. Mas agora seria diferente. Minha cidade, minhas regras. Podia tornar a vida de Miguel um verdadeiro inferno se quisesse. E queria.

Miguel. Só o som desse nome já havia sido suficiente para arruinar meu humor. Minha noite também. E, em breve, arruin-aria a viagem dos três garotos sentados na mesa ao lado.

Sábado 5 de outubro

7h02

Acordei na manhã seguinte com uma leve dor de cabeça. A noite havia sido longa e o sono intermitente. Ouvi o grito de Laura me chamando para o café da manhã, mas a necessidade de uma ducha quente era maior que a de uma caneca de café extraforte.

Bastaram pouco mais de dez minutos para que estivesse quase totalmente recomposto da noite anterior. Várias foram as doses de uísque pedidas após Paulo deixar o bar. Bebia para tentar esquecer, mas quanto mais embriagado ficava, mais eu me lembrava da pequena Débora e de seu carrasco, Miguel.

Desci as escadas com cuidado. Laura já retirava o prato e o copo que havia usado. Olhou para mim com um largo sorriso.

– Bom dia.

Cheguei a cogitar por um momento se ainda estaria bêbado, ou talvez sonhando, mas as surpresas ainda não tinham acabado.

– Aqui está seu favorito: ovos com *bacon*.

Olhei para ela com certa desconfiança. Há anos ninguém me pre-parava ovos com *bacon*. Ou qualquer outra coisa que fosse. No instante em que ela me perguntou se eu queria ler o jornal, não consegui me controlar.

– O que aconteceu, Laura? Não vai me dizer que está grávida!

– Que é isso, pai? Ficou louco? Uma filha não pode mais querer agradar seu pai, hoje em dia?

– Eu te conheço bem, Laura. O que você quer?

Laura sempre fora uma menina doce e carinhosa, mas desde a morte da mãe, seis anos atrás, nossa relação tornava-se cada vez mais fria. Algumas vezes, passávamos um dia inteiro sem trocar uma só palavra.

– Você me prometeu ingressos para o rodeio de hoje à noite, lembra?

Bingo! Sabia que havia algo por trás daquela ceninha de boa garota. Pedi que ela pegasse meu casaco de couro. Tirei do bolso alguns ingressos para um dos camarotes da arena; um presente dos organizadores do evento. Dessa forma, Laura poderia levar alguns amigos junto com ela. Não queria vê-la sozinha com aquele tal de Pedro. Laura ficou tão feliz que quase me deu um abraço. Antes que o fizesse, correu para a casa da amiga para contar a novidade.

Olhei o relógio. Ainda tinha alguns minutos para tomar meu café e ler meu jornal em paz. Assim que peguei a seção de eco-nomia, um envelope caiu no chão. Coloquei o jornal de lado.

Não parecia ser nenhum tipo de propaganda ou encarte do jornal. Coloquei contra a luz e pude ver algo dentro. Então, rasguei o envelope.

“QUE TAL UM CINEMINHA?”

As letras pareciam cortadas de alguma revista. Mas o teor da mensagem não fazia o menor sentido. Coloquei-a de volta no envelope em cima da mesa. Enchi minha xícara com café.

Havia perdido o apetite. Nada de ovos com *bacon*. Ouvi a voz de Jaime me chamando pelo rádio.

– CHEFE, VOCÊ ESTÁ AÍ? CÂMBIO.

– NA ESCUTA. CÂMBIO.

– TEMOS UMA SITUAÇÃO AQUI NO POSTO DA ESTRADA VELHA.

O DONO NOS CHAMOU. UM CARRO ESTÁ ABANDONADO AQUI DESDE ONTEM À NOITE.

– JAIME, EU ESTOU NO MEIO DO MEU CAFÉ. MINHA CABEÇA

ESTÁ EXPLODINDO. PASSE A PLACA PARA A CENTRAL E VEJA A QUEM PERTENCE O VEÍCULO. A GENTE SE VÊ NA DELEGACIA.

– CHEFE, ISSO NÃO SERÁ NECESSÁRIO. OS DOCUMENTOS DO CARRO ESTÃO TODOS AQUI. E OS DA DONA DO VEÍCULO TAMBÉM.

– E QUAL O PROBLEMA, POLICIAL?

– O CARRO ESTÁ EM NOME DE AGATHA TELLES, SENHOR. ESTE CARRO PERTENCE A SUA NAMORADA.

O percurso até o posto da Estrada Velha levou pouco mais de dez minutos. Eu queria acreditar que tudo aquilo não passava de um terrível engano. Agatha morava na capital e não viria para cá sem me avisar antes. Quase perdi o controle do carro numa curva. Olhei para o velocímetro. Ele marcava pouco mais de cento e cinquenta quilômetros por hora.

Quando cheguei ao posto, percebi que não havia engano algum. O carro estacionado pertencia mesmo a Agatha; era de um laranja extravagante que definia bem sua personalidade. Uma mulher que sempre gostou de chamar a atenção. Não havia nenhum sinal de arrombamento. Ao lado do carro estava Jaime e o Sr. Oliveira, o dono do posto.

– O que aconteceu aqui?– perguntei de forma direta, sem perder tempo com futilidades.

– Chefe, o Sr. Oliveira me chamou...

– Jaime, deixe-o falar– interrompi rispidamente– Conte-me todos os detalhes que lembrar, Sr. Oliveira. Não deixe nada de fora, por favor.

O dono do posto tinha um ar de seriedade que me agradava bastante. Algumas pessoas, por mais incrível que pudesse parecer, gostavam de testemunhar uma situação como aquela. Isso os colocava no centro das atenções. Mas não esse homem. O semblante era de quem queria ver aquilo tudo resolvido o mais rápido possível. Assim como eu.

– Não tenho muito que contar. Vi a dona do carro chegando ontem no final da tarde. Começava a escurecer. Ela entrou vestindo uma roupa colorida, bem chamativa. – *só podia ser Agatha mesmo*, pensei. O dono do posto continuou:– Ela me perguntou se eu tinha algum champanhe para vender na loja.

Comentou sobre algum tipo de celebração. Confesso que não prestei muita atenção no que ela disse. Mas ela me pareceu bem feliz. Só que eu não vendo essas coisas grã-finas aqui, então ela comprou uma caixa de cerveja de trigo e alguns salgadinhos.

Pagou e saiu. Foi isso.

Celebrar? Champanhe? Será que Agatha queria me contar algo? Cervejas de trigo são minhas preferidas. Ela sabia disso.

Continuei a questioná-lo.

– E depois que ela saiu? O senhor não viu mais nada? Lembre-se que qualquer detalhe pode ajudar.

– Nada. Fechei a loja às 20 horas e fui para casa. Como pode notar– ele disse, mostrando a entrada da loja–, não consigo enxergar o carro lá de dentro. Só o vi hoje de manhã, na hora em que fui tirar o lixo.

O melhor a fazer era revistar o carro em busca de alguma pista sobre o que havia acontecido. Jaime já havia remexido o veículo de ponta a ponta, mas achou somente as compras feitas na loja. Eu mesmo precisava fazer aquilo. Comecei pela frente.

Porta-luvas, bancos, tapetes, nada de extraordinário. Nenhum sinal. Pedi que ele abrisse o porta-malas. Nada. Nenhuma pista.

Antes de fechá-lo, lembrei que não havia checado o estepe.

Levantei o forro e tirei o pneu. *Bingo!* Lá estava. Um envelope, igual àquele deixado na minha casa. Na superfície, meu nome colado com letras de jornal: “Júlio” .

Peguei o envelope, sentei-me no chão de paralelepípedo e apoiei as costas no para-choque traseiro do carro. Então, rasguei o papel e dentro estava um *pen drive* e um papel branco com uma mensagem escrita: “JÁ COMPROU A PIPOCA?”

Levantei-me com o objeto entre os dedos, e fui até onde o Sr. Oliveira estava.

– Onde está seu computador?

Não conseguia me lembrar quantas vezes já tinha olhado para o relógio. O ponteiro dos segundos parecia mais lento e carregado do que aquele velho dinossauro que o Sr. Oliveira chamava de computador. O *pen drive* continha apenas um arquivo. Jaime fazia o *download* do programa necessário para visualizá-lo. Se eu soubesse o que estava prestes a ver, não teria torcido para que obtivesse sucesso. Assim que o programa foi instalado, aproximei-me do monitor, e coloquei a mão direita no *mouse*:

CLIQUE.

– Olhe para a câmera. Isso. Agora diga seu nome.

– Meu nome é Agatha Telles.

– Bom. Muito bom. Agora diga, o que uma mulher bonita como você faz aqui nesse fim de mundo?

– Vim fazer uma... uma surpresa para o meu namorado.

– E quem seria esse homem tão sortudo, Agatha?

– Júlio... Fontana.

– E qual é a surpresa que você tem para ele?

– Por favor, moço. Eu lhe imploro...

– Cale-se! Diga agora qual a surpresa. Ou prefere que eu conte? Olhe para a câmera e fale como se ele estivesse aqui.

Vamos. Tenho certeza de que ele vai adorar.

– Júlio... Eu... Eu estou grávida.

CLIQUE.

Será que eu havia ouvido direito? Agatha grávida? Aquilo não podia ser verdade. Olhei para Jaime. O rosto do rapaz confirmava o que eu havia ouvido. Eu seria pai novamente. Por um breve segundo, uma inesperada felicidade tomou conta do meu corpo. Revivi sentimentos que nunca imaginei viver novamente. Então, dei-me conta. Agatha e meu filho estavam nas mãos de um louco inconsequente. Um covarde que se recusava a aparecer. A câmera estava em *close-up* no rosto dela quase o tempo inteiro. Podia ver seus olhos e eles só continham desespero. Temi prosseguir com aquilo, mas não há nada pior no mundo do que simplesmente “não saber”.

CLIQUE.

– Isso mesmo, Júlio. Não é lindo isso? Aqui está o exame.

Veja! Sabe o que é isto, Júlio? Um bilhete de loteria premiado para nós dois. Para você, por saber que será pai novamente. Para mim, por saber que não por muito tempo.

– Moço, por favor, eu lhe peço... Eu lhe imploro... Poupe meu filho.

– Júlio, está vendo esta faca? Esta aqui é a “minha” namorada.

Minha cúmplice. Não tão bonita ou talentosa quanto a sua. Nem perto disso. Porém é companheira, obediente, leal. Qualidades não tão valorizadas hoje em dia. Acho que eu e as duas faríamos um belo *ménage à trois*. O que você acha?

– Não, moço! Meu bebê! Tire essa faca da minha barriga... Por favor...

– Está vendo isso, Júlio? Hein? Vê esse sofrimento? Isso tudo é culpa sua. Esse sangue ficará em suas mãos, não nas minhas. Está me ouvindo? Em suas mãos! Bem vindo ao seu maior pesadelo!

CLIQUE.

A tela, então, escureceu sem revelar mais nada.

Já havia perdido a conta do número de vezes que havia visto e revisto aquela filmagem, e a cada vez que assistia à gravação as coisas pareciam ficar ainda piores. Ainda assim, por mais difícil que aquilo pudesse ser, eu era um policial antes de qualquer outra coisa, e meus instintos gritavam em busca de uma pista que pudesse entregar o paradeiro de Agatha, ou a identidade do responsável por aquela insanidade.

Pedi a Jaime que me acompanhasse na análise. Precisava de alguém que não estivesse tão envolvido

emocionalmente. Al-guém que percebesse coisas que talvez me escapassem devido à minha aflição. Nesses tipos de investigação, os detalhes eram sempre o fator determinante para a solução de um caso.

Repassamos a cena dezenas de vezes. Em um momento, observávamos o ambiente. Em outro, as reações de Agatha. Em outro, a voz do sequestrador. Nada de anormal. O cara realmente parecia um profissional. Calmo, inteligente, cuidadoso.

Não aparecia no vídeo uma única vez.

Sentia um calafrio toda vez que o filme terminava. Uma sensação contraditória de querer saber o que realmente havia acontecido e o medo da resposta. Seriam aquelas ameaças verdadeiras ou apenas parte de um jogo psicológico que pretendia me enlouquecer?

Em determinado momento, ao perceber que meu lado emocional prevalecia sobre o racional, Jaime aproximou-se: – Chefe, não há nada aí. Temos de buscar novas alternativas.

Sabia que ele estava certo. Tinha de buscar novos caminhos.

Outras possibilidades. Levantei da cadeira carregando o peso da derrota. Havia falhado com Agatha. Não tinha sido bom o suficiente. Nem rápido o suficiente. Senti as mãos de Jaime batendo nas minhas costas. Acompanhando o gesto, vieram as palavras que despertaram a minha fúria.

– Sinto muito, chefe. Agatha era uma mulher muito especial.

Virei meu corpo com uma agilidade impressionante. Ainda mais para um homem de quase meio século de idade. Peguei o braço do rapaz e girei-o para trás numa doída chave de braço.

Seu rosto bateu no *mouse* antes de repousar amassado contra a mesa. Novamente ouvi a voz suplicante de Agatha. O filme havia recomeçado mais uma vez.

– Agatha é uma mulher especial! Não “era”; é! Presente, vo-cê entendeu? Não sabemos se ela está morta! E até descobrir-mos o que aconteceu, será assim que trataremos essa situação!

Você me ouviu, garoto?

Jaime não havia feito por mal. Muito menos eu. Apenas reagi ao ouvir aquelas palavras recheadas por uma possível verdade. Tinha medo de acordar e descobrir o desfecho daquela história, e de não poder ter mais esperanças. Olhei mais uma vez para o monitor. O filme ainda estava rodando. Pela primeira vez, reparei em um espelho pendurado no canto da parede. Ele refletia a imagem de algo que, visto de longe, parecia ser uma foto. Talvez fosse essa a pista que procurava. O algo novo.

O descuido do inimigo. Levantei Jaime, arrumando sua blusa amassada.

– Veja, Jaime. Veja. Sempre há alguma coisa– disse, apontando para a imagem no monitor. – Leve isto para a perícia. Descubra o que é essa imagem. Começo a ter a sensação de que a coisa não cessará aqui.

Antes que ele saísse, pedi que gravasse uma cópia para mim. Precisava mostrar esse filme a uma certa pessoa. Jaime-havia acertado ao sugerir “novas alternativas”. Era isso que eu faria. E já sabia exatamente por onde começar.

8h41

Assim que cheguei à igreja, vi Paulo ocupado dentro do confessionário. Uma pequena fila com três senhoras formava-se perto dos bancos. O hábito da confissão era como oxigênio para algumas mulheres. Já para mim, aquilo tudo não passava de uma grande bobagem. Até por isso, não pensei duas vezes antes de interromper a confissão em andamento. Afinal, se Deus existe mesmo, Agatha teria total prioridade naquele momento.

– Paulo, preciso falar com você. Agora!– disse, assim que abri a porta que o separava do resto da igreja. O padre pareceu irritado com a minha invasão.

– Você está ficando maluco, Júlio?

Ignorei-o por alguns segundos, enquanto pedia para as senhoras que nos deixassem a sós. “Assuntos policiais”, informei, mostrando a elas meu distintivo. Paulo acenou com a cabeça e as mulheres foram se retirando, ainda assustadas.

– É bom que seja importante!– exclamou o padre, com uma cara enfezada, assim que as senhoras deixaram a igreja.

– Confie em mim. Preciso apenas de um computador.

As passadas dele até a sacristia foram largas e pesadas.

Paulo parecia querer demonstrar toda a sua irritação e contrariedade. Eu apenas o segui. Calado. Sabia que as imagens diriam mais que qualquer palavra.

Assim que chegamos, Paulo sentou-se em frente ao *laptop*.

Uma pasta nomeada “Assuntos Particulares” foi apagada da tela. Ele encaixou o *pen drive* no lado esquerdo do *notebook*.

Clicou em cima do arquivo. *Bem-vindo ao meu inferno, padre!* – pensei.

Foi fácil notar como assistir a tudo aquilo não fez bem ao meu amigo. Não era sempre que a crueldade do mundo batia à porta da igreja. Paulo segurou forte a minha mão no momento em que Agatha revelava seu segredo em meio a um choro compulsivo. Paulo chorou também. Talvez por mim, talvez por Agatha ou talvez pela criança. Ou talvez por simplesmente não se conformar com a sordidez humana.

Quando o filme acabou, peguei o *pen drive* e coloquei no bolso.

A partir de agora, a conversa ficaria mais difícil.

– Sinto muito, Júlio. Mas tenho fé de que ela está bem. Temos de acreditar nisso.

– Fé não adianta nada numa hora dessas, Paulo. Deus não pode fazer nada por Agatha. Só eu posso. Mas tenho de agir rápido. E preciso da sua ajuda.

– Claro, meu amigo. O que quiser. Em que posso ajudá-lo?

– Onde está Miguel Romero?

A surpresa fez com que o sangue de Paulo desaparecesse do rosto, deixando-o branco como a neve. Certamente, não esperava por essa pergunta. Agora começava a entender o verdadeiro motivo da minha “visita”.

– Você acha, sinceramente, que Miguel tem algo a ver com isso?

– Quem quer que tenha capturado Agatha, o fez para me atingir. Mais claro que isso, impossível.

Assim sendo, Miguel é um suspeito até prova em contrário. Onde ele está?

– Júlio, você pode duvidar, mas ele só quer recuperar o tempo perdido. Não quer perder o tempo que lhe resta afogado em vinganças e acertos de contas.

– Então, ele não tem nada a temer. Onde ele está?

– Num retiro espiritual. Voltar para cá também não é fácil para ele. Mas acredite quando lhe digo que Miguel está em paz consigo mesmo, e com o mundo também. Em seu coração não há mais espaço para

rancor ou mágoa. Sua palavra de ordem agora é reconstrução.

– Muito bem, Paulo. Conheço você o suficiente para saber que não me dirá nada. Mas já lhe aviso que qualquer coisa que aconteça com Agatha será sua responsabilidade. Você me ouviu? O destino dela está em suas mãos!

Não podia perder mais tempo com aquela conversa. Seria como insistir em achar um segundo caminho em uma rua sem saída. Talvez Paulo nem soubesse o paradeiro de Miguel. Pelo menos, eu havia plantado nele uma semente de desconfiança.

Sem me despedir, trotei em direção à saída. Antes que a atravessasse a porta, ele disse uma última coisa.

– Os destinos de Agatha e do bebê estão nas mãos de Deus, Júlio. Não nas minhas. Rezarei por eles, meu amigo.

– Se isso for verdade, Paulo, eu não tenho mais esperança alguma— respondi, antes de seguir para o carro.

11h36

O relógio do carro marcava pouco mais de 11h30 quando estacionei a viatura na sede da Polícia Técnica de Canhedo. A cidade ficava há pouco mais de vinte quilômetros de Novo Salto e contava com o melhor laboratório pericial de toda a região.

Fora para lá que Jaime havia levado o filme para análise, e o resultado dessa perícia era agora minha única esperança de encontrar Agatha com vida.

A sala em que o assistente e o técnico se encontravam tinha pouco mais de quinze metros quadrados. Uma mesa em “L” ocupava um dos cantos e servia como estação para diversos *laptops* e outros aparelhos eletrônicos que eu nunca havia visto antes. Eu nem os cumprimentei antes de começar a falar.

– Por favor, digam que vocês encontraram alguma coisa!

Os dois se entreolharam. Pareciam buscar coragem em algum lugar desconhecido. Não tomei aquilo como um bom sinal.

Ou não tinham achado nada ou não tinham boas notícias. Repeti o pedido ainda mais enfaticamente. Até que Patrício, finalmente, decidiu que havia chegado a hora de me responder.

– Bom, a primeira coisa que posso atestar é que essa filmagem é real. Pode parecer ridículo, mas, nesse ramo de trabalho, muitas vezes nos deparamos com montagens. Algumas delas excelentes, inclusive.

Estalei os dedos para que o técnico não se perdesse em outra linha de raciocínio. *O caso, meu caro. Voltemos ao caso!* – pensei.

– Constatando a veracidade das imagens, o procedimento correto é começar tentando descobrir algum detalhe que nos ajude a identificar o infrator. O problema é que, neste caso específico, ele teve todo o cuidado de não aparecer.

Meus dedos estalaram novamente. Seguidas vezes. Como se dissesse nas entrelinhas: *Vamos ao ponto, droga! Vamos logo ao que interessa!*

– Com isso, só nos restou analisar a voz do agressor e compará-la com o banco de dados que temos, na tentativa de descobrir se há uma ou mais combinações. O problema é que, muito provavelmente, pelo som abafado da voz, ele vestia algo para cobrir a boca ou a cabeça. Uma máscara, talvez. O que torna nosso trabalho ainda mais difícil e demorado, além de impre-ciso. E é nesse ponto que estamos agora. Comparando a voz do suspeito com nossa base de dados.

– E a foto refletida pelo espelho? Aquela que eu mostrei a Jaime no computador do velho Oliveira. Conseguiram ver alguma coisa?

– Nada de concreto. Apenas que aquele objeto é mesmo uma fotografia. Agora, “de quem” é algo que não conseguimos definir. Talvez da vítima, talvez do assassino ou talvez de um próximo alvo. Impossível sabermos.

Ouvir aquilo foi como levar uma coronhada na cabeça.

Minha única esperança de encontrar Agatha consistia em sentar ali com dois paspalhos, jogando conversa fora enquanto aguardava a remota possibilidade de um programa de computador encontrar um possível suspeito para o dono daquela voz. E, ainda assim, nada me garantiria que ele seria, de fato, o responsável pelo sequestro. Talvez, se tivéssemos um banco de dados com o nome dos criminosos que queriam ver minha caveira, tudo ficaria mais fácil.

Ou não. Afinal, a lista seria grande.

Levantei da cadeira, dirigindo-me até a porta da sala. Precisava tomar um ar. Aquela pequena sala despertava em mim uma sensação claustrofóbica quase insuportável. Antes que saísse, notei Jaime fazendo um sinal apressado para Patrício. Como se o encorajasse a me dizer alguma outra coisa. Fechei a

porta e caminhei até o perito. Por mais vago que fosse aquilo que tinha para me dizer, certamente seria melhor que o “nada” que eu possuía naquele momento.

Patrício voltouse para o computador, reiniciando o filme.

Parou a imagem no segundo em que o *close-up* no rosto da garota se desfez. Era possível observar alguns detalhes do quarto.

Pegou a tampa da caneta e apontou para uma parte da parede.

Nada mais que um borrão. Ampliou a imagem algumas vezes, utilizando um *software* que faria o computador utilizado no posto parecer um cérebro humano. Um desenho se revelou.

Apesar da pouca nitidez, podia-se enxergar duas cobras entrelaçadas formando o símbolo do infinito. Definitivamente, era algo novo, mas ainda assim eu não conseguia perceber a importância daquilo. Esperei ansioso pela explicação.

– Eu já vi esse desenho uma vez. Na verdade, várias vezes.

Ele é o símbolo usado por uma gangue de presidiários ou coisa parecida. Um grupo de presos que se uniram em busca de proteção lá dentro ou algo desse tipo.

Não sabia se era a pressa ou a aflição, mas ainda não tinha entendido o que isso tinha a ver com o rapto de Agatha.

– E, só por curiosidade, como você sabe disso?– perguntei, franzindo o cenho sem dar muito valor à descoberta.

– Meu irmão passou alguns anos preso em Folsom. Quando saiu de lá, tinha esse desenho tatuado no braço. Sua única tatuagem. Sempre questionei o significado do desenho, afinal Daniel nunca fora um aficionado por tatuagens, mas ele sempre mudava de assunto. Até que, uma noite, enquanto tomava um de seus porres, eu perguntei sobre o significado do desenho, e simplesmente do nada ele resolveu me contar.

– Ainda não consegui entender o que essa história tem a ver com o que aconteceu com Agatha. Você está insinuando que seu irmão pode ter algo a ver com isso? É isso que está fazendo sua testa suar como se estivéssemos dentro de uma sauna?

– Não. Nada disso. Meu irmão morreu em um acidente de carro alguns meses atrás. Que Deus o tenha. O que quero contar é que, no dia em que conversamos sobre sua tatuagem, ele me revelou o nome de outra pessoa que também fazia parte desse suposto grupo. Um rapaz daqui mesmo de Canhedo. Um baderneiro que cumpriu sentença junto com Daniel.

Patrício engoliu em seco antes que continuasse a falar. Enquanto isso, eu começava a enxergar uma pequena luz acendendo-se no fim do túnel. Uma luz que iluminava minha Agatha ao fundo. O rapaz levantou-se empertigando o corpo e olhando bem nos meus olhos.

– O que estou querendo lhe dizer, Delegado Fontana, é que eu acho que sei onde esse filme foi feito.

O suor que escorria do rosto de Patrício deixava evidente seu medo. Apesar de todo treinamento na Academia de Polícia, o rapaz nunca participara de uma operação de campo. Tive de arrastá-lo pelo braço para fora do prédio. Talvez não fosse a melhor opção, mas não enxergava outra saída. Patrício era o único que sabia onde ficava a casa do suspeito. Mesmo que eu tivesse o endereço, seria necessária sua presença para que identificasse o local. Não poderia haver espaço para erros.

Jaime vinha logo atrás de mim, tentando, sem sucesso, acalmar Patrício. Enquanto descíamos a escada que levava à calçada, notei um homem encostado em minha viatura. Não acreditei quando vi que era Tarso Medeiros. Há seis anos não nos falávamos. Desde o dia do acidente. O dia em que Tarso me mostrou que nossa amizade estava um degrau abaixo de sua profissão.

E justamente agora, nesse momento delicado, o urubu voltava a sobrevoar a carniça. Desci as escadas até onde ele estava. A sua naturalidade impressionou-me.

– Como vai, Júlio?

– O que está fazendo aqui, Tarso? Achei que ainda estivesse morando na cidade grande, trabalhando

no *melhor* jornal, explorando a desgraça alheia para crescer profissionalmente.

– Fiquei sabendo o que aconteceu. Vim aqui para oferecer minha ajuda.

– Assim como você me ajudou há seis anos?– a ironia des-tilada como veneno. – Sinto muito, Tarso, mas eu sei bem a ajuda que quer oferecer, e a dispenso. A única coisa que você quer aqui é um furo de reportagem. Nada mais.

Não tinha tempo a perder. Enquanto falava com ele, fui até Patrício e comecei a empurrá-lo para dentro do veículo.

– Por favor, eu não quero ir! Por favor!– Patrício implorava, enquanto se segurava à porta do carro.

– Cale-se! Seja homem, rapaz! Você é um policial.

Pude notar como Tarso assustou-se com a forma com a qual eu lidava com a situação. A verdade é que, sem nem perceber, estava tratando mal o homem que me fornecera uma última e concreta dose de esperança. Como se *ele* fosse o responsável pelo que tinha acontecido a Agatha. Ao ver aquilo, Tarso segurou-me pelo braço direito.

– Você está louco?

Ouvir aquele questionamento fez com que eu perdesse o controle. Soltei meu braço em um movimento curto e rápido e saquei a arma do coldre quando ele tentou me segurar novamente, apontando-a diretamente para o seu peito.

– Tire suas mãos de mim! Ou quer ser preso por agredir um policial? Afaste-se!

Percebi que Tarso não esperava por aquela reação; entretanto, apesar da surpresa, ele me conhecia o suficiente para saber que jamais apertaria o gatilho.

– Júlio, esse rapaz está do seu lado. Não sei o que acha que está fazendo, mas isso não está certo. Não é verdade, Jaime?

O assistente apenas acenou concordando. Senti que o caminho mais rápido seria explicar o mínimo necessário ao jornalista.

– Este homem é o único capaz de identificar o local que está servindo como possível cativado para Agatha. Não tenho tempo a perder com frescuras. Um minuto pode significar a diferença entre encontrar Agatha com vida ou não. Você consegue entender isso?

– E onde fica esse lugar?

Pensei duas vezes antes de responder àquela pergunta. Não queria um repórter bisbilhotando por aí, levantando suspeitas.

Já Patrício não refletiu nem por um segundo.

– É a casa que pertence à Teotônio Saldanha. Perto do moinho.

– Cale-se!– eu disse, empurrando-o para dentro do carro com ainda mais força.

– Eu sei onde fica essa casa. Deixe-me ir no lugar dele.

Tarso sempre fora um cara ambicioso. Confiar nele significaria não ter outra opção.

– Você diz isso porque quer uma exclusiva, certo? Mais uma manchete de jornal. Pode esquecer, Tarso! Não vou deixar você explorar o que está acontecendo com Agatha assim como você fez com Sylvia.

– Júlio, eu juro por tudo o que é mais sagrado, não é essa a minha intenção. Estou aqui como seu amigo, não como jornalista. O que fiz há seis anos foi mesquinho e desprezível.

Aproveitar-me de nossa amizade para ter acesso àquelas fotos e publicá-las é algo do qual me arrependerei por toda a vida.

Estou aqui para tentar me redimir. Estou aqui para ajudar meu amigo.

Encarei seus olhos por alguns breves segundos. Alguns segundos olho no olho e pode-se saber mais sobre alguém do que mil palavras poderiam contar. Foram os olhos de Tarso que me convenceram. Os de Patrício também. Soltei o jovem policial e pedi que Tarso entrasse no carro. Jaime nos seguiria em outra viatura. De alguma forma, eu me senti mais confiante com a presença de Tarso ao meu lado.

- Para onde?– disse, enquanto ligava o carro.
- Vire no primeiro farol à direita.

12h59

Levamos algum tempo até chegar ao local do suposto cativo. Tarso, exceção feita a um ou dois desvios, realizara muito bem a função de navegador. Paramos as viaturas a mais de dois quilômetros da casa. Não podíamos arriscar sermos vistos por alguém. Na verdade, nem sabíamos se havia um ou mais infratores, ainda mais agora com essa história de gangue surgindo do nada.

Pedi a Tarso que ficasse no carro, mas ele se recusou.

Iniciamos uma breve discussão até que percebi meu tom de voz ficar mais exaltado. Precisávamos do elemento surpresa.

Ordenei, então, que ficasse sempre perto de mim, mas deixei-o por sua conta e risco. Já tinha muitas coisas com as quais me preocupar e Tarso não seria mais uma. Jaime vinha atrás, e tão calado que chegava a fazer inveja ao próprio silêncio, digerindo a angústia que acompanhava toda primeira missão.

Alguns minutos depois, já avistávamos a pequena cabana de madeira. Dezenas de árvores transformavam aquela construção humilde em um verdadeiro palácio natural. A madeira envernizada dava a impressão de que o local não estava abandonado. Ao lado, presa ao tronco grosso de duas árvores, repousava uma solitária rede branca. Algumas folhas caídas pareciam aproveitar-se do conforto inusitado. Seu bom estado era mais um indício de que o local vinha sendo utilizado por alguém.

Puxei minha arma do coldre quando ouvi uma das árvores sacudir com força. Algumas dezenas de folhas flutuaram até embaixo fazendo companhia àquelas que já descansavam na rede. Com a arma apontada para cima, percebi algo se movi-mentando sobre as árvores. *Maldito macaco!* – pensei – *nunca saberá o quão próximo chegou do seu final.* Fiz sinal para que Jaime e Tarso me acompanhassem e fui até a cabana.

A casa aparentava ter pouco mais de 90 m². Uma plataforma de madeira, seguida por três longos degraus, levava até a porta que ficava na extremidade esquerda. Duas grandes janelas de vidro deixavam praticamente a casa inteira à mercê dos curiosos. Jaime seguiu para a direita e eu fui para o lado oposto.

Tarso obedeceu meu pedido, colocando-se atrás de mim. Não havia ninguém na sala, nem na cozinha. Eu podia ver a porta do quarto aberta. Ao lado do quarto, havia uma estreita escada que levava para baixo. Alguma espécie de porão talvez. Se aquela casa servia mesmo como cativo, Agatha provavelmente estaria ao final daqueles degraus.

Seguimos até a porta de entrada da cabana. Trancada, como previsto. Esperei Jaime se juntar a nós para que arquitetássemos a invasão. O jeito seria arrombar a porta atirando na maçaneta e, depois, seguirmos o mais rápido possível em direção à escada.

Ela parecia ser muito estreita, e só poderíamos descê-la um por vez. Como eu tinha mais experiência, iria primeiro. Tarso pareceu não concordar muito com o plano.

– Júlio, e se ele estiver lá embaixo junto com ela? Não existe a possibilidade de que a mate antes de você conseguir descer?

– Infelizmente sim, mas não quero pensar nisso. O risco exi-stirá de qualquer maneira. Não conseguimos encontrar outra entrada para o porão e quebrar a janela daria mais trabalho. Não há outro jeito.

– Talvez haja. Me dê apenas um minuto.

Tarso puxou a carteira do bolso. Abriu um dos comparti-mentos, pegando um grampo de cabelo. Separou as duas hastes e colocou ambas dentro da fechadura. Uma em cima, outra embaixo. Aqueles foram, sem sombra de dúvida, os sessenta segundos mais angustiantes da minha vida.

Assim que ouvi o “clique”, girei a maçaneta. A porta se abriu lentamente, sem oferecer nenhuma resistência. Colei o corpo na parede do lado de fora e puxei Tarso para trás de mim. No rosto dele havia

um curioso sorriso de satisfação.

– Depois, o senhor vai ter de me explicar direitinho essa história de arrombar portas – disse a ele, antes de entrar na casa apontando minha pistola em busca de um alvo. Jaime veio logo atrás.

Fui direto para a escada. Ela era composta por seis degraus.

A madeira parecia em bom estado, o que era bom, já que queria evitar qualquer tipo de barulho ou rangido. Fiz sinal para que Jaime revistasse o quarto. Tarso continuava atrás de mim. Coloquei a pistola rente à coxa e desci a escada pisando suavemente nos degraus. À medida que descia, ia reconhecendo o local da filmagem. Vi o espelho e o desenho das serpentes na parede. A arma, agora, apontava para a frente. Um leve breu dominava o ambiente, complicando ainda mais minha visão. Ao final da escada, encostei o corpo na parede e girei a cabeça para olhar o resto do porão. A parede se alongava por mais uns cinco metros de comprimento e uns dois de largura. Apesar da escuridão, o local parecia vazio.

Acendi a luz e girei para a esquerda com o olho fixo na mira da pistola. Nada. Ou melhor, ninguém, já que um longo armário, repleto de objetos e cacarecos, acompanhava a parede por todo o seu comprimento. Uma fina poeira dançava no ar, dando a impressão de que o ambiente não via uma faxina há algum tempo. No fundo, havia alguns sacos de lixo amontoados.

Gritei para que Jaime descesse. O silêncio já não se fazia mais necessário. Tarso caminhou livremente pela primeira vez, observando as ferramentas e objetos empoeirados nas prateleiras.

Assim que Jaime chegou, coloquei minha arma de volta no coldre. Ele fez o mesmo. Não precisávamos mais delas. Agora tínhamos de tentar encontrar alguma pista sobre o paradeiro de Agatha. Ou sobre o que tinha acontecido a ela. Enquanto vasculhávamos aquele verdadeiro depósito de bugigangas, achamos um tripé em bom estado. Provavelmente, o mesmo utilizado naquelas filmagens. Mas ainda nenhum sinal da minha namorada, nem do meu filho...

Jaime abriu um dos sacos de lixo amontoados no fundo.

Dentro, encontrou algumas ferramentas. Retirou uma a uma.

Pinças pequenas e grandes. Algumas espátulas de aço. Um bis-turi. Tudo muito estranho. Tarso pareceu reconhecer aquelas ferramentas. Já tinha visto ferramentas iguais no ateliê do avô– um taxidermista que ganhava a vida empalhando animais para exposições e museus. Enquanto eu ouvia a explicação de Tarso sobre o assunto, Jaime deu um pulo para trás assim que abriu um segundo saco de lixo. Um cheiro forte e oxidante invadiu o ar, fazendo nossos olhos lacrimejarem. Quando me aproximei, tive de tapar o nariz. Não acreditei no que vi. Dentro do saco de lixo havia um enorme saco plástico. Dentro do plástico, um líquido transparente banhava algo que, a princípio, não pude identificar. Logo descobriria que aquele líquido era formol, e que o que ele envolvia era um coração.

Senti meu corpo gelar. O medo de que aquele pudesse ser o coração da mulher que eu procurava fez disparar o *meu* cor-ação. Por impulso comecei a rasgar saco atrás de saco. Rins.

Pulmões. Intestinos. Gordura humana. Cada um guardava um segredo mais terrível do que o anterior. Um deles estava repleto de ossos afundados em sal grosso. Olhei para Tarso. Não conseguia pensar. Até que entrei em colapso. Comecei a derrubar os objetos das prateleiras. Nem Jaime e nem Tarso ousaram interceder. Só parei quando algumas barras de ferro acumuladas no fundo do corredor despencaram para o chão. O barulho chamou a atenção e, mais do que isso, revelou um enferrujado *freezer* cuidadosamente escondido perto da parede. Nós três paralisamos. Temi descobrir o que poderia estar escondido ali.

Respirei fundo. Um cadeado prendia a alça, mas um tiro foi suficiente para resolver o problema. Quando abri a tampa, desejei nunca ter disparado aquela arma.

Lá estava ela. Meu amor. Minha namorada. Minha Agatha.

Dentro de um *freezer*, como se fosse um pedaço de carne. No rosto, ficara congelada uma expressão de medo e desespero.

Não vi mais nada. Apenas quis tirá-la dali. Ao encostar em seu corpo, senti a pele totalmente enrijecida. Ao levantá-la, senti a diferença no peso. Agatha parecia mais leve. Oca. Coloquei-a no chão

com cuidado. Não sabia o que dizer, o que pensar. Passei as mãos no seu cabelo, sem saber que o pior ainda estava por vir. Ao ver Agatha, meu desespero foi tamanho que nem percebi o jarro de vidro grudado nas palmas de suas mãos, quase totalmente cheio de formol. Lá dentro, algo que parecia uma pequena semente de lentilha boiava na solução. No fundo do jarro, uma etiqueta trazendo a macabra revelação: “Bebê Fontana” . Aquela pequena semente dentro do líquido era meu filho. Pouco mais que um embrião. Algumas semanas bastaram para que conhecesse a crueldade do nosso mundo. Sentei no chão. Sentei e comecei a chorar. Como nunca havia chorado antes na vida.

Não demorou muito para que o reforço policial chegasse.

Os paramédicos também. Faixas amarelas com “Proibido Ultra-passar” enlaçavam a pequena cabana como se a estivessem em-brulhando para presente. Mantiveme alheio a toda aquela confusão. Ainda tentava digerir tudo o que tinha acontecido, mas a dor que me queimava por dentro parecia dilacerar meus ór-gãos um a um. Assim como aquele psicopata havia feito com Agatha. Envolvido pela angústia, nem percebi quando Jaime se aproximou.

– Senhor, os paramédicos estão quase prontos para levar o corpo.

Olhei para ele com firmeza, como que condenando publica-mente sua frieza. A vontade de ensinar-lhe uma lição surgiu incontrollável. Mas a verdade era que apenas eu via aquele corpo realmente como o corpo de Agatha; todos os outros viam Agatha somente como mais um corpo. Percebi no rosto de Jaime o arrependimento pela atitude. O melhor a fazer seria prosseguir.

– Jaime, quero que você acompanhe os paramédicos até o necrotério. É imprescindível que você acelere essa autópsia o máximo possível. Algo me diz que ainda poderemos ter surpresas.

– Alguma outra coisa, chefe?

– Sim. Quero um policial acompanhando minha filha Laura para onde quer que ela vá. Se essa história não acabou aqui, esse cara pode tentar usá-la para me atingir também. Mas não diga nada a ela ainda. Não quero assustá-la sem necessidade.

Mande William. Ele é apenas alguns anos mais velho, além de ser irmão da melhor amiga dela. Quem sabe assim ela se sente mais à vontade.

Jaime seguiu em direção à ambulância. Eu permaneci

parado por mais alguns segundos, até que vi Tarso alguns metros à minha esquerda. Com uma câmera fotográfica presa ao pescoço e um pequeno bloco de papel nas mãos. Senti meu sangue ferver. Estava errado. Nem todos viam Agatha como apenas mais um corpo. Tarso a via como uma história.

– Se você acha que vai publicar alguma coisa sobre Agatha, vo-cê está muito enganado!

Tarso olhou para mim com indiferença. Talvez por entender o meu estado emocional depois de tudo o que havia acontecido.

Talvez por saber que realmente não havia nada que pudesse fazer para impedi-lo. Simplesmente continuou a fazer algumas anotações como se eu não estivesse ali.

– Você está me ouvindo? Agatha não vai servir de degrau para você subir na carreira!

O berro foi seguido por uma patética tentativa de retirar o bloco de suas mãos, que fez com que ambos caíssem no gra-mado em frente à casa. A vontade fora muita e a coordenação motora, pouca. Já no chão, consegui visualizar aquilo que Tarso tinha anotado. No papel, havia apenas uma cópia fiel do desenho das cobras entrelaçadas na parede da casa, além de algumas anotações sobre alguns detalhes do que havia acontecido. Nada a respeito de Agatha ou meu filho.

– Júlio, eu já lhe disse que não estou aqui como jornalista, e sim como seu amigo. Se você acredita em mim, ótimo; se não, é melhor me avisar para que eu não perca meu tempo tentando ajudá-lo.

Ao ouvir aquilo, fiquei realmente embaraçado. Tarso estava ali para me ajudar e, até aquele momento, não tinha feito nada que demonstrasse o contrário.

– Eu sei disso, Tarso. Acho que estou ficando maluco.

Ainda não consigo acreditar no que está acontecendo. Preciso sim da sua ajuda, meu amigo. Agora me diga, o que foi que anotou aí?

– Só algumas coisas sobre essa tal gangue que o Patrício mencionou. Acho um caminho interessante para seguir. Vou pesquisar sobre o assunto. E você, Júlio? Vai acompanhar a ambulância?

– Não posso pensar nisso agora. Tenho de descobrir onde está Teotônio Saldanha, o dono da casa. Ou o que aconteceu com ele. No momento, ele é o principal suspeito. O único, na verdade. Só não consigo enxergar motivos para ele querer se vingar de mim dessa maneira. Venha comigo. Eu dou uma carona para onde você quiser ir.

– Obrigado, Júlio. E você? Para onde vai?

– Vou ter mais uma conversa com nosso amigo policial. Se alguém pode me informar algo sobre Teotônio, esse alguém é Patrício.

A longa conversa com Patrício não rendera os frutos que eu esperava. Apesar de atencioso e prestativo, ele parecia saber muito pouco sobre o homem que agora eu caçava. Pelo computador, tive acesso à ficha criminal do suspeito. Nada além de uma condenação de seis anos por assalto à mão armada. Uma prisão que nada teve a ver comigo. Tudo permanecia nebuloso.

Não havia crime sem motivação, e eu ainda não tinha encontrado nenhuma que fizesse Teotônio cometer aquela atrocidade.

A única informação concreta sobre o suspeito foi descobrir o bar que ele costumava frequentar várias noites por semana.

O Clube Sundance— o mesmo em que ia Daniel, o irmão de Patrício— não passava de uma espelunca de beira de estrada, fre-quentada basicamente por motoqueiros, caminhoneiros e todo tipo de caçadores de confusão. O típico local escolhido por homens com longas fichas criminais. Mas, entre eles, apenas um me interessava: Getúlio, primo de segundo grau de Teotônio.

O rapaz, segundo Patrício havia informado, também tinha passagem pela polícia e ainda se encontrava em liberdade condicional. O ponto fraco ideal para que um policial como eu conseguisse espremer até a última gota de informação.

Meu carro estava parado alguns metros depois da entrada do clube. Antes de mais nada, tinha achado melhor averiguar o movimento de entrada e saída do local. Estava sozinho e não pedi-ria reforço. Não queria aquele lugar infestado de viaturas afu-gentando toda e qualquer informação disponível. Certas coisas tinham de ser feitas dessa maneira. Por baixo dos panos. Não sabia a quantidade de pessoas que havia dentro do bar, mas o número de carros estacionados dava a entender que eram poucas, o que era ótimo para mim.

Foi por volta das 19 horas que a sorte sorriu para mim pela primeira vez em dias. Um homem chegou de moto ao esta-cionamento. O escapamento furado anunciara sua presença a quilômetros de distância. Ele tirou o capacete e prendeu-o ao guidão da moto. Sem sombra de dúvidas ele se enquadrava na descrição feita por Patrício. Getúlio Saldanha. Com alguns poucos músculos que não chegavam a intimidar ninguém. Eu abria lentamente a porta do carro quando o rádio na minha cintura me chamou. Parecia que a sorte havia me abandonado novamente.

Abaixei-me dentro do carro e diminui o volume do rádio, torcendo para não ter sido ouvido por ele.

Assim que percebi o motoqueiro caminhando em direção ao bar, atendi ao chamado. Era bom que fosse algo extremamente importante.

– Júlio na escuta. Câmbio.

– Chefe, aqui é o William.

– O que você quer garoto? Quase ferrou comigo agora!

– É sua filha, chefe. Ela se recusa...— o rádio ficou mudo por alguns segundos, o suficiente para deixar meus nervos à flor da pele. O que tinha minha filha? Quando o aparelho voltou a me chamar, a voz já era outra.

– Pai. Você está aí?

– O que você quer, Laura? O que está acontecendo? Estou no meio de algo importante!

– E eu, pai? Não sou importante?— Laura era uma menina inteligente. Sabia captar a atenção de alguém quando queria.

– Claro que é. O que quer?

– Pai, eu não vou sair na rua acompanhada por uma babá de uniforme. Isso é uma vergonha.

– Por mim, perfeito. Fique em casa. É até melhor.

– Pai, você não está entendendo...

Laura podia ser teimosa e eu não tinha mais tempo a perder com aquela bobagem. Minha paciência já havia se esgotado.

– Quem não está entendendo é você! Ou vai com ele ou fica!

Não tenho tempo a perder com seus mimos de adolescente! Entendido?

– Sim. – a voz dela já parecia embargada por um choro. Ainda assim, eu não poderia ceder.

– Ótimo! Agora passe o rádio para o policial ao seu lado.

Passei algumas últimas instruções ao rapaz. Como conhecia Laura, decidi não repreendê-lo pelo episódio que acabara de acontecer. Avisei que desligaria o rádio por alguns minutos.

Não queria receber chamados quando estivesse dentro do Sundance, mas também não poderia deixar de levá-lo comigo em caso de necessidade. Imaginava que não levaria muito tempo para que fosse reconhecido ou descoberto e não saberia dizer qual o tipo de resistência que enfrentaria caso isso acontecesse.

Peguei minha arma de estimação no porta-luvas do carro; uma pistola calibre 22. Amarrei o coldre à canela e deixei a pistola Glock no carro. Segui para o clube em busca de respostas. E estava disposto a tudo para consegui-las. *Tudo*.

Não havia mais do que dez pessoas dentro do bar. Logo após a porta de entrada, começava um longo balcão e, ao fundo, havia um agrupamento de mesas vazias. Os bancos em frente ao balcão estavam quase todos ocupados, o que demonstrava a preferência da maioria pelo pronto atendimento. O *barman* mostrava habilidade no manuseio das garrafas enquanto pre-parava os drinques. No centro do salão, duas grandes mesas de sinuca tomavam conta de praticamente todo o espaço. Getúlio usava uma delas em um jogo solitário. Sentei no último banco, quase na ponta do balcão.

– O que deseja?– disse o *barman* com o cenho franzido, mostrando desconfiança.

– Um uísque, por favor. O melhor que você tiver.

O homem manteve os olhos sobre mim, mesmo enquanto enchia meu copo. Como se estivesse analisando a capa de um livro, tentando adivinhar seu conteúdo. A minha contagem re-gressiva já havia iniciado.

– Nós já nos conhecemos?– ele perguntou, enquanto empurrou o copo de *scotch*, que chegou deslizando às minhas mãos.

Peguei o copo e virei o líquido todo de um só gole. Acenei para que se aproximasse com a garrafa e enchesse-o novamente.

– Não tem importância se você me conhece ou não. O importante é saber se você conhece este homem aqui.

Coloquei a foto de Teotônio em cima do balcão enquanto virava mais uma dose. Ao lado da foto, uma nota de 20 dólares.

O *barman* não se manifestou. Apenas esfregou com um pano uma parte molhada do balcão e saiu. Pelo visto, as coisas seriam mais difíceis do que eu imaginava.

– Posso ver a foto?– disse uma voz ao fundo. Era Getúlio.

Segui até a mesa e mostrei a foto a ele como se não tivesse a menor ideia de quem ele fosse. Ele encarava a foto com cuidado.

– Vamos fazer o seguinte, estranho. Você me paga um drink desses que você estava bebendo e lhe digo o que sei sobre essa pessoa.

Concordei com um sorriso. Olhei na direção do *barman*, pedindo a garrafa inteira. Queria impressioná-lo. Não fosse o espelho atrás do balcão, meus miolos teriam sido espalhados por todo o chão do bar.

Getúlio, com agilidade impressionante, girou o corpo, at-ravessando a mesa de sinuca num só pulo.

Só tive tempo de desviar o taco de sinuca com o braço esquerdo, evitando o golpe que mirava minha cabeça. A força empregada foi tamanha que o taco partiu-se em dois pedaços. Desabei no chão. Getúlio partiu para cima de mim, acertando um chute na lateral do meu rosto. Cuspi sangue e dente. Outros chutes se seguiram. Usei os braços para proteger minha cabeça de todos eles, dobrando o corpo em posição fetal. Sem que ele percebesse, tirei minha querida 22 do coldre preso ao tornozelo e aponte a arma em sua direção antes que sofresse mais alguma agressão. Getúlio paralisou-se.

Agora o controle havia passado para mim.

Levanteime com dificuldade, ainda apontando a arma. As outras pessoas já haviam deixado seus bancos, aglomerando-se no canto do bar. Acertei uma coronhada direto no seu super-cílio. Queria que o sangue jorrado intimidasse qualquer outra alma corajosa que ousasse aparecer. O rapaz desabou no chão.

Ao seu lado, avistei o meu dente arrancado. Agachei para pegá-lo. O rosto do homem estava banhado em vermelho viscoso.

– Onde está seu primo?

A pergunta deixou-o assustado. *Sim, meu querido. Eu sei quem você é*

– pensei. A resposta não veio. Aproximei minha mão dele e coloquei meu dente quebrado bem em frente dos seus olhos.

– Você quebrou um pedaço do meu dente, seu merda. Diga onde está Teotônio ou quebrarei algo seu também!

Getúlio não fez um só movimento. Era como se eu nem estivesse ali. A única coisa que parecia incomodá-lo era o sangue que escorria sobre seu olho esquerdo. Precisava mudar aquilo.

Fui até um dos clientes agrupados no canto. Ele tinha um charuto já apagado na mão. Pedi a ele que me emprestasse o cortador de pontas. O objeto assemelhava-se a uma pequena guilhotina. Voltei até onde Getúlio estava caído e mandei que colocasse o dedo indicador dentro do buraco. Quando ele se recusou, aponte a arma para o seu joelho:– Ou um ou outro. Sua escolha. – o joelho pareceu-lhe mais importante.

A mão tremia com intensidade no momento em que o dedo entrou pelo pequeno buraco. Cortar um dedo significava cortar osso e tendão. Uma dor que beirava o insuportável. Fiz questão que ele entendesse isso. Fui apertando a guilhotina lentamente, dando tempo para que ele pensasse enquanto agonizava. Não demorou muito para que cedesse.

– Pare! Pare! Eu conto tudo!– aliviei a pressão, mas mantive seu dedo prisioneiro.– Teotônio esteve aqui há três dias. Estava estranho. Nervoso. Perguntei o que ele tinha, mas ele me disse que estava tudo bem. Pouco depois, um homem encontrou-se com ele. Louro. Pele clara. Terno. Lembro de ter achado estranho um homem vestido assim dentro de uma espelunca como esta. Eles conversaram por um tempo e o homem foi embora.

Teotônio saiu poucos minutos depois, sem falar com ninguém.

Desde então, não o vi mais. É só isso que eu sei. Eu juro!

Insisti um pouco mais. Sem sucesso. Não achei que ele tivesse me dito toda a verdade, mas tempo não era um luxo que eu possuía naquele momento. Mas, antes, faria ele pagar pelas meias verdades. Ninguém no bar parecia saber quem aquele “tal” homem era. Mais uma peça para aquele terrível quebra-cabeça. Coloquei a arma de volta no coldre. Permaneci alguns segundos ajoelhado ao lado de Getúlio, observando sua respiração ofegante. Quase tive o tímpano estourado com o berro dado por ele assim que apertei a guilhotina com força. Ele havia arrancado meu dente e, agora, eu retribuía o favor. Pedi que o *barman* me passasse um saco plástico com gelo. Joguei o dedo dentro e me aproximei do seu ouvido.

– Isso aqui nunca aconteceu. Se disser a alguém sobre mim, eu direi a todos sobre você e sua quebra de condicional. Você não vai querer voltar para a prisão por causa de um dedo, vai?

Levantei e segui para a porta. Antes de sair, virei para o resto dos clientes:

– Chamem uma ambulância e entreguem a eles o saco plástico.

Uma operação simples e nosso amigo aqui ficará quase novo.

Assim que fechei a porta, pude sentir as pessoas voltando a res-pirar.

21h03

A arena lotada pulsava em êxtase a cada vez que homem e animal duelavam nas areias centrais. A batalha entre peão e touro era árdua e cansativa para ambos. Invariavelmente, a força do animal prevalecia, mas se isso levasse mais de oito segundos para acontecer, o peão, mesmo jogado ao chão, saía vitorioso.

Quando o locutor anunciou o nome de Pedro Jonas como o próximo a montar, a arena explodiu. O garoto local que enchia todos de esperança. O menino da cidade do interior que havia conseguido se infiltrar entre os grandes. O público entrou em êxtase. Entre eles, estava Laura. Mais vibrante e sorridente que qualquer um; e não era à toa: Pedro e Laura eram quase namorados.

– Ai, nem acredito que o Pedro é o próximo. Minha boca está até seca de tão nervosa. Nina, passa uma cerveja, por favor.

– A cerveja acabou, Laura. A água e o refrigerante também.

Mas espera aí que eu tive uma ideia. William, vem cá.

O irmão policial estava logo atrás delas, na parte do fundo do camarote. De olho na filha de Júlio, do jeito que o delegado havia lhe pedido. Aproximou-se delas quando ouviu o chamado.

– Will, a Laura está com sede, mas acabou toda a bebida do nosso isopor. Vai até o bar e compra algumas cervejas, *ok*?

O policial riu da ousadia da irmã.

– Acho que você está confundindo meu uniforme de policial com o de um garçom. Não estou aqui para servir bebidas a vo-cês. Se quiser algo, vá você mesma pegar.

– Não, Will. Você não me entendeu. Quem está com sede é a Laura. Se você se recusar a ir, quem irá comprar é ela. Agora, imagina só se acontecer algo com a filha do seu chefe só porque você se achou importante demais para comprar meia dúzia de cervejas. Como você explicaria isso a ele?

Laura observou William enquanto ele refletia sobre a suposição da irmã. Nina havia atingido seu objetivo. Plantara a semente da insegurança na cabeça do jovem policial. Não demorou muito para que ele perguntasse o que Laura queria de lá. “Cerveja, ora”, retrucou Nina, abusando da boa vontade do irmão. William subiu as escadas acompanhado pelos olhos de Laura. De certa maneira, a garota não se sentia bem com aquela situação. Há anos frequentava a casa dele quando visitava Nina e, agora, abusava do policial que estava ali para protegê-la.

Quando o policial sumiu de vista, Laura girou a cabeça olhando para a multidão presente nas arquibancadas. Antes que voltasse sua atenção para a arena, sentiu um par de olhos fixos nela. De soslaio, observou seu admirador. O homem aparentava pouco mais de 40 anos. O cabelo e a barba estavam começando a ficar grisalhos, o que lhe dava um charme todo especial. Ao perceber que ela o observava, abriu um sorriso que fez o coração de Laura acelerar, seguido de um embrulho no estômago.

Ela nunca havia sentido algo parecido. Tanto que nem percebeu quando o namorado invadiu a arena montado no touro.

Os segundos em que permaneceu enfeitiçada pelo misterioso homem no camarote ao lado foram suficientes para que perdesse a exibição do namorado. Pedro soube manter-se firme no lombo do touro, levando o público ao delírio, mas o sorriso daquele estranho parecia ser algo muito mais cativante.

Laura só despertou do transe quando ouviu seu nome sendo chamado pela amiga, Nina. Pedro, após a queda do animal, caminhava lentamente em direção ao camarote onde elas estavam. O rapaz, ovacionado de pé pelo público, trazia nas mãos uma rosa vermelha. Laura aproximou-se da bancada do camarote pela primeira vez. Havia perdido todo o momento de glória do “namorado”, mas sorria como se tivesse

gravado cada segundo na memória.

O camarote ficava a uns cinco metros do chão arenoso.

Laura percebeu todos os olhos da arena voltados para ela. Entretanto, somente um par deles a interessava naquele momento— e não eram os de Pedro. Laura debruçou-se levemente na beirada, enquanto seu pretendente escalava parte da arquibancada, agarrando-se nas armações de ferro. A flor foi jogada a ela sob uma orquestra de aplausos. Ela respondeu o gesto jogando um tímido beijo de agradecimento ao rapaz, enquanto tentava enxergar a reação do “paquera” com o canto dos olhos.

Quando o rapaz partiu lá embaixo, a menina virou-se encarando a plateia. Ele a encarava de volta. Quis fingir não ter percebido, mas a cena foi em vão. Levou a flor ao nariz e in-spirou seu perfume. A flor cheirava a felicidade. Imaginou se aquele homem misterioso teria um aroma parecido. Recostou-se na grade da beirada fazendo charme.

— Laura, sai daí garota. Você está maluca?— gritou a amiga, pressentindo o pior.

— Ah, Nina, vai encher o saco de ou...

A fala da garota foi interrompida quando suas duas mãos escorregaram da pequena grade que a separava da arena. Não teve tempo para reagir. E mesmo que tivesse, teria sido prejudicada pelo álcool que já percorria suas veias. O corpo girou numa cambalhota para trás. Apenas fechou os olhos esperando pelo impacto. Mas ele não veio. Pelo contrário. Sentiu suas pernas sendo içadas para cima por alguma força desconhecida. Sofreu alguns arranhões no corpo por causa da estrutura de aço, mas havia evitado a queda e, no mínimo, uma claustrofóbica sessão de ressonância magnética.

Assim que tirou os cabelos da frente dos olhos, viu uma imagem que fez seu coração acelerar, apesar da vergonha. Seu herói era o homem misterioso. Os amigos se aproximavam para checar seu estado, mas Laura mantinha os olhos fixos apenas nele. Tentava agir com naturalidade, mas aquele homem pingava sedução. Os olhos... a boca... até a leve ausência de cabelos parecia criar uma harmonia perfeita nos traços. “*Você está bem?*”, foi a primeira coisa que Laura ouviu sair de sua boca.

Rezava para que não fosse a última.

— Estou. Graças a Deus... digo, você. Não que você seja Deus... é que você me salvou e, tipo, tem todo aquele lance de... Ah! Droga.

— Não se preocupe. Entendi o que quis dizer— disse ele sorrindo.

Um dos amigos tentou falar com Laura, mas a menina fez sinal para que ficasse quieto. Tinha coisas mais importantes para o momento.

— Como você conseguiu me agarrar tão rápido?— Laura tentou fazer um charme leve, deitando a cabeça sobre um dos ombros. Se estivesse em frente a um espelho, teria ficado ainda mais embaraçada.

— Percebi que você já havia bebido um pouco e vi quando se aproximou da beirada. Como dois e dois sempre são quatro, apenas fiquei atento.

A garota abriu um enorme sorriso.

“*Percebi que já havia bebido um pouco.*”

A princípio, não havia nada de extraordinário nisso, só que Laura sabia ler as entrelinhas.

— Então, quer dizer que você já estava me olhando antes do acidente?— ela perguntou, já sabendo a resposta mas ansiando pela confissão.

Teve a impressão de que o homem ruborizou após o comentário, mas não conseguiu ter certeza.

— Veja bem, na verdade... bem, quero dizer que... Eu estava no camarote ao lado e quando...

— Não se preocupe. Entendi o que quis dizer— disse Laura, sorrindo ao repetir as palavras usadas por ele segundos antes.

O diálogo entre os dois foi interrompido pelo policial que descia correndo as escadas. As cervejas já haviam sido jogadas para o alto e as mãos agora estavam livres para empunhar a arma presa ao coldre.

— Afaste-se dela!— disse William, com uma firmeza não convencional para ele.

Quando Laura percebeu o que acontecia, seu salvador já estava ajoelhado com as mãos postadas

sobre a cabeça. O policial revistou o suspeito e pediu que colocasse os braços para trás do corpo. Tirou a algema do cinto. Antes que piorasse ainda mais a situação, Laura tentou conter suas mãos. Assim que o policial lhe deu atenção, a garota passou a explicar o que havia acontecido. William olhou incrédulo para as pessoas a sua volta que meneavam as cabeças confirmando a história da jovem. O policial, bastante sem graça, ajudou o estranho a se levantar.

– Por favor, desculpe senhor. Achei que estivesse fazendo mal à garota e meu trabalho aqui é protegê-la.

O homem limpou a calça com as mãos. Ao ficar em pé, fitou o policial nos olhos.

– Tudo bem. Você estava fazendo seu trabalho – disse, e virou-se para a garota com certa curiosidade. – Você é filha do presidente, por acaso?

– Não, do delegado – respondeu a menina, ainda encabulada pelo que tinha acontecido.

O homem deu um leve sorriso e seguiu para o seu camarote.

Pegou uma sacola, despedindo-se da garota antes de subir as escadas. Ouviu novamente o pedido de desculpas do policial. Só virou para trás quando ouviu a voz da garota perguntando seu nome.

– Miguel – ele respondeu, antes de retomar, com passos lentos, os degraus da arquibancada.

O médico-legista responsável pela autópsia do que havia sobrado do corpo de Agatha tinha pouco mais de 50 anos, mas o cabelo grisalho e a pele murcha como um maracujá fizeram com que Jaime atribuísse a ele pelo menos uma década a mais.

O policial estava sentado dentro da viatura quando Dr. Horta chegou ao necrotério com cara de poucos amigos. Parou por alguns segundos na frente do edifício e deu alguns últimos tragos no cigarro que carregava entre os dedos. Jaime aproximou-se, cumprimentando-o. O homem fulminou-o com um olhar que parecia dizer: “Ah, então você é o maldito responsável por eu estar aqui a uma hora dessas”. Os dois se cumprimentaram antes de entrar no prédio. Jaime achou melhor não comentar, mas sua mão já fedia a cigarro.

Quase meia hora se passou antes que o médico tivesse contato com o cadáver pela primeira vez. Apesar de todos os anos despendidos dissecando corpos e convivendo com os mortos, Horta demonstrou espanto ao se deparar com o corpo da mulher. A nudez, apesar dos ferimentos, davalhe a impressão de que aquela mulher tinha sido muito desejada antes daquelas marcas.

Uma enorme cicatriz corria por todo o seu corpo desde a garganta até quase a cintura.

– Quem quer que tenha feito uma atrocidade dessas facilitou bastante meu trabalho – disse, enquanto começava a descosturar os pontos que uniam a pele.

Jaime não gostou daquela observação fria, mas percebeu a ausência de maldade. Aquele coitado convivia todos os dias com defuntos. Algo no mínimo triste, em sua opinião. O tipo de trabalho que nos obriga a apagar qualquer tipo de sentimento.

Para ele, Agatha não passava de um corpo sem vida com belas curvas. Mesmo assim, Jaime decidiu dividir uma informação que pudesse ajudar a diminuir o descaso.

– Para piorar ainda mais as coisas, doutor, a mulher estava grávida também. O feto foi encontrado com ela, dentro de uma jarra de formol.

O médico não se manifestou. Por mais frio que alguém possa ser, uma atrocidade daquela natureza mexe com qualquer ser humano. Após um tempo, Jaime resolveu deixar a sala e ir buscar um café. A máquina ficava apenas a alguns metros dali, no mesmo corredor. Assim que deu o primeiro gole, Jaime ouviu seu nome sendo chamado de dentro da sala. Quando chegou à porta, o café já havia manchado bastante sua roupa.

Dr. Horta não perdeu tempo.

– Se você não conhece mais alguém chamado Júlio, melhor mandar o delegado vir imediatamente para cá.

– O que foi, Dr. Horta? Alguma ideia sobre o que aconteceu?

O médico parecia assustado. Olhava fixamente para dentro do peito aberto de Agatha. Limpou o suor da testa com a mão direita. A resposta atingiu Jaime como um raio.

– Do que aconteceu, não. Já sobre o que irá acontecer, tenho uma vaga ideia.

Eu já perambulava pelas ruas de Novo Salto por algum tempo, quando recebi o telefonema de Jaime exigindo minha presença. As lembranças de Agatha e o arrependimento pelo que acabara de fazer no bar travavam uma batalha impiedosa em busca de espaço na minha mente. A verdade é que ambos estavam interligados. Ação, reação. Olho por olho, *dedo por dedo*.

Não levei mais do que quinze minutos para chegar ao necrotério da cidade. Jaime veio me receber na porta. A camisa toda manchada de café não foi um bom presságio. Café era algo sagrado para nós policiais; derrubá-lo sempre significava problemas.

– O que aconteceu que você não podia me dizer pelo rádio, Jaime?

– Chefe, é melhor que o senhor veja com os próprios olhos.

Apesar dos passos acelerados em direção à sala, o corredor parecia não ter fim. Não aguentava mais notícias ruins. Nas últimas horas tinha recebido uma atrás da outra. Nem havia conseguido digerir a morte do meu bebê ainda. Sabia que, cedo ou tarde, o desespero me faria uma visita. Nosso encontro seria inevitável. Mas, antes, tinha um encontro marcado com o assassino.

Quando entramos na sala, vi o corpo de Agatha envolvido por um saco plástico. Jaime tinha tido o bom senso de não deixá-la à mostra. Dentro da sala, Dr. Horta descansava as pernas, sentado em uma cadeira de ferro. Na mão, tinha um papel.

– Que bom que veio, Júlio. Quero que veja isto— ele não tinha a mínima vocação para rodeios.

O médico levantou-se da cadeira. O jaleco branco todo amassado clamava por uns dias de repouso no armário. Ele esticou o braço em minha direção. Entre os dedos estava uma foto.

– Acredito que isto seja para você.

Demorei vários segundos até conseguir olhar aquela foto. O medo de descobrir o que havia sido captado ali gelou minha espinha. Coisa boa certamente não seria. Virei o rosto procurando pelo meu assistente, buscando alguma pista— algo que me pre-parasse para a verdade presente naquele pedaço de papel. Jaime evitou meus olhos, fazendo meu coração palpitar ainda mais acelerado.

Em princípio, fiquei um pouco aliviado quando olhei para a imagem contida no papel. Não havia nada ali, a não ser a silhueta de uma pessoa indefinida com um enorme ponto de interrogação atravessado bem no centro. Não entendi a gravidade vista por eles. Continuei olhando a fotografia por mais algum tempo. Dessa vez, buscava detalhes que pudessem me explicar a preocupação dos dois.

Só então recordei algo que me deixou intrigado; as palavras do médico assim que entrei naquela sala— “*Acredito que isto seja para você*”. Aquelas seis palavras formavam uma frase banal, porém de significado terrível. Sim. Aquela mensagem contida na foto em minhas mãos tinha sido endereçada a mim.

Foi naquele momento que a ideia de olhar o verso surgiu. Havia uma frase escrita atrás.

“ISSO AINDA NÃO ACABOU, JÚLIO.

QUEM SERÁ O PRÓXIMO?”

Ler aquilo foi tão fulminante quanto um tiro no peito. A vingança não havia terminado. Para o assassino, não bastava ter torturado e matado Agatha... *E meu bebê! Meu lindo bebê!...*

Ele queria mais. A sensação que tive era de que qualquer pessoa com quem tivesse um bom relacionamento passasse a andar com um enorme “X” nas costas a partir de agora. Meus pensamentos voltaram-se para Laura imediatamente. Todos sabiam que ela era meu maior tesouro. Inclusive o assassino.

O evento na arena de rodeio terminou pouco depois das onze da noite. Naquele dia não houve *show musical*. Para desespero de William, Laura e os amigos decidiram esticar a noite em um dos poucos bares de Novo Salto, onde celebrariam a bela *performance* de Pedro naquela noite e sua consequente classificação para a próxima fase do torneio.

Todos pareciam animados, inclusive Laura, que começava a dar sinais de estar recuperada da “paixonite” de algumas horas atrás. Enquanto todos brindavam o sucesso de Pedro, consumindo a quarta dose de tequila, a garota ria da própria cara ao se lembrar da situação. *Laura, às vezes você pode ser mesmo uma tonta*— pensou.

Só que a cada beijo que dava no garoto, sentia que um pouco mais da magia de antes se dissipava. Era como a criança que deixa de gostar de brincar de boneca— assim, de uma hora para outra. O beijo de Pedro costumava tirá-la do chão e fazê-

la sentir-se flutuando, leve. Agora, não passava de apenas mais um beijo.

Laura deu um salto leve ao ser tocada no ombro. As dúvidas sobre Pedro desapareceram junto com aquele pensamento. William carregava o rádio nas mãos.

— Laura, seu pai quer falar com você. É urgente.

A garota já havia pressentido isso no próprio tom de voz do jovem amigo policial. Pegou o rádio e afastou-se da mesa.

— Oi, pai. Sou eu.

— Laura, eu não posso explicar agora, mas quero que você vá já para casa. Estou a caminho.

A garota nunca tinha visto o pai aflito daquela maneira. Talvez só no dia em que a mãe morrera.

— Aconteceu alguma coisa, pai? Você me parece bastante nervoso.

— Laura, eu lhe conto tudo em casa. Por favor.

A menina levantou-se, despedindo-se de todos. Os amigos, já bastante bêbados, ou não entendiam ou não se importavam.

Pedro apenas sorria, dominado pelo álcool e pelo próprio sucesso, e Nina olhava o irmão como se tudo aquilo fosse culpa dele.

Deixaram o bar, seguindo até a viatura. “O que está acontecendo?”, perguntou Laura ao policial que a acompanhava, mas ele nada disse. A garota congelou no momento em que abria o carro.

Bem a sua frente, como se tivesse vindo do nada, estava o homem que lhe salvara a vida horas antes. Sentiu o corpo leve, flutuante— as mesmas sensações que a abandonaram durante o beijo do namorado. Tinham sumido, mas agora voltavam. Não precisava mais pensar sobre nada. Aquela não era apenas uma “paixonite”. *Era paixão!*

Sem falar nada, deixou o carro e foi até o homem. Ele a encarava como se estivesse ali esperando por ela, com um largo sorriso. William gritou seu nome diversas vezes, mas Laura sequer olhou para trás. Não tinha mais a menor curiosidade sobre as preocupações do pai. Ele que esperasse. Nesse momento, tinha coisas mais importantes na cabeça.

— Onde está minha filha, seu incompetente?— perguntei, enquanto descia da viatura estacionada sobre a calçada.

O jovem policial não disse nada, apenas apontou o dedo para um dos bancos que rodeavam a praça. Ver Laura ali, sã e salva, trouxe alívio ao meu coração. A verdade era que aquele rapaz não tinha nenhuma culpa pela desobediência de Laura.

Apenas tinha canalizado nele minhas frustrações por não tê-la educado direito.

À medida que fui me aproximando, pude vê-la conversando com um homem aparentemente mais velho. Não resisti em pensar que aquela era a cereja que faltava na porra do bolo.

Um velho tarado querendo arriar as calças da minha pequena princesa. Tudo bem que Laura tinha acabado de fazer 18 anos, mas ainda assim continuava uma menina – pelo menos aos meus olhos.

Vi seu rosto empalidecendo no segundo em que me avistou.

Talvez a fim de evitar qualquer tipo de confusão em público, Laura antecipou-se, vindo até mim.

– Pai, calma. Não vá fazer escândalo.

– Escândalo? Você acha que essa é minha preocupação?

Os passos dados por ela foram suficientes para impedir que eu tivesse uma boa visão do homem sentado ao seu lado no banco. Mesmo de costas, pude verificar que minha primeira impressão estava correta. Não passava de um velho tarado.

– Eu estou preocupada, pai. Para com isso.

– E eu, Laura, estou preocupado com a sua vida!– vi que minha resposta fez seus olhos se arregalarem. *Que bom! Estava mais do que na hora de ela me levar a sério.*

– Isso mesmo que você ouviu, Laura. E não estou brincando quando digo isso. Confie em mim.

– Eu não sabia que... que a situação era tão grave assim. Achei que você estivesse exagerando como sempre.

Seus olhos demonstraram um arrependimento sincero, suficiente para acalmar meus ânimos. Abracei-a com força. Apesar de todas as nossas diferenças, adorava sentir o calor do seu corpo.

– Venha, querida– disse, ao beijar-lhe a testa com carinho. – Vamos para casa.

– Para com isso, pai. Quer me matar de vergonha? Estou indo porque vejo sua preocupação e não quero nenhum escândalo. Apenas deixe eu me despedir do meu amigo.

Laura partiu em direção a ele sob a mira constante do meu olhar. Não consegui evitar que uma pergunta rondasse a minha cabeça. *Quem seria aquele homem?* Com tudo que vinha acontecendo, era coincidência demais ver minha filha criando um novo laço de amizade– ou seja lá o que fosse aquilo–, ainda mais com um estranho com idade aparente para ser seu pai.

Não. Não podia sair dali sem saber a identidade daquele *pedófilo*.

– Laura, por que você não me apresenta seu novo amigo?– disse, simulando um tom de cordialidade.

A garota abriu para mim um inocente sorriso, do tipo “meu pai é o máximo”, o mesmo que costumava dar quando eu satisfazia suas vontades. Se soubesse minhas reais intenções, talvez o tivesse mandado correr.

– Pai, gostaria de lhe apresentar o meu amigo...

O homem levantou-se do banco interrompendo a garota. Ajeitou o colarinho da camisa como se quisesse ficar impecável para o encontro.

– A apresentação não se faz necessária, Laura. Eu e seu pai já nos conhecemos. Como vai, Júlio?

Não sei descrever o que senti quando vi seu rosto. Primeiro veio o torpor, a sensação de ter tomado uma anestesia geral, seguido por terríveis lembranças, responsáveis por me trazer de volta para a realidade. Como o formigamento que se sente à medida que a anestesia vai perdendo seu efeito.

Da minha boca só saiu uma palavra: “Miguel”.

As mãos dele continuavam estendidas, como se aquele cumprimento pudesse servir como uma borracha que apagasse o passado. Mas eu nunca conseguiria esquecer. Mesmo se quisesse. Ainda depois de trinta anos, as imagens daquela tragédia causavam-me dor. Vê-lo ali, solto, era difícil; vê-lo ali, com a minha filha, foi insuportável.

Apertei sua mão por alguns segundos. Antes que o cumprimento acabasse, puxei-o com força na minha direção.

A cabeçada no nariz fez com que ele ficasse completamente desnortado. A partir dali, pude fazer com ele o que quis.

Empurrei-o para o chão e subi em cima do seu tronco. Os socos que atingiram seu rosto foram impiedosos. Laura, ao fundo, berrava para que eu parasse com a surra, mas havia trinta anos de espera acumulados dentro de mim e precisava me livrar de cada um deles.

Senti um peso caindo sobre meus ombros. Laura tentava impedir de todas as formas que aquilo prosseguisse, mas foi somente a visão do sangue acumulado em minha camisa que me fez parar. Mais alguns socos e a coisa teria ido longe demais, assim como havia feito com Getúlio. Assim que levantei, Laura ajoelhou-se ao lado dele. Olhava para mim com nojo; como se eu não passasse de um animal asqueroso. E o pior de tudo é que minha filha tinha razão. Naquele momento, não haveria uma melhor descrição para mim.

– Seu louco! Assassino! Olha só o que fez com ele!

Miguel se mexia pouco. O rosto inchado criava uma imagem perturbadora. Ao lado dele, uma poça de sangue havia se formado. Vários turistas se aglomeraram a nossa volta. Olhavam para mim com ares de reprovação. Talvez se soubessem o motivo de tudo aquilo, acabariam me aplaudindo. Vi William atônito um pouco mais atrás. Foram necessários alguns berros para que me atendessem. Pedi que levasse Miguel para o hospital e ficasse com ele até a hora em que retornasse. Peguei Laura pelo braço e a conduzi até a viatura. Ela tentava se desvencilhar de mim, gritando por socorro. Ninguém ousou ajudá-la. Não depois de ver Miguel arrasado no chão da praça. Empurrei-a para dentro do carro e saí em disparada.

Precisávamos ter uma conversa de pai para filha.

O silêncio no carro perdurou alguns quilômetros. Só foi quebrado por Laura no momento em que cruzamos com uma ambulância pelo caminho. As sirenes ligadas me fizeram refletir se dentro dela não havia um homem com nove dedos.

– Como... Como você foi capaz de... fazer algo assim?

Preferia conversar quando chegasse em casa, mas as circunstâncias me diziam que era melhor não esperar mais.

– Sei que exagerei, Laura. Mas pode acreditar quando digo que tive motivos.

– Motivos? Quais motivos justificam o que aconteceu lá atrás?

No fundo, ela tinha total razão. O que eu acabara de fazer não era um comportamento aceitável para uma autoridade.

Mesmo com a morte de Agatha e do bebê, as ameaças, a volta de Miguel, eu tinha obrigação de manter o controle. Tinha de dar o exemplo. Ao invés disso, a única coisa que eu havia dado era uma surra em um homem desarmado na frente de dezenas de testemunhas.

– Laura, já disse que exagerei, mas há várias coisas que você não entende.

– Exagerou? Pai, você quase o matou. O que você fez é coisa de bandido, não de policial. Você agiu exatamente como aqueles homens que sempre afirmou desprezar tanto.

Ouvir aquilo foi como ser penetrado por uma estaca no coração. Sempre fui defensor das leis e da ordem. Na minha opinião, eram as únicas coisas que nos diferenciavam dos animais. Agora, tornava-me aquilo que passei a vida toda caçando.

Aquele pensamento me levou a um choro incontrolável; parei o carro no acostamento e olhei para minha filha. Era desabafar ou explodir.

– Agatha está morta. Foi assassinada.

A surpresa tomou conta do seu rosto. Não sabia o que a tinha deixado mais perplexa: a notícia sobre a morte de Agatha ou o fato de me ver chorando.

– Como assim assassinada? Que brincadeira é essa, pai?

Engoli o choro e comecei a contar tudo até os últimos detalhes. Falei sobre o bilhete que havia achado no jornal pela manhã; sobre o carro abandonado no posto; sobre o vídeo; sobre o estado em que encontramos o corpo dela e a ameaça costurada dentro dele. Conteí tudo, exceto uma coisa: a notícia

sobre o irmão ficaria para outra hora.

Laura me abraçou com força. Chorei nos ombros dela feito uma criança. Ela acariciou meus cabelos pedindo que me acal-masse. Alguns segundos depois, já começava a me recompor.

É até engraçado dizer isso, mas depois daquilo não conseguia mais olhá-la nos olhos. A vergonha me impedia.

– Pai, deixa eu ver se entendi direito. Você está me dizendo que alguém matou Agatha só para atingir o senhor. E essa pessoa ainda está solta por aí e prometeu novas vítimas. É isso?

– Sim, minha filha. Infelizmente essa é a verdade nua e crua.

Por isso minha preocupação.

Laura meneou a cabeça demonstrando haver entendido.

– Pai, isso é terrível. Uma verdadeira tragédia. Mas ainda não explica a sua atitude com Miguel.

Os olhos de Laura encararam-me rígidos. A compaixão havia seguido viagem.

– Minha filha, a única coisa que posso lhe dizer é que nosso passado conturbado me dá motivos para considerá-lo um potencial suspeito. Coragem para matar eu sei que ele tem. Quando eu o vi ao seu lado, a imagem de Agatha sendo torturada e morta ficou piscando na minha cabeça. Peço desculpas por ter feito você passar por isso, mas esse homem não é quem você pensa ser.

Laura não pareceu nem um pouco tocada com minha versão dos fatos. Pelo contrário. O que falei fez com que ela sentisse ainda mais desdém por mim. Quem me afagara minutos atrás, agora arremessava pedras em mim; *e meu telhado, inteiro de vidro, despedaçava-se cada vez mais...*

– Você está me dizendo que espancou um homem quase até a morte porque, décadas atrás, esse mesmo homem cometeu um crime que fez com que você atribuisse a ele a suspeita sobre um assassinato cometido agora?

Por causa de conclusões como essa, sempre achei que Laura daria uma excelente advogada.

– Sei como tudo isso soa, mas as coisas não são tão simples assim – tentei ainda justificar, em vão.

– Pai, se você o pegasse rasgando a pele de alguém com uma faca, ainda assim estaria errado em fazer o que fez. Como delegado, seu papel é prender criminosos, não espancá-los até o último fio de vida.

– Eu sei disso, querida. E, acredite, estou arrependido de muita coisa que fiz hoje. É que... sei lá... com tudo isso, eu simplesmente surtei. Perdi o controle.

O jeito que Laura me encarava fazia com que me sentisse sujo, podre. Não havia o que eu pudesse dizer para fazê-la entender minhas razões. Depois de um breve silêncio, ela encolheu-se no banco do carro, virando o rosto para a janela.

– Não foi só o controle que o senhor perdeu, pai. Hoje o senhor perdeu também meu respeito.

Nenhuma outra palavra foi dita.

Domingo 6 de outubro

00h09

Tarso se surpreendeu ao perceber que horas eram. O tempo tinha voado. Nove horas pareceram trinta minutos. Amava o que fazia e, mais ainda, amava o processo de correr atrás da notícia; aquela sensação de estar chegando perto e, de repente, dar de cara com um beco sem saída, virar e repetir os passos até achar um novo caminho— como se perseguisse alguém dentro de um labirinto. Para Tarso, notícias fascinavam porque tinham vida. Afinal de contas, todas as histórias tinham seu roteiro conduzido por pessoas e, portanto, eram tão vivas quanto seus protagonistas.

Só que, dessa vez, o objetivo final não era a notícia a ser estampada no jornal, mas sim ajudar o amigo Júlio a solucionar aquele ter-rível caso. Claro que o faro jornalístico ainda permanecia intrínseco.

Não fazia aquilo apenas por altruísmo. Buscava os louros da fama; se a resolução desse caso fosse creditada a ele, seria extraordinário.

Depois disso, viria o livro contando todos os detalhes dessa aventura real. Já podia se ver na noite de autógrafos; a chuva de convites profissionais pelo telefone; o carinho e reconhecimento das pessoas.

Seu *feeling*— como gostava de dizer— direcionava sua atenção para o símbolo desenhado na parede da casa onde Agatha fora achada sem vida. Duas cobras entrelaçadas, uma mordendo o rabo da outra, formando o símbolo do infinito. Tarso não tinha dúvidas. Ali estava a resposta para o enigma.

Procurou na internet desenhos que se assemelhassem àquele que tinha em mãos. Serpentes, cobras, infinito. Nada trazia à tela qualquer informação útil para sua investigação particular. Sentiu a adrenalina invadindo seu corpo. Alguns precisavam escalar montanhas ou fazer *rafting* em perigosas correntezas para sentir a viciante substância percorrendo suas veias; para Tarso Medeiros, bastava uma boa ideia.

O telefone só foi atendido após o quinto toque. A voz do outro lado veio pesada pelo sono:

– Alô.

– Cléber, aqui quem fala é o Tarso. Desculpe ligar a essa hora, mas preciso da sua ajuda com urgência.

Cléber, além de agente penitenciário, era uma fonte. Em troca de alguns trocados, mantinha o jornalista alerta sobre qualquer coisa que acontecesse do lado de dentro dos muros, desde possíveis rebeliões até assassinatos de figurinhas carim-badas do crime organizado. Os anos na profissão fizeram com que Tarso percebesse que seus leitores gostavam do jornal “malpassado”, pingando sangue, e uma prisão oferecia um ótimo cardápio. Quando lembrou que Patrício havia comentado sobre seu irmão ter feito aquela tatuagem no corpo quando cumpria pena em Folsom, a imagem de Cléber veio imediatamente a sua mente; Folsom era justamente onde sua fonte trabalhava.

– Porra, Tarso. Isso não pode esperar até amanhã? Tenho um turno duplo pela frente. Não posso chegar cansado.

– Cléber, isso não pode esperar e, mesmo que pudesse, você me conhece o suficiente para saber que ligaria de qualquer jeito.

Mas prometo que valerá a pena. Dessa vez, eu pago o dobro.

– O triplo. Meu moleque precisa colocar aparelho nos dentes.

Maldito sanguessuga! Também ninguém havia mandado Tarso ligar de madrugada. Cléber ganhava um salário de mer-reca, mas não era burro. Sabia que o assunto só poderia ser importante.

– Ok, o triplo. Mas somente se você me der algo “com molho”.

E bem “apimentado”, entende?

– Falarei o que souber. O que quer desta vez?

– Preciso de informações sobre um tal de Daniel Pontes.

– Por qual apelido ele é conhecido?

– Não sei. A única coisa que sei é seu nome de batismo.

– Bem, isso não me adianta muito lá dentro. Soletre Pontes...

Ahã... *Ok*. E ele foi condenado por qual crime?

– Sei lá, Cléber. Roubo de automóvel eu acho, mas isso nem importa agora. O cara está morto.

– Morto? E o que quer que eu faça então? Acho melhor você procurar um médium.

Aquela conversa começava a torrar a paciência do jornalista. O melhor a fazer seria encerrá-la rapidamente.

– Estou lhe pagando por respostas, meu caro. E até agora você só me trouxe perguntas. Quero qualquer coisa sobre a vida dele na prisão. Amizades, inimigos, gangues a que pertencia.

Além disso, quero que descubra qualquer informação sobre o desenho que estou encaminhando agora para o seu e-mail particular. Daniel tinha uma tatuagem como essa no braço. Preciso saber se significa alguma coisa. *Ok*?

– Tudo bem. Amanhã eu vejo o que é. Vou precisar acessar os arquivos do computador central para saber quem é esse homem. Pelo menos vai me dar algo para passar o tempo enquanto cumpro a jornada dupla.

Tarso agradeceu a Cléber pela atenção e pediu para que o agente retornasse o mais rápido possível. Olhou para o relógio; era 00h15. Ainda tinha algumas horas de sono. E pretendia aproveitar cada minuto.

O estrondo fez com que Tarso quase caísse da cama. Olhou para o despertador como se fosse ele o responsável pelo susto.

O relógio mostrava 1 hora, e não deveria tê-lo despertado antes das 7 horas. O sono que o dominava só desapareceu no momento em que o primeiro homem entrou no quarto.

Atrás dele veio pelo menos mais um. Tarso tentou armar-se com o abajur do criado-mudo, mas suas mãos foram logo contidas pelos dois invasores. Chacoalhou o corpo tentando desvencilhar-se deles. Sem sucesso. As pernas subiam e des-ciam num balé sem nenhuma coordenação. Só parou quando ouviu o engatilhar de uma arma.

– Quem são vocês? O que querem comigo?

Nenhum dos dois abriu a boca, deixando-o ainda mais aflito. Viu-se sentado na cama com os braços presos atrás do corpo e uma pistola apontada para sua testa. No entanto, só quando uma terceira pessoa despontou no corredor é que o medo da morte o atingiu como um raio.

Essa pessoa vinha a passos lentos, e à medida que ia chegando mais perto, um cheiro pútrido invadiu o ar. O seu rosto estava coberto por uma máscara de lã e as mãos protegidas por impecáveis luvas de couro. Andava com uma elegância aparentemente livre de preocupações, como se passeasse por um parque. Puro profissionalismo. E foi exatamente isso que deixou o jornalista apavorado.

O desespero se intensificou quando nas mãos dessa pessoa surgiu uma pequena seringa, já preparada com alguma solução.

– O que é isso? O que vocês querem comigo? Me digam!

O terceiro indivíduo aproximou-se, analisando com cautela a seringa. Apertou a base, esguichando um pouco do líquido para fora. Deu três estaladas com o dedo na ponta da agulha e ajoelhou-se ao lado da cama. Pegou o braço de Tarso e começou a dar leves tapas à procura de alguma veia. Tarso debatiase como um animal antes do abate, mas desistiu de gritar quando o cano frio da arma criou um círculo em sua testa.

– *Psiu!* – disse o sujeito a sua frente, enquanto introduzia o líquido em seu corpo.

– Por favor, ao menos me diga o que é isso?– pediu Tarso, já soluçando o conformismo.

– Não se preocupe com isso agora. Apenas relaxe e aproveite a viagem.

Tarso levou pouco mais de quinze segundos para perder a consciência completamente. Mas não sem antes notar que aquela voz sussurrada ao pé do ouvido pertencia a uma mulher.

– Acorde! Vamos logo! Não temos todo o tempo do mundo.

O tapa na cara teve força suficiente para deixar a marca dos dedos na pele de Tarso. Ainda assim, o balde de água fria des-pejado sobre sua cabeça causara-lhe uma sensação muito mais desconfortável. Não conseguiu identificar o lugar em que se encontrava, apenas viu-se preso por cordas a uma cadeira de ferro.

Além do agressor, havia ainda outro homem dividindo espaço na pequena sala vedada por espumas, que pareciam servir como revestimento acústico. Alguém queria total privacidade.

A porta da sala abriu-se revelando uma silhueta franzina.

Uma mulher caminhou até ele com a velocidade de uma procissão. Sentiu novamente o cheiro fétido notado quando ainda estava no apartamento. Todos ali pareciam calmos, serenos. Especialmente ela. Os braços à mostra revelavam uma pele flácida e enrugada. Mais uma vítima da ação impiedosa do tempo.

A mulher acariciava um gato que carregava no colo. Ao lado dela, alguns outros felinos enfeitavam o mórbido lugar com um pouco de vida. Seu semblante mudou assim que viu o rosto marcado do jornalista.

– Deixem-no em paz!– ela disse, afastando os dois homens a sua volta.

– Este homem é nosso convidado de honra.

A afirmação causou surpresa ao jornalista. Sequestradores com manual de boas maneiras era algo que desconhecia.

– Nem quero imaginar, então, como os indesejados são tratados aqui.

A mulher aproximou-se tocando o rosto de Tarso com delicadeza. Uma mão em cada lado da face. O cheiro podre parecia vir diretamente dela, ficando quase insuportável.

– Quer descobrir?– perguntou a mulher com a simplicidade de quem oferecia um café. Tarso abaixou a cabeça temendo ter falado demais. – Foi o que pensei– disse a mulher, dando as costas ao jornalista.

Ela prosseguiu.

– Bem, você certamente está se perguntando qual a razão de tudo isso. É muito simples. A única coisa que precisamos de você é que dê um telefonema. Nada mais.

Quando ela se virou para ele, Tarso pôde ver seu rosto de maneira clara; também ali a ação do tempo havia sido cruel.

O queixo alongado davalhe um aspecto mórbido e assustador.

Aquela senhora tinha pelo menos 70 anos de idade, ou não havia se cuidado muito.

– Um telefonema? E precisava me tirar de casa para isso?

A mulher riu. A boca se assemelhava aos teclados de um piano.

Faltavam-lhe alguns dentes.

– Sr. Medeiros, não é um telefonema qualquer. Talvez não o faça por livre e espontânea vontade. Por isso o trouxemos aqui, neste local *reservado*. Bem, o senhor é um homem inteligente, já deve saber aonde quero chegar com isso.

Tarso sabia mesmo. Com aquele revestimento, eles poderiam organizar um concurso de bandas de *heavy metal* e não ouvir sequer uma reclamação. O que dizer, então, de uma “tranquila” sessão de tortura.

– Que telefonema é esse?

– Quero que ligue para seu amigo Júlio.

– Júlio? E o que devo falar a ele?

A mulher enfiou a mão no bolso da calça e entregou-lhe um telefone celular. Junto, havia um papel.

– Diga para se dirigir imediatamente para este endereço marcado no papel. Quero que aja como se

você estivesse lá.

Quero que diga a ele que achou o homem que ele tanto procura.

– Então são vocês que estão por trás de tudo isso? Como puderam fazer aquilo com a garota?

Um dos homens ao seu lado desferiu-lhe um soco no nariz que fez seus olhos lacrimejarem.

– Não fizemos nada à garota. Fizemos com Júlio. Não temos culpa se ela tinha um gosto questionável para homens.

Tarso ainda se recuperava da agressão sofrida, mas arranjou forças para algumas palavras.

– Se essa é sua explicação, então você é mais doente do que eu imaginava. – um novo soco atingiu-o. Dessa vez, um direto no olho esquerdo. A nova agressão também não o conteve. – Se vocês pensam que eu vou servir de isca para atrair meu amigo para uma armadilha, estão muito enganados.

– Não o queremos morto. Queremos vê-lo sofrer, apenas.

Há coisas muito piores que a morte. Faça a ligação!– a mulher finalizou, alterando completamente o tom de voz.

– Não!– rebateu Tarso cuspiendo o sangue da boca com desprezo.

– Sr. Medeiros, o senhor não é Jesus Cristo. Não precisa se sacrificar por ninguém. *Faça a ligação!* – a voz tornou-se mais estridente na última parte.

Tarso fechou os olhos enquanto refletia sobre suas opções.

Lembrou-se do pai e da famosa frase de efeito que lhe servira como base durante toda a sua vida: “Pior do que morrer é não conseguir viver consigo mesmo.” A decisão do jornalista foi monossilábica.

– Não.

– Então, Sr. Medeiros, o senhor verá que falo a verdade quando digo que há coisas piores que a morte. Prometo-lhe que, quando terminarmos, o senhor implorará para que nós o mate-mos.

O sinal que a mulher deu com a cabeça fez com que um dos homens ali presentes fosse até uma pequena mesa no canto da sala, abrisse uma maleta que estava lá em cima e retirasse um objeto de dentro– uma pequena serra elétrica circular. O homem colocou o fio na tomada e ligou-a.

O barulho dissipou a bravura de Tarso. Ao seu lado, o outro homem forrava o chão com folhas de jornal. A urina de Tarso atingiu o papel antes mesmo que seu sangue.

– Segurem bem a mão dele– disse a mulher, tomada por um sorriso sádico. – Já percebi que será mais fácil do que eu imaginava.

Rua das Astúrias, N. 308, Jardim Novo Plano.

Este era o endereço que Tarso havia me passado pelo telefone. Sua voz tinha soado ardida, aflita. Como se estivesse im-pactado por uma forte dor. O telefonema foi rápido. Praticamente um monólogo. Trinta minutos foi o tempo que levei entre processar o telefonema e chegar ao endereço passado por ele.

Jardim Novo Plano não era o bairro típico de uma cidade pequena. Suas ruas não perfilavam fileiras de casas bem cuidadas, nem quintais podados regularmente. Pelo contrário; na verdade, servia como reduto para mendigos, vagabundos e usuá-rios de drogas abandonados por suas famílias. Pessoas sem perspectiva que se amontoavam em edificações condenadas, sem qualquer tipo de higiene.

Parei o carro alguns metros antes e segui a pé. Fui esgueirando-me pelo mato acumulado nos quintais, até chegar à cerca de madeira que fazia a divisa com a casa. O número 308 pendurado ao lado da porta parecia ser a coisa mais conservada em todo aquele lugar. Nem sinal de Tarso, o que me preocupou bastante.

Minha experiência policial só me permitia ver três razões para aquilo.

Na primeira hipótese, Tarso teria deixado o local com medo de alguma coisa, o que seria bom por significar que estava seguro em algum outro lugar. Na outra hipótese, Tarso pode ter decidido não me esperar, entrando sozinho na casa, o que deixaria sua situação lá dentro indefinida. Na última, a mais perturbadora, Tarso teria exercido o papel do queijo na ratoeira. Neste cenário, as chances de encontrá-lo vivo não me animavam.

De qualquer maneira, quanto mais o tempo passava, mais aumentavam as possibilidades de algo dar errado. Se Tarso estivesse certo, ali eu encontraria o assassino de Agatha; ali eu encontraria a minha vingança. Empunhei minha pistola e caminhei cautelosamente até uma das janelas.

A casa lembrava um mausoléu. Sem sinal algum de vida.

Apenas alguns ratos e insetos refestelando-se na sujeira e na podridão que dominava o ar. O odor forte obrigou-me a amarrar um lenço sobre o nariz e a boca. A luz da lanterna quebrou a escuridão, mas não o vazio. Tudo deserto. Fui até a varanda na frente da casa e subi as escadas. A madeira podre dava sinais de que poderia ceder a qualquer momento.

Abrir a porta foi como levantar a tampa de um caixão há anos embaixo da terra. Não fosse o lenço, talvez não tivesse contido a ânsia de vômito. Meus passos lentos tentavam evitar que a madeira do piso anunciasse minha chegada. Revistei sala, cozinha, banheiro, quartos; nada, além do mau cheiro e dos insetos. Nem sinal de Tarso, muito menos do suposto agressor.

Já no segundo andar da casa, resolvi procurar por algum sótão. Não era incomum que casas como aquela tivessem esse espaço extra. Não demorei muito para achar a entrada. Um pequeno quadrado no teto com uma maçaneta de ferro. Dei alguns pulos até que conseguisse abri-la. Uma escada dividida em três partes formou-se a minha frente. Pus a lanterna na boca e subi lentamente com a pistola em uma das mãos. O local também parecia vazio. Um espelho do lado direito, uma cômoda antiga do lado esquerdo e nada mais – até que reparei na cadeira colocada bem ao centro.

Ao iluminá-la, pude ver que não estava vazia. Em cima, havia um pequeno envelope branco apoiado no encosto.

Aproximei-me e vi que o envelope continha meu nome. Girei o corpo, apontando a pistola e a lanterna para todas as direções.

Ninguém. Coloquei a arma no coldre e fui até o envelope. Ao lado do meu nome uma frase incompleta:

“OLHO POR OLHO...”

Ao ver seu conteúdo, soltei-o imediatamente. Não pude acreditar no que estava vendo. Assim que o envelope bateu no piso de madeira, um dedo saiu rolando de dentro dele. Dessa vez, não consegui conter o vômito. Não por causa do dedo, pois já havia visto coisa muito pior, mas por temer imaginar a quem ele pertencia. Lembrei de Getúlio no bar.

Olho por olho... dedo por dedo. Uma mensagem sutil e impiedosa.

Passei a nova informação pelo rádio. Tarso havia sido sequestrado. Queria todos na rua procurando por ele. Todos, menos Jaime, que ficaria em frente à minha casa, cuidando de Laura. Tínhamos pouco tempo para achá-lo com vida. *Se ainda estivesse vivo...*— pensei

Decidi deixar a casa, mas não sem antes levar o dedo de Tarso comigo. Meu amigo não serviria de refeição para os ratos.

O sol da manhã começava a brilhar forte, secando o sereno trazido pela madrugada. Encostada ao enorme tronco de uma árvore, Laura arrancava uma a uma as pétalas de uma flor. Bem me quer, mal me quer; bem me quer, mal me quer. Até que a última pétala se foi, trazendo más notícias.

O tempo custava a passar, deixando a garota cada vez mais agoniada. Foi só quando avistou seu príncipe chegando, montado em um altivo garanhão branco, que finalmente sentiu seu coração se acalmando.

– Meu príncipe! Achei que não viesse mais!

– Jamais a deixaria, nobre dama. Pelo contrário, quero que cavalgue comigo... Para sempre!

– Como assim? O que quer dizer com “para sempre”?

– Case-se comigo, donzela.

– Casar-me com você? Por mais que queira, meu pai jamais aceitaria tal união. Há o seu passado e a nossa diferença de idade. Ele nunca concordaria com isso.

O príncipe pareceu buscar algo em uma sacola amarrada à sela do cavalo.

– Não se preocupe com seu pai, minha querida. Eu já resolvi esse problema.

As mãos saíram velozes de dentro do saco, arremessando algo para o alto. Os olhos da garota, atrapalhados pelos raios solares, não conseguiam identificar o que era. O objeto atingiu o solo e rodopiou até onde ela se encontrava. Quase desmaiou quando viu ali, bem ao seu lado, a cabeça sem vida do pai...

O toque da campainha fizera as vezes de despertador

naquela manhã. A respiração ofegante deixava claro que o sonho não havia sido dos mais agradáveis, e o pijama encharcado de suor também. Laura limpou a testa com uma das mãos e girou o pescoço endurecido pelo pesadelo. Fechou os olhos tentando recordar-se do que havia sonhado, mas as imagens vinham como peças de um quebra-cabeça.

O relógio marcava pouco mais de 6 horas quando a campainha tocou novamente. Laura enrolou-se no lençol da cama e saiu do quarto; um pijama de seda molhado não era a vestimenta ideal para atender visitas. Passou pelo quarto do pai e viu a porta aberta— ele já devia estar lá embaixo preparando o café matinal.

Desceu as escadas chamando por ele, mas não obteve resposta.

A campainha tocou pela terceira vez.

– Já vai! Já vai!— gritou Laura anunciando sua chegada a quem quer que estivesse do outro lado.

Observou o lado de fora pelo olho mágico. Havia um policial. A visão fora de foco não permitia identificá-lo, mas decidiu abrir a porta assim mesmo. Ao ver Jaime parado na varanda, Laura não se conteve.

– Que saco, Jaime! Isso lá é hora de bater na casa de alguém?

– Peço desculpas, Laura, mas a verdade é que...

A menina nem esperou pela resposta do policial. O sono ainda tentava dominá-la e ela não

demonstrava muitos sinais de resistência. Deu as costas para ele e seguiu para a escada.

– Pai, tem visita para o senhor!

Jaime não esperou por convite; apenas entrou na casa, trancando a porta.

– Laura, você não entendeu. Estou aqui a pedido de seu pai. Ele teve de sair para atender a um chamado.

– E desde quando eu preciso de babá quando meu pai sai de casa?

– Babá não, proteção. E você sabe muito bem porque estou aqui hoje. Seu pai não quer que aconteça com você a mesma coisa que aconteceu com...

Jaime interrompeu a fala por alguns segundos. Depois, voltou a falar.

– Bem, você já sabe.

– Sim, eu sei. Foi muito triste o que aconteceu com Agatha.

Não éramos melhores amigas, mas também não lhe desejava mal. Jaime, me diga uma coisa— disse a garota, chegando mais perto do policial—, como foi que ele reagiu ao descobrir?

– Olha, Laura, seu pai não gosta muito de demonstrar as emoções, mas, pela primeira vez, mesmo que por alguns breves segundos, ele deixou o casulo de pedra e chorou. Sem parecer se importar com quem estivesse vendo.

– Isso aconteceu comigo também. Nunca o vi assim. Nem quando a minha mãe morreu. Achei que Agatha fosse apenas um namorico, nada mais. Aceita um café?

– Eu aceito sim, se não for muito incômodo— agradeceu o policial, voltando logo em seguida ao assunto. – Seu pai e Agatha tinham uma ligação bem forte. Sempre o via falando com ela ao telefone, combinando programas, jogando conversa fora e todo tipo de coisa. A nossa delegacia não é o melhor lugar para quem quer privacidade— o policial justificou com um sorriso sem graça.

Laura seguiu para a cozinha e ligou a máquina de café expresso.

Colocou duas xícaras na parte de baixo e esperou.

– Ainda assim— disse ela, retirando uma das xícaras já cheias e entregando ao policial—, não imaginava que as coisas estivessem nesse ponto.

O policial agradeceu brindando a xícara em sua direção. Colocou algumas gotas de adoçante e tomou o café em um só gole.

Depois, seguiu até a pia. Já parecia bem mais à vontade.

– Com certeza o fato de ela estar grávida mexeu bastante com ele— disse, enquanto passava uma água sobre a xícara.

– O que disse? Agatha? Grávida?

Laura viu o policial levantando a cabeça como quem

acabara de perceber o tamanho da própria língua. Ele apenas a olhou com uma cara sem graça e nada disse. A garota não sabia o que pensar. Não era a fã número um daquele relacionamento, mas a ideia de ter um irmãozinho lhe agradara de imediato. Nem notou quando começou a chorar. Jaime lhe ofereceu a cadeira da cozinha— era o mínimo que podia fazer depois daquele “tapa na cara” — mas, na sua cabeça, só surgiu uma pergunta.

– Menino ou menina?

– Ninguém sabe. A gestação estava bem no início. – Jaime soava um tanto tenso. Talvez com receio do que Júlio faria com ele ao saber da sua língua solta. – *Droga! Eu e minha boca grande!* — ele lamentou, seguindo até a cafeteira. – *Preciso de outro café... extraforte!*

Laura seguiu aos prantos para o quintal. Parecia tentar digerir aquela notícia. Talvez por isso o pai estivesse tão alterado na noite anterior. Talvez por isso tivesse espancado Miguel daquele jeito. Não o perdoava, mas ao menos agora o entendia.

O pai havia perdido um filho. E ela, um irmão. Sentou-se num dos três degraus que separavam a entrada dos fundos do gramado do quintal. As mãos nos olhos tentando conter o rio de lágrimas. A

imagem que viu ao levantar o rosto ficaria marcada para sempre em sua mente.

– Oh, meu Deus! O que é isso? Jaime! Jaime! – os gritos desesperados combinavam com o tom pálido que tomou conta de todo seu corpo. Laura tentou voltar para dentro, mas os pés, dominados pelo nervosismo, escorregavam pelos degraus.

Assim que Jaime apareceu, a garota abraçou-o apertando os olhos com força em seu ombro. – Tira ele daqui! Tira ele daqui!

Fincada no quintal havia uma grande cruz de madeira.

Pregada a ela, estava o corpo mutilado de um homem; aquela visão fez com que a bile em seu estômago fosse despejada com a força de uma mangueira de bombeiro. O homem tinha os braços costurados no lugar onde deveriam estar as pernas e vice-versa. Um verdadeiro *show* de horror. Jaime ajudou Laura a se levantar antes que ela se tornasse uma visão tão nojenta quanto a do homem ao lado. Depois, seguiu até onde estava o corpo.

– Meu Deus! É Tarso Medeiros! – Laura ouviu-o gritar lá de fora.

O policial entrou correndo na cozinha e pegou a menina pelos braços. Laura não tinha forças para nada. Apenas chorava perguntando quem tinha coragem de fazer aquilo.

– Não faço a menor ideia, mas temos de sair daqui agora!

Venha! Liguei para o seu pai no caminho.

Os dois deixaram a casa sem olhar para trás. No quintal, a carcaça de Tarso permanecia imóvel e mutilada. Com o dedo indicador faltando na mão direita.

Aquela hora em que nos deparávamos com o corpo de uma vítima, esvaziado em toda sua essência e já deformado pelos efeitos impiedosos da decomposição, era sempre um momento muito difícil. Sem dúvida, o pior para um policial. Porém, a dificuldade não estava em observar o patético final ao qual somos submetidos— com isso já estávamos acostumados — mas sim, a certeza de que, por mais que quiséssemos, nunca poderíamos mudar aquele resultado final. E a sensação de impotência para um policial, além de perigosa, caminhava lado a lado com a depressão.

Só que, naquela manhã de domingo, no quintal da minha casa, não foi o delegado de Novo Salto quem viveu um momento difícil, mas sim Júlio Fontana, o amigo de Tarso Medeiros.

A visão do corpo mutilado, crucificado e deformado como um espantalho trazia uma mistura dessas duas sensações. Um explosivo coquetel de impotência e depressão.

Já havia alguns peritos distribuídos por toda a casa, buscando qualquer tipo de evidência ou pista sobre a autoria do crime. Eu não tinha dúvidas sobre o responsável por aquilo.

Na minha opinião, Tarso morreria de qualquer jeito, afinal sua morte fazia parte daquele macabro plano de vingança, mas o dedo cortado não; aquele dedo serviu apenas como um aviso de que a retaliação seria sempre rápida e impiedosa. “Olho por olho, dedo por dedo” como deixara claro o papel dentro do envelope.

– Tirem-no daí de cima!– ordenei ao primeiro policial que passou na minha frente.

– Mas, senhor, o local ainda não foi totalmente periciado...

– Cale-se! E faça o que lhe digo, garoto!– interrompi de maneira intempestiva.

O jovem policial foi até a cruz de madeira e começou a fazer força para levantar o corpo sozinho. Outros policiais ao redor pararam o que estavam fazendo para ajudá-lo. Ninguém me condenava por aquela reação, sabiam que aquele resto de homem pendurado na cruz era meu amigo, o que por si só já jus-tificaria meu estado alterado. Se estivéssemos em uma cidade grande, eu jamais participaria dessa investigação. Ao menos, oficialmente. Só que aqui, não havia opções para me substituir.

Apenas jovens recém-saídos da academia de polícia e velhos policiais de olho na aposentadoria.

Resolvi sair dali. Ver Tarso daquele jeito ficava cada vez mais difícil. Talvez por saber que sua morte era minha responsabilidade. Não tinha mais tempo a perder. Laura estava segura na delegacia com Jaime. Um pouco abalada, isso é verdade, mas segura. Agatha e Tarso estavam mortos, e o assassino ainda estava solto. Agora era o momento de concentrar minhas energias em prendê-lo. Puxei o rádio e chamei a central.

– Quero que solte um aviso de busca para Getúlio e

Teotônio Saldanha. Quero todas as viaturas disponíveis empen-hadas em achar esses dois. Peça para procurarem em hospitais da região primeiro. Não deverá ser difícil encontrá-los. Um dos homens que procuramos tem quatro dedos na mão direita.

Assim que desliguei o rádio, lembrei-me do que carregava em um dos bolsos da jaqueta. Coloquei a mão dentro do bolso e retirei o saco plástico. Chamei um dos peritos que estavam ali.

– Leve este dedo ao responsável pela autópsia. Tudo leva a crer que ele também pertence à vítima.

Enquanto o homem correu para cumprir minha ordem, segui para o carro. Precisava sair dali o mais rápido possível. Antes que enlouquecesse. Nem havia fechado a porta quando ouvi o homem a quem havia dado o dedo do meu amigo gritar meu nome. Ele acenava com as mãos, pedindo minha presença.

Assim que o corpo foi retirado da cruz, uma nova mensagem tinha sido encontrada entalhada na madeira:

“O *SHOW* TEM DE CONTINUAR”

Foram quase cinco minutos esperando que o síndico do prédio de Tarso descesse até a portaria, permitindo minha entrada.

No momento em que o vi, pude perceber a razão para a demora.

Havia elefantes mais leves que aquele homem. Tinha o rosto largo, e a careca lustrosa dava o toque final. A barriga protuberante ficava, em grande parte, para fora da camiseta. A visão das inúmeras estrias vizinhas ao umbigo embrulhou o meu estômago.

– Em que posso ajudá-lo, delegado?

O homem havia atendido ao interfone de forma deselegante.

Com certeza, não recebia muitas visitas àquela hora. Só quando me apresentei como policial seu tom de voz mudou da água para o vinho. Fiquei imaginando qual podre haveria em seu passado.

– Preciso que me abra o apartamento de Tarso Medeiros. Não tenho mandado, mas posso conseguir um rapidamente. Ou talvez dois. – Ameaças veladas costumavam ser eficientes.

O rosto do síndico acendeu como uma lâmpada apagada.

Havia entendido o recado. Pediu que eu entrasse e seguiu em direção às escadas. Agradei o fato de Tarso morar no primeiro andar. De outra forma, só chegaríamos ao apartamento no dia seguinte.

– Pode me dizer o que houve, delegado?

Apesar de termos percorrido poucos degraus, a respiração do homem já estava ofegante.

– Tarso Medeiros está morto – afirmei em um tom seco que demonstrava toda a minha falta de vontade em tratar do assunto.

Não conversamos mais até pararmos em frente ao apartamento 114.

Ao chegarmos, o rosto pálido do síndico fez com que eu achasse que um ataque cardíaco estava a caminho. Antes fosse.

A porta do apartamento de Tarso havia sido arrombada. Pedi que se afastasse e peguei minha arma. Perguntei ao homem sobre a divisão do apartamento. Pontos cegos, lugares que poderiam servir como esconderijos *etc.* Segundo ele, o imóvel não passava de um conjugado simples. Se alguém estivesse lá dentro, não teria muito onde se esconder.

Assim que entrei, vi que ele estava certo. Tirando o quarto, era possível ver todo o apartamento da porta de entrada. Não havia ninguém, exceto um casal de gatos fuçando o lixo da cozinha. Confesso que estranhei um pouco. Tarso nunca fora um amante dos animais. Segui para o computador. Tarso havia me dito que faria algumas pesquisas, conversaria com algumas fontes.

Enquanto aguardava o computador configurar, comecei a procurar por alguma pista. Algo que me ajudasse a descobrir quem tinha estado ali. Não havia sinais de resistência, sangue, nada. O que me levava a deduzir que, apesar do arrombamento, Tarso não havia tido tempo para reagir.

– Sem dúvida alguma, essa invasão aconteceu durante a madrugada. O senhor não ouviu nada?

– Veja bem, delegado, Tarso era uma boa pessoa, um bom inquilino, mas adorava organizar festas que esticavam até a madrugada. Cansamos de ouvir portas batendo quando as pessoas deixavam o prédio. Ele já foi até multado por causa disso.

Quando ouvi um barulho, presumi que fosse algo parecido.

– E todos neste andar tiveram a mesma impressão?

– É possível. Ao menos hoje, ninguém veio falar comigo sobre o assunto. E pode acreditar quando digo que aqui tem muita gente chata.

Quando o telefone fixo tocou no criado-mudo, o síndico apoiou-se em mim quase me levando ao chão. Após o terceiro toque, a secretária eletrônica foi acionada.

– Alô, Tarso? Você está aí? Atende, porra! Tentei ligar no seu celular, mas só dá caixa postal. Tenho uma novidade sobre aquilo que você me pediu. Me liga assim que pegar esse recado. Não esquece que você prometeu o triplo, hein?

Aquele recado caiu como uma luva. Seja lá o que Tarso estivesse investigando, agora eu já tinha por onde começar. Precisava apenas descobrir a quem pertencia a tal voz. Comecei a procurar pelo celular dele. Havia boas chances de estar ali no apartamento. Revirei gavetas, armários, olhei em cima da mesa.

Nada. Finalmente, balancei a colcha da cama. O telefone caiu no tapete, quase atingindo meu pé. Agora, bastaria retornar a última ligação para descobrir a identidade daquela pessoa.

Antes que saísse do apartamento, olhei para o síndico.

– Não toque em nada. Chame todos os vizinhos deste andar e do segundo. Ninguém sai do prédio antes de prestar depoimento.

Fazia anos que Laura não entrava na delegacia onde o pai trabalhava. Exatamente seis anos. Desde a morte da mãe. O relacionamento com o pai tinha esfriado desde então. Trocavam apenas poucas palavras por dia. Somente o necessário.

Dentro da sala em que o pai trabalhava, Laura refletia sobre passado, presente e futuro. Anos atrás, o pai fora responsável pela morte da mãe. Agora, Tarso e Agatha também estavam mortos por culpa dele. E ela poderia ser a próxima. Passado, presente e futuro unidos pela tragédia, e com um fator em comum: Júlio.

Viu uma foto dos dois em um porta-retrato em cima da mesa do pai. Traduzir o vasto sorriso na boca de ambos era fácil: *Felicidade*. Ela devia ter uns 10 anos naquela foto. Talvez onze.

Lembrava-se vividamente daquele dia. Um piquenique no Lago Schupequoa. Júlio, Sylvia e a pequena Laura. Uma família feliz.

O tempo ensolarado eternizado naquela fotografia escondia a verdade sobre aquele dia. Aquele tinha sido o dia da Grande Tempestade. Pedras de granizo e ventos de quase cem quilômetros por hora causaram estragos em várias cidades da região.

A chuva impediu que retornassem à cidade pela estrada de terra que levava ao lago. Passaram a noite dentro da picape do pai.

Apesar de tudo, da chuva, do medo, da falta de espaço, aquela fora a noite mais feliz de toda a sua vida. Uma noite só deles.

Sem as corriqueiras interrupções por causa do trabalho do pai.

Talvez por isso gostasse tanto de chuva.

A porta da sala se abriu, expulsando suas lembranças.

– Você quer alguma coisa, Laura? Um café, uma rosquinha?

Laura não respondeu. O que ela queria, Jaime não poderia lhe dar. Queria o passado de volta. Queria a mãe de volta. Queria sua *família* de volta.

Agora, aquela época era apenas mais um grão de areia esquecido no fundo da *ampulheta*. Não voltaria mais. Pelo menos não naquela forma. Foi quando se lembrou do coração palpitando acelerado assim que viu Miguel pela primeira vez. Das pernas tremendo no momento em que o reencontrou na praça.

Do desespero ao vê-lo ser surrado pelo pai.

Deu-se conta de que estar ao lado de Miguel fora a única coisa que a fizera sentir-se realmente feliz nos últimos seis anos.

Miguel havia sido o único capaz de levá-la “de volta ao Lago Schupequoa”.

Abriu um sorriso determinado e seguiu até onde Jaime estava.

O rapaz tomava uma bela dose de café e saboreava um pedaço de pão com manteiga.

– Você me perguntou se eu queria alguma coisa, certo?

– Claro— respondeu o policial mastigando o pão com a boca aberta e misturando a comida com o café.

– Muito bom. O que eu quero é que me leve imediatamente para o hospital. Preciso ver Miguel.

Laura invadiu o *hall* do hospital com pressa. Na recepção, uma mulher aparentando pouco mais de 40 anos lixava as unhas. Em pé, de frente para o balcão, Laura podia ver as raízes enegrecidas do seu cabelo contrastando com o tom louro das pontas.

– Por favor, você pode me dizer em que quarto se encontra o paciente Miguel...

A garota não conseguiu terminar a frase. Lembrou-se que não sabia o sobrenome do homem por quem estava enfeitiçada.

Olhou para Jaime parado um pouco mais atrás. O policial apenas deu de ombros. Parecia mais preocupado com o que Júlio falaria sobre aquela visita. Laura dirigiu-se novamente à recepcionista.

– Moça, por favor. O nome dele é Miguel e ele foi vítima de uma agressão severa. Deve ter chegado hoje de madrugada.

Tem como você ver aí qual o quarto?

A mulher continuou lixando as unhas sem lhe dar a mínima atenção. Só quando Laura perguntou novamente, dessa vez num tom mais grave, a recepcionista se manifestou.

– As visitas são apenas para familiares – disse num tom irônico, enquanto mascava chiclete com a boca aberta.

Laura teve vontade de aplicar nela a mesma surra que tinha vitimado Miguel. Até pior. Recompôs-se por alguns segundos.

Existiam outras formas ainda mais eficientes de se agredir uma mulher.

– Obrigado pela boa vontade. Aliás, estou tão agradecida que gostaria de retribuir sua atenção, oferecendo a você o telefone de um cabeleireiro. Apesar de notar sua preferência por zo-ológicos.

Dessa vez, foi Laura quem abriu um sorriso repleto de ironia. A mulher foi pega tão de surpresa que quase engoliu o chiclete que mascava. – Tomara que engasgue até a morte– foi a última coisa que Laura disse antes de sair pelos corredores do hospital.

A menina conhecia o pai. Tinha certeza de que o quarto de Miguel seria aquele em que encontrasse um policial de plantão.

Em menos de um minuto, já havia procurado pelo andar térreo e subia as escadas para o primeiro andar. Jaime apenas a seguia.

Quieto.

Seguiu o mesmo procedimento até chegar ao terceiro andar.

Riu ao ver um policial sentado em um pequeno banco em frente a um quarto. O jornal aberto mostrava a total falta de necessidade em estar ali. Laura aproximou-se rapidamente, indo direto à porta do quarto.

– Onde a senhora pensa que... Laura?– disse o policial, assustado, antes de ver Jaime no corredor. – Desculpe, Laura, não a tinha reconhecido.

– Deixe-me entrar e estará tudo bem, Plínio– a menina respondeu olhando fixamente em seus olhos.

– Laura, sinto muito. Seu pai não quer que ninguém entre neste quarto. Muito menos você.

A paciência da garota já havia se esgotado.

– Deixe-me entrar! Agora!

O grito chamou a atenção de duas enfermeiras que caminhavam pelo corredor. As portas de alguns quartos se abriram.

Eram familiares tentando saber o que estava acontecendo. A porta do quarto de Miguel também se abriu. Laura estranhou ao ver que padre Paulo estava lá. A garota olhou para o policial como que perguntando “ninguém, certo?”. E viu Plínio apenas mexer os ombros em resposta. O padre pegou-a pelo braço e levou-a alguns metros além do quarto, em busca de privacidade.

– Laura, não sei o que está acontecendo entre você e Miguel– o padre disse, fechando os olhos e fazendo o sinal da cruz–, mas isso só acarretará problemas para ele. Você não entende? Ele tem quase 50 anos e você apenas 18 anos de idade, só isso já seria motivo suficiente para acabar agora com essa história toda. Mas, além disso, ele é um expresidente e você, a filha de um delegado. Percebe o tamanho do problema?

A menina ouviu tudo com atenção, mas aquela decisão seria tomada com o coração, e não pela razão.

– Ah, Paulo, deixe de ser careta. Esse negócio de idade já era. O lance, hoje em dia, é amor. Isso é o que conta. Não posso explicar racionalmente o que sinto por ele– e ele por mim, espero– mas sei que não

é “paixonite” de menina. É algo diferente, que nunca havia sentido antes. Quando estou do lado de Miguel, estou feliz. Ponto final. Não sei como explicar de outra forma. E

você vai me dizer que devo jogar isso fora só porque ele é mais velho que eu? Ou pelo fato de ele ser um expresidiário? Não entendo. Quantos expresidiários existem neste mundo, hein?

Nenhum deles merece uma segunda chance?

Laura viu as expressões no rosto do padre congelarem. Ele passou a mão sobre o rosto e apertou os olhos com os dedos.

Chegou mais perto, tocando seu ombro. Parecia criar coragem para lhe contar algo. Então, falou.

– Mas só um deles foi condenado por matar o primeiro amor de seu pai.

Apesar do inchaço já ter diminuído bastante, o rosto de Miguel ainda estava dominado pelas marcas da agressão. A parte esquerda da face era a que mais impressionava. Várias manchas roxas intercalavam-se por quase toda a bochecha e maçã do rosto. Ao lado dos olhos, algumas partes chegavam a estar levemente enegrecidas. O branco dos olhos tinha sido tomado por um vermelho-sangue, resultado do provável rompimento de uma artéria.

Apesar de tudo isso, Miguel abriu um sorriso quando viu Laura parada na porta do quarto.

– Não imaginei que fosse vê-la aqui– disse, enquanto procurava por uma postura mais cômoda.

Laura caminhou lentamente até ele. As lágrimas começando a lhe escapar.

– Como não viria, se a culpa disso tudo é minha?– respondeu, num choro soluçante.

– Que culpa você tem, Laura? Não diga isso. Ninguém tem culpa de nada. O que aconteceu, aconteceu. Ponto final.

A garota franziu a testa, transformando o choro em uma raiva visível, porém, contida.

– Meu pai tem culpa! O que ele fez é imperdoável.

Miguel ainda tentava encontrar uma posição mais confortável.

As costelas também haviam sofrido alguns ferimentos.

– Laura, minha doce Laura– disse, com a voz tomada pela dor–, há mais nessa história do que simplesmente um pai excessivamente zeloso. Não estou dizendo aqui que o que Júlio fez foi certo, tampouco admitiria que algo semelhante acontecesse novamente. Nem em sonho. Não sou masoquista, mas devo admitir que entendo as razões que o levaram a perder a cabeça.

A garota não respondeu. Ficou apenas parada, refletindo sobre o que acabara de ouvir. Lembrou-se das palavras do padre alguns minutos atrás) – *“mas apenas um matou o primeiro amor de seu pai”*. Foi até o canto do quarto e pegou uma cadeira. Arrastou-a até o leito de Miguel. Sentou-se ao lado da cama e segurou sua mão.

– Miguel, o que aconteceu entre você e meu pai? É verdade o que Paulo me contou lá fora? Você matou a mulher que ele amava?

Aquelas perguntas pareceram perfurar o corpo de Miguel alguns golpes extras em seus ossos já tão surrados. Uma lágrima escapou-lhe. Seja lá o que tivesse acontecido, havia deixado profundas sequelas nele também.

– Minha querida– disse Miguel–, as coisas... Veja bem... Elas não são tão simples assim. Tão preto e branco.

Laura apertou ainda mais forte sua mão. Queria mostrar a ele que não estava sozinho. Ela estava ali também. Ao seu lado.

Para sempre!

– Sei disso, Miguel. Quero apenas entender. Parece loucura. Nos conhecemos há menos de um dia. Algumas horas apenas. Mas sinto como se fossem décadas. É difícil explicar. Você entende o que quero dizer?

– Por incrível que pareça, entendo sim. – Laura observou Miguel fechar os olhos e inspirar fundo,

como se buscasse forças dentro de si. – Você está certa. Acho que é melhor que você saiba tudo o que aconteceu.

Miguel fez um enorme esforço para se colocar sentado na cama do hospital. Apertou o botão para que o leito dobrasse formando um encosto para sua coluna. Apertou ainda mais forte a mão da menina.

– Toda história tem mais de uma versão, pois toda história tem mais de um ponto de vista. Depende tão somente daquele que a conta. Esta não é diferente. Qual versão você quer ouvir?

– Qualquer uma que você queira contar– ela respondeu.

– Não quero influenciá-la, minha querida, então, vou relatar as duas versões existentes. Em uma versão, segundo os homens que me condenaram, eu não passo de um assassino frio e implacável, capaz de pegar uma jovem garota, arrancar-lhe os olhos, a língua e costurar-lhe a boca, antes de acabar com sua vida. Simples assim.

– E na sua versão?– Laura perguntou, ansiosa.

– Eu fui tudo isso... E mais um pouco. E vou lhe contar o porquê.

Aquela era a terceira grade de ferro em menos de trinta metros. Os muros de concreto com mais de dez metros de altura pareciam muito maiores quando olhados pelo lado de dentro.

Verdadeiros edifícios. O arame farpado servia apenas como decoração. Ninguém conseguiria subir aquelas paredes sem algum tipo de ajuda.

Ouvi o som agudo de uma campainha e o estrondo da fechadura abrindo-se automaticamente. Dentro de uma guarita aparentemente blindada estavam dois homens que pareciam ter o controle total de cada centímetro daquele lugar. Câmeras, travas automáticas e todo o resto sob o comando dos dois. Onipresentes e oniscientes. Como deuses.

A voz no microfone veio grave. Indicou para que eu me dirigisse até a segunda porta à esquerda. O local era pequeno, porém arejado. Duas janelas protegidas por grossas barras de aço impediam a entrada e a saída de qualquer um, mas não do ar. No centro, uma mesa retangular e dois bancos fixos com o mesmo comprimento, um de cada lado. Sentei e aguardei.

Levou alguns minutos até que alguém entrasse na sala. O homem tinha um aspecto mórbido, como se tivesse os dias contados. A baixa estatura e a calvície, cercada por cabelos longos nas laterais, faziam eu me lembrar de alguém famoso. Só não sabia ainda quem.

Levantei do banco e estiquei a mão para cumprimentá-lo.

– Cléber Nunes, eu presumo. Meu nome é Júlio Fontana.

O homem pareceu um pouco surpreso com minha apresentação.

– Não, Sr. Fontana. Meu nome é José Azevedo. Só vim informá-lo que Cléber está a caminho. Alguns problemas de indisciplina em uma das alas. Sabe como é, né?

Balancei a cabeça concordando. Apesar de o meu trabalho ser enviar pessoas para lá– e não mantê-las lá –, conhecia muito bem essa corja de safados.

Ficamos em silêncio mais alguns segundos, até que o homem voltou a falar. Dessa vez, parecia nervoso. *Droga! Com quem ele parecia mesmo?*

– Sr. Fontana, posso perguntar o que deseja com ele?

– Não quero ser indelicado, Sr. Azevedo, mas esse assunto não lhe diz respeito.

– O senhor por acaso é da corregedoria?

A pergunta, sem dúvida, pegou-me de surpresa. Em que tipo de problema Cléber estaria metido? Aquilo poderia me ser útil em algum momento. Não neguei, nem confirmei. Apenas o encarei com cara de poucos amigos e deixei que ele tirasse suas próprias conclusões.

– Veja bem, Sr. Fontana. Peço que me escute antes de tomar alguma atitude contra ele. Cléber Nunes é um agente penitenciário modelo. Um exemplo para todos nós. Contrabando é algo normal em qualquer cadeia. Não há como evitar, sabe? Mas posso lhe dizer que ele nunca recebeu dinheiro de ninguém. Juro por Deus. Acredite em mim.

– Se você diz– respondi, sem querer me alongar muito no assunto. Agora, se a conversa com o agente não saísse como planejado, teria um novo trunfo.

Tudo isso cortesia do nosso amigo... Nosso amigo... Danny de Vito! Isso mesmo! O cara era igualzinho ao Danny de Vito!

Tive dificuldade em conter a risada. Uma gargalhada não seria nem um pouco condizente com a imagem que tentava passar. Ainda mais quando o assunto a ser tratado era extremamente delicado. Mas aqueles segundos foram os primeiros em que os assassinatos escaparam dos meus pensamentos. Devo confessar que, quando voltaram, trouxeram junto um leve sentimento de culpa. Aquele não era o momento para risadas ou sorrisos.

A porta abriu-se logo depois. Outro homem bem mais alto e melhor apessoado entrou na sala. Parecia preocupado. *Danny de Vito* saiu sem se despedir.

– Eu sou Cléber Nunes. O que você deseja comigo?

O assunto que tínhamos para tratar não era nem um pouco leve, por isso decidi colocar Cléber Nunes a par de tudo que vinha acontecendo. Conteí sobre a morte de Agatha – *porém, sem ver a necessidade de informar minha ligação com ela* – e a forma como ela fora encontrada horas depois no porão da casa de Teotônio Saldanha. Conteí sobre as mensagens que pro-metiam novas mortes e novas vítimas. Falei sobre nossa suspeita em relação a Teotônio e sobre o desenho das duas cobras entrelaçadas formando o símbolo do infinito encontrado na parede de sua casa. relatei minha conversa com Patrício Pontes e a informação de que o irmão tinha o corpo tatuado com o mesmo desenho. Enfim, abri totalmente o jogo com ele. Ou quase todo. Preferi deixar o que havia acontecido com Tarso de lado. Ao menos por enquanto.

– Isso realmente é uma tragédia – disse, com um indevido ar de alívio; talvez por descobrir que o assunto não tinha nada a ver com seus problemas –, mas para ser sincero, Sr. Fontana, ainda não entendi o que isso tem a ver comigo.

– O que quero de você é simples: Informação.

Ainda não queria falar sobre o que acontecera com Tarso. O recado deixado por ele dava a sensação de que o jornalista havia requisitado um favor de amigo, e talvez a notícia sobre a morte de Tarso tirasse a concentração que eu precisava naquele momento do agente. Também sabia, por causa de sua mensagem, que ele havia conseguido alguma informação. Mas, antes de tentar arrancá-la *por mal*, queria descobrir se ele estava disposto a oferecê-la *por bem*.

– Só tenho uma pergunta, delegado. Por que eu?

– Como assim? – perguntei, tentando disfarçar.

– Com tantos agentes penitenciários trabalhando aqui, alguns até há mais tempo, por que eu fui chamado?

– Por que não? – minha paciência começava a se esgotar.

– O senhor chamou por mim, não por qualquer um, ou pelo agente com mais tempo de serviço, coisa desse tipo. Chamou por mim. Cléber Nunes. Quero saber a razão.

– A razão? Aqui está a razão! – peguei o celular do bolso da calça e acessei o menu. Fui mexendo nos aplicativos sob o olhar nervoso do agente. Havia gravado a mensagem deixada por ele no telefone fixo do apartamento de Tarso.

Primeiro, ele pareceu surpreso; depois, irritado.

– Como que você... O que está acontecendo aqui? Onde está Tarso? Não digo mais nada antes de falar com ele. Esta conversa acabou!

Assim que o homem virou as costas para mim, parti para cima dele aplicando-lhe uma gravata. Já imobilizado, esfreguei seu rosto na parede da sala. Para mim, naquele momento, era como se ele fosse o assassino que tanto procurava. Tive medo do que seria capaz de fazer. Quando ele tentou se desvencilhar, bati sua cabeça contra a parede. O estalo fez doer até meus ouvidos. Coloquei minha boca perto de sua orelha. As palavras, apesar de sussurradas, tinham um peso enorme.

– Tarso está morto. Foi esquartejado e crucificado pelo mesmo homem que matou a mulher que mencionei. O que deixei de fora é que essa mulher era minha namorada e esperava um filho meu. Como pode ver, não vou medir esforços para encontrar esse assassino. Estou disposto a atropelar qualquer um que ficar no meu caminho. Qualquer um! – disse, soltando lentamente o braço do agente. Seu semblante demonstrava como as palavras tinham lhe afetado. – Por isso eu lhe imploro rapaz, não fique no meu caminho.

Cléber sentou-se no banco, ainda assustado. Um semblante diferente. Abatido, frágil, como um

general vencido em uma batalha. A porta da sala se abriu e quatro agentes invadiram o local correndo em minha direção. Consegui evitar que o primeiro me agarrasse, disparando-lhe um soco no rosto, mas os outros três conseguiram me imobilizar antes que eu pudesse continuar reagindo. Colocaram meu rosto contra a mesa de cimento. Desviei meus olhos até Cléber, que ainda permanecia sentado, estático. Até que se levantou com um ar firme, de quem tinha acabado de tomar uma decisão importante.

– Soltem-no. Nossa conversa ainda não terminou, e tenho certeza de que o que ele fez não irá mais se repetir.

Eu concordei com um aceno. Os homens fizeram cara de interrogação, mas obedeceram quando a ordem foi repetida, deixando a sala. Assim que a porta bateu, Cléber deu a volta, sentando-se bem na minha frente.

– O que você precisa saber para pegar esse filho da mãe?

Agora que tinha a atenção do agente penitenciário, decidi contar novamente todo o curso da investigação até ali. Desde o bilhete achado no meu jornal até a mensagem entalhada na cruz em que Tarso tinha sido encontrado. Essa parte, especificamente, pareceu causar-lhe bastante dor.

– Em primeiro lugar– disse ele, secando os olhos–, quero dizer que só tive aquela atitude de antes por realmente não entender a razão para ter sido chamado aqui. Para ser sincero, fiquei com medo que você fosse... Enfim, estava nervoso– disse Cléber, corrigindo-se a tempo.

– Entendo sua situação. Ficou com medo por conta da possibilidade de ser exposto como informante de um jornalista, o que não seria nada bom para sua imagem. Ainda mais com a sindicância aberta contra você.

Cléber fez uma cara de surpresa. Parecia não entender como eu poderia ter ciência daquele assunto.

– Como você sabe sobre isso? Eu nunca...– ele emudeceu por um segundo, como se tivesse acabado de descobrir minha fonte. – Foi o José, certo?– perguntou, buscando minha confirmação.

Acenei confirmando. O mínimo que podia fazer por ele era ser sincero também.

Ele sorriu para mim. Depois, voltou ao assunto que me interessava.

– Teotônio Saldanha era um verdadeiro vândalo, Sr. Fontana. Aquele tipo de presidiário que busca espaço e poder o tempo inteiro. Entrou aqui como assaltante e, com certeza, saiu como um assassino. Sei de ao menos dois presidiários que ele *apagou* aqui dentro. Nunca pudemos incriminá-lo, mas há coisas numa cadeia que falam por si só, entende? Entretanto, pelo que você me relatou sobre o caso, acho difícil que tenha sido ele o autor desses crimes – completou, pensativamente coçando o queixo com a mão.

O último comentário deixou em pé todos os pelos do meu braço. Como assim “*acho difícil que tenha sido ele*”? Tínhamos achado um dos corpos na casa de Teotônio. Depois, teve o episódio envolvendo o dedo de Tarso– *eu ainda não havia contado isso a Cléber*– que nada mais era que pura vingança pelo que eu tinha feito com seu primo horas antes. Não. Teotônio Saldanha tinha participação naquilo sim. Eu estava certo disso.

– Por que você diz isso, Cléber? – perguntei numa calma artificial.

– Veja bem, Sr. Fontana...

– Me chame de Júlio– eu disse a ele.

– Veja bem, Júlio, Teotônio é um homem capaz de qualquer coisa. Qualquer coisa mesmo. Menos arquitetar assassinatos como esses. Pelo que me contou, o assassino, seja lá quem for, age de forma fria, calculista, inteligente. Nenhum desses atributos combina com seu suspeito. Se ele está envolvido, posso garantir que há mais alguém envolvido também. Um cérebro, entende?

O pior de tudo é que aquilo fazia sentido. Na verdade, mais que isso. *Era tão óbvio! Como não havia*

enxergado isso antes? Talvez não houvesse um assassino, e sim, vários. Talvez Teotônio não tivesse nada pessoal contra mim, apenas obedecesse a ordens de quem tinha. Mas quem? Algumas coisas começavam a se encaixar na minha cabeça.

Continuei a interrogá-lo.

– E com relação a Daniel Pontes?

– Um coitado, Sr. Fontana. Digo, Júlio. Teotônio e ele eram parceiros. Na verdade, *ele* era parceiro de Teotônio, se entende o que quero dizer. Daniel foi jurado de morte por um grupo de *negros* após um episódio em um jogo de pôquer. Ficou apavorado. E, como todos fazem aqui dentro, buscou ajuda. O garoto não tinha muitos amigos aqui. Teotônio, no entanto, acolheu-o, em todos os sentidos. Daniel virou sua cadelinha de estimação.

Sofria várias humilhações, mas, ao menos, continuava vivo.

Lembro-me bem dele. Certa vez, ele me pediu para ser transferido para outra ala. Queria cumprir o tempo que restava enfiado em uma microcela com dezenas de outros presos jurados de morte. A última coisa que ouvi é que morreu há alguns meses em um acidente de carro. Como eu disse, um pobre coitado.

Cléber parecia ressentido. Devia testemunhar abusos impressionantes entre os presos, sem poder fazer nada. Ou quase nada. Mas aquela não era hora para lamentar as injustiças do nosso sistema carcerário.

– É isso mesmo que você ouviu. Daniel morreu em um acidente de carro— eu disse, finalizando abruptamente o assunto.

– Agora, me diga o que sabe sobre a tatuagem dele?

– Deixe-me ver o desenho novamente. Eu entreguei a ele o papel. Cléber esticou-o sobre a mesa e abriu um sorriso.

– Era exatamente isso que Tarso queria que eu descobrisse.

Duas cobras entrelaçadas em forma de infinito. Cheguei aqui hoje de manhã e perguntei por aí. Falei com alguns prisioneiros mais chegados. A maioria nem soube explicar o que era. Apenas dois deles me deram informações úteis até certo ponto. Um deles apenas relatou que isso não passou de uma tentativa frustrada de iniciar uma gangue aqui dentro. Um grupo de prisioneiros buscando poder. Mas nunca saiu disso. Até por isso, nunca havia ouvido falar dessa história. Outro detento me disse algo que considerei preocupante.

Eu começava a ficar cada vez mais tenso. Sentia me aproximar de algo importante. Como o predador ao sentir o cheiro da presa impregnando o ar.

– O que ele disse?— minhas garras já começavam a afiar.

O homem olhou para os lados e veio até mim. Por alguns momentos, pensei que fosse me revelar a identidade do responsável pela morte de Júlio Kennedy.

– Esse prisioneiro com quem falei dividia a cela com Teotônio. Um dia, ao chegar em sua cela, deu de cara com Teotônio e mais dois homens. Um deles era Daniel. O outro, ele não reconheceu. Mas falou que o cara era assustador. Tinha cabelos levemente grisalhos e barba. Disse que teve tanto medo dele que nem se importou com o que eles pudessem estar fazendo ali. Apenas foi embora.

– E o que isso tem a ver com o caso?

– Esse outro cara também tinha este desenho tatuado no braço, Júlio. E quando o meu informante voltou para a cela, disse que Teotônio ameaçou cortar sua garganta com uma faca de vidro caso ele abrisse a boca.

– E o que mais?

– Não muito. Falou que Teotônio, depois de um tempo, começou a contar vantagem, afirmando que sairia da prisão para a liberdade condicional em breve e já tinha algo *engatilhado* para quando estivesse lá fora. Algo que lhe renderia uma boa grana. Como eu lhe disse, Júlio, ele não é quem você

procura.

O normal seria que toda aquela história, desde Agatha até Tarso, já estivesse estampada na capa de algum jornal. Policiais ganhavam um bom dinheiro vendendo informações a jornalistas ambiciosos. Só que, dessa vez, as vítimas eram ligadas a mim, e meu temperamento explosivo parecia ter contido quaisquer *vazamentos*. Mas isso não duraria para sempre. Tinha consciência disso.

Foi difícil descobrir que, num canto qualquer de uma cela imunda, pessoas que eu amava eram sentenciadas à morte. Alguma coisa, entretanto, ainda não fazia sentido. Não conseguia enxergar o motivo para eu ter sido escolhido. Não conhecia Teotônio, nem Daniel— o que me levava a pensar em uma única coisa.

– Precisamos descobrir quem é essa terceira pessoa! – eu disse para o agente.

– Sei disso. E acho que sei como – ele respondeu. – Meu informante me disse que nenhum dos três continua preso. Todos foram soltos. Só precisamos pesquisar a lista de quem saiu nos últimos meses e, depois, mostrar a foto dessas pessoas para ele – e então, bingo! Teremos nosso terceiro elemento.

– Faça isso e me ligue – eu disse, levantando da cadeira. – Preciso de uma cópia da lista também. O mais rápido possível.

A vida da minha filha está em jogo.

– Sua filha? – ele perguntou surpreso.

– Sim. Ela é a única pessoa que ainda me resta.

Aquela conversa com Cléber Nunes deixara-me desnorteado. As coisas pareciam bem piores do que eu poderia imaginar. Entrei naquela prisão em busca de um assassino e deixei os muros com a convicção de que lidava com um bando organizado. Uma vingança sórdida contra mim, arquitetada por homens – *se é que se enquadravam nessa definição* – que não tinham nada melhor a fazer enquanto bebiam e comiam às custas do Estado. *E às minhas custas, também!*

Imaginei as conversas que haviam tido e como teriam conseguido informações sobre a minha vida. Dentro da minha cabeça eu tentava formar a imagem do momento em que a sentença de morte de Agatha tinha sido decretada. Será que já sabiam da gravidez quando a mataram, ou aquilo tinha sido apenas a *cereja do bolo*? E Tarso? Também havia sido algo planejado com antecedência ou apenas havia aparecido no lugar errado e na hora errada? Enfim, refleti bastante sobre tudo o que acontecia. Principalmente sobre Laura. *O que esses malditos teriam reservado para minha Laura?* Algo terrível, eu suponha.

Tentei pensar nos envolvidos. Daniel estava morto e, mesmo que não estivesse, provavelmente não seria o responsável por tudo aquilo. Teotônio já era procurado pela polícia e sua foto já aparecia em todos os computadores das viaturas policiais. Prioridade máxima. Não sabia ainda quem era o terceiro elemento, mas estava confiante de que, em breve, descobriria sua identidade.

De repente, fui invadido por um calafrio. Um nome surgiu em minha mente, trazendo com ele culpa e desespero.

Getúlio Abrão Saldanha.

O primo de Teotônio tinha de estar envolvido nisso. Quando fui atrás dele, buscava apenas informações sobre o paradeiro de Teotônio. Nunca sequer passou pela minha cabeça que Getúlio pudesse ter algum tipo de participação nisso tudo. Agora, isso me remoía por dentro. Havia perdido a cabeça e cortado seu dedo na frente de várias testemunhas quando, na verdade, deveria deixar o bar e apenas segui-lo. Deixei meu raciocínio ser bloqueado pelo meu temperamento explosivo. Talvez, se tivesse feito isso, Tarso Medeiros ainda estivesse vivo. *Deus do Céu, seria essa mais uma culpa para eu carregar?*

Peguei o rádio e chamei pela central. Queria novidades sobre o paradeiro de Getúlio.

– Ainda nada, chefe – respondeu a voz do outro lado.

Pedi, então, para falar com minha filha. Precisava ouvir sua voz.

Nunca pensei que fosse admitir isso, nem para mim mesmo, mas a amava demais.

A voz do outro lado veio receosa.

– Sua filha não está aqui, senhor.

Tive um mau pressentimento.

– Como assim “não está aí”?

– Ela saiu a pouco mais de uma hora acompanhada de Jaime.

Seguiram para o Hospital Geral.

Nesse momento, um segundo nome surgiu em minha cabeça rápido como um míssil. Um nome que despertava em mim todo o tipo de emoções. *Ódio, nojo, medo. Miguel Romero.*

Recompus-me do baque e acionei o rádio pela última vez.

– Estou indo para lá. E não quero que minha filha saiba disso. Avise Jaime para que me espere lá. Diga que é uma ordem. Quero encontrar Laura naquele hospital quando eu chegar lá. Nem que, para isso, ele tenha de algemá-la à porra da porta!

Desliguei o rádio sem nem dar atenção à resposta. Minha cabeça girava com uma quantidade enlouquecedora de

pensamentos simultâneos. Mas um deles surgiu fulminante, ex-purgando todos os outros. A voz de Cléber ecoava na minha cabeça: “*Nenhum deles continua preso. Todos foram soltos*”.

Senti meu pé pesando. O marcador de velocidade deitava no lado direito do velocímetro.

Miguel tinha saído da prisão há menos de uma semana. E tinha cumprido os últimos anos de sua pena em Folsom.

– Alô?– disse a voz do outro lado da linha.

– Cléber, aqui é o Júlio. Desculpe ligar para você aí, mas seu celular só dá caixa postal.

As mãos ocupadas me obrigavam a prender o celular entre a cabeça e o ombro direito. Uma das minhas mãos segurava o volante; a outra, trocava as marchas. Um policial tinha de se acostumar a fazer várias coisas ao mesmo tempo.

– São as torres, Júlio. Elas têm bloqueadores de sinal por causa dos presos. E dos guardas também.

– Entendo, mas não podia esperar para falar com você. Eu gostaria que... – uma curva acentuada fez com que eu deixasse o telefone cair. Tive alguma dificuldade para encontrá-lo. Celulares pareciam adorar aquelas pequenas frestas fora do nosso alcance. Dessa vez, enfiara-se debaixo do meu assento.

– Alô, Cléber? Não desligue!– eu gritava, enquanto buscava o aparelho, sem me preocupar com o que estava a minha frente.

– Finalmente!– comemorei, trazendo o telefone de volta ao local de antes. O agente havia aguardado pacientemente do outro lado da linha. Eu continuei.

– Preciso de um favor. Quero que dê prioridade a isso– eu disse, quase deixando o telefone escapar em uma nova curva.

– Pode falar, Júlio.

– Miguel Romero. Ele esteve preso aí por alguns anos. Você o conhece?

Outra curva! Droga!

– Sim. Eu o conheço. Saiu há poucos dias. Uma semana, no máximo. Mas por que está me perguntando sobre... Espera aí!

Você acha que ele tem algo a ver com tudo isso?

– Tenho quase certeza, Cléber– eu disse, finalmente vendo o hospital.

– Júlio, eu não sei no que está baseando sua suspeita, mas em todos os meus anos aqui, não me lembro de um só problema envolvendo Miguel. Pelo contrário. No que diz respeito à conduta dos prisioneiros, poderíamos dizer que o cara era o próprio papa.

Entrei no hospital pela área reservada às ambulâncias. A sirene da minha viatura não estava ligada, mas ainda assim ninguém veio me questionar quando abandonei o carro por ali mesmo. Um policial apressado nunca era um bom sinal.

– Cléber, confie em mim. Ele tem *motivo*. E inteligência.

Fale com seu informante de novo. Pergunte sobre Miguel. Acho que descobrirá que ele é o terceiro homem que procuramos.

Pensei em arrombar a porta do *hall* com um chute, mas o sensor colocado logo acima fez o serviço por mim. Quando cheguei à recepção, coloquei a mão sobre o telefone.

– Polícia– eu disse com firmeza. – Qual o número do quarto de Miguel Romero?

A mulher assustada começou a dedilhar o teclado com habilidade. O cabelo mal pintado chamava atenção. Em menos de três segundos veio a resposta: 316.

– Alô, Júlio? – perguntou a voz de Cléber do outro lado da linha.

– Estou aqui– respondi.

– Farei isso, mas devo dizer que acho que você está errado.

A descrição dada por ele não combina com o perfil de Miguel Romero.

– Você deve ter uma foto de Miguel nos arquivos da prisão.

Mostre ao seu informante. Preciso disso o mais rápido possível.

Assim que tiver uma resposta me ligue *imediatamente!*

– Farei isso. Até logo.

– Ah! E Cléber– eu disse antes de desligar o telefone e subir as escadas do hospital–, eu *nunca* estou errado.

Quarto 316. Finalmente. *Malditas escadas!*

Assim que entrei pelo corredor do terceiro andar, percebi como a numeração do quarto era algo completamente desnecessário. A porta estava cercada por várias pessoas. Na verdade, três pessoas para ser mais exato. Dois policiais e um padre. *E*

nada de Laura! Jaime, a quem havia confiado a segurança de minha filha; Plínio, responsável por vigiar o paciente daquele quarto e Paulo, que aparentemente abandonara o clero para ocupar o cargo de anjo da guarda de Miguel.

Os três conversavam tranquilamente, mas ficaram mudos no momento em que despentei pelo corredor. Meus olhos estavam fixos em Jaime.

– Onde está minha filha, seu idiota? Onde está Laura?

O rapaz ficou pálido. Sabia que enfrentaria as consequências de tudo aquilo, só que talvez não estivesse preparado para enfrentá-las tão cedo.

– Calma, Chefe. Laura está bem– disse ele, apontando em direção ao quarto.

Aquela resposta me deixou ainda mais furioso.

– Como assim “bem”? Deixe-me ver se eu entendi direito. Sua visão de segurança é deixar minha filha sozinha com um assassino dentro de um quarto?

Jaime engoliu seco. Como se tivesse se dado conta disso apenas naquele momento. Se analisado com frieza, tudo aquilo que eu dizia fazia sentido. Continuei caminhando em sua direção. Nervoso a ponto de sentir a pele queimar. Mas Jaime foi salvo pelo gongo, ou melhor, pelo padre.

– Júlio, não desconte suas frustrações como pai nesse rapaz. Ele não tem culpa se você não consegue controlar sua filha.

– O que você disse? – Meu rosto ardia como se tivesse encostado no próprio sol.

Acelerei meus passos, mudando de direção. Os punhos cerrados.

– Isso mesmo, Júlio. Apele para a violência mais uma vez– disse Paulo, tentando disfarçar a tensão. – Faça comigo o que fez com Miguel. Espanque-me até suas forças acabarem. Aí vamos saber quem é o *verdadeiro assassino* – as últimas palavras foram proferidas com uma entonação mais aflita. As mãos do padre já haviam se erguido em posição de defesa.

Admito que agredi-lo passou pela minha cabeça. Não fosse Paulo um padre, certamente já estaria deitado no chão frio daquele hospital. Nem nossa amizade seria suficiente para impedir. Fechei os olhos e contei até dez. Meu temperamento já havia trazido sérias consequências para um só dia.

– Saia da minha frente! Você não tem ideia do que esse sujeito é capaz. Como você pode deixar minha filha a sós com um traste desses?

– Júlio, entendo suas reservas em relação a Miguel, mas confie em mim, ele não é mais aquela pessoa de antes. Ele era apenas um garoto quando tudo aconteceu com Débora. E já pagou por isso.

– Débora? Quem está falando em Débora? – eu gritei de forma desmedida. – Estou falando de Agatha! De Tarso! Estou falando do filho que nunca poderei abraçar! Saia da minha frente! Eu não vou pedir novamente.

Paulo ficou em silêncio. Como se demonstrasse respeito pela minha dor. Sabia que havia perdido muito até ali. E sabia como pessoas assim podiam tornar-se perigosas nessas horas.

Ele se aproximou, tocando meu ombro com compaixão.

– Não sei nem o que dizer, meu amigo. Não posso fingir que entendo o que está passando. É terrível. Ainda não consigo acreditar que Tarso morreu. Ainda mais de maneira tão cruel. Mas posso dizer que direcionar a culpa dessa maneira inconsequente não é a saída para isso que o atormenta por dentro. Confie em mim. Miguel não pode ser responsável pela morte de Tarso. Ele esteve aqui a noite toda. Cheio de hematomas. Causados por você, inclusive. De uma estranha maneira, Deus escolheu você para inocentá-lo.

Não tinha tempo para lhe explicar o que havia conversado com Cléber Nunes na prisão e a nossa teoria de que os assassinatos eram obra de mais de uma pessoa. Apenas tirei a mão dele do meu ombro e o empurrei da frente da porta.

– Júlio, diga-me, o que você quer provar com isso? O que você pretende encontrar agindo assim?

Parei diante da porta ao ouvir aquele questionamento. Olhei para cima tentando achar uma resposta que o satisfizesse. Em vão. Finalmente, antes de entrar no quarto, virei para trás com um leve sorriso no rosto.

– No momento, Paulo, a única coisa que quero encontrar é uma tatuagem. Duas cobras entrelaçadas. Nada mais.

11h53

Antes de fechar a porta do quarto, ordenei a Jaime que não deixasse ninguém entrar sem minha autorização. Nem enfermeiras, nem médicos— e muito menos Paulo.

Miguel estava deitado na cama. Vestia um daqueles roupões descartáveis feitos com fibra sintética (que mais parecia papel) fornecido aos pacientes de hospital, sob a alegação de diminuir o risco de infecção hospitalar, mas que, para mim, nada mais era que uma manobra para a redução de custos. Parecia calmo e não se alterou mesmo quando entrei no quarto. O rosto ainda continuava um pouco inchado, principalmente na região em volta do olho esquerdo.

Ao seu lado, estava Laura. *De mãos dadas!* Eles nem tentaram disfarçar.

Certas coisas simplesmente não entravam na minha cabeça.

— Deixe-nos a sós, Laura, por favor— disse a ela, de forma direta—, preciso ter uma conversa particular com seu “amigo”.

Ela sorriu quando entendeu o sarcasmo das últimas palavras.

Depois, não se moveu um só centímetro.

— Conheço suas “conversas”, papai — disse ela, retribuindo o sarcasmo. — Não vou deixá-lo fazer isso de novo.

Miguel continuava calado. Era Laura quem conversava.

— Além do que, “papai”, você deveria se preocupar em falar com um advogado, e não com Miguel.

Tentativa de homicídio é crime, caso você não saiba.

Laura não tinha muitas coisas parecidas comigo. Havia puxado mais pela mãe. Mas aquela arrogância eu conseguia reconhecer. *A marca registrada dos Fontana.*

— Não vou falar de novo!— disse, engrossando um pouco a voz.

Ela nem se mexeu.

— Será que você não entende que esse homem a quem você dá a mão é um assassino?

Laura passou a língua entre os lábios e meneou a cabeça. Como se tivesse ficado um pouco constrangida. Depois, para minha surpresa, levou a outra mão até onde estava a primeira.

— Claro que eu sei. Miguel me contou tudo. *Tudo mesmo!* — disse ela, esfregando a mão dele entre seus dedos. — Mas ele já pagou por esse crime. Por quase trinta anos. Um castigo muito maior do que merecia.

— Um castigo maior do que... Você está ficando louca!?!— eu disse antes de encará-lo com ódio. — O que você fez com a minha filha, seu filho da mãe?

Enquanto as mãos de Laura o acariciavam, as minhas foram direto para sua garganta. Pela primeira vez, Laura abandonou a cadeira na qual permanecera sentada todo o tempo. Ela pulou nas minhas costas, tentando me afastar de Miguel, que concentrava estrangulamento. Girei meu corpo arremessando Laura sem querer sobre a mesa redonda usada para as refeições. O estrondo fez com que Jaime abrisse a porta.

Olhei para Laura e a vi massageando a nuca com uma das mãos.

Ela estava bem. *Graças a Deus!* Virei, então, para a porta.

— Ninguém entra!

O berro fez com que Jaime fechasse a porta na hora. Miguel ainda recuperava o fôlego, enquanto o rosto ia voltando a sua cor normal com a retomada da circulação do sangue. Fui até Laura e tentei ajudá-la a se levantar. Ela estapeou minha mão com raiva.

— Tire suas mãos repulsivas de cima de mim!

— Laura, desculpe-me, não queria machucá-la, mas você parece não entender que...

— É você que não entende!— ela interrompeu com firmeza. — Miguel e eu não temos segredos! O que

quer que você queira falar com ele, terá de falar na minha frente. A não ser que ele peça para eu sair.

Miguel sorriu para Laura. *Sorriu para minha filha na minha frente!* Não conseguia entender aquela relação. O que eles eram? Amigos? Amantes? Ambos? A verdade é que ele havia feito uma bem-sucedida lavagem cerebral naquela frágil menina. Minha única chance seria tentar reverter esse quadro, e era exatamente isso que eu iria fazer.

– Muito bem, Laura. Você quer ouvir o que tenho a dizer?

Então, sente-se e se prepare para uma grande decepção.

Laura e Miguel ficaram impassíveis enquanto eu relatava tudo aquilo que havia descoberto. Na verdade, ainda não havia prova alguma que o incriminasse, ou que sequer demonstrasse sua participação em todas aquelas tragédias ocorridas nas últimas horas, mas queria que Miguel soubesse que isso era apenas uma questão de tempo. Queria que soubesse que eu estava na sua cola.

Abri o jogo. Falei que sabia sobre seus encontros secretos com Teotônio Saldanha e Daniel Pontes na prisão; que sabia sobre a tal *gangue* formada com o único intuito de planejar a vingança contra mim e minha família; comentei que já sabíamos que todos eles tinham em comum a proximidade da data em que deixariam a cadeia e como, em breve, a lista de presos libertados confirmaria todas minhas suspeitas. “Aposto que só iremos achar o seu nome nessa lista”, disse, com tamanha segurança que fez com que ele desviasse o olhar.

Miguel ajeitou-se na cama, colocando o travesseiro verticalmente reto no encosto. Sentou-se quase que com as costas totalmente eretas. Como se quisesse demonstrar uma espécie de al-tivez enquanto me ouvia. Quando falou pela primeira vez, pareceu escolher a dedo um assunto que apagasse aquele sorriso de vitória da minha boca.

– Paulo me contou sobre Tarso Medeiros– disse ele, num tom solidário. – Eu sinto muito, Júlio.

Contei até dez antes de falar novamente. Não o deixaria mais tirar minha tranquilidade. Se eu realmente estivesse perto de provar seu envolvimento, não haveria necessidade para destempero.

– Paulo lhe contou ou você se “confessou” com ele?

A ironia foi visível.

– Não entendi sua pergunta – disse ele, franzindo a testa. – Como poderia fazer algo parecido se estou aqui enfiado nessa cama de hospital? Por sua causa!

– Não sei, Miguel. Me diga você. Talvez, por não estar agindo sozinho. Talvez, por imaginar minha reação ao vê-lo com minha filha. Talvez por ter arquitetado tudo isso com a frieza do vagabundo filho da mãe que você é!

1...2...3...4...5...6...7...8...9...dez. Calma, Júlio. Seja paciente.

Esse foi o momento em que Laura escolheu para intervir.

– Eu não acredito que esses sejam seus motivos para agredir e ameaçar Miguel dessa maneira. O que você diz é um completo absurdo.

Se quisesse trazer minha filha de volta, teria de fazer melhor do que estava fazendo. Miguel mostrava-se um oponente de respeito.

– Tire o roupão!– disse a ele energicamente.

Tanto Miguel quanto Laura pareceram surpresos com a minha ordem. Enfatizei o pedido.

– Vamos, Miguel. Tire seu roupão. Já que não tem nada a temer.

– Não tenho mesmo. Mas não entendo a razão para o seu pedido. Além disso, há uma mulher presente no quarto.

– Uma menina – eu corriji. – Laura ainda é uma menina. Mas não se preocupe, tenho certeza de que ela não irá se importar em vê-lo seminu, tendo em vista a relação próxima de vocês.

Laura levantou-se carregada por uma fúria que nunca havia visto antes. *Talvez por mim, pensei.*

– Não admito que você fale assim comigo! Eu não sou igual a minha mãe que teve de aguentar esse

seu temperamento durante anos. Você não passa de um velho decrépito. Um homem mesquinho e egoísta. Não é à toa que ela te deixou.

– Sua mãe não me deixou, Laura. Eu que a expulsei de casa. No exato segundo em que descobri que ela era uma vagabunda!

Arrependi-me do que disse no mesmo segundo. Podia contar até cem se quisesse, e de nada adiantaria. Laura sabia como me tirar do sério. Fora assim nos últimos seis anos. Brigas e mais brigas intermináveis. Muitas foram as vezes em que eu saía da delegacia, preferindo ir para qualquer lugar que não fosse minha casa.

– Minha mãe era uma santa por ter de suportar você dia e noite. Isso sim! Devia ter tido muitos amantes. Muitos. Homens que pudessem dar a ela o prazer que você nunca foi capaz. Ela sempre se sentiu uma porcaria ao seu lado. Uma dona de casa de merda! Nunca uma mulher. Nunca!

As palavras vociferadas por ela me atingiram como tiros de pistola. Talvez não fosse Miguel que tivesse feito um ótimo trabalho nela. Talvez eu é que tivesse feito um péssimo. Em qual momento eu teria perdido o amor de minha filha? Como pude deixar as coisas chegarem a esse ponto? Tinha de ver Laura cuspir nossa intimidade dessa maneira agressiva, como se eu fosse culpado por todos os problemas do mundo! E tudo isso na frente desse desgraçado! Olhei para ele e vi os rostos de Débora, Agatha, Tarso. Todas as pessoas que eu amava e que *ele* havia tirado de mim.

Puxei minha arma, apontando-a para ele. Estava disposto a ir até as últimas consequências.

– Tire o roupão... Agora! – eu gritei. – Quero ver a porra da sua tatuagem!

Demorou pouco para que Miguel concordasse em tirar a parte de cima do roupão. O físico bem cuidado parecia pertencer a um homem pelo menos dez anos mais jovem. No peito, algumas cicatrizes pareciam servir como uma passagem só de ida para uma dolorosa volta ao passado.

Nos ombros também não havia sinal de tatuagem, apenas um enorme ferimento ainda em processo de regeneração, mas que já avisava que deixaria sua marca.

Miguel recolheu os ombros ao perceber meu desapontamento.

– Não falei? Nenhuma tatuagem – disse ele, ao me encarar com um olhar vitorioso. – Espero que agora você pare de me perturbar com suas suspeitas infundadas.

Fiquei calado. Sinceramente, não esperava por aquilo.

Tinha certeza de que veria as duas cobras tatuadas em seu braço. Uma discussão do lado de fora da porta me tirou do meu transe. Jaime apareceu para falar comigo, mas foi empurrado por um médico querendo entrar no quarto.

– Posso saber o que está acontecendo aqui? – perguntou, com cara de poucos amigos.

– Doutor, assunto policial. É só o que precisa saber. Faça o que tem de fazer e depois saia, por favor – respondi, usando também a minha cara de poucos amigos.

O médico pareceu não acreditar no que tinha ouvido.

– Não me diga quando entrar ou sair do quarto de um paciente meu, policial. Não me importa qual a sua profissão, ou qual o motivo para estar aqui, nesse hospital eu sou a autoridade máxima. Entendeu? Acenei que sim com cabeça. Seria melhor não discutir. Depois, tentei explicar a situação.

– Doutor, só quero que saiba que esse homem é um expresidiário. Suspeito de matar duas pessoas na última semana – *três, contando meu bebê*, pensei comigo mesmo. – Por isso tanta gente aí fora.

O médico já examinava Miguel, checando seus ferimentos, sua garganta, seus reflexos. Parou por um segundo, encarando-me com firmeza.

– Dentro deste quarto, ele é apenas meu paciente. Entendido?

Não me importo se ele deu início a um novo holocausto. Aqui, ele é intocável.

Imaginei o que aquele médico faria se soubesse que havia acabado de apontar uma arma para a cabeça do seu paciente .

Temí que Miguel me dedurasse, mas ele permaneceu calado.

Olhou para mim como se hasteasse uma bandeira branca. Laura também não se manifestou. Apenas ficou sentada no canto do quarto.

– Além do que, em breve não teremos mais esse problema.

Os exames não demonstraram nenhum tipo de traumatismo craniano ou qualquer outra lesão mais grave; portanto, nosso amigo receberá alta logo. O ideal seria ficar aqui até amanhã de manhã, por causa do edema no olho, mas temos poucos leitos e muitos outros pacientes – disse ele, enquanto abaixava o roupão de papel usado por Miguel e colocava o estetoscópio em seu peito. – Talvez você devesse concentrar suas forças em achar quem fez isso com ele também. Isso não é coisa de gente normal.

Tive certeza que Laura revelaria a ele quem havia sido o agressor. Que era eu o *anormal* que saía pelas ruas abusando do meu poder de delegado para agredir e humilhar as pessoas de quem não gostava. Mas ninguém deu um pio sequer. Laura e Miguel permaneceram estáticos como duas estátuas. E eu não conseguia imaginar o motivo. Eu não havia perdido a chance de cuspir para o médico o canalha que Miguel era. Eles tiveram a mesma oportunidade, mas preferiram o silêncio. E isso me incomodou bastante.

O médico mandou que Miguel vestisse sua roupa. Recolocou o estetoscópio no pescoço e deu mais uma olhada em seu braço.

– Vou trazer uma pomada para ajudar a cicatrizar este ferimento no ombro. O machucado está bem feito. Deve ter tido algum motivo muito sério para querer apagar essa tatuagem.

Arregalei meus olhos como se tivesse levado um choque na tomada.

– Como assim “tatuagem”, doutor?

– Ora, policial – disse ele com um sorriso no rosto –, não sou nenhum Sherlock Holmes, mas sei fazer minhas deduções também. Já vi vários ferimentos iguais a esse. Todos feitos por pessoas que queriam livrar-se de suas tatuagens. Um nome ou o rosto de um amor não mais correspondido. Um desenho mal feito, ou uma frase mal escrita. Enfim, os mais diversos motivos. Sessões a *laser* são a maneira mais indicada, mas custam caro. Disse que seu amigo aqui é expresidiário, certo? Portanto, não é preciso ser um gênio para deduzir que ele usou a maneira menos indicada. Suscetível a infecções.

Ficamos todos em silêncio. Dessa vez, fui eu que tive a oportunidade de falar algo, mas me calei também. O médico foi até a porta e, antes de sair, informou que a alta viria em alguns minutos. Quando a porta se fechou, apenas tirei as algemas presas no meu cinturão e as joguei na direção de Miguel.

– Coloque isso. Você vai embora comigo.

12h21

Mesmo quando o micro-ondas apitou anunciando o fim do seu serviço, o homem sentado no pequeno sofá na sala ao lado continuou a mudar com rapidez os canais da televisão, como se procurasse alguma informação específica.

Levantou-se no momento em que o forno deu sinais de insistência com seus apitos intermitentes. Ignorar aquilo seria como tentar dormir com uma goteira no chuveiro. O tamanho do homem, somado ao volumoso bigode e à barbicha que descia até a altura do queixo, seriam suficientes para deixar em alerta qualquer lutador de vale-tudo.

Caminhou até o balcão da cozinha e pegou os dois hambúrgueres já descongelados. A pia entupida de louça suja serviu ao seu propósito. Apanhou o primeiro prato da pilha, jogou uma leve água por cima e colocou os dois sanduíches.

O peso e a barriga denunciavam a falta de exercícios regulares, além do péssimo hábito alimentar. Abriu a geladeira e tirou de dentro um pacote com seis latas de cervejas. Seguiu de volta ao sofá esticando a perna sobre uma pequena mesa de centro. A primeira mordida no sanduíche foi misturada ao primeiro gole na cerveja. Ambos estavam mornos, mas ele parecia não se importar muito com isso. Já tinha tido refeições piores.

Sua solidão foi quebrada quando um rapaz entrou na casa, vindo da rua. Parecia ser mais novo e, certamente, mais frágil que o outro. Tinha a mão direita enfaixada por uma gaze e uma pequena mancha vermelha aparecia no lugar onde deveria haver um dedo. Na outra mão, o rapaz carregava um saco.

– Nada na TV sobre a gente. Passei por todos os canais – disse o homem, cuspidos pedaços de pão enquanto falava.

O rapaz colocou o saco na mesa de centro ao lado do pé do homem que falava. Levou a mão esquerda até à direita com uma expressão de dor.

– Que porra é essa?– perguntou o homem com a cerveja na mão.

– Nada demais. Só uns remédios que comprei por causa do meu dedo.

O homem irrompeu em uma fúria inesperada, levantando-se do sofá e arremessando na parede a lata de cerveja que segurava.

– Você está maluco? Quer passar os próximos anos na cadeia, seu idiota?

– Meu dedo dói porra! O que eu posso fazer? É uma dor que vai e volta, vai e volta. É insuportável!– o desespero parecia genuíno. – E o pior de tudo é que sinto como se meu dedo ainda estivesse aqui. Como se não tivesse sido arrancado por aquele filho da puta!

– Agora só falta me dizer que fez a compra com cartão de crédito– respondeu o homem com ironia.

O sujeito voltou a se sentar no sofá, dando a impressão de que havia se acalmado. O rapaz sentou-se ao seu lado. O rosto já parecia mais aliviado.

– Não se preocupe. Paguei em dinheiro. Também fiz questão de analisar o local e não havia câmeras na farmácia.

Entrei e saí. Simples assim. Não vamos esquecer que só estou passando por isso porque não te entreguei, Teotônio. Se falasse para aquele delegado o que ele queria ouvir...

Getúlio nem conseguiu terminar a frase. Quando percebeu, já estava com uma faca encostada em sua garganta. Teotônio, apesar de grande e fora de forma, tinha uma agilidade felina. E uma falta de piedade humana.

Os dois ficaram em silêncio por alguns segundos. Teotônio sentia o primo tentando ler em seu rosto a veracidade daquela ameaça. Gostava dessa sensação de controle absoluto, de poder decidir quem vive ou quem morre. Adorava “brincar de Deus”.

Saiu do transe quando seu telefone tocou. Deixava de ser “Deus”, voltando a ser Teotônio. Tirou a faca do pescoço do primo.

– Agora estamos quites. Fiz você perder o dedo, mas devolvi-lhe a vida – disse ele, guardando a faca. Atendeu ao telefone sem dizer uma só palavra. Ficou mudo por alguns segundos com o celular grudado à orelha. Logo depois, desligou o aparelho e, com um sorriso, deu dois tapinhas leves na cara do primo.

– Vá pegar a picape. Temos um serviço a fazer.

Já havíamos deixado o hospital geral de Canhedo há alguns minutos. Tempo suficiente para chegarmos sem maiores problemas à estrada que ligava as duas cidades. Dali até Novo Salto havia mais vinte quilômetros de uma estrada de mão dupla com algumas curvas sinuosas.

Ao meu lado vinha Laura. Miguel estava no banco de trás, separado de nós por uma grade de ferro. Ele não havia dito uma só palavra até ali. Nem quando permiti que Laura nos acompanhasse na viatura até a delegacia ele se manifestou. Deixá-la ir comigo, aliás, havia sido a forma que encontrei de comprovar que não submeteria Miguel a qualquer tipo de pressão ou tortura durante o trajeto.

O silêncio também nos acompanhava. Miguel e Laura pareciam aproveitar a bela vista da pequena estrada cercada por enormes pinheiros do lado esquerdo e inúmeras chácaras do lado oposto.

Até que Miguel, finalmente, decidiu quebrar o silêncio.

– Durante toda minha vida, meu grande sonho foi ser dono de um desses pedaços de chão. Plantar minha horta, meu trigo e viver na mais completa tranquilidade – ele disse com pesar. – Mas a vida nem sempre nos leva aonde queremos, não é mesmo, Júlio?

Laura olhou para trás. O rosto demonstrava compaixão.

– Tenho certeza de que ainda conseguirá isso. Confie em mim – ela disse.

– Talvez daqui a uns trinta anos – eu interrompi friamente. – Você acha que terá energia para esse tipo de trabalho quando chegar aos 80?

Laura olhou para mim com um ar de reprovação. Realmente meu comentário havia sido desnecessário. Miguel não me respondeu. Continuou apenas acompanhando a paisagem do lado de fora. Meio indiferente.

– Sabe quem também tinha o mesmo sonho? – eu continuei. – Débora – respondi, sem esperar por sua resposta. – Mas ela nunca terá essa oportunidade. Graças a você.

– Pai, você é uma pessoa insuportável, sabia? Quando bota algo na cabeça não há santo que tire. Para que insistir nesse assunto?

– Insistir nesse assunto? Você fala como se discutíssemos sobre quem tem de lavar a louça do jantar ou coisa parecida. Laura, esse cara é um assassino. E Débora, minha amiga. Eu nunca vou colocar isso de lado.

Miguel esfregou os cabelos com delicadeza. Depois, estalou o pescoço forçando a cabeça para os dois lados com as palmas das mãos. Mantinha um ar impassível.

– Deixe, Laura. Não quero que discuta com seu pai. Ele tem sua razão. Só quero que saiba, Júlio, que, independente de qualquer coisa, já paguei minha pena por esse crime.

Mais uma vez, aquele assassino frio e calculista vestia sua máscara de santo. O cara que, apesar de todas as *injustiças*, não queria ver a filha discutindo com o pai. Não havia como eu manter a calma.

– Você pode ter certeza absoluta de que tenho razão. Sei o tipo de homem que você é, e sei das coisas que você é capaz de fazer. Não tenho 18 anos, meu caro, e muito menos sou uma menina mimada cujo único objetivo na vida é confrontar e desafiar o próprio pai. Seu papo não cola comigo. Para mim, você não passa de um lixo humano.

Laura não gostou nem um pouco do que eu disse. Minhas palavras haviam agredido não só ele, como ela também. A discussão foi inevitável. Ouvi Laura dizer coisas que nenhum pai desejaria ouvir da

própria filha. Ou de qualquer um que fosse.

Sempre me esforcei para que ela sentisse nada menos que orgulho de mim, da minha profissão, da minha conduta— *tirando meu comportamento nessas últimas horas, claro!* —, mas tinha conseguido exatamente o contrário. Laura tinha vergonha do pai. Tinha vergonha de ser minha filha.

Em meio a toda aquela agressão verbal, muitas coisas foram ditas, mas, devo admitir, a última coisa que me lembro de ter ouvido veio direto da boca de Miguel: “Cuidado!”.

Depois, tudo ficou escuro.

Apesar do nome pomposo, a chácara *Espírito do Cherokee* tinha uma simplicidade clássica. A casa principal, com pouco mais de 60m², era feita com madeira cortada do tronco de pinheiros. Uma pequena garagem dava abrigo a um antigo trator enferrujado, que já começava a dar sinais de cansaço pela árdua batalha do dia a dia.

Dentro daquele cenário, apenas uma coisa parecia se desta-car: uma picape vermelha seminova. O carro parado no alto do morro, no início da pequena estrada de terra que levava ao asfalto lá embaixo, parecia estrategicamente posicionado. Dali, era possível enxergar boa parte da estrada principal.

Sentados, dentro do carro, havia dois homens.

– Ainda não entendi o que estamos fazendo aqui neste sítio imundo, Teotônio. Por que você não me diz o motivo?

– Já disse. Não vejo razão para isso. Ou você precisaria justificar a um empregado seu o porquê de querer um copo d’água?

– A única diferença, “primo”, é que eu não sou seu empregado.

Teotônio encarou-o com uma frieza assustadora.

– Então, talvez você não me tenha serventia nenhuma— respondeu, engatilhando a arma.

Teotônio sabia ser bem “convicente” quando queria.

Os dois ficaram sem se falar por alguns minutos, até que um carro despontou na estrada lá embaixo. Ainda não tinham certeza, mas de onde estavam, o carro parecia ser uma viatura de polícia.

– Ponha o cinto – avisou Teotônio ao dar partida na picape.

– O que pretende fazer, primo?

Getúlio não obteve resposta. Apenas ouviu o grito de “Ya-hoo” antes do carro acelerar em alta velocidade. A picape balançava pela estrada de terra fazendo com que ambos chacoalhassem como se estivessem montando um touro bravo.

A descida fazia sua parte, ajudando o veículo a tomar velocidade. Em poucos metros, o velocímetro já marcava mais de sessenta quilômetros por hora.

– Segure-se!— Getúlio ouviu o primo gritando, ao fechar os olhos. Só então percebeu o motivo de terem aguardado ali todo aquele tempo. A colisão já parecia inevitável. Fechou os olhos e segurou-se no apoiador em cima da porta do passageiro.

E só esperou pelo estrondo.

O céu aberto sem nuvens servia como palco ideal para qualquer homem romântico. Por isso, eu havia saído do trabalho direto para casa naquela sexta-feira de primavera. Na verdade, não direto para casa. Tinha feito uma parada antes.

– Um buquê de begônias, por favor – eu disse, enquanto lia no quadro da floricultura o significado de cada uma das flores.

Amor leal descrevia perfeitamente o que sentia.

Segui lentamente para casa, pensando na reação que Sylvia teria ao me ver com aquelas flores. Primeiro, surpresa; depois, alegria. Provavelmente soltaria aquele sorriso sem falhas, capaz de desarmar o mais impiedoso dos homens. Minha esposa sempre reclamara que não a surpreendia. Hoje, tudo seria

diferente.

Parei a viatura bem na frente da minha casa. Sem fazer som algum. Desci do carro e caminhei beirando a pequena cerca de madeira que separava nosso terreno do terreno do vizinho.

Notei as ferramentas do jardineiro abandonadas no chão. Segui pela lateral da casa até a porta dos fundos.

Aberta.

Estranhei aquilo. Apesar do baixo índice de criminalidade – quase nulo, é verdade – sempre ensinei minha esposa e filha a tomar todas as precauções necessárias. Família de delegado sempre tinha de estar atenta. Ossos do ofício.

Entrei segurando o buquê com uma das mãos e a pistola com a outra. Ninguém na cozinha; nem na sala. Coloquei as flores em cima da mesa de jantar e passei a revistar a casa, cômodo por cômodo. Senti a adrenalina tomando conta do meu corpo. Aquela substância agia de forma diferente em cada pessoa. Algumas ficavam eufóricas; outras, ansiosas. Eu me tornava invisível. Senti-la me deixava atento, concentrado, equilibrado.

Características essenciais na minha linha de trabalho.

Caminhei silenciosamente até chegar ao meu quarto. A porta fechada trazia maus pressentimentos. Com a arma apontada para frente, girei a maçaneta. Trancada! Minha cabeça foi invadida por uma voz soberana que gritava contra todos os anos de treinamento na Academia de Polícia. “Invade! Invade!”, ela insistia martelando meus pensamentos.

Bastou um tiro para que a porta se escancarasse, como as pernas de uma mulher oferecida. No quarto, não havia ninguém.

Ao pé da janela, observei algumas roupas jogadas. Roupas masculinas. Lá de cima, pude ver quando um homem nu despontava pela rua. Fugindo como um animal assustado. O meu jardineiro.

A porta do banheiro, antes fechada, abriu-se logo depois.

Sylvia, assustada, vestia apenas uma toalha branca. Parecia totalmente surpresa com a minha presença ali. De uma maneira estranha tinha conseguido atingir meu objetivo: surpreendê-la.

Só que dessa vez eu não veria o sorriso de alegria depois. Nem queria ver.

Ainda estava com as calças do vagabundo em minhas mãos quando ela dirigiu-se a mim.

– O que está acontecendo aqui?

Não acreditei que quisesse disfarçar ainda. Aquela situação era tão injustificável quanto batom na cueca.

– A única coisa que “está acontecendo” é que me casei com uma vagabunda. Uma rameira de última categoria – respondi, antes de deixar o quarto.

Queria pegar aquele safado de qualquer maneira. Fazê-lo sofrer como eu sofria agora. Desci as escadas em direção ao carro estacionado na calçada. Vi as begônias repousando con-vidativas na mesa de jantar.

– Amor leal é o raio que o parta! – bradei inconformado.

Joguei o buquê no tapete em frente ao banco do passageiro.

Depois de acertar as contas com aquele filho da mãe, voltaria para casa. E, dessa vez, traria comigo algo bem mais espinhoso.

– Júlio! Júlio! – chamava a voz aflita do lado de fora. – Você está bem?

Sentia minha cabeça girar para todos os lados. Como se estivesse andando numa das montanhas-russas desses parques radicais. Não conseguia enxergar nada com nitidez. Parecia ter uma lente de 6 graus à frente dos olhos. Meu corpo doía quase por inteiro. Apenas as pernas não me incomodavam, e exatamente por isso foram as que mais me preocuparam.

Ouvi uma segunda voz atrás de mim.

– Pai, o senhor consegue se mexer?

A pergunta me acertou como um raio. Por que não conseguiria? O que tinha acontecido? Olhei para os lados apertando os olhos em busca de foco. Piscavam na mesma intensidade com que uma criança brinca com um interruptor de luz. Quando percebi o que tinha acontecido, não acreditei. *Meu Deus! Como não me recordo disso?*

O carro em que estávamos havia capotado na estrada, terminando abraçado ao tronco de um enorme pinheiro. Do lado de fora, Miguel e Laura pareciam bem. Apenas algumas escoriações. Somente eu permanecia dentro do automóvel. Podia vê-los agachados na janela do passageiro. Minha porta estava presa pela árvore.

– O que aconteceu?– perguntei com a voz rouca.

– Um carro bateu na gente há uns cinquenta metros. Uma enorme picape vermelha. Capotamos algumas vezes, até que batemos nesta árvore. Não sei como estamos vivos, pai. Miguel e eu conseguimos sair. Agora, precisamos tirar o senhor.

O impacto da batida devia ter sido enorme para fazer com que minha mente não se recordasse de nada. Miguel ajoelhou-se e entrou no carro. Havia pouco espaço livre dentro daquele emaranhado de ferragens. Ofereceu-me a mão. Meu inimigo agora tornava-se meu salvador.

Por mais que ele puxasse, meu corpo não saía do lugar. Suas mãos estavam algemadas, o que dificultava ainda mais o res-gate. Consegui alcançar meu cinto e pegar a chave das algemas.

Entreguei a ele. Miguel se soltou e voltou para dentro do carro.

Parecia querer me libertar a qualquer custo.

– Força, Júlio! Eu puxo daqui e você puxa daí. Isso! Força!

Não havia no mundo uma sensação pior do que a impotência.

– Não consigo. Droga! Minhas pernas estão presas. Tente puxar com mais força, Miguel. *Argh!* Para! Para! Não dá.

Se por um lado a dor que senti foi insuportável, por outro, foi muito bem-vinda. Era sinal de que minhas pernas ainda tinham *vida*. Só que, agora, precisaríamos encontrar outra forma de me tirar daquela situação.

– O rádio!– eu disse, apontando para o painel do carro. – Veja se ele está funcionando. Chame por ajuda. *Argh!* – agora, qualquer movimento trazia uma dor lancinante.

Miguel foi até o aparelho e puxou a ponta com o microfone.

Nada. Tentou mexer em todos os botões mas sem qualquer sucesso. Nesse momento, ouvimos o primeiro zunido na lataria do carro. Depois, outro. E mais outro. Como se o carro estivesse sendo atingido por pequenas pedras.

O grito de Laura fez meu coração gelar na hora. Transformou minha desconfiança em certeza. Aquilo não eram pedras. Eram *tiros!*

A cada segundo, o barulho ficava ainda mais forte. O atirador caminhava em nossa direção. Não havia o que eu pudesse fazer preso daquele jeito, de ponta cabeça. Consegui alcançar minha pistola e joguei-a para Miguel.

– Eu não sei usar isso!– ele disse, assustado com o revólver na mão.

– Apontar para ele já é um bom começo – retruquei com um inesperado sarcasmo.

Miguel atirou três vezes. Nenhum dos disparos sequer chegou a ameaçar o homem que finalmente eu conseguia ver correndo pelo asfalto.

– Tire Laura daqui!– eu gritei, chamando sua atenção.

Laura berrava, tomada pelo desespero de quem nunca havia convivido com uma situação semelhante. Miguel ajoelhou-se novamente. Disse que não me abandonaria ali. Não havia mais tempo a perder. O homem continuava sua caminhada impiedosa. Agora vinha a passos lentos. Precavendo-se dos tiros disparados contra ele.

– Eles querem a minha filha! Você não percebe? Se eles a pegarem, vão torturá-la, matá-la, picá-la e depois, ainda me mandarão os pedaços. Vá! Agora! Coloco minha filha sob sua responsabilidade— estiquei meu corpo o máximo que pude até que consegui pegá-lo pela camisa. – Você me disse o tempo todo que não tinha nada a ver com isso. Chegou a hora de me provar que dizia a verdade!

Miguel olhou nos meus olhos com firmeza e saiu correndo levando Laura com ele. Como um raio. Sem nem conseguir ouvir meu pedido de desculpas.

Apesar do forte impacto, a picape havia sofrido menos danos do que o esperado. Já a grade de aço que protegia o motor fizera bem seu trabalho de absorção e ficara completamente retorcida. Getúlio levantou a cabeça com dificuldade. O pescoço doía bastante por causa da batida e os pensamentos pareciam desgovernados.

Olhou para o primo ao volante. Teotônio começava a reco-brar os sentidos perdidos após o forte impacto. Junto com a consciência veio a dor. E um comentário, no mínimo, inusitado.

– Acho que calculei mal a velocidade— disse ele, iniciando uma risada doída logo em seguida.

Getúlio olhou para frente e viu pela primeira vez o estrago feito no carro abalroado. Ele estava de ponta cabeça, imprensado em um enorme pinheiro à beira da estrada a, pelo menos, cinquenta metros de distância. Surpreendeu-se ao ver duas pessoas saindo de dentro do carro. Achava que a força da batida tivesse deixado apenas corpos sem vida.

– Teotônio, temos de agir rápido. Veja lá na frente. Não podemos deixá-los chamar a polícia.

– Eles são a polícia, seu idiota!

– Reforços, eu quis dizer. Daqui a pouco isto aqui vai estar infestado de policiais. Temos de sair daqui.

– A garota— Teotônio disse, reprimido pela dor. – Não podemos sair sem a garota. Droga!— reclamou ao tentar mexer a perna e, depois, olhando para mim, disse: – Você vai ter de pegá-la!

Getúlio viu o primo puxar a pistola da cintura. Entregou-lhe a arma pedindo que não houvesse erros. Raptar a menina era parte essencial do plano. Apesar de destro, Getúlio pegou a arma com a mão esquerda. A mão direita, graças a Júlio Fontana, tinha sido privada do seu dedo indicador. Ou seu “dedo do gatilho”, como Teotônio costumava dizer.

Olhou para o carro acidentado e viu um homem ajoelhado ao lado do veículo. Alguém deveria estar preso nas ferragens.

Ou morto dentro delas. Podia ver a menina do lado de fora.

Abriu a porta e seguiu em direção à viatura. Com a pistola empunhada na mão esquerda, passou a trotar, ainda afetado pela batida. A cabeça girava, dando a impressão de que poderia explodir a qualquer momento.

Deu o primeiro tiro. Depois mais um. E mais outro. Não era um profissional em tiro ao alvo, mas a falta de habilidade na mão esquerda foi decisiva para que não acertasse seu alvo.

Ouviu a menina gritando; ainda bem que estavam no meio de uma estrada. O grito era, sem dúvida alguma, poderoso. De repente, o homem agachado saiu de dentro do carro empunhando um revólver. Devolveu alguns tiros, mas nada que o tivesse ameaçado de verdade. Ainda assim, passou a caminhar com cautela.

Tentou acelerar os passos na hora em que ele fugiu carregando a garota pelo braço, mas o corpo não o atendeu. Pensou na reação do primo quando chegasse de mãos vazias, mas a culpa por ter ocasionado um acidente naquelas proporções era de Teotônio.

Agachou-se no momento em que chegou ao veículo capotado. Da cabeça escorria uma fina linha de sangue que percorria o nariz até chegar à boca. Sorriu com a ironia de encontrar Júlio vivo e preso às ferragens. Abandonado pela filha e pelo outro homem. Sozinho. A sua mercê.

Sentiu imenso prazer ao ver o olhar surpreso e assustado do delegado assim que percebeu que ele

estava agachado na porta.

O homem parecia saber o que o esperava.

– Este mundo dá voltas mesmo. Quem imaginaria ver a situação se invertendo desse jeito? Agora é você quem vai sofrer na minha mão, seu merda. Não importa o quanto eles o queiram vivo. Daqui deste carro você só sai morto. Isso eu garanto!– disse Getúlio, encarando com raiva a mão com o dedo amputado.– Sim, Júlio. Você vai morrer. Mas antes que isso aconteça, você vai implorar para que eu o solte; depois, para que eu o poupe. Finalmente, para que eu o mate.

Então, puxou do bolso da calça um maço de cigarros. Tirou um isqueiro de dentro.

– Acho que estou no clima para um churrasco. E você?

Getúlio estava em pé ao lado da viatura acidentada quando um carro passou por ele seguindo na direção contrária. O motorista acelerou o automóvel quando o viu empunhando a pistola 9mm. A partir dali, ele sabia que a chegada de reforços seria questão de minutos. Agachou-se para falar com Júlio, preso às ferragens.

– Quando o reforço chegar aqui, eu já estarei muito longe. E você muito tostado. Pode acreditar nisso.

Júlio nada disse. Apenas continuou concentrando-se em ar-ranjar uma forma de se livrar daquela prisão de aço. Getúlio levantou-se ao ouvir outro carro se aproximando. Já tinha a arma apontada para o veículo quando percebeu ser a picape vermelha de seu primo.

– Onde está a garota?– Teotônio perguntou, ao sair mancando do carro.

– Fugiu – Getúlio respondeu. – Estou tentando descobrir para onde.

Teotônio abaixou até que cruzasse seu olhar com o do inde-feso e impotente delegado. Sorriu de prazer. Algumas pessoas realmente tinham uma vocação para a violência.

– Melhor dizer onde está aquela *putinha* ou vamos fazer você arder antes mesmo de chegar ao inferno.

Getúlio gostou da frase usada pelo primo. “*Arder antes mesmo de chegar ao inferno*”. Infelizmente, seu cérebro não pensava em coisas desse tipo. Foi até a picape e subiu na caçamba. Saiu de lá carregando uma mangueira e um pequeno galão vazio. Seguiu até a viatura e retirou a tampa do tanque.

Colocou a mangueira dentro do buraco e sugou a outra ponta com a boca. Repetiu o movimento algumas vezes até que cuspiu um pouco de gasolina, colocando a mangueira no galão.

Teotônio perguntou novamente ao delegado sobre a garota.

Getúlio assustou-se ao ver seu primo levantando num impulso.

As mãos esfregavam o rosto. Abaixo dos olhos escorria um líquido verde e rançoso.

– Me dá essa merda aí! Esse desgraçado cuspiu em mim!– disse ele, tomando o galão das mãos de Getúlio.

Teotônio passou a banhar o carro inteiro com a gasolina do tanque. Júlio também ficou encharcado. O outro parecia descontrolado. Acendeu um isqueiro e ajoelhou-se perto do delegado.

– É sua última chance de evitar uma morte sofrida e dolorosa. Diga onde está sua filha agora ou eu prometo que, depois de matá-lo, vou encontrá-la e cuidar muito bem dela. Senão, quando achá-la, primeiro irei comê-la como a puta que ela é.

Depois vou arrancar uma a uma suas unhas, seguindo para os dedos. Depois braços, pernas e olhos. Quando ela for encontrada, levarão dias para descobrir a quem pertence os restos. E tudo será culpa sua. *Culpa sua!*

Getúlio ficou impressionado com a resistência do delegado.

Ele permanecia impassível, como se Teotônio o tivesse ameaçado em um idioma desconhecido. De forma alguma con-seguiriam quebrá-lo antes que o reforço policial chegasse. A hora de cumprir sua promessa finalmente se apresentava. Ele puxou a arma da cintura e a engatilhou. Abaixado, apontou-a direto para a cabeça de Júlio.

– *Adios*, seu otário! Isto é pelo meu dedo. Vejo você no inferno.

O estrondo causado pelo disparo ecoou pela floresta.

Tudo ficou escuro depois que eu ouvi o tiro partir da arma.

Um silêncio imperial tomou conta de mim por completo. Como se fosse dominado por uma sensação acolhedora, de extrema tranquilidade. Parecia estar flutuando. Não sentia mais a dor na perna imprensada pelas ferragens, muito menos a amargura que tomava conta do meu coração há anos. Sentia apenas, e tão somente, *paz*. *Muita paz*.

Não demorou muito para que eu recobrasse os sentidos e voltasse à realidade.

– O que você pensa que está fazendo, seu imbecil? – gritou uma voz do lado de fora do carro.

– Vou matá-lo, Teotônio. Ele merece morrer!

– Não seja idiota. *Ela* o quer vivo. Portanto, ele ficará vivo. Se ele morrer, nós morreremos também.

Aquela conversa serviu-me como combustível. Fez com que minha atenção retornasse por completo.

Pela primeira vez, aquilo tudo começava a fazer algum sentido, mesmo que eu não soubesse ainda qual. Aqueles dois eram nada além de peões sendo manipulados e sacrificados de acordo com a vontade do enxadrista. Lembrei de Cléber Nunes e de sua teoria sobre Teotônio não ter a capacidade necessária para agir sozinho. Ele tinha total razão. Agora, restava-me apenas descobrir quem era essa pessoa.

Mais uma bala.

– Me dê essa arma agora, seu merda! Senão eu vou arrancá-la da sua mão e descarregá-la inteira em você! Não vou morrer por sua causa. Nem por causa desse filho da puta aí.

Presumi que ele falava de mim.

– Teotônio, você é meu primo e eu o respeito muito, mas eu perdi o dedo por causa desse cara!

Não gostei de notar o tom de decisão empregado pela voz.

Minha vida parecia depender exatamente de que ele fosse convencido do contrário. Getúlio continuou.

– Mas desta vez, pela primeira vez em toda minha vida, não me importo com o que você pensa. Muito menos com o que pensa aquela velha puta! Não quero machucá-lo. Por favor, afaste-se!

As últimas palavras foram enfatizadas por um grito de ordem.

Apenas torci para que Teotônio não fizesse isso.

Graças a Deus, foi exatamente isso que ele *não fez*.

Durante alguns segundos, apenas conseguia ouvir os grunhidos do lado de fora do carro. Só consegui ver os dois homens brigando, no momento em que a briga se estendeu para a frente do carro. Através do para-brisa trincado da viatura, testemunhei Teotônio e Getúlio digladiando-se do lado de fora. As mãos er-guidas disputavam o controle da arma feito dois fãs lutando pela lembrança atirada pelo ídolo durante o *show*. O mais agonizante naquilo tudo era o fato de não saber para quem torcer. Qualquer um que vencesse acabaria com a minha vida, cedo ou tarde.

Quanto a mim, só restava uma coisa a fazer.

– Vai perna maldita!– eu sussurrava enquanto tentava novamente puxá-la da malha de ferro retorcido.
– Me dê uma ajuda, senão nós dois dançaremos na mão daqueles psicopatas. Eu e você. Vamos lá, sua desgraçada!

O momento da libertação foi também a hora em que a dor se manifestou de forma mais cruel. A pele escorregou pelo ferro como a casca de uma laranja deslizando pelo corte de uma faca afiada. A dor aguda cintilou por todo o meu corpo. Por alguns segundos, pensei que desmaiaria, mas isso não ocorreu.

Arrastei-me pelo carro até chegar à janela do passageiro. Sentí um enorme alívio ao sair dali. Como se deixasse meu próprio caixão. O ar não estava mais tão abafado. Respirei fundo algumas vezes. A perna ainda latejante. Meu coração gelou quando ouvi uma voz falando comigo. A batalha tinha um vencedor.

– Aonde você pensa que vai? Temos contas a acertar.

Getúlio apontava a arma na minha direção. Teotônio, ao fundo, estava deitado no asfalto com as mãos na cabeça. O

homem com nove dedos andou calmamente na minha direção, até chegar bem perto.

– Vai ter de ser assim, à queima-roupa, afinal, por sua causa sou obrigado a usar a minha mão ruim—
ele disse, esboçando um sorriso de vingança ao me mostrar a mão machucada.

Meu fim estava próximo. Sabia disso. A única coisa que podia fazer era tentar adiá-lo o máximo que pudesse.

– Antes me diga apenas a razão de tudo isto.

Ele acenou com a cabeça. Talvez achasse que eu merecesse saber.

– Na minha vida, eu consegui deixar muita gente irritada, mas, perto de você, sou um amador. Eu nunca vi alguém ter tanto ódio de uma pessoa quanto *ela* tem de você. E, confie em mim, ninguém gostaria de ter alguém assim na sua cola.

– E quem é *ela*? Quem é essa pessoa? Me diga!

– Adeus, Júlio!

Fechei meus olhos, ouvindo o tiro logo em seguida. Dessa vez, não demorei a perceber que estava bem. Abri os olhos e vi Getúlio caído no chão. Uma poça de sangue cercando sua cabeça. Pedacos do seu cérebro também. Ouvi uma voz chamando por mim. Olhei para o lado e vi um homem em pé, segurando uma pistola igual a minha. Do cano, ainda saía fumaça.

Era Miguel Romero.

No momento em a ambulância partiu, o cenário, antes

deserto, começava a ser povoado por policiais, paramédicos e curiosos. O corpo de Getúlio e a viatura acidentada serviam como chamariz para que alguns motoristas estacionassem seus carros no acostamento e caminhassem até onde a faixa amarela permitisse.

Até onde eu havia entendido, um casal que havia passado pela estrada durante o episódio havia acionado a polícia, informando sobre o acidente e o homem armado no meio da estrada. O que fez com que os primeiros policiais não demorassem muito para chegar ao local.

Dentro da ambulância, Laura, Miguel e um paramédico

faziam-me companhia. Este último, ao tentar impedir que Miguel entrasse no veículo, ouvi-me dizer “*não ouse barrá-*

lo”. Já havia arranjado, inclusive, para que Miguel desse seu depoimento em outro momento. Por algum motivo, que não conseguia explicar nem a mim mesmo, queria-o ao meu lado.

Admito que esquecer o que Miguel havia feito com Débora trinta anos atrás não seria algo possível. Bem como não seria fácil esquecer o que ele havia feito por mim minutos atrás. A encruzilhada estava armada e eu não sabia qual direção tomar.

Lembrei das palavras de Teotônio momentos antes: “O mundo dá voltas”. E dava mesmo.

Por falar em Teotônio, o desgraçado conseguira fugir após ver o primo ser baleado. Subiu em sua picape seguindo em direção ao norte. Já sabíamos, inclusive, que ele abandonara o veículo pouco mais à frente na estrada. Provavelmente, enfiando-se na densa mata ao lado. Se bem que ele não era mais minha preocupação principal— e sim *Ela*. A misteriosa mulher de quem ambos pareciam ter muito receio.

Senti a perna gritar quando o paramédico iniciou um dos vários curativos espalhados pelos cortes. Já conseguia movê-

la sem maiores problemas, o que me trouxe um alívio enorme.

Vários foram os momentos em que achei que ficaria paraplégico.

– Ei! Cuidado com o que faz aí embaixo!— reclamei encarando o jovem paramédico.

Ele sorriu para mim.

– Que bom que esteja sentindo dor. Dor é um bom sinal nesses casos.

– Diz isso porque não é na sua perna— retruquei, com cara de poucos amigos.

Laura e Miguel ficaram apenas me olhando. Pareciam dizer com os olhos: “Uma vez malhumorado, sempre malhumorado”. Mas não se manifestaram. Talvez concordando com o meu direito de reclamar.

Até que Miguel falou:

– E agora, Júlio? O que faremos?

Apoiei os dois cotovelos na maca, erguendo um pouco o corpo.

– Agora, vamos para a igreja. Quero Laura segura, longe de qualquer perigo. Acho que podemos contar com Paulo.

O paramédico pareceu não concordar.

– Desculpem a intromissão, mas ninguém vai a lugar nenhum antes de fazermos alguns exames nesta perna aqui— disse ele, apontando para os diversos ferimentos no meu corpo.— Precisamos ter certeza de que está tudo em ordem. Que não houve nenhuma luxação, ou rompimento de alguma artéria, ou alguma hemorragia interna.

Talvez Laura e Miguel estivessem certos sobre o meu constante mau humor.

– Escute bem, garoto— eu respondi com um ar de

seriedade—, lá fora há pessoas querendo fazer mal a minha filha— falei, pegando nas mãos de Laura. —

E estou bem certo de que eles não irão esperar os resultados desses exames para tentar alguma coisa novamente. Eles já mataram antes e estão plenamente dispostos a fazê-lo novamente. Então, eu lhe proponho um acordo. Você decide para onde vamos primeiro, e a responsabilidade sobre o que acontecer com esta garota será sua. O destino dela fica atrelado ao seu. Ela estando bem, você estará bem. Que tal?

O rapaz bateu na portinhola que nos separava do motorista.

Quando a porta se abriu, a ordem foi incisiva:– Siga para a igreja matriz.

Satisfeito, voltei a deitar dando descanso aos meus

cotovelos. Então, ouvi um celular tocando. Todos checaram seus telefones. Nada. O toque continuou até que Laura percebesse que vinha da minha calça. Apesar do acidente, o aparelho estava intacto, protegido pelo couro do cinto. Peguei o celular sem reconhecer o número. A ligação vinha de uma linha fixa.

Atendi.

– Alô, Júlio? Aqui é Cléber Nunes da Prisão Folsom. Acho que descobri quem é o homem que procura.

Não consegui desviar meus olhos de Miguel. Pela primeira vez em muito tempo, conseguia olhá-lo sem ser consumido por um ódio ácido corroendo minhas entranhas. Enquanto ouvia Cléber do outro lado da linha, imaginava qual seria minha reação se o nome revelado por ele fosse o de *Miguel Romero*.

Estava deitado na maca de uma ambulância e, portanto, pouco poderia fazer para evitar que Laura e o paramédico ficassem em perigo caso isso acontecesse. Se o nome de Miguel sur-gisse naquele telefonema, teria de engolir em seco sua presença por mais alguns minutos.

Só havia um pequeno problema. Eu nunca fora bom em esconder meus sentimentos, muito menos meus impulsos.

Já começava a sentir aquele ódio tomando conta de mim mais uma vez. Acumulando-se a ponto de quase fugir do meu controle.

Sim. Seria tolice tentar me enganar. No fundo, eu já sabia qual seria minha reação caso Cléber dissesse o nome de Miguel.

Mas ele não disse.

Em seu lugar veio outro nome: Felipe Diniz.

Um nome que tornou muitas coisas claras. Cristalinas como água limpa. *Felipe Diniz*. Nada fazia mais sentido. Segundo Cléber, ele fora o único preso a ser liberado no período pesquisado, além de Miguel, é claro.

Lembrei das últimas palavras que Felipe disse para mim seis anos atrás: “O dia em que nos reencontrarmos, será o pior dia da sua vida”. Lembrei também do seu semblante franzino e ensanguentado enquanto o arremessava para fora do carro em movimento. Nem por um segundo sequer acreditei que ele fosse capaz de cumprir sua promessa. Agora, sabia que sim.

O rosto de Felipe evaporou-se da minha cabeça quando a voz de Miguel chamou meu nome.

– Júlio, você está pálido. Aconteceu alguma coisa?– disse ele, tocando meu braço com os dedos.

Pela primeira vez, seu toque não me causou nojo. Pelo contrário. Naquele momento, para mim, aquele voltava a ser *Miguel meu amigo de infância*; e não mais Miguel, o assassino.

– Acho que descobri quem está por trás de tudo isso– eu disse friamente.

Laura, talvez temendo o pior, abraçou-se a Miguel, como se estivesse me dizendo “não o machuque”. Mal sabia ela que isso nem passava mais pela minha cabeça.

Laura, então, criou coragem e perguntou.

– E quem é essa pessoa?

Olhei para ela com firmeza, querendo deixar claro que aquilo que sairia da minha boca não era apenas uma brincadeira de mau gosto. Temi por sua reação, mas tinha de lhe dizer a verdade. *Doesse a*

quem doesse.

– Felipe Diniz, o homem com quem sua mãe teve um caso.

15h02

Na praça central, sentado em um banco bem em frente à igreja matriz estava um homem de pele clara, cabelos louros, porte físico mediano e óculos escuros. Não tinha uma beleza inquestionável, mas captou a atenção de algumas das mulheres que passavam por ali. Talvez atraídas por seu charme, talvez surpresas ao ver um homem de terno e gravata chupando um convidativo sorvete de casquinha. Um contraste, no mínimo, interessante.

E era exatamente isso que dava prazer a Felipe Diniz.

Gostava de ser diferente. Fugir dos estereótipos sociais. Homens como ele nunca eram vistos tomando sorvete de casquinha nas praças das cidades? Então faria exatamente isso.

Assassinos nunca usavam terno e gravata? Pois vestiria exatamente isso no dia em que planejasse matar mais uma vítima.

Olhava fixo para a igreja matriz enquanto degustava seu sorvete. Havia tirado o paletó para não sujá-lo. A gravata tinha sido colocada por cima do ombro pelo mesmo motivo. A igreja era de alvenaria e coberta com telhado de cerâmica. No centro, uma longa torre de pouco mais de vinte metros abrigava no topo uma enorme cruz dourada. Sem sombra de dúvidas, uma obra arquitetônica imponente.

Enrijeceu as costas no momento em que a enorme porta de madeira se abriu. Uma mulher, acompanhada de uma crian-

ça, rompeu lá de dentro, visivelmente irritada. Logo atrás dela vinha um homem franzino e de aparência aflita. Vestia uma longa batina negra que combinava muito bem com a cor de seus cabelos.

Felipe prestou atenção na hora em que o padre puxou a mulher pelos braços, tentando fazê-la parar. Ela chacoalhou o braço com força até que ele a largasse, mas parou pouco antes da longa escadaria que levava à rua. Felipe Diniz nem havia percebido, mas dedicava à cena a mesma atenção que uma pessoa teria ao assistir a um filme no cinema.

Adorava confusões. Especialmente quando acabavam em sangue.

Reparou o momento em que a mulher tirou da bolsa algo que parecia um envelope marrom. Era a confirmação que precisava. Levantou-se com tranquilidade, lambendo o sorvete de baunilha uma última vez antes de jogá-lo na lixeira ao lado, lamentando não ter tempo para degustar sua parte favorita: a casquinha— e *alguém iria pagar por isso*.

Atravessou a rua sem olhar para os lados, apesar do movimento intenso no local. Viu, do outro lado da calçada, um homem para quem trabalhara quando prestava serviços de jardinagem, anos atrás. Pensou em abaixar a cabeça para não ser reconhecido, mas gostava da sensação de perigo. Ademais, ninguém o havia reconhecido desde o momento em que chegara à cidade, há alguns dias. Riu quando o homem passou por ele sem ter a menor ideia sobre sua identidade.

Isso vai acabar em breve, pensou, com satisfação.

Felipe encostou-se ao muro de uma casa rosada, a alguns metros da igreja. A mulher e o filho caminhavam na sua direção. Na verdade, a mãe esboçava um pequeno trote que obrigava a criança a se esforçar para acompanhá-la. Checou o paletó e arrumou o nó da gravata. Queria estar impecável para mais uma obra-prima.

A mulher parecia bastante nervosa; falava sozinha, apesar da companhia do filho. Só percebeu a presença de Felipe na hora em que ouviu seu nome sendo chamado.

– Sra. Góes? Virginia Góes?

Ela parou subitamente, encarando-o com suspeita. Puxou o filho para perto do seu corpo. Não disse nada.

– Peço sua atenção por apenas um minuto. Meu nome é Felipe Diniz e eu sou um oficial do governo.

Felipe puxou um distintivo bastante convincente e mostrou à mulher. Sorriu ao perceber que um distintivo vagabundo, comprado numa loja de departamentos qualquer, fazia aquele efeito.

– Preciso conversar com a senhora. É um assunto de extrema urgência.

Virginia Góes pareceu impressionada. E assustada. Não era sempre que um agente do governo exigia um minuto do nosso tempo.

– Posso saber do que se trata?

– Diz respeito ao seu filho e ao que está dentro deste envelope– Felipe disse, apontando para o papel.

– O que tem meu envelope?– ela perguntou, espremendo-o entre os seios fartos.

– Sra. Góes, isso não é hora de se fazer de desentendida.

Nós sabemos de tudo. E estamos aqui para resolver essa situação. Preciso averiguar, inclusive, se a senhora não teve mesmo nenhuma participação nisso tudo, como vem alegando. Portanto, sugiro que venha comigo.

Ela pareceu ainda mais assustada. O rosto ficou pálido como se em suas veias corresse leite ao invés de sangue.

– E meu filho?

– Vem junto. Isso diz respeito a ele, principalmente.

Virginia concordou com a cabeça.

– Onde?

– Venha comigo– disse, caminhando para uma pequena rua at-rás da igreja.

Felipe, a mulher e o menino seguiram tranquilamente pelo quarteirão sem chamar a atenção. Apenas mais uma pequena família feliz, para qualquer um que os visse.

Ele abriu um velho portão de madeira que servia de entrada para um terreno ao lado da igreja. Virginia pareceu desconfiada, mas ainda assim, acompanhou-o. Lá dentro, Felipe pediu para ver o conteúdo do envelope.

Ela tirou algumas fotos de dentro. Depois, entregou a ele.

– Posso saber como estas fotos vieram parar em suas mãos?– disse, enquanto folheava foto por foto.

– Não sei. Apenas encontrei este envelope ao chegar em casa hoje. Vim direto para cá falar com padre Paulo.

– E não foi à polícia?

– Não... Mas... O que está acontecendo aqui? O que o senhor quer comigo? Como soube do envelope?

Felipe deu um leve sorriso. A mulher ainda parecia um pouco tensa. O garoto estava com um olhar morto, avoado. Como se nem estivesse presente. Ou sequer entendesse sobre o que estavam falando. Mas Felipe sabia que ele entendia. Estava certo disso. Dobrou o envelope com as fotos e colocou dentro do bolso interno do paletó.

– Encontrou este envelope ao chegar em casa hoje. Sei... por que a senhora não me conta a verdade, Sra. Góes?

– O que está fazendo? – Virginia perguntou, desconfiança.

– Devolva essas fotos!

demonstrando

Felipe sentia o momento se aproximando. Já sentia entorpe-cendo seu corpo, sua alma. O *clímax* se aproximava. a adrenalina – Confiscando esta evidência, senhora. Como disse há pouco, sou um agente federal e tenho autonomia para decidir o que deve ser confiscado ou não. Exatamente por isso já antecipo que vou precisar confiscar outra coisa também.

– E o que seria isso?– disse a mulher, colocando suas mãos sobre o ombro do garoto.

– Sua língua, Sra. Góes. Eu vou confiscar sua *maldita língua!*

Felipe Diniz transformou-se da água para o vinho. O

homem delicado e bem vestido deu lugar a uma besta em forma humana. Um monstro incapaz de demonstrar qualquer grau de piedade. Puxou um canivete do bolso e partiu para cima da mulher parada a sua frente. Desferiu um, dois, três potentes socos em seu rosto. Viu Virginia ficar grogue com a força dos golpes, engasgando com o próprio sangue que lhe escorria da boca. Apesar do ataque, a mulher conseguiu dar um leve grito pedindo para que o garoto buscasse ajuda. Mas o garoto não a obedeceu. Talvez petrificado pelo medo, talvez por não saber o perigo que corria. Talvez por simplesmente não querer ajudá-la.

Ficou ali parado, vendo o homem arrancar cirurgicamente a língua da mãe.

Depois, viu a garganta da mãe ser cortada de uma ponta à outra.

– Gravata colombiana– disse Felipe para a pequena estátua de carne parada ao seu lado. – Ela ficou linda, não? Vermelho combina com seu tom de pele.

Felipe Diniz sorriu quando a pergunta não foi respondida.

Levantou a mão esquerda mostrando o pedaço de carne vermelha ao garoto. Lambeu o sangue impregnado no órgão.

– O lanche da tarde está servido – disse, antes de seguir em direção ao menino.

20h11

Eu acordei com o barulho vindo da pequena cozinha da sacristia. Olhei o relógio e fiquei surpreso com o horário. Havia conseguido dormir algumas horas desde que chegara à igreja, depois do acidente. Por um lado, não gostei de ter *apagado* daquela maneira; afinal de contas, havia uma investigação em andamento e precisávamos encontrar os responsáveis antes que outras pessoas fossem assassinadas—especialmente Laura. Por outro lado, confesso que as horas de descanso serviram para reenergizar meu corpo e mente.

Levantei-me com alguma dificuldade. A perna ainda doía um pouco, mas felizmente nada de mais grave. Da cozinha, veio mais um barulho. Olhei para o lado e vi Miguel cochilando, sentado em uma desconfortável cadeira. Pelo visto, não era apenas eu quem precisava de *umas férias*.

Entrei na cozinha e observei Laura preparando um café. Ela amava café. Assim como a mãe.

Ela me viu entrar.

– Acordei você?— ela perguntou, sem olhar para trás.

– Não se preocupe. Queria ser acordado. Café?— disse, apontando para o coador e já sabendo a resposta.

Ela sorriu.

– Culpada! Você sabe o quanto preciso disso, né?

Sentei em um pequeno banco ao lado dela. Laura jogava a água quente no pó amarronzado quando pareceu suspirar em busca de coragem.

– Pai, eu preciso saber. Você e Miguel estão bem? Quero dizer, acertaram os ponteiros?

Aquela não era uma pergunta fácil de ser respondida. Exigia mais do que um simples *sim* ou *não*. E aquele não era o melhor momento para refletir sobre o assunto.

– Laura, as coisas não são tão preto no branco assim. Miguel, apesar de já ter cumprido pena por seu crime, matou uma pessoa que eu amava muito...

– Mas também salvou sua vida!— ela interrompeu de forma aflita. – Poucas horas atrás – completou.

Abri um leve sorriso concordando com ela.

– Sim, minha filha. Ele salvou minha vida. Exatamente por isso as coisas não estão sendo fáceis para mim. De um lado, sinto que aceitá-lo é ir contra tudo aquilo que sempre senti pela pessoa que ele matou anos atrás. Como se estivesse traindo Débora.

Por outro, sempre tive como princípio ser uma pessoa justa e agradecida. Não aceitá-lo seria como trair esses princípios.

Laura pareceu satisfeita com a indefinição da resposta. No fundo, sabia como eu dava valor aos meus *princípios*. Tinha dado minha resposta nas entrelinhas. Percebi isso, mas havia outro assunto delicado a ser tratado.

– De qualquer maneira, não aprovo o relacionamento de vocês dois.

Ela me olhou com ar de reprovação.

– Por que não?

– Laura, certas coisas são óbvias. Existem vários motivos. E vo-cê sabe quais são.

– Quero ouvir da sua boca preconceituosa.

A voz dela já deixava de ser doce.

– Para começar, Laura, ele é um expresidiário.

– Já falamos sobre isso. Um expresidiário que salvou sua vida também. Isso não basta para entender que ele mudou?

– Pode ser. Só que, uma coisa, minha filha— meu tom de voz permanecia controlado—, é perdoá-lo,

outra, completamente diferente, é recebê-lo na minha família. Além do mais, a visão dos dois juntos é ridícula. Ele tem idade para ser seu pai.

O rosto de Laura ruborizou-se com um ódio que eu já vira muitas vezes no espelho.

– Verdade. Assim como tem idade para ser seu amigo também. Mas, pelo visto, você não entende muito de amizades.

Talvez por isso haja tanta gente lá fora querendo lhe fazer mal.

E matando pessoas inocentes por *sua causa!*

Ela colocou as mãos sobre os olhos querendo impedir-me de ver suas lágrimas. Mas o balançar dos ombros entregava. Eu fechei os olhos pensando no que ela havia dito. O golpe tinha sido baixo.

– Laura, não quero brigar com você. Não antes de tudo isso acabar. Por que não deixamos esta conversa para outra hora?

Ela tirou as mãos dos olhos mostrando o sofrimento que sentia.

O choro podia ser de tristeza, mas a raiva também estava lá. Eu podia senti-la.

– Nessa outra hora eu posso estar morta, lembra?– Outro golpe baixo.

– Mas há algo que tenho o direito de saber. Por que esse homem quer fazer tanto mal a você?

Não esperava por aquela mudança de assunto, mas achei aquilo positivo. Ela tinha razão. Merecia saber. E eu tinha obrigação de contar isso a ela. Mesmo que aquilo a fizesse sentir ainda mais repulsa por mim.

– Sente-se aqui, minha filha– eu disse, puxando outro banco para perto dela. – Chegou a hora de contar uma história.

Tomei fôlego por um tempo, pensando em como começaria aquele relato. A verdade é que, nas últimas horas, Laura havia conhecido um lado negro meu que nunca achei que seria revelado. Nada do que havia feito nas últimas horas tinha ajudado no longo processo de reconquistar o respeito de minha própria filha. E a história que estava prestes a contar ajudaria ainda menos.

– Não sei como começar, portanto vamos partir do começo– a frase, apesar de soar estranha, fazia certo sentido. Histórias poderiam ser relatadas a partir de qualquer ponto, e eu escolhera o início.

Laura pareceu indiferente.

– Como você já sabe, e eu contei várias vezes, naquele famigerado dia em que peguei sua mãe com outro... – ela fez um movimento para contestar o que eu dizia, mas eu a olhei com a seriedade de quem não queria ser interrompido.

Ainda assim, preferi remodelar meu pensamento para evitar novas tentativas de interrupção.

– Como eu ia dizendo, naquele famigerado dia em que eu *supostamente* peguei sua mãe com outro, eu entrei em casa com as flores, ouvi um barulho e subi para o quarto. Lá chegando, ar-rombei a porta que estava trancada, e antes que sua mãe aparecesse de toalha, vindo do banheiro, eu vi um homem correndo nu pelo nosso jardim.

Laura fez uma irritante cara de incredulidade.

– Eu vi um homem nu correndo pelo jardim, minha filha. Pode ter certeza disso. Até porque é exatamente isso que esta história irá confirmar.

Passei a mão na testa enxugando um pouco da transpiração.

Apesar do leve calor, sabia que aquilo se devia ao nervosismo que sentia.

– Como sua mãe mesmo chegou a confirmar, eu saí de casa e retornei apenas algumas horas depois, quando tivemos aquela discussão que você testemunhou. O que nunca contei a você foi o que eu fiz nesse intervalo de tempo.

Laura ajeitou-se no banco demonstrando um súbito in-teresse pelo rumo que a história tomava. Tudo que relatara até ali eram velhas notícias. Nada de novo. Somente agora aparecia algo interessante, intrigante. Pelo menos, foi isso que conseguia ver em seus olhos.

Ela não disse nada, apenas fez sinal para que eu continuasse.

– Após ver sua mãe daquele jeito, eu desci as escadas consumido por um ódio aterrorizante. Não conseguia ver nada além da imagem daquela bunda branca correndo pela lateral da nossa casa. Peguei a viatura e saí em disparada rodando ruas e quarteirões atrás do sujeito. Eu já imaginava que o amante da sua mãe, digo, o *suposto* amante da sua mãe... – Laura me olhou agradecida– fosse Felipe, o nosso jardineiro, afinal de contas, ele não estava lá quando cheguei, ao contrário de todas as suas ferramentas, espalhadas pelo jardim.

Percebi a raiva tomando conta. Respirei fundo procurando me acalmar e continuei.

– Se bem que não seria muito difícil encontrar um homem nu correndo por Novo Salto, não é mesmo?– Laura continuou impassível. – Bem, de qualquer maneira, após algum tempo procurando, chamei pelo rádio o apoio de algumas viaturas.

Enfim, para não me alongar muito, recebi um chamado algum tempo depois, dizendo que haviam detido um suspeito na saída da cidade. Quando cheguei lá, vi que o homem detido era Felipe Diniz.

Engoli em seco o gosto amargo do arrependimento. Para mim, não era fácil relembrar aquele episódio.

– E o que aconteceu depois?– Laura perguntou, trazendo minha atenção de volta.

Eu olhei para ela acometido por uma vergonha indescritível.

– Eu o torturei. Foi isso que aconteceu. – senti um peso enorme saindo das minhas costas. Pela primeira vez acreditei no velho lema usado por Paulo: “sua confissão, sua salvação”.

A vergonha já era quase insuportável. Tive de esperar alguns segundos antes de continuar.

Laura parecia não acreditar no que tinha ouvido.

– O que fiz com esse *homem* faz a agressão a Miguel parecer uma brincadeira de garoto, minha filha. Eu o espanquei impietosamente. Chutei seu rosto, suas costelas, seu estômago.

Todo e qualquer lugar que pudesse ter sido tocado por sua mãe. Depois, quando ele perdeu a consciência, amarrei-o a uma árvore pelos braços. E lá ele ficou pendurado como carne no açougue. E continuei batendo nele. Cada vez mais. E mais.

Toda vez que ele desmaiava, eu o acordava usando o acendedor de cigarros do carro. Então, começava tudo de novo.

O rosto de Laura demonstrava todo o seu desprezo. Mas tinha de continuar. Precisava de redenção.

– Até o momento em que minhas mãos já estavam em carne viva. Foi quando decidi chicoteá-lo usando meu cinto. Cada vez que a fivela tocava sua pele, um naco de carne era arrancado. Nem sei como ele sobreviveu. Não foram poucas as ameaças que ele proferiu antes de desmaiar e ser deixado por mim na estrada. Simplesmente fui embora, deixando-o lá. Sozinho. À beira da morte. Após alguns dias, descobri que ele havia sobrevivido. Foi encontrado semimorto por um caçador. Estava certo de que ele me denunciaria, mas isso nunca aconteceu. Ele simplesmente desapareceu. Agora sei a razão. Ele queria vingança. E eu mereço cada gota do seu ódio.

Laura olhava para mim como se eu fosse a carniça apodrecida de um animal atropelado na estrada. Como se eu exalasse algum cheiro fétido, pútrido. Sabia o que ela estava pensando.

Por causa de um ciúme tolo – não fundamentado, segundo ela – eu havia surrado um homem quase até a morte. E agora, esse homem voltava com sede de vingança. Não só contra mim, mas contra todos aqueles a quem eu amava. Por minha causa, sua vida estava em risco.

Finalmente, ela levantou-se, seguindo para a porta.

– Não vai dizer nada, minha filha?– perguntei aflito.

Antes de sair, Laura virou-se para mim com certo desdém. Da boca, saíram palavras que nunca mais conseguiria esquecer.

– Não consigo ver diferença alguma entre você e o psicopata que você está caçando. Para mim, vocês dois são iguais.

Segunda-feira 7 de outubro

4h30

O despertador soou de madrugada como fazia todos os dias. Paulo acordou assustado ao ser “resgatado” bruscamente de um pesadelo.

O corpo suado, além de grudar no tecido do pijama, deixara uma enorme mancha no lençol da cama. Não se recordava da última vez em que fora presenteado com o desprazer de um sonho ruim. Na verdade, nem costumava sonhar. Ao menos, não que se lembrasse.

Fechava os olhos e dormia pesado até o chamado do rádio-relógio no dia seguinte.

Ajoelhou-se no chão com os cotovelos apoiados na cama como parte do seu ritual diário. Rezou um pai-nosso e uma ave-maria agradecendo a Deus pela benção de mais um dia. Levantou-se e seguiu para o banheiro. O dia quente fez com que optasse por um belo banho gelado para despertar seu corpo da sonolência. Terminou de se arrumar e foi para a cozinha.

Antes, passou pela sala e viu o amontoado de “convidados” es-parramados pelo carpete. Apenas Laura dormia confortavelmente em um sofá de couro. A garota recusara sua oferta de dormir no quarto, sozinha. Preferira o sofá.

O padre teve o cuidado de não acordá-los. Ainda era muito cedo, até mesmo para Júlio. Ali estavam seguros e só Deus sabe quando os três teriam outra oportunidade de sono como aquela. Virou-se aflito quando ouviu um rosnar vindo dali. Sorriu ao perceber o ronco intermitente do delegado, dormindo de barriga para cima. Por sorte, os outros dois não pareciam incomodados com o estrondo que acompanhava aquela respiração.

Que fome!, pensou Paulo, enquanto entrava na cozinha.

Foi direto à geladeira.

Ovos, leite, maçã, laranja, manteiga, queijo, iogurte; pegou tudo que achava apropriado para um café da manhã saudável e foi colocando em cima da pequena mesa quadrada.

“Tenho convidados. E eles merecem uma bela refeição, depois do dia de ontem”, pensou consigo mesmo.

Faria torradas, panquecas, omeletes e mais uma porção de coisas que os enchessem de energia para o dia que viria pela frente. Paulo era um daqueles adeptos do pensamento que elege o café da manhã como a refeição mais importante do dia.

Em frente ao fogão, viu uma luz penetrar pela janela apertada da cozinha. Olhou para fora contemplando o sol que despontava. Nem acreditou ao ver o relógio na parede marcando quase 6 horas. Entre banho, reza e outros pequenos rituais mat-inais, ele já estava em pé há quase uma hora e meia. Decidiu que colocaria a mesa do café e depois chamaria os três “hóspedes”

para comer.

Colocou os pratos, talheres, copos, leite e as xícaras. Arrumou as omeletes e torradas no centro e empilhou as panquecas em um prato ao lado. Tudo perfeito. Açúcar, sal, chocolate em pó. Tudo perfeito. Só então percebeu que faltava algo.

A geleia para as panquecas. Lembrava-se de que Laura adorava geleia nas panquecas, especialmente de framboesa e mor-ango. Foi até a geladeira e nada. Caminhou até a dispensa.

Estava certo de que tinha estocado todos os tipos de sabores naquelas prateleiras.

Assim que abriu a porta, um cheiro podre tomou conta do ar fazendo com que o padre sentisse náuseas tão fortes a ponto de ajoelhar-se no chão. Só que, desta vez, sem nenhuma intenção de rezar. Foi quando seus olhos deram de encontro com aquela terrível imagem, paralisando-o. Paulo não conteve a

náusea, vomitando no chão. Só depois conseguiu gritar em desespero.

O café da manhã estava definitivamente arruinado.

Levanteime assustado e com o coração aos pulos. Os gritos de “Não! Não! Não!” serviam para deixar meus batimentos ainda mais acelerados. *Laura*, eu pensei, tomado pelo desespero, apenas para vê-la ao meu lado deitada no sofá. Miguel também estava perto. Fiquei em pé e segui para a porta, na direção dos gritos. Quando *Laura* e Miguel foram despertados pelo desespero anunciado, eu já estava quase fora da sala.

– Fiquem aqui! Os dois!– ordenei, antes de prosseguir.

Assim que entrei na cozinha, deparei-me com a imagem de Paulo ajoelhado em prantos, tomado por completo desespero. O

ombro direito apoiava-se na parede e os olhos estavam fechados, como se os protegesse de alguma visão infernal. Como policial, o correto seria seguir direto para a porta, antes de sequer falar com Paulo, mas confesso que sua reação me assustara um pouco. Queria estar preparado para aquela revelação.

– Paulo, o que aconteceu?

– Não... Não... Não... – ele apenas soluçava, tomado por um choro convulsivo.

– Paulo, por favor, me diga. O que aconteceu? O que você viu?

Apenas mais soluços e lamentos.

Decidi seguir para a porta.

Há certas coisas na vida que nos marcam para sempre. Situações que penetram nossa pele criando crostas duras e ásperas como as que aparecem nas pedras banhadas pelo oceano– *do tipo que nos fazem acordar suados, no meio da madrugada.*

O que vi naquela dispensa, certamente tomaria muitas das minhas madrugadas.

No chão ensanguentado estavam deitados mãe e filho. O

cheiro podre da decomposição começava a invadir o ar, agora que a porta tinha sido aberta. A mãe tinha os olhos arregalados petrificando o terror da última imagem que vira antes de morrer.

Os braços abertos e as pernas emparelhadas como se formassem um enorme “T” humano. “*T*” de *tragédia*.

Ainda podia ouvir os soluços intermináveis do padre do lado de fora do quarto. Dei um passo para trás e o vi na mesma posição de antes. *Laura* e Miguel despontaram pela porta, e mandei que ela permanecesse ali. Não queria que ela também perdesse suas madrugadas. Os dois perceberam a gravidade do que havia acontecido, obedecendo-me sem contestação.

Voltei minha atenção aos corpos abandonados à decomposição. Mãe e filho estavam abraçados. Um último e eterno abraço. Talvez um tipo mórbido de *misericórdia* demonstrado pelo assassino. O nome de Teotônio voltou-me à cabeça. Depois, veio o de Felipe Diniz. O que estava acontecendo? Tudo me fugiu da mente de uma hora para outra. No exato momento em que percebi que mãe e filho não estavam abraçados.

Virei meu quadril para fora da dispensa e coloquei para fora tudo que havia em meu estômago. O cheiro dos corpos misturava-se ao aroma de comida que vinha de cima da mesa.

Laura chamou por mim, vindo em minha direção. Com a mão direita ordenei que parasse. Não queria que aquela imagem também se tornasse uma crosta em sua pele, não queria que tivéssemos os mesmo pesadelos dali para frente.

Não sei explicar o porquê de aquela imagem causar-me mais mal-estar do que a visão dos pedaços de *Agatha*, ou de meu filho ainda mal formado na jarra de vidro, ou de meu amigo crucificado no quintal de minha casa, sem vida. Só sei que foi assim que me senti.

– Arrrrrrggghhhhh.

Mais um jato de vômito. E outro. E mais outro.

Talvez estivesse daquele jeito por ter atingido meu limite.

Talvez estivesse botando para fora tudo aquilo que tinha visto até então. Talvez, aquela fosse a maneira que meu organismo escolhera para me dizer “*basta!*”.

O corpo da mulher havia sido estripado. Estômago, intestinos, pulmões, coração, rins, tudo havia sido arrancado de dentro dela. E no lugar, o espaço tinha sido preenchido com o corpo do filho em posição fetal. Só que os braços e pernas do garoto tinham sido esquartejados e colocados junto a ele. Uma sórdida paródia de uma gravidez. Como se ali estivessem a futura mamãe e seu bebê.

Voltei a pensar em Agatha.

Ao lado, um saco plástico preto certamente abrigava as partes retiradas da mulher antes que aquela cena fosse *es-culpida*. Sim. *Esculpida!* Certamente, o assassino acreditava ser um verdadeiro artista.

Fechei meus olhos. Não queria mais ver a crueldade daquela cena. Era demais para mim. Fui acometido por um sentimento de culpa, subitamente. Lembrei que, enquanto a mulher e a criança eram torturadas e mutiladas, eu dormia um sono pesado e renovador. E se eu estivesse acordado? E se estivesse patrulhando as ruas? Como não tinha ouvido esses corpos sendo de-positados aqui?

Então, abri os olhos quando uma pergunta perfurou meus pensamentos. Algo que, sendo verdade, quebraria alguns parâ-

metros existentes até ali. Inspirei fundo e voltei a encarar mãe e filho, deitados sem vida no chão frio da dispensa. Observei com frieza todos os traços no rosto dela; depois, do garoto. Fui invadido por uma certeza e uma dúvida.

Eu não os conhecia. Então, por que eles?

À medida que policiais, peritos e médicos-legistas iam chegando, ficava fácil notar a surpresa e a repulsa ao se de-pararem com a atrocidade cometida contra a mulher e a criança.

Paulo, ainda em estado de choque, tinha sido levado para seu quarto, enquanto Laura e Miguel aguardavam sentados na mesma sala em que havíamos passado a noite.

Naquele cenário havia duas coisas que não se encaixavam direito. A primeira, era o fato de eu não conhecer nenhuma das vítimas, o que fazia daquela crueldade algo totalmente injustificável. Se nós estávamos lidando com um maníaco e sua de-clarada sede de vingança contra mim, não fazia sentido algum que, agora, pessoas que eu nem conhecia aparecessem mortas pelos cantos.

O que o assassino queria me dizer com isso? Qual era a razão para aquelas mortes? Afinal de contas, não havia encontrado nenhuma mensagem perto do corpo desta vez. Nada que me ameaçasse ou indicasse, como nas outras oportunidades, a razão daquilo.

A segunda coisa que havia me deixado intrigado tinha sido o fato de não haver nenhum sinal de arrombamento em nenhuma das portas. Quem quer que tivesse cometido esse assassinato ou já estava aqui dentro quando chegamos, ou possuía a chave de acesso à sacristia.

Ouvi a voz de Jaime me “resgatando”.

– Chefe, o padre está mais calmo agora. Concordou em responder algumas perguntas.

– Ótimo!– respondi, já seguindo em direção ao quarto.

Passei pela sala e vi Laura abraçada a Miguel. A visão dos dois juntos ainda me incomodava, mesmo com toda aquela re-viravolta. Mas agora era hora de me concentrar em coisas muito mais importantes. Graças a Deus tinha conseguido impedi-la de entrar naquela fétida dispensa.

Quando cheguei ao quarto, Paulo estava sentado na cama, com as costas apoiadas na cabeceira.

Ele olhou para mim com o rosto inchado pelo choro contínuo.

Nunca o tinha visto daquela maneira.

– Você está melhor?– perguntei, para não parecer in-

sensível, antes de fuzilá-lo com outras perguntas mais importantes. Minha verdadeira preocupação estava voltada em resolver todas as tragédias dos últimos dias o mais rápido possível.

Ele acenou que sim com a cabeça. Levou o lenço ao nariz e as-soou com força.

– Paulo, você os conhecia?

Ele fez que sim novamente. Mas permaneceu quieto.

– Da onde, Paulo? Daqui? Ele concordou novamente, sem falar nada. Paciência não era uma de minhas qualidades.

– Vou precisar de mais do que simples *acenos*, Paulo. Na sua cozinha há uma mulher e uma criança mortas com requintes de crueldade. Preciso saber se está chorando pela brutalidade da imagem ou porque os conhecia mais intimamente e, infelizmente, não temos mais tempo para esperá-lo superar seu *nervosismo*– a última palavra foi desferida com desdém. – Há coisas mais importantes neste momento. Entende?

Ele acenou mais uma vez. Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, Paulo fez um sinal com a mão para que eu esperasse um pouco. Então, falou.

– O nome dela é Virginia Góes. E o garoto, Luiz. Eles moram em Canhedo– disse o padre, passando a mão no rosto antes de corrigir-se com tristeza–, quero dizer, *moravam* em Canhedo, há quase um ano.

– E por que vinham para Novo Salto? Por que não iam a uma igreja na própria cidade?

Paulo franziu o cenho como se dissesse “*quem sabe*”.

Para o azar dele, a minha opinião era de que *ele sabia*.

– Uma vez fiz essa mesma pergunta a ela. Virginia apenas disse que não gostava do pároco de lá. Sentia-se mais à vontade aqui. Pareceu-me sincera. Mas nunca sabemos o que *realmente* motiva uma pessoa, não é verdade?

Ele tinha razão. Todas as pessoas respiravam segredos e transpiravam mentiras. Até as mais próximas de nós. Não por maldade, mas por ser algo intrínseco à natureza humana. Pelo menos, era dessa forma que eu enxergava.

Continuei perguntando.

– Paulo, alguém além de você tem a chave da sacristia?

– Sim– ele disse com rapidez–, a Sra. Lopes.

Abri um sorriso irônico.

Alguém mais, além dela? Qualquer um que não tenha 1,55m de altura, pese 40 quilos e tenha quase 80 anos de idade.

– Oitenta e cinco– corrigiu Paulo. – Mas por que essa pergunta agora?

Fui até a cama e sentei-me ao lado dele. Olhei para os lados e contei a ele sobre a porta não ter sido arrombada. Isso pareceu assustá-lo.

– Precisamos descobrir se alguém pode ter roubado a chave da Sra. Lopes– eu disse. – É a situação mais plausível neste momento. Quero pedir também que passe o nome completo da mãe ao policial aqui na porta. Mandaremos um carro para o endereço dela. Quem sabe lá encontraremos o que precisamos para descobrir o motivo disso tudo.

Fui interrompido na hora em que Laura apareceu na porta do quarto. Parecia nervosa e pediu para falar comigo. Levantei-me imediatamente e segui ao seu encontro. Não havia nada mais para perguntar a Paulo naquele momento. Antes que saísse do quarto, virei-me, encarando-o com leveza. Ali não estava mais o delegado Júlio Fontana. Naquele segundo, eu voltava a ser *Júlio*, seu amigo de infância.

– Paulo, eu nem os conhecia. Juro que não. Isso não pode ser minha culpa.

O padre concordou com a cabeça.

– Eu sei, Júlio. A culpa não é sua. E tenho convicção de que vo-cê pegará o verdadeiro culpado.

Deixei o quarto aliviado por ouvir aquelas palavras.

Segui minha filha até a sala onde havíamos passado a noite.

Ela olhou para mim demonstrando querer total privacidade.

Pedi às outras pessoas que se retirassem. Apenas Miguel ficou, a pedido dela.

Laura fez sinal para que sentássemos no sofá. Seu rosto suave bastante. As mãos esfregavam-se uma na outra, mostrando uma ansiedade pueril. Eu não disse nada até que ela começasse a falar. Não queria que ela perdesse a coragem de me contar, qualquer que fosse aquele segredo.

Laura olhou para o alto como se buscasse forças divinas.

– Esta noite eu tive um sonho muito estranho– ela começou, enchendo-me de surpresa.

Isso tudo por causa de um sonho?, pensei comigo.

Ela prosseguiu.

– Esse sonho envolvia vocês dois. – Miguel e eu nos entreolhamos sem entender o objetivo daquilo tudo. Ainda assim, nenhum dos dois disse uma só palavra. – No sonho– ela continuou –, eu estava procurando os dois por toda a parte. Perambulava pelas ruas da cidade tentando encontrá-los desesperadamente.

Laura andava de um lado para outro, demonstrando a aflição vinda com o sonho.

– Até que avistei um bar de esquina. O local estava cheio e uma enorme roda de pessoas vibrava animada e todos olhavam para o mesmo lugar. Fui pedindo licença até que consegui ver o que chamava a atenção das pessoas. Vocês dois disputavam uma partida de sinuca.– Nessa hora, ela pareceu ser invadida por uma leveza momentânea. – Eu desesperada procurando *vo-cês*, e os dois malandros jogando bilhar. *Típico de vocês homens!*

Laura sorriu de leve com o próprio comentário, antes de voltar a falar. Então, foi acometida novamente por um intenso ar de seriedade.

– Assim que vocês dois me viram, alguma coisa aconteceu. Ambos deixaram de ser amigos e passaram a jogar como se fossem inimigos, ou como se a vida dos dois dependesse daquela vitória. Alguns gritos começaram a insinuar que o vencedor me receberia como “prêmio”, e o perdedor seria banido para sempre. Então, subitamente, ambos pegaram seus tacos e começaram a lutar como se fossem dois espadachins. Uma mão no taco e a outra na cintura, como faziam D’Artagnan e os três mosqueteiros.

Ela olhou para nós, como se pedisse um tempo para explicar o que queria com toda aquela conversa. Miguel e eu per-manecemos calados.

– Daí, numa dessas loucuras próprias de todo sonho, eu me vi sentada em uma arquibancada com as mesmas pessoas do bar. Só que não estávamos mais em um bar. Estávamos nos jogos olímpicos. E vocês dois eram esgrimistas em busca da medalha de ouro olímpica que, curiosamente, repousava no meu colo.

Eu pensei em perguntar a Laura qual o seu objetivo com essa conversa, mas Laura antecipou-se ao continuar seu relato.

– De repente, minha única preocupação era ir ao banheiro.

Só que não conseguia sair da arquibancada lotada. Pulei, então, para o *tatame* onde vocês estavam e corri para a saída. Alguém gritou alguma coisa sobre a medalha e percebi que a trazia comigo. Joguei-a no chão e vocês foram atrás dela. Depois que saí do ginásio, fui parar direto dentro de um banheiro. Já estava aliviada, apesar de não lembrar de ter feito xixi. Assim que abri a porta, o sonho me trouxe para esta mesma sala em que estamos agora, só que a televisão ligada me permitia assisti-los do outro lado da tela, ainda brigando por causa de uma medalha de ouro. Então...

Laura parou por alguns segundos. Parecia incomodada com aquela lembrança específica. Só naquele momento percebi que tudo aquilo que ela vinha falando tinha algum propósito final.

Um final que eu nunca poderia ter antecipado.

– Então– continuou ela–, eu desliguei a televisão e deitei no sofá. Neste mesmo sofá em que vocês estão sentados agora.

Sentia o sono vindo forte, quando uma voz sussurrou no meu ouvido algo sobre “a culpa ser minha” e “procure dentro do casaco”. Sei lá. A voz soou tão leve que não consegui ouvi-la com clareza.

Seu desconforto e fragilidade ficaram visíveis. Finalmente, resolvi falar algo.

– Laura, isso é apenas um sonho. Ou talvez deva ser classificado como pesadelo. Mas nada disso foi real. Nada do que está acontecendo é culpa sua, minha filha.

Ela olhou para mim fixamente. Senti que esse era o clímax para o qual ela caminhara todo aquele tempo.

– Pai, é exatamente isso que estou tentando explicar. Tudo foi um sonho, exceto a última parte. O sussurro foi verdadeiro. Quem quer que tenha matado essa mulher e essa criança, entrou aqui e disse isso a mim. Disse que *a culpa era minha*.

– Laura, isso é impossível, minha filha. Confie em mim. Tudo não passou de um sonho.

– Um sonho? – ela disse erguendo a voz. – Isso parece bem real para mim.

Laura tirou um papel do bolso e entregou-o a mim. Assim que o abri, senti meu sangue gelar como se tivesse sido colocado dentro de um enorme *freezer*. O papel dizia: “ENQUANTO VOCÊ ESTIVER BEM, OUTRAS PESSOAS NÃO ESTARÃO. A DECISÃO SOBRE QUEM VIVE OU MORRE É SUA.”

Assim que Laura percebeu que havia lido todo o conteúdo, a voz dela disse algo ainda mais assustador.

– Como pode ver, pai, não foi um sonho. E qualquer coisa que aconteça de agora em diante, será, sim, culpa minha. E não posso conviver com isso.

Durante todo o trajeto até a casa da Sra. Góes, minha cabeça não conseguiu desconectar-se daqueles crimes. Queria poder me desligar de tudo, mesmo que apenas por alguns minutos, somente para recarregar minhas baterias e espantar a carga negativa de estresse que tomava conta do meu corpo. Mas não conseguia. O engraçado era que, de certo modo, eu admirava a inteligência do homem por trás de tudo aquilo: Felipe Diniz.

Mas como alguém tão inteligente podia ser tão imprudente e desprovido de ambição?

Sim, porque escolher jardinagem como profissão quando se tem um raciocínio calculista como esse só podia ser entendido como falta de ambição. E ter um caso com a esposa de um delegado, não me parecia ser uma coisa das mais cautelosas para se fazer. O curioso era que, em nenhum momento, por mais que eu tentasse relembrar algumas situações durante os quase quatro meses em que Felipe trabalhou em minha casa— *e na minha mulher!* –, eu tive a mais remota impressão de que o rapaz fosse dotado de tamanha inteligência. Pelo contrário.

Assim que cheguei ao cruzamento da Rua Lance com a

Alameda Pomona, dobrei à esquerda. Mais alguns poucos quarteirões e avistei a casa onde, segundo Paulo, Virginia Góes morava com o filho. O sobrado de dois andares parecia apropriado para uma família tão pequena. A parede de tijolos estava gasta e enegrecida pela ação do tempo. Estacionei a viatura bem em frente à escadaria de acesso.

Subi os degraus disformes carregando na mão um pé de cabra. Não tinha tempo a perder. A porta de madeira colaborava com meu plano de arrombamento. Antes que pudesse utilizar a ferramenta, ouvi uma voz aguda gritar atrás de mim.

– Socorro! Ladrão!

A mulher tinha uma aparência asquerosa e mal cuidada. Os dentes amarelos poderiam ser vistos a quilômetros de distância. Aproximei-me dela mostrando meu distintivo e explicando a situação. A mulher, que se chamava Aurora, além de uma vizinha introneta era também dona das propriedades existentes naquele lote. Mais ou menos dez pequenos sobrados. Carregava consigo um enorme molho de chaves. Ofereceu-se para abrir a porta para mim.

Fiquei pensando quantas vezes ela já não havia feito isso sem que Virginia soubesse...

– Virginia fez algo de errado, não é? Sempre a achei uma mulher muito estranha. Coitado do garoto!— ela disse, enquanto abria a porta.

Deveria ficar calado, mas de alguma forma fui compelido a contar-lhe o que ocorrera. Queria ver sua cara de arrependimento por aquele comentário descabido.

– Não estou aqui porque ela fez algo, minha senhora. Estou aqui porque ela e o filho foram vítimas de um crime bárbaro. Infelizmente, nenhum dos dois sobreviveu.

A mulher pareceu espantada em um primeiro momento. Depois, balançou a cabeça verticalmente, como se tivesse tirado alguma conclusão.

– Não posso dizer que estou de todo surpresa. Vira e mexe aparecia algum homem batendo a sua porta. Nunca gostei disso, mas sabe como é, né seu delegado? Pelo menos, pagava em dia. Isso pagava. Coitado do garoto!

Entrei sem dar muita trela para o que aquela senhora falava.

Apenas fiz uma anotação mental sobre a única parte que, se verdadeira, trazia alguma informação relevante: “*Vira e mexe aparecia algum homem batendo a sua porta*”.

Tapei o nariz na hora em que a porta foi aberta. A velha senhora também. O cheiro de mofo chegou a me causar náuseas.

Não sabia o que era pior: o fedor que saía de dentro do apartamento ou da boca da mulher ao meu lado. A bagunça espalhada pelo chão seria excessiva até para a mais desorganizada república de estudantes. Pilhas de jornais acumulados pelos cantos, restos de comida e sacos de salgadinhos misturando-se às baratas e ratos pelo chão. O local parecia abandonado há anos. A velha senhora ao meu lado reclamava inconsolável.

– Meu apartamento! O que ela fez com meu apartamento?

Eu sabia que não devia ter ficado tanto tempo sem entrar aqui... – Ela interrompeu o pensamento assim que se recordou que não estava sozinha. Tentou corrigir-se.

– Veja bem, não que eu invada assim a casa dos outros, sabe? Isso seria um crime e...

Parou de falar quando demonstrei minha total falta de interesse pelo assunto. Comecei a revistar o apartamento, mexendo em todas as pilhas de sujeira, à procura de alguma pista.

Qualquer pista. Mas naquele chiqueiro, meu trabalho seria muito mais difícil. Abrimos as janelas para que a luz do sol entrasse e o ar circulasse. Perguntei à mulher sobre a insinuação feita do lado de fora da casa. A imagem de Virginia já não era mais tão imaculada em minha cabeça. Certamente, havia algo de errado com aquele cenário.

Aurora me falou sobre as visitas masculinas. Os homens sempre vinham à tarde e ficavam por algumas horas. Depois, iam embora. Disse também que a mulher sempre andava junto com o filho. Em todos aqueles meses, nunca vira o garoto separado da mãe. Ele estudava em casa. Não ia ao colégio e, assim, tinha poucos amigos. Na verdade, nenhum.

Segui procurando por algo enquanto ouvia o relato da pro-prietária. Vez ou outra, apareciam lamentos e reclamações pelo estado do imóvel, mas eu conseguia absorver aquilo com naturalidade. Foi em meio a um desses lamentos que encontrei uma pasta preta embaixo do colchão de casal do quarto de Virginia.

O que vi dentro daquela pasta foi algo mais chocante do que a própria visão dos corpos mutilados da mãe e do filho. O que vi dentro daquela pasta fez com que eu desejasse que estivessem mortos.

Após recuperar um pouco da tranquilidade, Paulo vestiu sua batina e saiu do quarto. O relógio marcava pouco mais de 10h30, e uma missa estava marcada para dali a quinze minutos.

Antes de sair para “só Deus sabe onde”, Júlio havia requisitado ao padre que mantivesse a rotina, a fim de não despertar muitas suspeitas.

Chegando à sala, avistou Miguel e Laura abraçados no sofá.

Ele tentava acalmá-la com um leve cafuné na nuca. Ela repousava a cabeça em seus ombros. Paulo não pôde evitar o semblante de desaprovação ao vê-los daquela maneira. A imagem dos dois juntos não encaixava. A diferença de idade “gritava aos olhos”, como costumava dizer ao presenciar algo incomum.

Preferiu não se manifestar sobre esse assunto. Deixaria isso para o pai da menina.

– Laura, você está bem, minha querida? – ele perguntou, transformando o cenho franzido em um olhar piedoso.

A menina levantou a cabeça, deixando que seus olhos já marejados entregassem seu estado de espírito.

– Não, padre. Não estou bem. E como poderia, com tudo o que está acontecendo?

– Eu sei, minha filha– disse Paulo, entoando um ar pa-ternal–, mas, infelizmente, não há nada que possamos fazer agora por essas pessoas, a não ser rezar por suas almas.

Miguel fechou a expressão em desaprovação. Pelo visto, tinha uma interpretação diferente.

– Rezar numa hora dessas não adianta nada, Paulo. Temos sim que nos preocupar em pegar esse canalha antes que ele faça mais vítimas.

Assim que terminou a frase, Miguel olhou aflito para a garota ao seu lado. Paulo havia entendido tudo. Com “mais vítimas”, ele queria realmente dizer “Laura”. Seria possível que o amor entre os dois existisse de fato?

O padre acenou concordando. Isso também teria de ser feito.

Porém, as situações não eram excludentes. A única coisa que poderiam fazer nesse momento era pedir pela alma daqueles de-safortunados.

Laura ergueu-se do sofá e pediu para que Miguel fizesse o mesmo. – Vamos – disse ela esticando-lhe a mão. – Padre Paulo está certo. Não há nada que possamos fazer aqui além de rezar pelos dois. Principalmente pelo menino.

Assim que Paulo chegou ao altar, viu metade dos bancos ocupados. Na grande maioria, por mulheres de meia-idade e idosas. Viu também alguns marmanjos de plantão. Todos eles, diferentemente delas, com uma história triste para contar. Como se precisassem ter passado por algum tipo de inferno particular para poder enxergar Jesus. Lá estava Fred, um rapaz de 20 e poucos anos lutando contra a dependência química; George, um ex-marido violento e agora regenerado depois de uma breve temporada atrás das grades; Dennis, um agricultor local que sempre aparecia em época de poucas chuvas, ou muitas; além de alguns outros.

– O Senhor esteja convosco– disse o padre, erguendo os braços.

– *Ele está no meio de nós!* – respondeu o coro em uníssono.

– Palavra da salvação.

– *Glória a vós, Senhor!*

– Irmãos, antes de prosseguirmos, eu queria pedir a atenção de vocês. Dois de nossos irmãos nos deixaram há pouco tempo.

Mãe e filho – disse o padre, sem entrar em detalhes, exatamente como Júlio havia lhe pedido. – Gostaria que todos nós rezássemos...

Paulo observou que a multidão parecia um tanto dispersa de uma hora para outra. Olhou para trás e observou alguns policiais saindo da sacristia, posicionando-se atrás do altar. Agora realmente seria difícil continuar mantendo a discrição pedida por Júlio. As pessoas ficaram envolvidas por um misto de medo e curiosidade. O padre podia ver as interrogações desenhadas no rosto de cada um de seus fiéis. Tentou atrair a atenção deles novamente.

– Irmãos, não se preocupem. Tudo está bem. Peço a todos que se levantem agora. Gostaria que rezássemos pelas almas dessas pessoas que nos deixaram de forma tão prematura, desejando-lhes toda a paz do universo ao lado do nosso Senhor.

Rezemos um pai-nosso juntos. – o padre olhou para a fileira da frente, mais especificamente para Laura. – Você rezaria aqui ao meu lado?

A menina subiu no altar e posicionou-se ao lado do padre. Recebeu um abraço lateral quando foi tomada pela emoção.

– *Pai nosso que estais no céu. Santificado seja o Vosso nome. Venha a nós o Vosso reino. Seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje...*

Todos olharam para trás quando um homem surgiu na porta da igreja gritando o nome do padre. Carregava nas mãos um envelope de papel.

Era Júlio Fontana.

– Paulo! – gritou ele com toda força dos pulmões. Depois, não disse mais nada. Apenas caminhou apressado.

Os policiais atrás do altar começaram a se aproximar. Paulo tentou fingir-se de desentendido, mas a reação do amigo, o envelope nas mãos e os policiais atrás dele já o fizeram entender.

Tudo estava acabado. Seu segredo fora desvendado.

Fechou os olhos. No pensamento, apenas Jesus. Nem viu quando Júlio acertou seu rosto com um potente soco. Desmaiou antes mesmo de poder oferecer-lhe a outra face.

Paulo permaneceu calado no caminho inteiro até a delegacia. Eu tentava imaginar se isso era devido à

vergonha que se apossara dele ou do nocaute que havia sofrido. Eu também segui quieto. Conheciam-me o suficiente para saber como poderia terminar qualquer tipo de conversa que fosse iniciada.

A comoção dos fiéis quando eu o retirei algemado da igreja fora tocante. Mulheres choravam agarrando-se ao corpo do homem que ainda julgavam um santo, puxando-o para o meio delas, na tentativa de impedir-me de levá-lo dali. Elas não conseguiam conceber um motivo para tudo aquilo. Primeiro, imploraram; depois, ofenderam-me. Depois, rogaram pragas.

Fingi-me de surdo. Sabia que, em breve, suas pragas seguiriam em outra direção.

Muito em breve...

Já dentro da delegacia, Paulo fora colocado dentro da sala de interrogatório. E lá permanecia até agora. Sozinho. Uma prática comum na polícia. Deixar um suspeito sozinho numa sala pequena, abafada, sem janelas, com nada mais que seus pensamentos e um enorme espelho falso como companhia, fazia com que a realidade batesse de frente, com a mesma potência de um trem bala. Era essa exatamente a hora em que percebiam que a “casa tinha caído”.

Laura e Miguel ficaram comigo quase o tempo todo na delegacia. Não acreditaram quando lhes contei sobre as fotos.

Apenas isso: *contei*. Jamais deixaria que minha filha tivesse acesso a algo daquela natureza.

Miguel demonstrava ainda mais indignação. Segundo ele, nunca tinha suspeitado de nada. Se bem que estava há pouco tempo *hospedado* na igreja para poder perceber qualquer coisa dessa natureza. Sentia-se enojado. Sujo. Apenas por ter dividido o mesmo espaço com uma pessoa como aquela. Uma pessoa como *Paulo*! Fiquei espantado ao vê-lo ter uma reação tão extremada, afinal de contas, o mesmo Paulo passara anos visitando-o na prisão, quando ninguém mais parecia disposto a isso.

Mas havia certas coisas que apagavam qualquer passado glorioso. *Coisas imperdoáveis. Inadmissíveis. Inacreditáveis.*

Desde que saíra algemado da igreja, Paulo Carvalho recusara-se a falar qualquer palavra que fosse. Um *mudo por oportunidade*. E eu sabia que continuaria dessa forma assim que entrasse naquela sala. Por isso, não achei má ideia quando Miguel sugeriu que ele fosse até lá falar com Paulo primeiro.

“Amaciá-lo”, como havia dito.

Segui a conversa através do vidro. O microfone no local captava todo o diálogo.

– Isso tudo é verdade, Paulo? Você foi capaz de fazer isso mesmo? – perguntou Miguel, sentando a sua frente do outro lado da mesa.

Nenhuma resposta.

– Por que, Paulo? Por que fez isso?

Nada.

– Fale comigo. Não é possível que não queira desabafar! Eu sei como é estar desse lado da mesa. Fale comigo!

Novamente nada.

– Paulo, eles estão querendo crucificá-lo, mas eu acho que deve haver uma explicação para isso. Eu quero ouvi-lo. Eles querem pegá-lo! Você não vê a diferença?

Nem um gesto sequer.

E assim continuou nos minutos seguintes. Miguel falava, Paulo ouvia e tudo continuava da mesma forma. Minha paciência já havia terminado quando Miguel levantou-se da cadeira, esmurrando a mesa que os separava. Pelo visto, sua paciência também tinha chegado ao fim.

– Conte-me a verdade! – ele gritou com o rosto avermelhado pelo ódio. – Todos merecem saber seus motivos! Como você mesmo costuma dizer: “Só a verdade o libertará”!

Pela primeira vez, Paulo moveu a cabeça. Direcionou seus olhos até Miguel que, após o descontrole emocional, se encontrava ao seu lado. Olhou também para o espelho. Depois, voltou-se para Miguel, e novamente para o espelho; e assim seguiu por alguns segundos, como se refletisse sobre algo.

– Talvez seja melhor eu contar a verdade mesmo– ele disse, finalmente.

Eu corri em direção à sala do interrogatório. Aquele era o momento certo para pressioná-lo. De alguma forma, a conversa de Miguel havia surtido um efeito aparente. Foram apenas quinze segundos até lá. Ao abrir a porta, Miguel estava bem próximo de Paulo, com as mãos sobre seus ombros e a boca perto da orelha; o rosto do padre branco como a neve.

Ao me ver, Miguel seguiu para a porta da sala – ele está pronto para falar– disse, com um ar de satisfação pelo dever cumprido. Perguntei a ele o que havia dito por último, antes que eu chegasse até ali.

– Apenas o lembrei de como são tratados os pedófilos na prisão– ele respondeu friamente, antes de deixar a sala.

O diálogo a seguir foi documentado e transcrito por um es-crivão da polícia de Novo Salto. Encontra-se, hoje, arquivado na delegacia da mesma cidade:

– Vamos logo com isso. Você está ciente que esta conversa está sendo gravada e será, posteriormente, transcrita por um escrivão para os nossos arquivos?

– Sim.

– Não se opõe a isso?

– Não.

– Atesta que esta conversa se dá sem a presença de um advogado particular ou procurador apontado pela justiça, por sua livre e espontânea vontade?

– Sim.

– Rechaça, também, que tenha sido vítima de qualquer tipo de coação?

– Sim. Tudo que faço aqui é por decisão única e exclusivamente minha.

– O senhor, Paulo Carvalho, está ciente das acusações de pedo-filia, estupro e pornografia infantil às quais foi submetido?

– Sim senhor.

– Como se declara?

– Culpado nas duas primeiras. Inocente em relação à terceira. Nunca soube que havia fotos. Muito menos se eram comercializadas ou não.

– Você está envolvido no assassinato de Virginia Góes, 41 anos, e do infante Luiz Góes, 11 anos, encontrados mortos na sacristia da igreja matriz de Novo Salto poucas horas atrás?

– De forma alguma. Posso ser muitas coisas, mas assassino não é uma delas.

– Qual era seu contato com a vítima?

– Virginia apareceu na igreja, pela primeira vez, há mais ou menos um ano. Ia à missa todos os domingos. Vinha da cidade vizinha. Confessou-se comigo algumas vezes. Até que, numa dessas confissões, o assunto surgiu. Ela me disse que sentia um forte desejo por meninos e meninas. Crianças, na verdade. Parecia que ela sabia que eu também sentia o mesmo. Falava sobre seus sonhos e sobre o que havia feito e o prazer que havia sentido. Até que eu admiti minha fraqueza para ela também. Não sei por que fiz isso. Acho que fiquei aliviado por encontrar alguém com o mesmo tipo de problema. Alguém com quem pudesse me abrir. Só quando ficamos bem íntimos ela me ofereceu o seu filho. Pediu uma “ajuda financeira” em troca. Eu não aceitei.

– Então você nega que tenha tido relações sexuais com o infante Luiz Góes?

– Você sabe que eu tive, Júlio. As fotos mostram isso.

– Não me chame de Júlio, seu pedaço de merda repulsivo! Para você é Delegado Fontana ou Senhor. Tanto faz. Aqui nesta delegacia, para você, eu sou Deus.

– Como eu dizia, Senhor, recusei naquela oportunidade. E outra. E mais uma. Disse “não” por várias vezes. Até o dia em que disse “sim”.

– Você se relacionou com o garoto mais de uma vez?

– Sim.

– Quantas vezes?

– Não sei precisar isso.

– Uma ideia. Um número.

– Não sei dizer.

– Porra! Me dá a merda de um número! Quantas vezes você colocou esse seu pinto nojento naquele garoto? Dez? Vinte?

– Não sei! Não Sei! Em uma noite só, chegamos a transar umas cinco vezes! Como vou saber? O que isso importa?

– Importa para sabermos a bosta de ser humano que você é! Teve algum outro garoto além dele?

– Não.

– Fale a verdade.

– Não.

– Não minta para mim, seu verme! Fale a verdade! É o mínimo que você pode fazer pela alma desse garoto. Deixe-o descansar em paz.

– Houve mais um. A minha primeira vez. Não sei seu nome. Quando eu percebi já havia acontecido. Pensei em me matar depois. Ele devia ter uns catorze anos, mas parecia viver disso. Ai, meu Deus do Céu... perdoe-me, Jesus! Por favor, perdoe-me!

– Pare de chorar! Aposto que não chorou assim enquanto se aproveitava daquele garoto, não é mesmo? É para Luiz que tem de pedir perdão, não para Cristo. Cristo não tem nada a ver com suas perversidades. Só que você não pode fazer isso, pode? Afinal de contas, Luiz está morto. Por sua causa.

– Já lhe disse que não tive nada a ver com essas mortes. Você sabe muito bem quem está por trás disso.

– Cale-se, seu filho da puta!

– Por que devo me calar? Só porque sei que essas mortes são culpa sua também? Posso ser uma pessoa desprezível, mas não sou muito pior que você, Júlio.

– Eu mandei você se calar, seu pedófilo de merda!

– Vai, Júlio! Bate! Faça como sempre faz. Bata forte! Eu mereço. Mas depois, bata em você também, pois se eu sou um pedófilo de merda, você não passa de um cúmplice conivente. Lembra-se da sua esposa, hein? Sylvia morreu por sua culpa e você sabe disso! E agora, por sua causa, sua filha também corre o risco de terminar mor...

– Eu sabia, Júlio. Eu sabia que você não aguentaria. Devo admitir que sua mão é realmente pesada. Não quero mais continuar esta conversa. Mudei de ideia. Quero a presença do meu advogado aqui.

– Como quiser. Você vai apodrecer atrás das grades. Isso eu te garanto! Um advogado não lhe servirá de nada. Nem aqui, nem no inferno!

– Talvez, Júlio. Conto para você quando nos encontrarmos lá.

Nada mais.

– Filho de uma puta!– eu disse, batendo a porta atrás de mim. Levei a mão na cabeça assim que a senti latejar pela primeira vez. Aquela não era a hora mais propícia para um ataque de enxaqueca.

Miguel aproximou-se. No rosto, um misto de curiosidade e preocupação.

– Você está bem?– ele perguntou, tocando meu ombro com a mão.

– Sublime!

A resposta foi uma grosseria desnecessária, mas odiava perguntas retóricas. *Como poderia estar bem depois de tudo aquilo?*

Preferi temporizar após vê-lo com aquele ar sem graça. Não podia esquecer que Miguel, há poucas horas, havia salvado minha vida.

– Desculpe o meu nervosismo. Minha cabeça parece que vai explodir.

– Júlio– disse ele, aparentemente já recuperado da minha grosseria–, não é melhor descansar um pouco, enquanto eu pego um remédio para você?

Não tinha tempo para descanso. Porém, as batidas na minha cabeça tomavam um ritmo acelerado. Talvez ele tivesse razão.

O melhor a fazer seria descansar. Só um pouco. Entrei na minha sala e sentei-me na cadeira. Deslizei as costas pelo encosto até que apoiasse confortavelmente o pescoço na parte de cima. A cabeça parecia seguir o mesmo ritmo de batimentos cardíacos após quinze minutos de corrida pelo parque.

Não haviam se passado nem cinco minutos quando Miguel retornou à sala. Mais alguns segundos e eu seria dominado por um sono profundo.

– Aqui está– disse ele, passando-me o remédio e um copo de plástico cheio de água.

Tomei tudo num gole só. Além da grossura do remédio, o calor também incomodava bastante.

– Onde está Laura?– perguntei cuspidando um pouco de água, apressado pelo imediatismo.

– No banheiro– ele respondeu, já mudando de assunto. – Como foi a conversa lá dentro?

– Péssima– eu disse. – Paulo assumiu tudo. Ou *quase* tudo. Na verdade, disse que não sabia sobre a existência das fotos. Também negou que tenha cometido o duplo assassinato.

– Você acredita nele?– Miguel perguntou com incredulidade.

– Motivo ele tem. Bastante forte, inclusive. Isso é *fato*. Essas fotos poderiam comprometer toda a sua vida, tanto como padre quanto como ser humano. Mas acredito nele. Não acho que tenha sido capaz de fazer aquilo.

– Não achava também que ele fosse capaz de *estuprar* um garoto de 10 anos, achava?

Miguel pareceu irritadiço.

– Lógico que não. Mas o que disse sobre *ser capaz* não tem a ver com a coragem de cometer ou não esse crime, mas sim com a *competência* para fazê-lo.

Miguel fez uma cara de quem não havia entendido meu raciocínio, o que era compreensível. Não tinha uma mente treinada como a minha para observar os mesmos detalhes. Uma prática que levava anos para ser adquirida. Enxergar aquilo que a mente comum jamais conseguiria captar.

– Miguel, para que fosse responsável pelas mortes, Paulo teria de deixar os corpos escondidos dentro de uma sacristia com pouco mais de 60m² e três hóspedes amassados em uma sala apertada, ou teria de sair, buscar os corpos, trazê-los para a cozinha, colocá-los na dispensa, e voltar depois para o seu quarto como se nada tivesse acontecido. Isso tudo conosco dormindo na sala. Acho improvável. Além disso, eu testemunhei a reação de Paulo ao ver os corpos. Ele não estava fingindo.

– Mas alguém fez isso. Afinal de contas, alguém deixou aquele bilhete para Laura, certo? Se não foi Paulo, quem?– finalizou, coçando a nuca.

Fazia sentido. Ainda assim, confiava em meu julgamento.

– Concordo com você, porém Paulo teria de ter passado por nós, assim como o fez ao acordar de madrugada para preparar o café da manhã. O assassino veio da cozinha. Se fosse cuidadoso o suficiente, poderia fazer isso sem que nos acordasse. Correndo um tremendo risco, é lógico; mas poderia.

– Júlio, você está se esquecendo de um detalhe apenas – Miguel disse, corrigindo-me.

– O quê?

– A mensagem deixada na blusa de Laura, além das palavras sussurradas em seu ouvido, sugere que o assassino fez exatamente isso. A blusa estava do outro lado da sala. Ele andou sim por entre nós.

Olhei para o lado enquanto pensava no que Miguel acabara de dizer. Minha mente treinada não funcionara tão bem desta vez. A verdade é que não conseguia ser inteiramente profissional com aquilo tudo, e isso para um policial era um desastre.

Assim que concordei com sua linha de pensamento, a imagem de Laura reapareceu na minha cabeça.

– Tem certeza que está tudo bem? Laura está há bastante tempo lá dentro– afirmei, apontando para o banheiro.

Miguel foi até a porta e bateu de leve. Sem resposta. Bateu novamente com um pouco mais de força. Ainda nada. Olhou para mim com uma leve aflição no rosto e chamou por ela:– *Laura!* – silêncio. De novo:– *Laura! Laura!* – nem um sinal.

Girou a maçaneta, mas a porta estava trancada por dentro. Bateu com ainda mais força na porta, chamando-a diversas vezes.

Nem um pio. *Será que estava bem? Talvez tivesse desmaiado lá dentro*– eu pensei, temendo o pior.

Corri até o pequeno armário na sala ao lado. Tínhamos uma chave reserva desde o dia em que um rapaz tentara se matar dentro do banheiro com uma parte do espelho que havia quebrado. Tudo por temer a reação do pai quando descobrisse sobre a maconha.

Agora a situação era outra. Minha filha estava lá dentro.

Fazendo Deus sabe lá o que. Só na terceira tentativa consegui colocar a chave dentro do buraco da fechadura. Segundos que pareceram séculos. Abri a porta temendo o pior, mas nunca imaginando aquilo que vi– ou melhor, não vi.

O banheiro estava vazio.

– Droga! Onde está você?– praguejou Laura, enquanto andava de um lado para o outro da praça. Olhou para o relógio pela centésima vez em menos de um minuto.

– Logo, logo eles irão perceber que não estou mais lá. Isso se já não perceberam.

A menina sentou-se no longo banco de cimento ali perto.

Há pouco tempo estava em segurança, dentro de uma delegacia, protegida por Miguel e Júlio. Agora, apenas minutos mais tarde, sua segurança havia se esfarelado e sido levada com o vento para longe dali.

Não tinha ideia do que iria lhe acontecer daquele momento em diante. A única certeza que tinha era que, tomando por base os últimos acontecimentos e as atrocidades cometidas até ali, seu futuro não tinha nada de promissor.

Lembrou-se, por alguns segundos, de sua mãe, que sempre lhe dizia acreditar que ela teria um futuro lindo; achava-a uma garota inteligente, bonita e perspicaz. Diferente das outras meninas da sua idade. Desde muito cedo, segundo a mãe, Laura destacava-se excedendo as outras crianças em tudo que fazia: nos esportes, nas olimpíadas de matemática, no xadrez, no colé-

gio *etc.* Sempre entre os primeiros. Na maioria dos casos, a grande vitoriosa.

Lembrou-se de um caso. Quando tinha 12 anos de idade – *o ano em que sua mãe morreria naquele terrível acidente*– disputava pela sexta vez o campeonato anual de xadrez da região.

Já havia vencido as cinco primeiras edições e estava mais uma vez na grande final. A disputa seria contra sua melhor amiga.

Elizabeth, apesar de sua amiga, era uma menina tão divertida quanto insegura. No ano anterior, por exemplo, ao apresentar-se em uma comédia no teatro do colégio, Elizabeth fez uma cen-tena de pessoas rirem com seu jeito despojado de interpretar *Shakespeare*. A peça foi um estrondoso sucesso, rendendo a Elizabeth inúmeros elogios. E uma só crítica. Um aluno de 17

anos do terceiro ano do ensino médio, editor do jornal do colé-

gio, escrevera: “William Shakespeare deve estar se remoendo dentro de seu caixão desde que

Elizabeth Todd apresentou-se no palco do Novo Salto High. Uma *performance* pobre e risível.

Digna de pena!”.

Não adiantou dizer à garota que aquele rapaz havia sido preterido para o mesmo papel. Que aquilo era nada mais que o veneno da inveja destilado de forma covarde e inconsequente.

Nada a fizera voltar atrás na decisão de *nunca mais atuar*.

Talvez até fosse melhor assim, já que é uma daquelas profissões em que críticas, especialmente as destrutivas, fazem parte do dia a dia. Se Elizabeth não aguentava uma opinião contrária vinda do jornal da cidade, imagina quando enfrentasse os “monstros” do *NY Times*!

E foi por essa razão que preferiu deixar a amiga vencê-la na grande decisão. Sabia o quanto aquilo seria importante para ela e o quão pouco significava para si mesma. Perdeu a amiga, é verdade. Afinal, Elizabeth provou-se uma péssima ganhadora.

Mas, ao contar à mãe o que fizera ouviu-a dar um suspiro e dizer: “esse é o melhor troféu que você poderia me dar, Laura.

Seu futuro lhe reserva grandes coisas”.

Agora ela estava ali, sentada em um duro banco de praça esperando pelo trágico final que lhe fora reservado. Sua mãe não poderia estar mais errada.

Pegou o celular mais uma vez. Olhou as horas e depois clicou na opção “menu”. Seguiu para “mensagens”. Havia 16

mensagens na sua caixa de entrada. Nenhuma nova. Clicou na última que recebera quando estava

dentro do banheiro da delegacia.

ESTAMOS COM PEDRO. SE NÃO QUER VÊ-LO MORTO, ENCONTRE-NOS EM QUINZE MINUTOS NA PRAÇA CENTRAL. VÁ SOZINHA! QUANTOS INOCENTES AINDA TERÃO DE MORRER PARA VOCÊ TOMAR A DECISÃO CORRETA?

Pensou em como Júlio tinha razão ao considerar a existência de mais de um assassino. Depois, pensou sobre uma palavra que se destacou no meio de todas as outras: *inocentes*. Não havia entendido o que queriam dizer, afinal de contas, ela *também* era inocente. Não tinha culpa de absolutamente nada, e agora, de alguma forma, pagaria o preço mais elevado de todos para impedir que aquelas mortes continuassem: a própria vida.

Nem viu quando um homem aproximou-se do banco onde estava.

– É um prazer revê-la, Laura.

Assustou-se, pulando levemente do banco. Colocou a mão em frente à testa, tentando impedir que o sol atrapalhasse sua visão. O homem tinha algo de familiar. Um rosto bonito e limpo, além de um físico aparentemente em forma. Vestia calça *jeans* e uma bela camisa preta de cetim, que não combinava em nada com o calor que fazia. De onde o conhecia? Já o tinha visto antes, com certeza.

Meu Deus! É você!

O homem percebeu pela expressão de espanto no rosto de Laura que havia sido reconhecido. Abriu um sorriso de satisfação, como se fosse um artista iniciante sendo reconhecido na rua pela primeira vez.

– Que bom que se lembra de mim. Você mudou bastante. Quase não a reconheci. Eu também mudei. E, em breve, sua vida também irá mudar.

Laura e Felipe Diniz caminharam juntos por alguns metros até um carro estacionado. Ele abriu a porta de trás com um cavalheirismo cínico. *Como se ela estivesse ali por livre e espontânea vontade*. Entrou logo depois dela.

Os bancos de couro e o ar condicionado formavam uma combinação bem agradável naquele extenuante calor que dominava o ar. Na frente, um homem de físico bem avantajado sentava ao volante. Laura não conseguia ver seu rosto direito, mas percebia algumas escuras ao longo das mãos e face. Pegou-se imaginando que tipo de acidente poderia ter causado aquilo e por que o *diabo* do homem não tinha morrido de uma vez.

Esse sentimento a fez refletir o quanto se parecia com o pai em algumas coisas.

Deu um leve pulo na hora em que o homem ao seu lado tocou suavemente sua perna.

– Você está bem?– ele perguntou.

– O que você acha?– respondeu ela, tirando a perna do alcance do toque.

– Acalme-se, Laura. Tudo ficará bem. Confie em mim.

Laura olhou-o com um desprezo perfurante. Igual às máquinas de petróleo que perfuravam a terra atrás do *ouro negro*.

– Vocês mataram Agatha ainda grávida. Crucificaram Tarso no quintal da minha casa. Tentaram me sequestrar jogando nosso carro para fora da estrada. E, agora, ameaçam a vida do meu ex-namorado sob a condição de que eu me entregue a vo-cês. Tudo isso, em nome de uma patética e ridícula vingança contra meu pai; apesar de tudo isso, você ainda tem a coragem de me dizer “*confie em mim*” ?

– Isso mesmo.

– Sinceramente? Vai se foder!

O homem abriu um sorriso largo. Como se aquilo fosse uma surpresa agradável para ele.

– Na época em que trabalhei na sua casa, você era muito pequena para ter uma boca suja assim. Na verdade, você era pequena demais para *muita coisa*. Vejo que não é mais o caso hoje. Quem sabe o que

mais essa bela boca sabe fazer, hein?

Talvez eu vá *me foder* sim, como você sugeriu tão bem. E talvez eu leve você junto comigo para *fodermos juntos*.

A mão direita alisou o cabelo da menina como se os dois fossem um casal de namorados. Antes que Laura se afastasse, os dedos se fecharam com força, puxando a cabeça da menina violentamente para trás.

– Fale assim comigo de novo e eu te mato! Mas não sem antes comê-la na frente daquele chorão do seu *namorado*. Depois, acabo com a raça dele também. Só por diversão. Vejo agora que tem o temperamento do seu pai. Saiba que foi exatamente isso que o colocou nesta situação hoje. Ele precisa aprender boas maneiras. Saber lidar com as pessoas. Trata-las como seres humanos, não como animais.

Felipe soltou o cabelo da garota, tão logo proferiu a palavra “animais”. Não disse mais nada. Laura esfregou o local puxado com os dedos. Como se tivesse levado uma pancada na cabeça.

Aquilo não a deixou com medo. Apenas com mais ódio.

– Você se refere à surra que meu pai deu em você no dia em que pegou-o dentro de casa?

Felipe percebeu o tom de provocação. Pensou em agredi-la novamente, mas sabia de um assunto que, por si só, poderia machucá-la mais que qualquer agressão.

– Por “surra”, você quis dizer *tentativa de homicídio*, certo?– a garota sorriu demonstrando satisfação, mal sabendo o que lhe estava reservado. – Torturar uma pessoa e depois abandoná-la à própria sorte para morrer como um *animal*, acredito eu, deve ser classificado dessa maneira, correto? Se bem que nessa história toda quem se deu pior foi sua mãe. Ela morreu, não é mesmo?

O sorriso no rosto de Laura apagou-se de imediato.

– Não ouse falar sobre minha mãe com essa sua boca suja!

– o transtorno em Laura explodia com intensidade. – Não consigo imaginar o que minha mãe viu em você! Como ela pode ter feito isso?

Felipe adiantou-se tirando as costas do banco. Uma ansiedade tomava conta de seu rosto. A mesma ansiedade que dominava os pugilistas antes do golpe final. Saboreou cada instante.

– Foi isso que seu pai disse? Que tive um caso com sua mãe?

Laura olhou para ele espantada. Como o adversário gogue à espera do soco que o levaria à lona.

– Talvez seja melhor eu lhe contar minha versão da história.

Mas isso fica para depois. Agora, beba isto aqui.

Os olhos de Laura arregalaram-se quando ouviu pela primeira vez os gritos vindos do lado de fora da casa. Demorou alguns segundos para perceber que não acordara de um pesadelo, e sim para um pesadelo.

Seguiu até a janela já com as pantufas da Minnie nos pés.

Viu a imagem da mãe encharcada pela forte chuva, chamando, aos berros, pelo marido. Logo em seguida a luz da varanda da frente se acendeu, e o pai saiu sem parecer se importar muito com a água que caía.

Da janela do seu quarto ficava quase impossível entender o que discutiam, apesar de já saber qual o assunto: a traição da mãe dias atrás. Desde aquele dia, tudo havia mudado. O pai, um delegado carrancudo e machista, havia expulsado-a de casa sob a acusação de infidelidade. A mãe negava veementemente a acusação em todos os momentos e sob todos os aspectos.

Quando questionada sobre o motivo do jardineiro encontrar-se nu dentro do quarto do casal, apenas chorava respondendo não saber a razão.

Mas isso não foi suficiente para seu pai – o delegado. O

homem que colocava provas e circunstâncias acima da palavra de qualquer um. “As pessoas não prestam. Nenhuma delas. O

ser humano não passa de um animal racionalmente mentiroso.

Pensamos, logo mentimos.” era o que, ele costumava dizer com frequência.

Durante os dias que se seguiram, foram diversas as tentativas de reconciliação por parte da mãe. Nada funcionava. Pelo contrário. A cada vez que ela implorava, mais dava ao pai a certeza da traição.

Um grito agudo despertou Laura de seu sono acordado. Viu sua mãe caída no chão com a mão esquerda esfregando o rosto.

Parecia não acreditar. O pai nunca fora o tipo de homem que agredia mulheres. Na verdade, abominava esse tipo de ação covarde. E, agora, testemunhava o pai se tornar aquilo que mais desprezava.

Desceu as escadas correndo, segurando a tempo no corrimão ao perder um dos degraus em função da pressa. Seguiu até a varanda. A mãe gritava coisas sem sentido. Parecia bêbada. O pai sempre odiara isso nela. Não que fosse uma al-coólatra, longe disso, mas já havia dado sua cota de vexames sociais.

Assim que a viu lá fora, o pai ordenou que a filha voltasse para dentro da casa. Sua mãe chorava chamando por ela. Nunca se esqueceria daqueles gritos. Pareciam vindos de alguém preso em um incêndio impiedoso. Laura fechou os olhos contando até cem.

1...2...3...4...5...6...7...21...53...75...92...cem.

Seu avô sempre tinha dito que não havia mal que persistisse se ignorado por uma contagem até cem. Fora assim que Laura se livrara de todos aqueles monstros que viviam em seu armário quando criança.

Contando até cem. Logo depois, observou o pai voltar para casa, trancando a porta atrás dele. Laura ouviu, então, o barulho de um carro arrancando lá fora.

A noite seguiu em ritmo de espera para a garota. Já passava de 4 horas quando Laura checkou seu celular pela enésima vez.

Ela permanecera na sala desde o escândalo protagonizado pela mãe. Já o pai seguiu para o quarto assim que Sylvia acelerou o carro para dentro da noite chuvosa.

Olhou novamente a mensagem que recebera no celular quase uma hora depois da briga:

“Sempre estarei com você minha filha. Lembre-se disso. Com amor, mamãe.”

A menina havia tentado contatar a mãe diversas vezes após receber a mensagem no celular, mas ora ninguém atendia, ora caía direto na caixa postal. Deixou alguns recados carinhosos na esperança de que a mãe retornasse suas ligações, mas isso não aconteceu.

As costas suadas já colavam no couro sintético do pequeno sofá de dois lugares. Seu preferido nos momentos de reflexão.

Quem sabe se contasse até cem novamente ela não aparecesse?

Contou uma... duas... três vezes. Nada. Lá pela vigésima tentativa, a campainha da casa tocou.

– Mãe!– a menina gritou correndo até a porta. Ao abri-la, viu a imagem de um policial vestindo uma negra e enopada capa de chuva.

– Seu pai está em casa, Laura? – ele perguntou à menina, sem muitos rodeios. Ela nem precisou responder à pergunta. O

pai já descia as escadas, invadido por uma agonia visível.

– O que aconteceu? – perguntou ele.

– Júlio, houve um acidente...

Foi a última coisa que a menina ouviu antes de desmaiar.

– Laura. Laura. Acorde. Acorde, garota!

Assim que Laura abriu os olhos (tomados por uma secreção cristalizada), percebeu que o cansaço a dominara por algum tempo. Não sabia dizer onde estava, nem como chegara ali. Olhou para o homem ao seu lado. A visão de Felipe fez com que suspirasse decepcionada.

– O que você me deu? Onde estamos?– perguntou a Felipe, sen-tindose entorpecida.

– Só um calmante. Não importa onde estamos, e sim, que chegamos. Venha comigo. Vou levá-la até Pedro.

13h08

Apesar da distância, o reflexo fez com que Miguel

abaixasse de leve a cabeça quando arremessei para fora da sala o monitor em cima da minha mesa. Dano ao Patrimônio Público podia ser acrescentado à minha *longa* lista de crimes nos últimos dias. Se bem que, naquelas circunstâncias, muitos entenderiam as razões para o novo descontrole. Já fazia mais de uma hora que Laura tinha desaparecido sem deixar pistas.

Parei por alguns segundos, buscando o ar que me faltava em razão do esforço físico empregado. Acesso de fúria, aparentemente, era coisa para gente saudável. Miguel continuava calado, apenas encarando-me de maneira sóbria.

– Por que não tomou conta dela?– perguntei a ele. – Eu confiei em você.

Miguel não demonstrou surpresa com a acusação. Transferência de culpa era coisa normal em casos como esse.

– Júlio, ela foi ao banheiro. O que mais eu poderia fazer?

Notei a demora, mas achei que ela precisava de um tempo sozinha. Ainda cheguei a falar com ela lá dentro, pela porta, mas Laura parecia bem. Apenas chateada. Então, voltei.

Acreditava nele, apesar do nervosismo que costumava

nublar meus julgamentos em alguns momentos, mas não pude deixar de perceber certo grau de tranquilidade em sua voz. Nem de perto demonstrava a mesma aflição que eu.

– Não entendo como pode estar tão calmo– eu disse, jogando um olhar de desconfiança.

Miguel pareceu não se importar com isso.

– Estou preocupado sim, porém, estou assim calmo por achar que Laura saiu daqui por livre e espontânea vontade.

Talvez quisesse fugir de tudo que vem acontecendo, não sei.

Fato é que ninguém a viu sair, e olha que há muita gente se acumulando na porta da delegacia por causa da prisão do padre.

A porta do banheiro estava trancada por dentro também. Isso mostra que ela saiu pela janela do banheiro, aproveitando-se do seu físico franzino, seguindo, provavelmente, para os fundos da delegacia para, finalmente, pular o muro. E apesar do tumulto formado lá na frente, seria impossível ela fazer isso sob ameaça sem que alguém percebesse algo.

– A não ser que... – interrompi meus pensamentos por alguns segundos, refletindo sobre o assunto. O que Miguel havia falado fazia sentido e deixava de fazer ao mesmo tempo. Ele tinha razão sobre Laura deixar o local sozinha, sem ameaça física alguma. Porém, nada impedia que houvesse recebido alguma ameaça psicológica. Algo que a compelsse a tomar uma decisão errada.

Reiniciei meu pensamento.

– A não ser que ela tivesse sido ameaçada ou pressionada de alguma outra forma– Miguel fez um semblante de dúvida.

Nesse momento, uma pergunta veio de forma avassaladora em minha cabeça. – Onde está o celular dela?

Procuramos pelo aparelho por toda parte. Laura podia sim ter recebido alguma ameaça por celular. Por que não? Lembrei do bilhete que ela me mostrara na sacristia algumas horas atrás.

Aquele que dizia que ela *seria responsável pelas mortes que viriam*. Ela pareceu ficar bem impressionada.

De repente, outro pensamento me possuiu de uma hora para outra. Larguei o que estava fazendo e saí em disparada. Levei apenas alguns segundos para chegar novamente à sala de interrogatório. Abri a porta

com tamanha força fazendo-a explodir na parede de trás. Pedacos de cimento caíram da parede decorando o chão frio. Paulo quase tombou da cadeira com o susto.

– Você sabe onde está Laura! Quero minha filha agora! Ou – eu juro por tudo que é mais sagrado– vou arrancar seu couro aqui mesmo, seu filho da puta! Onde está minha filha?!

Ele apenas gaguejou algumas palavras. O susto tinha sido grande. Depois, ficou difícil falar algo com minhas mãos es-magando seu pescoço, sem piedade.

– Onde está minha filha? Onde está Laura?

O rosto ruborizou rapidamente. A força que eu fazia impedia não só a entrada de ar, mas principalmente a circulação do sangue. As veias começaram a aparecer na testa, como se fossem mal feitas tatuagens em relevo. Tinha a impressão de que ele iria explodir a qualquer momento. Sabia que estava matando Paulo, ainda assim não conseguia aliviar a pressão feita pelas minhas mãos.

Só o larguei no momento em que fui puxado para baixo com muita força. Meus dedos encravados na garganta de Paulo trouxeram-no junto comigo para baixo. Apenas ao tocar o chão, ele conseguiu escapar. Ele se manteve deitado buscando o ar necessário para ajudar o sangue a reiniciar seu trajeto normal.

Eu levantei-me com velocidade. Só não consegui agredi-lo com um chute por causa da presença de Miguel. Ele já tinha salvado minha vida e, agora, impedia de me tornar um frio assassino.

– Você ficou louco, Júlio? – ele perguntou com dificuldade, ainda tentando conter meu ímpeto.

– Ele sabe onde ela está! Tenho certeza disso!

– Isso não faz sentido, Júlio. Como ele poderia ser responsável pelo desaparecimento de Laura trancafiado dentro desta sala? Ele não tem nem como se comunicar com alguém.

Ao fundo, achei que tivesse ouvido uma voz chamando por mim. Provavelmente, apenas uma impressão.

– Ele pode não ter feito isso, mas sabe quem fez! Algo aqui dentro me diz isso– eu disse, batendo a mão com força na altura do coração.

Uma voz pareceu novamente chamar por mim. Segui ignorando-a.

– Por que você fez isso, Paulo? Por quê? Por quê?

No fundo, veio um grito potente o suficiente para acalmar os ânimos. Quando olhei para o lado, vi Jaime parado na porta.

Ele nem esperou que eu falasse alguma coisa.

– Tem alguém aqui querendo falar com você. Afirmou que é urgente e diz respeito a sua filha.

Fiquei petrificado pela apreensão. Será que algo havia acontecido com ela? Recuperei a concentração, antes que ficasse louco, imaginando o pior.

– Quem é que está aí?

– Pedro Jonas, senhor.

A figura castigada do garoto parado na minha frente fez com que meu coração gelasse. De alguma forma, mesmo antes que proferisse uma só palavra, sabia que o assunto envolvendo minha filha não seria agradável em hipótese alguma.

O semblante cabisbaixo lembrava o de um cachorro de rua ao ser flagrado fuçando o lixo de um restaurante. As mãos se apertavam na altura da cintura transparecendo medo e insegurança.

Alguém tinha feito um belo “trabalho” com aquele garoto.

– Sente-se, Pedro– eu disse, tentando manter uma calma aparente. Queria passar-lhe algum conforto, como se dissesse “agora está a salvo, *de seja lá o que for que o tenha deixado nessa pilha de nervos*”.

– O que aconteceu com você? E o que isso tem a ver com Laura?

O rosto tinha sido um pouco castigado. Nem de longe lembrava aquele rapaz austero e orgulhoso por quem Laura tinha se apaixonado até o surgimento de Miguel. Um dos olhos havia sido envolvido por um

inchaço preocupante. Desviei meu olhar para Miguel, parado atrás de mim. De certa maneira, a visão daquele garoto assemelhava-se à de Miguel após a surra aplicada por mim menos de dois dias atrás. Queria demonstrar compaixão pelo garoto, mas a ambulância já havia sido chamada para levá-lo ao hospital e o tempo que me restava era bastante curto. Eu tinha o *dever* de ser objetivo. A vida de Laura podia estar em risco.

Repeti a pergunta.

– Então, rapaz, o que isso tudo tem a ver com minha filha?

– O que aconteceu comigo tem tudo a ver com Laura, Sr.

Fontana– ele disse, sem conseguir me encarar nem por um segundo. – Na verdade– ele prosseguiu, agora erguendo subitamente a cabeça, consumido por uma raiva aparente–, só aconteceu por causa *dela!*

O ressentimento de Pedro ficou evidente para todos que estavam dentro da sala. Mais uma vez, o assassino tinha me superado. Mais uma vez, Felipe Diniz conseguira que as coisas seguissem a sordidez de seus planos. Mais uma vez, eu tinha sido passado para trás, apesar dos anos de experiência. *Claro!*

Como não consegui enxergar isso antes? Felipe sabia que eu não deixaria ninguém se aproximar de Laura depois de tudo o que acontecera; sabia que eu não a deixaria sozinha. Por isso, arriscou-se ao plantar aquele bilhete em seu casaco na sacristia.

Tudo começava a se encaixar.

Se Maomé não vai à montanha; Felipe faria a montanha ir até Maomé.

Em outras palavras, se não pudesse chegar até Laura, traria Laura até ele. E Pedro Jonas fora a isca utilizada para isso.

Chacoalhei a cabeça, expulsando os pensamentos. Aquela era hora de agir, não de pensar.

– Pedro, por favor, diga-me tudo o que aconteceu com você.

Não deixe escapar nenhum detalhe. Por mais insignificante que possa parecer.

O garoto encarou Miguel com cara de poucos amigos. Seus olhos diziam: “Então é você o velho tarado que tirou Laura de mim?”, mas a boca manteve-se fechada. Esfregou os lábios com a língua enquanto fazia um ar pensativo. Então, olhou para mim.

– Quero falar a sós com você– ele disse secamente.

Antes que eu me mexesse, Miguel caminhou em direção

à porta sem dizer uma só palavra. Se era assim que o garoto preferia, então assim seria. Tão logo fechou a porta, Pedro voltou a falar.

– Não vi muita coisa, Sr. Fontana– “Me chame de Júlio”, eu interrompi, tentando criar uma atmosfera de intimidade. – Pois então, *Júlio*, a madrugada tinha sido animada, apesar de Laura ter simplesmente me descartado como se fosse um cachorro de rua no dia anterior– ele parou subitamente, como se recordasse naquele exato instante de que ali, na sua frente, estava o pai da garota a quem se referia. – Perdão, Sr. Fontana, mas é a verdade– disse ele, enterrando a chance de qualquer intimidade superficial.

Eu não mexi um fio de cabelo sequer. Ele continuou.

– Bom, lá pelas 4 da manhã, depois de beber algumas cervejas e vodcas para esquecer a tristeza– ele olhou para mim novamente–, eu fui para casa. A última coisa que lembro é o momento em que tentava colocar a chave na fechadura. Tarefa di-fícil para alguém no estado em que eu me encontrava. Lembro, também, de sentir como se alguém colocasse a mão na minha boca; daí nada mais vem à cabeça. Quando abri os olhos, estava amordaçado e amarrado a uma cadeira. Deus sabe lá onde.

Pensei que ele fosse começar a chorar, mas o garoto respirou fundo e seguiu.

– Algum tempo depois, Laura apareceu na sala, trazida por um homem encapuzado.

– Você quer me dizer que as mesmas pessoas que pegaram você estão agora com Laura!? É isso!?!– eu interrompi, sem nem pensar. Pedro apenas confirmou com a cabeça. Depois, prosseguiu.

– Colocaram-na do meu lado. Ela apenas ficou me pedindo perdão e dizendo algumas outras coisas sobre tudo aquilo ser sua culpa, coisas assim, mas não conseguia entendê-la direito.

Tudo parecia meio zozinho ainda. Como se eu estivesse aéreo, drogado. Havia pelo menos dois homens no quarto. Talvez três, não tenho certeza. Ouvi um deles chamar pelo outro. Qual era o nome? *Felipe*. Sim! Esse foi o nome dito. Os dois começaram a brigar por causa disso, inclusive. Confesso que achei que aquela fosse minha sentença de morte. Pensei: “agora que ouvi seu nome, nunca vão me deixar sair daqui com vida”.

Pedro colocou a mão na testa, esfregando os olhos com os dedos. Ainda havia mais coisa a ser contada.

– Foi quando *ela* entrou. Aquela mulher aterrorizante. Senti meu corpo inteiro congelar quando a vi. Ela e aqueles malditos gatos! Meu Deus do céu, eram tantos.

– Gatos?– eu perguntei, lembrando dos animais que encontrara no apartamento de Tarso. Sabia que havia algo de errado.

Ele sempre odiara esses *bichanos*.

– Sim. Muitos. Uma dúzia, ao menos. Miando, urinando, ron-ronando aos pés dela.

Confesso que achei aquilo estranho. Muito estranho. Talvez estivesse ainda sob o efeito da droga que haviam lhe dado.

Apesar disso, tinha de fazê-lo continuar. Pedro era minha melhor pista. Minha *única* pista.

– O que mais, além dos gatos? O que mais pode falar sobre essa mulher?

Finalmente, ele quebrou em um choro sofrido.

– O cheiro! Só de lembrar daquele cheiro podre, embrulha o meu estômago. Como se ela tivesse caído dentro de uma fossa e vindo nos encontrar em seguida. Seu semblante também era esquisito. Apavorante. Indescrevível. Como uma daquelas senhoras que vai jogar bingo aos finais de semana, mas com um toque demoníaco. Não sei explicar direito, mas só de vê-la me fez... me fez...

– Fez o quê, Pedro?

– Mijei nas calças, tá bom! Aquela mulher me meteu medo a ponto de me deixar todo mijado!

Toquei seu braço em cima da mesa com os dedos. Quis

mostrar que estava ali para ele, mostrar que estava seguro. Ele puxou o braço para trás. Depois, continuou.

– A mulher tinha um telefone nas mãos. Um celular. Queria que Laura ligasse para você. Mas ela se negou a fazer isso.

Quase sorri ao pensar que minha filha tinha mais coragem que aquele marmanjo parado na minha frente, mas, felizmente, consegui evitar o impulso.

– Por mais que a mulher a ameaçasse, Laura não cedia.

Mostrava-se determinada. Um deles começou a tocá-la, você entende? Nas pernas, nos seios, mas ela parecia feita de ferro, ou sei lá o quê. Uma rocha. Diferentemente de mim– Pedro abaixou a cabeça, deixando claro a vergonha que sentia da pró-

pria fraqueza. – Foi quando eles chegaram à conclusão de que bater em mim seria o melhor caminho– disse Pedro, apontando para o rosto. – Até que ela falasse.

Melhor isso do que estuprá-la, eu pensei, com a consciência pesada, sem interrompê-lo.

– E como bateram em mim, Sr. Fontana! Socos, pontapés, até alguns choques. Tudo presenciado por Laura. Podia vê-la sofrendo com minha dor, mas não a ponto de ceder. Não. Em momento algum ela demonstrou que mudaria de opinião. Foi quando a *mulher* teve uma segunda ideia.

– E qual foi essa *ideia*? – perguntei, inclinando o corpo para ouvir a resposta.

– Mandar-me aqui– ele respondeu, de maneira direta.

– Como assim “mandar você aqui”? Com qual objetivo?

O rapaz tirou um pequeno papel do bolso, colocando-o em cima da mesa.

– Para entregar-lhe isso.

Exceção feita à presença de alguns gatos deixados para trás, Laura tinha apenas seus pensamentos para lhe fazer companhia.

E mesmo assim, talvez preferisse que eles não estivessem ali, enfiados dentro de sua cabeça, crescendo como um bolo fermentado pelo tempo.

A imagem de Pedro, primeiro amarrado à aquela cadeira – *agora vazia!* – ao seu lado e, depois, sendo levado para outro lugar, surrado e arrastado como se fosse um animal, espantavam qualquer possibilidade de sossego. Por mais breve que ele pudesse ser. Não sabia o que temia mais: aqueles sequestradores inconsequentes que matavam indiscriminadamente em nome de uma vingança descabida ou os demônios que se digladiavam dentro dela, alimentando-a com uma culpa intermitente, que ia e vinha sem respeitar sua vontade.

A culpa “deu um tempo” na hora em que um dos gatos pulou em seu colo, deitando-se em seguida. Era irônico que o animal achasse conforto em uma situação como aquela. Sem notar – *ou talvez apenas não se importasse* – a tensão que pairava no ar. Diziam que gatos eram animais sensitivos. Bom, se esse fosse o caso, aquele animal em seu colo era mais gelado que um *iceberg*.

Um ronronar cortou seus pensamentos. Um outro gato tentava abrir a porta rabiscando-a com as unhas. Mal sabia ele que suas chances de alcançar liberdade eram tão (se não mais) remotas quanto as dela.

O gato no chão pulou para trás quando a porta do quarto foi aberta e um homem entrou. Felipe. Seu semblante tinha uma amargura intrínseca, como se seus demônios fossem muito mais impiedosos do que os dela. O gato na frente da porta já havia deixado o quarto, “alcançado sua liberdade”. O que subira no colo de Laura também. Quando sua culpa desapareceu junto com os dois, Laura percebeu-se completamente sozinha com Felipe.

Ele nada disse. Apenas tirou a mordaca de sua boca e voltou pelo mesmo caminho. Laura pensou em gritar por ajuda, mas, sinceramente, *ele teria tirado a mordaca se gritar adiantasse alguma coisa?* Além disso, não queria que percebessem seu desespero. Queria mostrar-se forte. Impenetrável. Uma fortaleza. Aproveitou o tempo para esfregar a língua com os dentes, tentando apagar aquele gosto ruim de pano que ficara na boca.

Foi quando um dos gatos voltou pela porta aberta. Não era mais um obstáculo. Em seguida, entrou outro. Depois, mais outro. E mais outro. E mais dez. O quarto, antes vazio, havia sido tomado de assalto pelos bichos que andavam de um lado para o outro, dando a Laura a impressão de que o quarto se movia.

Mas aqueles gatos significavam algo muito pior do que uma simples ilusão de ótica. Aquilo significava apenas uma coisa: *que a “mulher-gato” retornava.*

O cheiro podre anunciou sua chegada. Pela primeira vez, Laura encarou-a com firmeza. Já sabia o que esperar desta vez.

Seu rosto tinha marcas grotescas causadas por inúmeras feridas abertas. Como se fosse vítima de hanseníase. Laura tinha a sensação de que a mulher poderia desmoronar a qualquer segundo, partindo-se em pedaços e espalhando-se pelo chão como cacos de vidro.

Mas isso não aconteceu. Pelo contrário. Ela caminhou até a cadeira onde Pedro ficara amarrado e sentou-se observando Laura. Analisou a garota por um tempo. Como se a estivesse estudando. Quando projetou sua voz firme no ar, Laura percebeu que jamais a veria partida em pedaços. Isso a assustou.

– Você está bem? Quer água? – o tom de voz camuflava a delicadeza da pergunta.
– Quero apenas saber como está Pedro. O que vocês fizeram com ele?
– Calma, garota. Ele está bem. Melhor que você, ao menos.
– Onde ele está? – Laura perguntou, cuspidando inadvertidamente um pouco da saliva acumulada na boca.

A mulher nem sequer limpou o rosto.

– Pedro serviu ao nosso propósito. Já fez o trabalho dele. Por isso, ele está bem. Não se preocupe

com ele.

– Quem é você? O que vocês querem comigo?– bye bye *imagem de impenetrável*, Laura refletiu ao terminar de falar.

A mulher levantou-se em um movimento rápido e eficaz, puxando a cadeira bem à frente de onde Laura se encontrava. A garota impressionou-se com a agilidade. Aquilo não era normal para uma senhora leprosa com, aparentemente, mais de 60 anos .

– O que eu quero é apenas contar-lhe uma história.

– Uma história?– Laura não conseguiu esconder a surpresa. – Que tipo de história?

– Uma que talvez permita que eu tire essas amarras de você quando eu terminar.

“CHEGA DE FUGIR. É CHEGADA A HORA.
VOCÊ TEM 20 MINUTOS.”

A partir do momento em que li aquele bilhete entregue por Pedro, devo admitir que o resto do mundo, e o que acontecia dentro dele, tornara-se totalmente indiferente para mim. Foi como se eu houvesse me fechado em uma bolha de autopreser-vação que me impedia de me preocupar com qualquer outra pessoa que não fosse Laura. Pelo simples fato de ela ser a *única* pessoa que me restava na vida. Meio século de existência e apenas ela com quem me importar no mundo. Por alguns segundos, aquela visão me entristeceu. Justo eu que sempre desejei ter uma família grande.

A pressa foi tamanha que não pensei duas vezes em acelerar o carro no meio de uma multidão aglomerada em frente à delegacia, protestando pela prisão de Paulo Carvalho. Ninguém ainda havia sido avisado do motivo da prisão do padre, e a co-moção em torno do fato fora inevitável. A cada minuto, mais e mais fiéis chegavam, trazendo com eles indignação— por nós — e compaixão— por ele.

Não pude evitar senão imaginar o que fariam se descobrissem de qual crime seu venerado *padre* era réu confesso.

Pelo meu relógio, eu ainda tinha alguns bons minutos para chegar ao local marcado. Ainda assim, eu acelerava a viatura como se participasse de uma perseguição. E talvez fosse isso mesmo que fazia ali naquele momento. Perseguia meus fantasmas. E estava decidido a exorcizá-los.

Só diminuí o compasso alguns minutos depois. A estrada de terra indicava o caminho sem volta, mais uma vez. Novamente o destino me levava até a maldita casa onde encontrei Agatha morta. Esse havia sido o endereço marcado no papel entregue por Pedro. Sabia que, ao entrar ali, assumiria o risco de ir até as últimas consequências. Dali para frente, não haveria mais es-paços para “marcha aré”. Sabia que nada seria igual a antes, assim como da primeira vez. Assim como naquele dia em que encontrara o corpo esquartejado de minha namorada. Assim como quando encontrei meu filho dentro de uma jarra de vidro.

Estacionei a viatura no mesmo lugar do outro dia. Apesar do final trágico, os procedimentos executados naquela primeira vez em que estivera lá haviam seguido todos os padrões ensina-dos na polícia. A única diferença era que agora eu estava sozinho.

Vi a cabana de madeira. De fora, ninguém poderia imaginar as atrocidades que ela já havia abrigado. Uma calma artificial pairava no ar. Como se a própria casa tivesse sua parcela de participação nisso tudo, tentando me ludibriar.

Reparei que a rede colocada entre as árvores à esquerda não estava mais lá. Tive medo do motivo. Tive medo de que aquela rede estivesse, agora, servindo como “caixão improvisado” para o que sobrara de Laura. Tive medo de que os fios de seu tecido tivessem sido tingidos de vermelho.

Tive muito medo...

Com a arma empunhada, encostei na mesma parede que antecedia a porta que dava para a cozinha. Dessa vez, ela estava aberta. Pela primeira vez, acreditei que o assassino pudesse realmente estar ali. Entrei na cozinha com a arma apontada. Não havia ninguém. Segui pela casa, revistando todos os espaços. Vi à minha esquerda a escada que levava ao porão. Senti minhas pernas estremecerem. Não queria descer aqueles degraus novamente. Fui acometido por uma desagradável sensação de *déjà-vu*.

Um barulho de descarga rompeu o ar, absorvendo o som da minha respiração. A porta do quarto se abriu, revelando a figura de um homem troncudo, braços fortes, repleto de hematomas pelo corpo.

O homem era Teotônio Saldanha.

– Júlio? – disse ele, com um legítimo ar de surpresa. – Que bom que conseguiu chegar! Peço

desculpas por não recepcioná-lo apropriadamente, mas tive este *percalço* momentâneo, se é que você me entende?— ele falou enquanto esfregava a barriga com as mãos. — Até hoje não me acostumei com comida mex-icana. Você acredita? Apesar dos cinco bilhões de restaurantes poluindo nossas ruas.

Minha arma continuava apontada para sua cara.

— Relaxa, Júlio. Você parece tenso. Abaixei essa arma. Não há necessidade para isso. Veja. — Teotônio levantou a blusa mostrando a cintura.

— Não estou armado.

— Onde está Laura?

— Ela está bem, Júlio. Confie em mim.

— Onde está Laura?— o tom agora fora um pouco mais alto e decidido.

— O que foi isso? Uma ordem? Já disse, não se preocupe com ela agora. Laura está bem.

— Onde está minha filha, seu louco filho de uma puta?— cheguei a achar que tivesse rompido minhas cordas vocais.

— Tsc...tsc...tsc... Júlio... Júlio... Júlio... Júlio... Júlio... Você não está me ouvindo direito. Ela não está aqui. Não adianta gritar comigo. Mas garanto que ela está bem... *por enquanto, ao menos.*

A ameaça velada atravessou-me como uma flecha. Fechei os olhos e respirei fundo. Meu temperamento não me atrapal-haria novamente. Abaixei a arma, mas a mantive empunhada.

Teotônio sorriu como se já soubesse que estava seguro. Eu teria de ser totalmente louco e inconsequente para fazer algum mal a ele naquele momento. Seria assinar a sentença de morte de Laura. Ele caminhou em direção à cozinha. Uma panela com água fervia sobre o fogão. A imagem de virá-la inteira sobre sua cabeça cruzou a minha mente. Ele começou a despejar a água pelando sobre um coador velho ao lado. *Como eu não tinha visto tudo aquilo ao entrar? Meus dias como policial estavam chegando ao fim, concluí.*

— Vou levá-lo até sua filha, Júlio. Mas antes, precisamos conversar sobre um assunto. Sente-se— ele disse, indicando um banco em frente ao balcão. — Aceita um café?

Desde os 7 anos de idade Lúcio Rocha frequentava a igreja matriz de Novo Salto. A religiosidade da família vinha tanto pelo lado do pai quanto da mãe. Na verdade, as más línguas diziam que os pais haviam se casado por livre e espontânea pressão dos parentes. Viam naquele matrimônio a chance de unir dois polos religiosos distintos em um só laço familiar.

Todas as festas e comemorações ocorridas durante o ano eram celebradas por um contingente de, ao menos, sessenta pessoas, chegando a cem nos grandes eventos— como, por exemplo, nos natais.

Sim. Para os Rochas, religião e família sempre foram duas coisas imprescindíveis. Por isso, não era de se admirar que o policial Lúcio Rocha fosse o mais indignado com o caso de pe-dofilia envolvendo Paulo Carvalho.

— Sinceramente, Jaime, se você quer saber a minha opinião real sobre esse assunto, eu acho que esse desgraçado deveria ser condenado à morte. Isso mesmo. À morte. E não aquele tipo de execução que custa caro ao Estado, não. Falo de um bom e velho linchamento, isso sim. Como faziam nossos antepassados com vagabundos desse tipo.

Lúcio sabia que aquele tipo de comentário incomodava o companheiro, mas a vontade de desabafar suplantava qualquer outra coisa. Não podia fazer o que queria, mas, ao menos, podia falar. Assim lhe garantia a constituição.

Jaime olhou-o compenetrado. Talvez tentando entender se aquilo não passava apenas de uma provocação barata. De qualquer maneira, achou melhor responder.

— Nossos *sábios* antepassados acreditavam nos benefícios da escravidão também. O que você acha disso?

Lúcio apenas deu de ombros, como se aquilo fosse irrelevante para ele. Depois, decidiu responder.

– Você está mudando o assunto, Jaime. Estamos falando sobre outra coisa. Estamos falando sobre um *homem de Deus* (se é que podemos chamar esse filho da puta assim), aproveitando-se de sua posição para saciar suas perversões demoníacas. Estamos falando sobre uma criança perdendo sua in-ocência... – o soco disparado no armário do vestiário causou um estrondo que só não foi maior que a revolta que consumia o policial por dentro.– Não adianta falar. Você não tem filhos. Não consegue entender.

– Não preciso ter filhos para saber o que é certo ou errado, Lúcio.

– Não é a mesma coisa, Jaime. Nem perto disso. É como explicar para um policial novato sobre a sensação de ter matado um suspeito. Mesmo você tendo razão e sabendo que o que fez foi certo, aquela morte fica com você para sempre.

Lúcio Rocha nunca se recuperara por completo do incidente de quatro anos atrás. O dia em que teve de atirar em um garoto de 18 anos durante um assalto a uma locadora no centro da cidade. O rapaz estava armado e roubava trocados para comprar droga. Inicialmente, apenas um viciado precisando de tratamento, mas que decidiu trocar tiros com a polícia e morreu com um tiro certo vindo de sua arma. *Apenas um garoto de 18 anos.*

Desde então, Lúcio Rocha fazia somente serviços administrativos, na maior parte do tempo.

Lúcio continuou.

– Quando falo sobre *filhos*, Jaime, digo isso como um pai preocupado com o que possa ter acontecido com seu próprio filho.

Sabe quantas vezes minha esposa deixou nosso filho aos cuidados desse animal? Hein? Inúmeras. Não só Martha, como várias outras mães. Muitas dessas que estão ali fora, protestando contra a prisão do homem que, possivelmente, abusou também de seus filhos!

O descontrole começava a ficar evidente.

– Não sabemos disso, Lúcio– disse Jaime, na tentativa de acalmá-lo. – Ao que tudo indica, aconteceu apenas com um garoto. E por causa da mãe dele. Além disso, esse é o exato motivo pelo qual Júlio não quer que ninguém saiba de nada.

Evitar que a situação se agrave. Paulo Carvalho responderá e pagará por seus crimes. Tenha certeza disso.

– E se essa punição não for suficiente para mim? E se eu achar que o mais justo é tomar a minha própria decisão? E se eu achar que ele deva sofrer mais?

Lúcio Rocha tinha uma expressão fria e, ao mesmo tempo, emocional. Como se estivesse consumido pelo ódio, mas apto a pensar antes de decidir qual caminho seguir. Um paradoxo raro e perigoso. Jaime o encarava com uma enorme interrogação tatuada na cara. Como se tentasse decifrar até aonde poderia ir sua determinação sobre aquilo que falava. Jaime esperou alguns segundos antes de responder a pergunta.

Quando o fez, não poderia ter feito uma escolha pior de palavras.

– Se fizer isso, Lúcio, você não passará de mais um criminoso.

Lúcio Rocha estremeceu as pernas ao ouvir aquelas duras palavras tentando trazê-lo de volta à realidade. Jaime estava certo. Fazer justiça com as próprias mãos não passava de um ato criminoso, camuflado pela ideia de fazer o que é certo. Só que, para isso, existem as leis. Para determinar o bem comum, não apenas o desejo individual. *Mas quer saber de uma coisa?*

Quem escreveu essas leis nunca teve o filho dormindo com o inimigo. E, por isso, não tinha condições de julgar aquela situação melhor do que ele.

Lúcio virou-se, seguindo para a porta do vestiário sem dizer uma só palavra.

– Aonde você está indo, Lúcio? – perguntou Jaime, num tom preocupado.

– Vou deixar que *eles* tomem essa decisão– disse ele, apontando para as pessoas aglomeradas do lado de fora da delegacia.

– Você não vai tomar seu café?

A pergunta feita pelo homem parado na minha frente soou como um desaforo proposital. Havia muitas razões que me levaram a aceitar o *convite* para encontrar Teotônio Saldanha naquela casa amaldiçoada: o desejo de encontrar minha filha; a mórbida curiosidade em descobrir quem realmente estava por trás de tudo aquilo e a vontade de arrancar-lhe os olhos, assim como havia feito com o dedo de seu falecido primo. De fato, muitas razões.

Café, certamente, não era uma delas.

Mantive a paciência e apenas continuei sentado no banco em que me encontrava. O pensamento de atravessar o balcão entre nós e surrá-lo até minhas mãos incharem, todavia, ainda não tinha sido totalmente deixado de lado.

– Você sabe a razão para eu estar aqui. Onde está minha filha?

– Sua filha está bem, Júlio. Confie em mim quando eu digo que fazer mal a ela, agora, é a última coisa que passa pela minha cabeça. Aliás, para isto aqui funcionar— ele disse, apontando para nós dois. — Você *terá* de confiar em mim.

Confiar nele? Isso seria tão provável quanto confiar a um pedófilo o serviço de babá— inevitavelmente, a imagem de Paulo Carvalho me veio à mente — ou confiar em um alcoólatra como motorista particular. Fato era que Teotônio Saldanha poderia me pedir qualquer coisa nesta vida, exceto que eu confi-asse nele.

Infelizmente, não havia alternativa. *Por enquanto.*

– Confiança, meu rapaz, não é algo que se dá, é algo que se conquista. Preciso de alguma coisa que me faça acreditar que você diz a verdade.

– A única coisa que vai conseguir de mim é isto — disse ele, empurrando o celular pela superfície do balcão. — Peço desculpas pelas cordas, mas acredite quando digo que elas foram es-tritamente necessárias. Sua filha é arisca como um touro bravo.

Ver a foto de minha filha amarrada a uma cadeira foi algo terrível para mim. As roupas eram as mesmas que vestia quando estava na delegacia, portanto sabia que Teotônio falava a verdade ao dizer que estava com ela. Sem dúvida alguma, ele escolhera um jeito eficaz de *conquistar* minha confiança em pouco tempo. Devolvi o celular. Não queria mais ver Laura naquela situação.

– Espero que com isso eu tenha ao menos conquistado, se não a sua confiança, a sua total e irrestrita atenção.

Acenei com a cabeça, mostrando-lhe que sim.

– Ótimo. Bom, em primeiro lugar, devo dizer que sua filha está bem pelo simples fato de estar sob os *meus* cuidados, se assim posso dizer. Se ela caísse nas mãos *deles*, já teria virado adubo há muito tempo.

Devo admitir que a parte do “adubo” me incomodou

bastante. Era como se ele falasse sobre um animal qualquer.

Ainda assim, deixei passar, preferindo focar-me em outra parte do que havia falado.

– E quem são *eles*? Você fala como se não fizesse parte disso tudo.

– E não faço mesmo. Bom, claro que participei e ajudei em algumas coisas, mas nada muito grave como, por exemplo, matar alguém.

– Se o que diz é verdade, você, ainda assim, é culpado por ser cúmplice de assassinato. Isso também dá alguns bons anos de cadeia. Pelos agravantes existentes, no mínimo quinze anos de cadeia.

O que eu disse pareceu assustá-lo. Seus olhos arregalaram-se como se acabasse de ouvir de um médico que lhe restavam somente alguns meses de vida. Virou a quinta xícara de café seguida. Os olhos inchados mostravam as marcas de seguidas noites de sono intermitente. Todo policial conhecia muito bem aquelas malditas marcas.

– Mas eu não planejei nada. Nem matei ninguém. O responsável pelas mortes é Felipe. Ele e aquela velha fedida para quem ele trabalha.

– E quem é essa mulher? – já era a segunda vez que ouvia falar dela.

– Bem, eu garanto que posso ajudá-lo nisso, só que antes quero ser ajudado primeiro.

– E o que você quer?

– Imunidade total. Eu falo. Eu saio. Livre como um passarinho, patrão. Essa bronca não é minha. Está cheio de polícia at-rás de mim agora. Estou pagando pelo que os outros fizeram. Se eu vou cair, quero levar todo mundo comigo. Só que isso tem um preço para você, patrão.

– Não posso simplesmente lhe dar imunidade. Não tenho esse tipo de poder.

Teotônio pareceu insatisfeito com a minha resposta. Colocou a xícara de café em cima do balcão e deu a volta até onde eu estava. No meio do caminho, puxou uma arma da cintura.

– Você acha que eu sou burro, patrão? Que não sei disso?

Você é somente mais um pedaço nessa engrenagem de merda que é a polícia. Um *nada!* Quero imunidade assinada pelo Procurador Geral da União. Aquele filho da puta engomadinho que vive aparecendo nos canais de televisão. Sei também que não o conhece, mas do jeito que esse safado gosta de aparecer, estou certo de que ele não recusará o pedido quando souber tudo o que aconteceu aqui.

O pior de tudo era que Teotônio Saldanha tinha razão em tudo o que dissera. Talvez eu tivesse subestimado sua inteligência, talvez não fosse tão burro quanto parecia. O único problema é que não confiava nele— e nunca confiaria.

– Você está certo, Teotônio. Acho que posso conseguir isso para você. Só que não farei tudo isso só porque você me mostrou a foto de minha filha. Você quer imunidade? Ótimo!

Mas antes vai ter de me levar até ela.

Ele abriu um sorriso inesperado. Achei que depois do que acabara de dizer, Teotônio fosse cuspir uma série de ameaças, para as quais, inclusive, eu já estava psicologicamente preparado. Ao invés disso, ele retornou ao seu lugar, pegando de dentro de um armário uma pequena garrafa de vidro.

– Sabia que exigiria isso. Faria o mesmo. Só que tenho de tomar as minhas precauções também.

A garrafa foi colocada bem a minha frente. O líquido transparente não dava nenhuma dica do que poderia ser.

– O que é isso?— perguntei a ele de maneira incisiva.

– Minha apólice de seguros. Não posso deixar que tenha sequer uma noção de onde estamos indo. Nem de caminho. Nem de tempo.

– Como vou saber que isso é exatamente o que diz ser?

– Não vai. Foi isso que quis dizer com “terá de confiar em mim”. Agora beba, não tenho tempo a perder.

– *Libertem padre Paulo! Libertem padre Paulo! Libertem padre Paulo!*

A voz da multidão se acentuava a cada segundo com a chegada de mais e mais pessoas na frente da delegacia. Os gritos vívidos começavam a ser ouvidos do lado de dentro do prédio, como se estivessem sendo proferidos de algumas das salas da delegacia.

Jaime havia seguido Lúcio até a entrada e o acúmulo de pessoas o impressionara. Um cem pessoas já se encontravam por lá. Talvez mais. Tudo culpa da *maldita tecnologia*.

Ligações celulares, torpedos. Já imaginava alguns dos chamados: “Padre Paulofoi preso. Venha para a delegacia, urgente!” ou “Confusão na delegacia. Venha logo!”.

A verdade era que Jaime ficara impressionado ao perceber o quanto padre Paulo era querido pela comunidade. E tinha medo só de pensar no que aconteceria se aquele amor se transformasse em puro ódio. Não seria capaz de conter tanto descontrole. Ainda mais sem nenhuma ajuda.

Procurou por Lúcio no meio da multidão. Achava que o encontraria ali, pregando toda a verdade nua e crua sobre a obscura perversidade do homem que aquelas pessoas defen-diam. Pôde ver alguns pais segurando crianças no colo.

Enxergou, no meio daquele “mar” de pessoas, um pai de mãos dadas com seu filho. O garoto devia ter a mesma idade de Luiz Góes, o menino encontrado morto com a mãe na sacristia. Jaime já podia ver o homem de mãos dadas com o filho passando a gritar “Fritem padre Paulo!” ao descobrir o real motivo de sua prisão.

Jaime, então, observou um homem vindo do estacionamento a sua direita. Um semblante implacável. Um misto de ódio e determinação. Mizael H. Barreto era um veterano de guerra, embevecido pelo rancor adquirido na época de combate.

Lúcio escolhera corretamente seu *mensageiro*. Precisava de al-guém capaz de manipular um grupo de pessoas; precisava de alguém que dividisse seu ponto de vista; precisava de alguém com coragem para agir. E Mizael H. Barreto podia não ter filhos, mas tinha um deturpado senso de justiça.

– *Libertem padre Paulo! Libertem padre Paulo! Libertem padre Paulo!* – a multidão continuava gritando a todo vapor quando o homem se aproximou.

Mizael olhou para Jaime com o mesmo desprezo que olharia para um inimigo de guerra. Lúcio certamente já havia antecipado que o policial seria um obstáculo. *O único obstáculo*, na verdade. E Lúcio estava certo.

Com as mãos, o homem pediu a todos que ficassem quietos.

A liderança inata deixou Jaime assustado. Aquele aglomerado de civis parecia um bem coordenado grupo de militares. Um grupo que, se determinado, dificilmente seria contido.

– Acabei de ser informado sobre o motivo da prisão de Paulo Carvalho, – ele disse, já excluindo o título de *padre*. Embaixo da escadaria, as pessoas aguardavam ansiosamente a revelação. – E devo admitir que continuo a não concordar com sua prisão.

Por um segundo, Jaime pareceu surpreso com o discurso conciliador. Por um segundo, somente. Bastou que Mizael voltasse a falar, para que percebesse suas reais intenções.

– Um homem que faz o que ele fez, não merece a cadeia. Não, isso não. Merece a morte!

Logo depois, Mizael H. Barreto abriu o envelope e arremes-sou as fotos que mostravam a *intimidade* entre padre Paulo e Luiz Góes. Não podia ter encontrado um jeito melhor de fazer emergir a revolta dentro de cada um dos presentes ali. Como um grande general em época de guerra, conseguira fazer despertar em seus *soldados* o sentimento necessário para conseguir deles o que queria. Jaime tinha de admitir que ele havia sido brilhante.

Quando os primeiros gritos de revolta foram manifestados, o policial tentou intervir.

– Senhoras e senhores, por favor, ouçam-me. Peço que ten-ham calma neste momento. Sei que o que veem nessas fotos é abominável, doentio. Mas garanto a vocês que Paulo Carvalho pagará por tudo o que fez.

As pessoas, apesar de não demonstrarem satisfação nenhuma, pareciam confiar naquilo que Jaime havia dito com propriedade. Provavelmente tudo teria terminado ali, não fosse pela presença do *General* Barreto.

– Claro que ele vai pagar! Só que por molestar esse garoto da foto. Não o farão pagar pelo que ele fez com o filho de cada um de vocês!– Mizael disse, girando a mão com o dedo indicador por toda a multidão.

Maldito seja você, Mizael!, pensou Jaime.

– Não há provas disso, senhoras e senhores – continuou o policial em sua tentativa de apaziguar as coisas. – Na verdade, a investigação leva a crer que aconteceu somente com esse menino. Acreditem em mim. Entendo a revolta de vocês, mas qualquer tipo de violência não irá resolver nada. Apenas complicar a vida de todos vocês. Especialmente a de alguns.

Jaime virou-se encarando Mizael com seriedade. Mizael re-tribuiu a cara de poucos amigos, demonstrando ter entendido a ameaça. Jaime acabara de deixar claro quem ele iria buscar primeiro quando tudo aquilo terminasse.

– Voltem para suas casas – Jaime continuou.– Fiquem com suas famílias. Deixem que a lei faça a justiça.

Mizael interrompeu bruscamente.

– Isso mesmo!– disse com desdém. – Voltem para casa e abracem seus filhos. E quando eles perguntarem a vocês o que aconteceu com o homem que abusou deles por tanto tempo, digam que a justiça cuidou disso, não os pais deles. E, depois, convivam com o ar de decepção que surgirá no rosto do filho de cada um de vocês. “Meu pai não me ama. Minha mãe não liga para mim”, é isso que eles vão pensar. Ou, então, vocês podem vir comigo e resolver essa situação agora mesmo!

As pessoas celebraram o final do discurso como se ouvissem a um político oferecendo moradia a um grupo de sem-terra.

Ou prometendo menos impostos. Jaime sabia que havia perdido a batalha. Não restava a ele agora outra alternativa, senão a autoridade policial.

– Cale-se, seu imbecil! Fiquem todos avisados que quem tentar passar por aqui será considerado um criminoso como qualquer outro. Eu não estou blefando!

General Barreto, mais uma vez, ousou desafiá-lo na frente de todos que estavam ali. Os cantos de “Matem Paulo Carvalho” começavam a ser expelidos sem medo.

– E o que você vai fazer?– disse ele, olhando para todos com um ar de confiança. – Matar a todos nós?

Jaime empunhou a arma com uma velocidade intrigante.

Seu ar calmo e tranquilo desaparecera. O que sobrara, podia-se resumir em uma só palavra: determinação.

– Não tenho munição para isso. Mas tenho experiência suficiente para saber que basta cair o primeiro para o resto do bando dispersar. E já decidi que o primeiro a cair será você, Mizael.

Agora peça que eles se afastem!

Mizael Barreto não pareceu se importar com a arma apontada para a testa. Na verdade, a impressão que Jaime tinha é que aquilo tudo o trouxera de volta a vida.

– É o que veremos!– esbravejou o homem antes de correr em sua direção.

Apesar de todo o desejo consumindo-o por dentro, Jaime não fora capaz de seguir com sua ameaça de atirar em Mizael H.

Barreto. Sabia que o não cumprimento de sua ameaça teria uma consequência drástica para qualquer policial: a perda de autoridade.

Para todas aquelas pessoas aglomeradas na frente da delegacia, a figura a ser seguida e obedecida era o homem que se encaminhava na direção do policial sem medo algum das consequências. Para Jaime, tudo havia ficado claro. Mizael Barreto estava em uma *missão*. Como aquelas que ele recebia e executava durante os tempos de guerra. Não sossegaria enquanto o mesmo ar que respirava percorresse os pulmões de Paulo Carvalho. Não pararia enquanto o *padre* continuasse vivo. Uma verdadeira máquina de guerra.

– Pela última vez, Mizael! Nem mais um passo! Não quero feri-lo!– disse Jaime, ainda buscando um milagre.

Ao ouvir o grito, Mizael parou no topo da escadaria. Por um breve segundo, Jaime achou que tivesse usado o tom correto para fazê-lo acreditar em sua determinação. Mas só por um breve segundo.

Mizael virou-se para as pessoas ali paradas, exaltadas pela embriaguez que vinha com o poder da coletividade. Multidões sempre foram perigosas, especialmente aquelas em que alguém tinha a liderança reconhecida.

– Não temam este rapaz, meus amigos. Ele não nos fará mal algum. Posso ver que não tem estômago para isso. É chegada a hora para o acerto de contas. Pensem nos filhos de vocês.

Pensem neles e sigam-me!

Deus do céu, pensou Jaime, sem saber o que fazer. Era como se Mizael H. Barreto tivesse seu próprio grupo de mer-cenários. Sua gangue particular. Podia vê-lo saborear cada segundo. Como o general sendo o primeiro a atravessar o campo inimigo, sem temer a morte. Jaime chegou até a questionar se não o seguiria também, caso fosse pai assim como todos os outros que estavam ali.

O policial girou o corpo com velocidade ímpar e entrou na delegacia. Conseguiu fechar a porta antes que Mizael e os primeiros *justiceiros* conseguissem entrar. Trancou-a e seguiu para dentro da sala de rádio. Precisava de reforço urgente. Não sabia o quanto aquela porta poderia aguentar. O barulho dos gritos e das batidas na porta fazia sua espinha arrepiar-se. Será que o simples cumprimento de seu dever lhe custaria a vida?

Sem dúvida alguma, um alto preço para defender um pedófilo filho de uma puta! Que jeito embaraçoso para morrer! Sobre-pujado por donas de casa, crianças, pais de família. Conviver com a possibilidade de morte faz parte do dia a dia de um policial, mas, em sua cabeça, ela sempre viria pelas mãos de um traficante impiedoso ou de um assaltante sem remorso. Nunca, mas nunca mesmo poderia imaginar que a morte chegaria pelas mãos da própria comunidade que prometera proteger.

Jaime ouviu um barulho vindo dali de dentro da delegacia.

Correu até o *hall* central e viu a porta ainda intacta. Talvez tivesse ouvido coisas. Talvez já fossem os fantasmas com os quais teria de conviver pelos próximos anos, dando os primeiros sinais de “vida”. O coração acelerou-se quando viu Lúcio saindo do vestiário, acompanhado por Mizael.

– Você perdeu, garoto– disse o *general* enquanto seguia para a porta. – Quanto antes admitir isso, melhor para todos nós.

Não queremos lhe fazer mal. Só, por favor, não fique no nosso caminho.

– Como você pode fazer isso, Lúcio? Você é um policial, porra!

A raiva fez com que Jaime cuspsse enquanto falava. Sentiu uma estranha satisfação ao ver que um dos cuspes acertara em cheio a bolsa embaixo do olho esquerdo de Lúcio. O policial apenas limpou o rosto com a mão, fitando Jaime em seguida.

– Não tinha o que eu pudesse fazer. Eles são *muitos*– Lúcio parecia divertir-se com o próprio sarcasmo. – Assim como você não conseguiu evitar que eles linchassem o padre.

Ver o companheiro falando como se o linchamento já houvesse ocorrido assustou bastante Jaime. Pressentia que, sendo uma testemunha, não poderia ser deixado para trás com vida.

De fato, acreditou que não só a sentença de Paulo havia sido decretada; a sua também. Havia somente duas possibilidades a partir de agora: juntar-se à multidão, participando do linchamento e passando de testemunha ocular a cúmplice, ou manter-se firme na decisão de impedir um frio e cruel assassinato. Mesmo que a vítima fosse *apenas* um pedófilo.

Lembrou-se do pai. E de como ele sempre prezara a liberdade de cada ser humano em suas tomadas de decisão. Dizia que “poder escolher” era a única forma verdadeiramente livre que restava a cada um de nós. “Com cada decisão, vem junto sua respectiva consequência. Ser livre nada mais é que exercer esse direito inato mesmo quando outros tentam obstruí-lo”, costumava dizer o pai.

“Não se esqueça, Jaime, dentro de cada um de nós, existe o bem e o mal. E a escolha certa.”

Quando a porta da delegacia foi aberta e a multidão adentrou o prédio com fúria predatória, Jaime abriu um largo sorriso. Um sorriso decidido. Caminhou de costas até uma grade de ferro que separava a carceragem do resto da delegacia. A mão que parecia seguir para a arma no coldre estacionou pouco antes, no cinto da calça. Pegou um molho de chaves. Olhou-as com cuidado, até segurar somente uma com os dedos. Levou a chave à fechadura.

Havia tomado sua decisão. Pensou no pai, antes de girar a chave.

– Abra essa porta agora! – ordenava Mizael Barreto pela enésima vez, fuzilando Jaime com os olhos.

No momento em que girou a chave da porta de ferro que isolava a carceragem do resto da delegacia, não só Mizael mas também Lúcio e todos os outros que o observavam tiveram a plena certeza de que o rapaz decidira deixar de ser um obstáculo para o objetivo em comum: punir o padre pedófilo.

Talvez até Jaime, por um microssegundo, em algum lugar do seu subconsciente, tivesse considerado de fato essa possibilidade. A verdade nua e crua era que a frase dita por seu pai anos atrás fora responsável pela decisão que acabara de prolongar um pouco a vida de Paulo Carvalho. Havia optado pelo “bem” que havia dentro dele. Agora, precisava fazer com que reforços chegassem o mais rápido possível.

– Júlio, você está aí? Câmbio.

Nada.

– Chefe, preciso de você urgente. A delegacia está sendo invadida. Câmbio.

Só o silêncio.

Jaime deu alguns passos para trás quando viu alguns pares de braços tentando agarrá-lo pelo espaço entre as barras de ferro. Desejou que aquela porta fosse fechada e blindada. Imaginou o quanto seria um alvo fácil para algum tipo de louco armado.

Viu a porta ser empurrada para frente e puxada para trás continuamente pelo grupo de pessoas do outro lado das barras.

Apesar da força empregada, sabia que a porta resistiria ainda por algum tempo. A solidez das barras de ferro fixadas ao concreto espalhado no chão dava a certeza de mais alguns minutos de segurança. Agradeceu a sorte de ser o responsável pela carceragem. Apenas o responsável carregava as chaves tanto para esta porta quanto para as celas. Uma medida para evitar dúvidas no caso de uma facilitação de fuga.

– Alguém está me ouvindo? Preciso de reforço na delegacia imediatamente. Por favor, alguém me ouve? Câmbio.

– Alto e claro. Qual é o problema? Câmbio.

Alguma coisa naquela voz parecia familiar, mas não reconheceu ser de nenhum dos policiais com quem trabalhava.

Ainda assim, não tinha tempo para nada além de pedir por socorro.

– Por favor, aqui quem fala é o policial Jaime Tedesco. A delegacia de Novo Salto está sendo invadida. Preciso de reforços imediatamente. A população está descontrolada querendo linchar um prisioneiro. Não tenho muito tempo. Câmbio.

O rádio ficou mudo novamente.

– Você ainda está aí? Por favor, responda! Alô?

Jaime esperou mais alguns segundos antes de ouvir a voz novamente. Pareceram séculos.

– Espere um minuto... Você está bem?...

O policial sentiu como se a última pergunta não tivesse sido dirigida a ele. Como se a pessoa do outro lado do rádio tivesse outras coisas com o que se preocupar além dele e da multidão enfurecida.

– Você não está entendendo!– disse Jaime, misturando raiva e desespero. – Não temos um minuto... na verdade, não temos nem a porra de um segundo! Preciso de reforços já!

Mais uma vez o silêncio. Jaime fechou os olhos refletindo nas prováveis consequências que viriam com a decisão tomada por ele. Só então recordou que seu pai nunca lhe garantira que a “escolha certa” traria, necessariamente, as melhores consequências. Até por isso, eram escolhas difíceis de serem feitas. *Você colhe o que planta*, pensou ele com desânimo. Havia plantado “rosas”, mas colheria apenas os “espinhos”.

A voz no rádio voltou messiânica.

– Estamos a caminho. Chegaremos o mais rápido que pudermos.

A esperança adquirida com a vinda da *cavalaria* durou pouco. Muito pouco. Viu um corredor se

abrindo entre as pessoas que se espremiavam em frente à porta de ferro. Do corredor, surgiram dois homens relativamente fortes. Braços musculosos e cenho franzido pelo ódio. Nas mãos, cada um carregava um enorme pé de cabra. Atrás dos dois, vinham Mizael e Lúcio.

– O que você está fazendo, Lúcio? – Jaime perguntou assustado.

– Vingando a honra do meu filho – ele respondeu com frieza.

– Isso é assassinato! – Jaime disse, tentando trazer todos de volta à realidade. – Vocês serão nada mais que um bando de assassinos!

– O que você chama de assassinato, nós chamamos de justiça.

Abram a porta! – gritou Mizael para os dois homens.

Ficou evidente que aquela nova estratégia havia extirpado Jaime de alguns minutos extras. Não levaria mais que dois minutos – *talvez cinco com muita sorte* – para que aquelas barras de ferro fossem retorcidas e impedidas de fazer seu trabalho.

Havia chegado a hora de Jaime espetar os dedos naqueles *espinhos colhidos*. Só tinha uma coisa a fazer. Precisava dar a Paulo Carvalho algum tempo extra.

Tirou a chave da cela do seu bolso e jogou para dentro da cela onde Paulo se encontrava encarcerado. Pensou em abri-la para se refugiar junto com ele, mas não podia arriscar que a porta forçada fosse arrombada no mesmo instante. Paulo olhou para Jaime, invadido por uma visível surpresa. O policial não disse nada, apenas tirou a arma do coldre, apontando-a para a multidão. Havia uma nova escolha a ser feita.

Jaime pegou o rádio pela última vez.

– Não sei quem você é, amigo. Nem onde está, mas você tem menos de um minuto para chegar aqui.

Assim que terminou de falar, a porta de ferro foi quebrada, espatifando-se na parede do corredor.

Jaime encarou Paulo uma última vez. Seus olhos já bastariam para que entendesse a mensagem, mas sua boca quis ter certeza de que o padre o compreendia.

– Não estou fazendo isto por você.

Então, disparou o primeiro tiro.

Dois pequenos planetas.

Sim, o peso que eu sentia em meus olhos fazia com que meus globos oculares parecessem dois pequenos planetas. A cabeça latejante tornava o exercício de abri-los ainda mais difícil e doloroso.

Sentia meu corpo entorpecido, como se acabasse de despertar de um pós-operatório. Por um segundo, cheguei a pensar que tudo aquilo pudesse ter sido apenas um vívido pesadelo de uma mente anestesiada.

Mas não! A realidade não me deixaria escapar tão fácil assim.

A vista embaçada limitava minha visão somente a alguns poucos centímetros. O que não estivesse ao alcance das mãos era imediatamente transformado em um indecifrável borrão. Tateei para os lados tentando usar um dos quatro sentidos que me restavam. Primeiro, a mão esquerda tocou em um cilindro que logo percebi ser uma das pernas do banco em que estava sentado quando tudo escureceu; depois, alcançou uma parede de tijolos que servia como fundação para o balcão logo acima da minha cabeça.

Ao longe, pude ver mais um enorme borrão. Dessa vez, esticado no chão. A figura aumentava e diminuía seu tamanho seguindo o frenético ritmo imprimido na minha cabeça. Preferi olhar para o copo meio cheio e ver aquela disfunção sendo nada mais que um sinal de que minha visão caminhava para a normalidade.

– Tem alguém aí? – perguntei, enquanto engatinhava como um bebê na direção da imagem fosca.

Sem resposta alguma, continuei minha caminhada “infantil” até o local onde se encontrava o borrão parado à minha frente.

Quanto mais me aproximava, mais nítida a imagem ia ficando.

Apesar disso, não conseguia decifrar exatamente o que era aquela forma misteriosa.

Até que senti um braço.

Meu Deus! É um homem! Levei minha mão imediatamente até a cintura, mais precisamente até o espaço onde meu coldre costumava ficar, mas tive uma ingrata surpresa ao não encontrar minha arma lá.

A pessoa deitada no chão ainda não havia se mexido, e pensei se o que tinha acontecido comigo poderia também ter acontecido com ela. Só quando toquei seu pulso esquerdo com os dedos da mão percebi que o que tinha acontecido àquela pessoa havia sido muito pior. Os batimentos cardíacos não existiam. Quem quer que estivesse ali, não mais dividia este mundo conosco.

O susto foi ainda maior quando aproximei meus olhos do rosto já empalidecido pela ausência de vida. *Não! Não pode ser!*, pensei aflito ao identificar o corpo de Teotônio Saldanha.

Não por ele; afinal ele já havia passado do prazo de validade, mas por Laura. Se Teotônio dissesse a verdade, somente ele poderia me dizer o paradeiro de minha filha. E imaginar isso causava-me uma dor indescritível.

Comecei a caminhar para trás com a ajuda dos braços, circulando o corpo de Teotônio por trás da cabeça. A vista começava a ficar mais nítida a cada minuto e eu já podia ver que do outro lado do corpo estavam o sofá e as duas poltronas da sala. O fato de já ter estado naquela casa antes facilitava um pouco as coisas. Eu lembrava, por exemplo, que em uma mesinha de canto, entre o sofá e uma das poltronas, repousava um agora convidativo telefone fixo. Não sabia dizer onde fora parar tanto meu celular quanto meu rádio. Estava *nu*.

Enquanto contornava o corpo, apoiei a mão direita próximo da cabeça de Teotônio. Quase caí para o lado, ao tocar os dedos em algo líquido e viscoso. Levei a mão até os olhos em um movimento lento e apreensivo. Meus anos de polícia permitiam-me deduzir antecipadamente, por isso não me surpreendi ao ver minha mão banhada nas extremidades pelo sangue do homem estirado no chão. Só então percebi o buraco em sua cabeça.

Um tiro!

Foi quando eu vi a silhueta de um homem parado na porta da casa. Parecia estar de costas para mim. Uma das mãos segurava uma arma; a outra, um rádio. Agora, só me restava descobrir onde estava meu celular.

– Alto e claro. Qual é o problema? – falou a silhueta, levando o rádio para perto da boca.

A voz do outro lado respondeu, mas sem que eu conseguisse identificar todo o conteúdo. Parecia pedir ajuda. Na verdade, parecia implorar. Algo sobre algum lugar estar sendo invadido, e pedia reforços. Não conseguia afirmar com certeza.

– Quem é você? – perguntei de forma ousada, mas me arrependendo logo depois. Minha vulnerabilidade era latente.

O homem caminhou em minha direção, enquanto a voz no rádio continuava a falar algo. Ele levou o rádio à boca novamente.

– Espere um minuto... – disse o homem, antes de se virar para mim. – Você está bem?

– Agora estou – respondi, ao perceber que o homem com o rádio era Miguel. – O que aconteceu? Não me lembro de muita coisa.

Antes que Miguel pudesse me responder, a voz do rádio rompeu o ar mais uma vez.

– Você não está entendendo! Não temos um minuto... Na verdade, não temos nem a porra de um segundo! Preciso de reforços já!

– Reforços? Com quem está falando, Miguel? O que está acontecendo aqui?

– Júlio, não tenho tempo para suas perguntas agora. Precisamos ir. Conto tudo no caminho.

– Caminho para onde? – eu perguntei aflito.

– Para sua delegacia. Estão tentando linchar o padre Paulo.

Levantei sem dizer mais nada, encontrando forças não sabia onde. Precisava descobrir o que tinha acontecido com Teotônio, mas também precisávamos impedir que matassem Paulo.

Agora, ele poderia ser minha única pista restante. Enquanto seguíamos para o carro, ouvi a voz de Miguel falando ao rádio uma vez mais.

– Estamos a caminho. Chegaremos o mais rápido que puder-mos.

Paulo não sabia dizer o que o havia deixado mais impressionado: se o zunido da bala sendo cuspidada pela arma de fogo na mão de Jaime ou a cabeça do outro homem ao atingir, já sem vida, o impiedoso concreto que banhava o chão da delegacia.

Tudo acontecera muito rápido. Mais rápido do que gostaria, com certeza. Primeiro, veio o som da porta de ferro sendo arrombada; depois, os gritos clamando em uníssono por justiça. O

rosto de Jaime narrava a ele tudo o que precisava saber. O fim estava próximo e nada poderia ser feito para evitá-lo.

Então, viu Jaime dar o primeiro disparo. Logo em seguida, o segundo. Dois homens desabaram no chão bem em frente a sua cela. Caíram em um mórbido efeito dominó. Um logo atrás do outro. Jaime provara que tinha boa mira, mas, infelizmente, suas balas eram somente seis. Ou melhor, quatro. E o número de pessoas, levando-se em conta as vozes que se aproximavam, superava em muito isso.

Um terceiro tiro foi disparado, levando um terceiro homem ao chão. Só que, dessa vez, ainda vivo. Os braços mexiam-se assustados, como alguém tentando evitar o afogamento.

Quando virou-se de lado, Paulo percebeu que era ninguém menos que o policial Lúcio. Jaime havia atirado no próprio colega. Tomou um novo susto ao ouvir um quarto tiro. O alvo novamente havia sido Lúcio Rocha, que já se levantava com um pé de cabra na mão.

Os dois – policial e pé de cabra– caíram inertes no chão.

Antes que Jaime pudesse disparar as duas balas restantes, uma montanha de braços e pernas avançou sobre ele, jogando-o ao chão sob murros e pontapés. Tudo isso bem na frente de Paulo. Os gemidos do policial podiam ser ouvidos pelo padre do outro lado das grades, dando a ele uma antevisão macabra do destino que o aguardava.

Quando Jaime já estava fora de combate, um homem deu um assobio de fazer estremecer o maior dos valentes. As pessoas aquietaram-se em frente às grades, enquanto ele se abaixava para pegar a arma largada pelo combalido policial.

– Vejo que está com a chave da cela, *padre*. Peço que a abra, por favor.

A calma de Mizael Barreto era inquietante. Paulo Carvalho pensou que, se houvesse alguém na cidade apto para o serviço em questão, esse alguém não podia ser outra pessoa senão Mizael H. Barreto. Um homem que passou a vida inteira servindo como marionete para o exército, matando e executando sem necessidade alguma de motivos, apenas precisava de *ordens*. Sim.

Ninguém poderia executar melhor aquele papel do que ele.

– Abra essa porta, Paulo! – ele ordenou pela segunda vez, demonstrando sua impaciência precoce.

– Esta cela é a única coisa que me mantém vivo, Mizael.

Conheço você. Ouvi suas confissões e sei do que foi e é capaz de fazer. Não vejo motivos para abrir a cela.

Mizael dobrou o pescoço para os lados fechando os olhos por alguns instantes. Era como se buscasse contato com sua besta interior, tentando trazer à tona todo o mal que existia dentro dele. Aos olhos de Paulo, não demorou muito para que conseguisse.

– Você vai morrer, *padre*. Isso é um fato. Nossa cidade não pode tolerar um molestador de crianças. Você não está aqui à toa. E sabe que merece tudo que vamos fazer com você. A única coisa que posso prometer é que, se abrir essa porta, tornarei, digo, tornaremos... – Mizael olhou para o lado, incluindo sumariamente todos que estavam ali na sua decisão– as coisas o menos dolorosas possível.

– Obrigado pela “piedade”, Mizael. Agradeço de coração.

Só não consigo acreditar no que diz. Além do mais, talvez eu mereça sim sofrer uma morte dolorosa.

Só não espere que eu facilite seu trabalho. Se Deus me quiser morto, que seja feita a vontade d'Ele. Não a sua.

– Não ouse falar em Deus com essa sua boca suja, seu *merda!*

Paulo ouviu o estrondo e sentiu a coxa sendo rasgada pela bala que agora queimava sua perna por dentro. A dor aguda dava a ele a impressão de que alguém perfurara sua perna com um ferro em brasa, retorcendo-o lá dentro. Caiu no chão e viu a perna espirrando jatos de sangue com uma força tamanha que só podia significar o rompimento de uma artéria.

Um novo barulho fez com que fechasse os olhos com força, temendo ser alvo de mais uma bala invasiva. Mas nada aconteceu. O barulho não fora produzido pela arma de fogo, mas sim pelos pés de cabra que novamente trabalhavam a todo vapor.

O sangue se acumulava pelo chão sujo formando uma poça viscosa a sua volta. Paulo percebeu, naquele exato segundo, que suas esperanças deixavam de ser sonho, tornando-se um pesadelo. Foi somente aí que refletiu. Sobre a vida; sobre o que fizera; sobre as pessoas a quem havia ajudado, mas que somente se lembrariam dele como um pedófilo nojento. Sempre quis-era fazer o bem, ser agradável, ajudar as pessoas a alcançarem seus sonhos, seus desejos – ou, ao menos, ampará-las quando não conseguissem. Como acabara ali? Daquele jeito? Sozinho?

Dentro daquela cela imunda? Cercado por pessoas que queriam sua cabeça em uma bandeja?

Decidiu que contaria toda a verdade a Júlio. Mas como?

Não tinha como se comunicar com ele. Não tinha como escrever. Nem papel, nem caneta. Se, ao menos, pudesse usar algo para escrever na parede. Escorregou a mão no próprio sangue, caindo com o rosto no líquido vermelho. A lateral do rosto inteira pintada pela *tinta humana*. *É isso!*, pensou Paulo com euforia. Seu sangue seria seu mensageiro. Usaria seu sofrimento para ajustar as coisas pela última vez. Não havia forma mais linda de despedir-se de uma vida regada por arrependimentos do que fazendo o bem.

Colocou-se sentado com dificuldade devido à dor latejante na perna. Nunca imaginara em toda a sua vida que seria alvo intencional de um tiro. Muito menos que, momentos depois, estaria agradecido por isso. O seu sangue poderia mudar a forma com a qual seria lembrado. Começou a rabiscar algumas coisas no chão da cela, mas o concreto escuro tornava o que escrevia quase indecifrável. Levantou-se ainda com mais dificuldade e seguiu até a parede nos fundos. Fez um risco vertical, depois levou a mão até a perna buscando encharcá-la com mais “matéria-prima”. Voltou à parede e fez um risco diagonal, partindo da parte de cima do risco anterior. A concentração era tamanha que nem notou a hora em que a porta da cela cedeu.

As pessoas entraram gritando e Paulo olhou para trás. Mizael H. Barreto, seu carrasco, estava bem na sua frente. O padre levou a mão à perna uma última vez e fez mais um risco na parede. Então, foi arrancado de cima da cama de concreto em que se apoiava.

Os primeiros dois chutes que levou na boca foram suficientes para amolecer quase todos os dentes. Seu cabelo foi puxado para trás e mais um soco foi desferido contra seu rosto.

Nesse ponto, já não sentia quase mais nada. Ouviu uma voz as-soprar em seu ouvido: “Eu falei que ia te pegar, não falei?”.

Mesmo quase inconsciente, Paulo não teve dificuldade em saber quem proferira aquelas palavras. Conseguiu arrumar forças para responder:

– Eu perdooo você, Mizael...

A absolvição do padre pareceu ter enfurecido ainda mais seu agressor. Foi puxado pelo cabelo até a outra extremidade da cela. Deitado no chão, sentiu a nuca encostando no frio do que parecia ser uma barra de ferro. Então, veio o primeiro golpe.

Não sentiu muita dor quando o nariz foi quase todo esmagado pela porta da cela imprensando seu rosto.

O descontrole de Mizael fez com que todos ali paralisassem: – *Você...* – ele gritou ao dispender mais um golpe impiedoso.

– *Não...* – outro golpe – *tem...* – mais um – *moral...* – “*quantos já foram?*” – *Nenhuma...*

– “*Já acabou?*” – *para... me... perdoar!*

Os últimos golpes infligiram a mesma dor que o soco em um rosto anestesiado. Paulo sentia a morte se aproximando de forma inevitável. A pouca consciência que lhe restava parecia fugir do seu controle.

Ouviu mais uma vez o cruel barulho da arma de fogo. Teria sido atingido mais uma vez? Não saberia dizer. Seus olhos apenas abriam... e fechavam... abriam... e fechavam... abriam... e fechavam.

Até não abrirem mais.

14h59

– Não sei quem você é, amigo. Nem onde está, mas você tem menos de um minuto para chegar aqui.

A melancolia e o desânimo ficaram evidentes na voz que vinha do rádio. Miguel ocupava o volante enquanto eu ainda voltava aos poucos do meu estado de letargia. Por sorte, meu raciocínio parecia totalmente recuperado, algo que ainda não podia afirmar sobre os meus reflexos. Tinha impressão de que enxergava tudo com um segundo de atraso, experimentando as coisas em uma espécie de *slow motion* natural.

Miguel tirou uma das mãos do volante, tentando alcançar o rádio colocado na porta do seu lado esquerdo. O velocímetro marcava mais de 100km/h, contrastando com a placa na estrada que *gritava* para nós um número bem inferior.

– Cuidado! Um carro! – disse assustado, ao percebê-lo mais concentrado em achar o aparelho do que em nos manter vivos.

Havíamos levemente invadido a mão contrária. Um veículo de passeio trafegava calmamente do outro lado. Miguel assustou-se com meu aviso, virando a direção para o lado direito o mais rápido que conseguiu. Por alguns segundos, achei que não fosse conseguir retomar o controle da viatura que já ziguezagueava de um lado para outro à medida que Miguel cometia um novo erro ao tentar consertar o erro cometido anteriormente. Quando finalmente obtive sucesso, fui banhado por uma sensação de alívio só presente naqueles que encaram a morte nos olhos. Depois de tudo que tinha me acontecido nas últimas horas, meu fim não poderia ser tão tosco e simplista como esse.

– Preste atenção, Miguel! Você quer nos matar nessa *porra* de estrada? – eu soava *genuinamente* preocupado.

– Desculpe-me. Estava tentando alcançar a merda do rádio. Ele caiu entre a porta e o banco– Miguel respondeu *genuinamente* chateado.

– Desculpas não adiantariam de nada caso batêssemos de frente com aquele carro. Esqueça o rádio e preste atenção na estrada!

– Júlio, eu estou fazendo o melhor que posso aqui. Não tenho o mesmo treinamento em pilotagem que você. Se quiser assumir, eu não me importo, mas do jeito que ainda está, estou certo de que nem chegaríamos ao nosso destino.

Sabia que Miguel tinha razão. Meus reflexos ainda não estavam apurados para dirigir na velocidade que aquela voz tran-stornada vinda do rádio demandava. Além do mais, pressionar Miguel naquele momento não parecia ser a decisão mais segura.

O melhor a fazer era mudar o foco. E eu tinha o assunto perfeito para a ocasião.

– Você está certo, Miguel. Peço desculpas. Eu que ando nervoso com toda essa situação. Ainda não entendi o que aconteceu naquela casa. Tenho tantas perguntas e tão poucas respostas. Uma em especial: Onde está Laura?

Miguel permaneceu calado, concentrado na estrada enquanto a cidade de Novo Salto se aproximava.

– Na verdade, Miguel, eu quero saber sobre os últimos acontecimentos. Como você foi parar lá? Por que atirou em Teotônio? Ele revelou algo sobre Laura? Onde ela está?

Miguelolhou de soslaio para mim, como se dissesse: “Isso é hora para uma conversa dessas?”. Infelizmente para ele, eu achava que sim.

– Júlio, não tenho muito o que contar– os olhos dele mantinham-se na estrada. – Vi você sair apressado depois de falar com Pedro. Parecia nervoso, aflito. Senti que não eram boas notícias. Sabia também que, se fosse falar com você, não deixaria que eu o ajudasse. Foi quando eu o vi entrar na viatura, sem falar com ninguém. Resolvi, então, segui-lo.

– Fico surpreso por não tê-lo visto me seguindo. Tenho ótima visão para isso.

– Talvez seja por que você nem desconfiava dessa possibilidade. Por isso não quis arriscar ir falar com você na delegacia. Caso dissesse não, poderia ficar mais atento; desconfiar de alguma coisa. Além disso, eu o segui bem de longe. Usei o rastreador na sua viatura e o GPS na minha. Pude manter uma boa distância.

– Claro. O GPS– falei num tom baixo, quase sussurrado, dando vida, sem querer, a um pensamento. Mas ainda restavam outras dúvidas. – E o que aconteceu lá? Por que o matou?

Miguel olhou novamente para mim. O rosto demonstrava o quão delicado considerava aquele assunto específico. Apesar de circunstâncias diferentes, já havia cometido assassinato uma vez– *ah, minha doce Débora*– e pagara caro por isso. Trinta anos de sua vida, sendo mais específico. Matar Teotônio parecia ter desencadeado nele antigas e indesejadas lembranças.

– Júlio, primeiro, eu observei vocês dois de longe. Pareciam conversar sobre alguma coisa. Obviamente, não sabia o que. Vi você se sentar em frente ao balcão, enquanto ele lhe servia café.

Achei aquilo tudo muito estranho. Não foi difícil deduzir que ele tinha um ás na manga. Muito menos que esse trunfo respon-dia pelo nome de Laura. Vi quando, depois de relutar bastante, você decidiu tomar o café. Não demorou muito para que des-moronasse no chão, levando o banco junto. Achei que tivesse morrido. Desesperei-me. Corri para a porta, invadindo a casa de maneira descuidada. Teotônio estava em cima do seu corpo. Segurava uma faca de cozinha perto do seu rosto. Ele me ouviu entrar e virou-se para trás. A faca na mão agora apontava para mim. Foi quando vi sua arma no balcão, clamando por justiça.

Quando ele partiu para cima de mim, disparei a arma. Ele caiu na hora. O resto, bom, o resto você já sabe.

Aquela era a segunda vez em dois dias que Miguel salvava minha vida. A primeira havia sido após o acidente ocorrido nesta mesma estrada pouco tempo atrás. O que ele não sabia era que, ao fazer isso, possivelmente condenara Laura à morte.

Minha filha. Seu amor. Pela primeira vez, a visão dos dois juntos não veio acompanhada por uma náusea inebriante. Queria a chance de poder voltar atrás e avisá-lo: “não atire... deixe-me morrer... salve nossa Laura”.

Mas não podia voltar atrás. Nem ficar quieto.

– Não acredito que ele quisesse me matar– eu disse, fechando os olhos e buscando o encosto de cabeça do banco. – Na verdade, tenho certeza. Ele teve diversas oportunidades para isso, mas não o fez. Até o café pode comprovar isso. Se quisesse me envenenar, eu já estaria morto.

– Não entendo, Júlio. O que ele queria com você então?

Eu sabia que aquilo que lhe contaria seria algo perturbador.

Mesmo assim, não vacilei nem por um segundo.

– Ele queria me dizer o paradeiro de Laura. Em troca de imunidade.

– Você quer dizer que eu...

Interrompi Miguel sem demonstrar compaixão alguma.

– Ao matá-lo, você me salvou. Mas, provavelmente, acabou com as chances de Laura.

O silêncio que pairou sobre nós foi ensurdecedor. Veio regado por memórias doloridas e pulsantes. Passado e presente unidos pela desgraça. Nossa desgraça. Até que uma esperança brotou junto com uma voz conhecida vinda do rádio.

– Júlio... *cof... cof...* você está... aí? Júlio... eu sei... *cof... cof...* Laura...

Dessa vez, não precisei dizer nada. Miguel nem tentou buscar o rádio perdido embaixo de seu banco. Manteve os olhos fixos na estrada. E eu no velocímetro– que já chegava a 160km/h.

Foram inúmeras as vezes em que achei que fossemos derra-par numa curva mais acentuada ou bater em um muro inesperado, mas, quando estacionamos em frente à delegacia de Novo Salto não poderia estar mais grato a Miguel e à forma inconsequente com a qual nos conduzira até ali.

Na minha cabeça, ainda martelavam as últimas palavras ditas por Paulo, antes de o rádio silenciar-se de vez. Uma em especial: *Laura*.

Tempo parecia um fator crucial para que obtivéssemos algumas respostas importantes, a principal delas: Onde estaria minha filha? A pressa aumentou ainda mais quando Miguel conseguiu retirar o rádio preso ao seu lado, chamando por Paulo.

Sem sucesso.

Desci da viatura com a arma empunhada. Não sabia o que iria enfrentar, mas imaginava os desastres que poderiam ser causados por uma massa humana enlouquecida. As pessoas tornavam-se agressivas e vis quando camufladas no meio de um bando. Mas esse não parecia mais ser o caso ali. A delegacia estava praticamente deserta. Como se pertencesse a alguma daquelas cidadezinhas de interior retratadas nos filmes de Hollywood, totalmente abandonadas em razão de alguma profecia, mal demoníaco ou catástrofe natural.

Segui direto para a carceragem. O que vi me impressionou.

Justo eu que havia visto minha Agatha em pedaços, meu filho em uma jarra e meu amigo crucificado. Sem contar aquela mulher e seu filho dentro da sacristia. Só que, dessa vez, o impressionante não foi o estado em que se encontravam os corpos, mas o fato de saber que aquilo que eu via tinha sido causado por pessoas *normais*.

Para onde o mundo estava caminhando?

Do lado de fora da cela, havia cinco corpos estendidos no chão. Os primeiros, pertenciam a dois homens fortes, imponentes, cujos músculos inertes não intimidariam mais ninguém.

Um deles ainda carregava um pé de cabra em uma das mãos.

Um pouco mais à frente, havia um policial caído de bruços.

Corri até o corpo, desvirando-o. Deparei com o rosto sem vida de Lúcio Rocha. Dois tiros na altura do peito.

Ainda mais à frente, outros dois homens deitavam imóveis.

Um de barriga para cima e o outro de bruços, usando o peito do primeiro como travesseiro. Ambos estáticos. Ao me aproximar, percebi que também conhecia aquelas duas pessoas. Paulo ainda vestia a batina usada no dia a dia da igreja. Jaimetambém permanecia “fantasiado” com seu uniforme.

Um buraco redondo “enfeitava” a testa do policial. Um pouco de sangue misturava-se a um resíduo preto formando uma pasta mórbida. Marca de tiro. Não só isso. Aquela era a assinatura de uma execução. A que ponto as coisas haviam chegado? Dois policiais mortos. Um deles, executado. As coisas haviam passado de qualquer limite aceitável.

Fui até o corpo inerte do padre, colocando-o de costas para baixo. O que senti ao ver o rosto marcado e ensanguentado foi algo que nunca serei capaz de descrever. Nem ousaria.

Uma vítima de linchamento em pleno século XXI. O rosto sem vida trazia-me ainda mais amargura. Quaisquer respostas que pudesse ter a respeito de minha filha seriam sepultadas junto com o seu corpo.

Miguel apareceu na grade de ferro arrombada pela multidão. Pareceu não acreditar no que via. Chegou mais perto. A angústia em seus olhos iluminando tudo a sua frente.

– Júlio, por favor, diga que ele não está morto.

Apenas levantei a cabeça olhando em sua direção. Palavras nem sempre faziam-se necessárias. Miguel ajoelhou-se ao meu lado. Os braços a minha volta tentavam mostrar-me que não estava sozinho. De nada adiantava saber que não estava só, se a única pessoa que queria ao meu lado não estava comigo.

Então, veio o “milagre”. Uma busca asmática por ar rompeu o silêncio, como um banhista que alcança a superfície depois de ser envolvido pela força de uma onda. Miguel e eu quase caí-

mos para trás com o susto que levamos, somente para que depois víssemos nossas esperanças renascem.

Paulo Carvalho não havia morrido. E Laura também não.

Cof... Cof...

A cada tosse, a quantidade de sangue expelida tornava-se ainda maior. Era fácil notar a batalha interna que tomava conta do corpo de Paulo, e que já começava a substituir por sangue o ar de seus pulmões.

Só havia uma verdade. Paulo Carvalho tinha pouco tempo de vida. O que me dava ainda menos tempo para arrancar dele a informação de que precisava.

A hemorragia parecia cada vez mais forte. O sangue, agora, escorria também pelos ouvidos.

– Paulo, diga-me onde está Laura!– o tom mais elevado revelava minha incerteza sobre sua capacidade de audição.

Cof. Cof.

Mais sangue.

– Paulo, pelo amor de Deus! Você precisa me dizer onde está Laura!

Dessa vez, chacoalhei seu corpo para que percebesse, ao menos, que falava com ele. Até seus olhos pareciam avermelhados.

Cof. Cof. Cof.

O líquido não parava de jorrar, ao contrário das palavras, ainda escassas.

Enquanto o sangue era bombeado para fora do corpo por todos os poros possíveis, deixando vermelho tudo ao seu alcance, a pele do padre contrastava com todo o resto, empalidecendo a cada minuto. Não demoraria muito para que Paulo parecesse um fantasma. Nem para que *virasse* um.

Seu tempo ficava mais curto a cada segundo. O meu também.

– Paulo, eu lhe imploro! Diga alguma coisa... qualquer coisa... A vida de Laura está em jogo. Por favor!

Mais tosse. Mais sangue. Dessa vez, acompanhado de um trio de sílabas sem sentido.

– No... me.. na.

– O que disse, Paulo?

Encostei a cabeça perto da sua boca; não me importava que ficasse toda pintada de vermelho como uma tela de pintura, desde que conseguisse compreender o que o padre moribundo dizia.

– No... me.. na.

A palavra vinha banhada pela pasta viscosa que se acumulava dentro do seu peito. Uma mistura de sangue e catarro que desprendia um aroma pútrido. Miguel se aproximou com cautela. Entendia meu estado emocional e pareceu querer evitar mais um ataque de fúria.

– Júlio, chame por ajuda. Ele precisa de cuidados médicos urgentemente. Não conseguiremos nada com ele agora. Seus pulmões estão cheios de sangue. Sem o atendimento correto, ele não irá sobreviver. E precisamos dele vivo, Júlio.

– Não preciso que me lembre disso. Sei muito bem do que precisamos ou não.

Eu e a minha eterna mania de dar a última palavra. A única coisa que aquela resposta tinha feito era me fazer perder mais um segundo. Miguel tinha razão. A única coisa que nos restava fazer era chamar por uma ambulância e torcer para que Paulo aguentasse mais um pouco. Corri para a sala onde ficava o rádio central. Agradei ao vê-lo intacto, apesar da “rebelião” de pouco tempo atrás. Pensei em Jaime clamando por socorro. Lembrei de informar no rádio sobre os cinco mortos, além do prisioneiro ferido. Aqueles policiais eram meus amigos. E alguém iria pagar por isso. Mas antes tinha de descobrir o paradeiro de minha filha.

Ouvi um berro vindo da carceragem. Balancei a cabeça es-pantando alguns pensamentos e segui

correndo até lá. Miguel tinha uma expressão atordoada no rosto.

– Ele morreu, Júlio. Paulo morreu.

A cabeça do padre permanecia cuidadosamente em seu

colo. A boca aberta e os olhos arregalados davam um toque mórbido àquele cenário. Senti algo me roer por dentro. Uma sensação de impotência que gritava despertando um desespero camuflado e deixado de lado. Como encontraríamos Laura agora?

– O que faremos, Miguel? Diga-me. Não sei mais o que fazer. Estou perdido. Derrotado.

Sinceramente, não sei por onde começar. Ele era nossa única chance.

O chão de concreto da delegacia serviu como apoio para os meus joelhos. Nunca gostara de ajoelhar em toda minha vida.

Desde criança. Parecia algo que só os derrotados e os desesperados costumavam fazer— pessoas assim como eu estava naquele momento: sem esperança alguma.

– Nomena— disse Miguel, enquanto eu permanecia ajoelhado com a testa tocando o chão.

– O quê?— eu perguntei, sem entender.

– Antes de morrer, Paulodisse uma palavra: “Nomena”.

– E o que isso significa?

– Você tem certeza de que não se lembra, Júlio? — disse Miguel envolto por um ar de dúvida.

Claro!, pensei de um segundo para o outro. “no... me... na”.

“Nobleman”. Todo aquele tempo Paulo tentava me dizer o endereço do local onde Laura estava. Rua Nobleman. Como ele sabia disso, talvez fosse algo que nunca conseguiria descobrir.

– Laura está em algum lugar da Rua Nobleman. Paulo

tentou nos dizer o endereço. Só não sabemos qual a casa. Ele disse algo mais? Um número, por exemplo?

Miguel levantou-se colocando cuidadosamente a cabeça do padre no chão. Limpou o sangue acumulado em algumas partes da camisa e voltouse para mim.

– Nem será preciso, Júlio. Isso não pode ser uma mera coincidência. Só há um lugar em que sua filha possa estar escondida.

– E que lugar seria esse?— perguntei, sem nunca imaginar a resposta que viria a seguir.

– No mesmo lugar em que estivemos há quase quarenta anos.

Naquela casa maldita.

– *Aqui estamos, pessoal. Rua No... me... na. Finalmente chegamos.*

– Paulo, você é analfabeto ou o quê? O nome da rua é Nobleman. No... Ble... Man!

– Calma, Júlio. Não é segredo para ninguém que Paulo é um pouco mais lento que a média. Hahaha.

– Parem com isso os dois. Não sou burro; nem lento; muito menos, analfabeto. Só não estou usando meus óculos.

– Não ligue para a gente, Paulo. Eu e o Júlio estamos apenas atormentando você um pouco... seu cegueta!

– Eu já disse para parar!

– Calem a boca os dois! Não viemos aqui atrás de conversa.

Viemos pegar as garrafas da velha, lembram-se?

– Então, Júlio, sobre isso, eu acho que...

– Você não acha nada, Paulo. Não vai me deixar na mão numa hora dessas, vai? Você não quer comprar o carrinho de rolimã? Então. Temos de juntar garrafas suficientes para levar até o velho Florêncio. Não são muitas as pessoas que aceitam ter garotos de 10 anos de idade trabalhando para eles.

– Eu sei disso, Júlio. É que...

– “É que” nada! Ouvimos a velha bruxa falando sobre a coleção de garrafas dela, não ouvimos?

Então, a gente aproveita que ela não está em casa, entra lá e pega algumas das garrafas.

Esse é o plano. Entendido?

– Mas, Júlio, por que não buscamos garrafas em outro lugar?

Toda garrafa é igual à outra. Não há diferença.

– Miguel, que parte de “coleccionargarrafas” você não entendeu? Algumas dessas garrafas podem valer muita grana, talvez. Sei lá. Vale o risco. Além disso, não é sempre que aparece uma oportunidade como essa de fazermos algo diferente. Novo Salto é um saco! Quem está comigo?

– Eu estou!

– E você, Paulo? Está com a gente?

– É... acho que sim.

– Ótimo! Preparem-se para a maior aventura de nossas vidas!

O caminho até o local sugerido por Miguel foi feito numa espécie de piloto automático. Não me recordava do caminho, das curvas, dos semáforos. Na minha cabeça havia somente a lembrança daquele outubro de 1971 e dos eventos ocorridos naquele dia, que, sem saber, moldariam por completo o resto da minha vida.

Três crianças unidas pela amizade e pelo sonho de comprar um carrinho de rolimã. Éramos nada mais que isso. Garotos normais. Curiosos como todos os outros. Imaturos como todos os outros.

O plano era simples. Entrar na casa da velha bruxa, “pegar e emprestado” algumas das garrafas de sua coleção, repassá-las ao Sr. Florêncio, usar o dinheiro para realizar nosso sonho e, finalmente, passar as tardes descendo ladeiras íngremes ao invés de catar garrafas de vidro por toda a cidade.

Foi um 7 de outubro o dia escolhido para entrarmos. Não porque gostássemos da data ou porque o tempo bom contribuísse para a escolha ou porque calhara de ser uma das raras datas em que ao menos um de nós não estava de castigo. Nada disso. Esse era o dia que sabíamos que a mulher não estaria em casa. Tinha ido passar o dia em um retiro numa cidade qualquer, segundo Miguel a ouvira relatar ao dono da mercearia.

7 de outubro... A data permaneceu circulando em meus pensamentos. Um dia que marcava negativamente minha vida.

Também havia sido a data em que Débora fora assassinada pelo homem em pé ao meu lado. Aquela lembrança me fez refletir se, algum dia, de verdade, seria capaz de perdoar Miguel por aquela manhã de outubro de trinta anos atrás.

A resposta que seguiu foi angustiante: *Simplesmente não sabia.*

Desci do carro e segui a pé pela Rua Nobleman.

Aproximando-me do número 212. Lá estava a velha casa. Uma aparente tranquilidade capaz de iludir qualquer um sobre o que realmente acontecia atrás daquelas paredes castigadas.

Questionei-me se Laura estaria escondida ali.

A resposta que seguiu foi angustiante: *Simplesmente não sabia.*

Olhei as horas na tela do meu celular. 15h19. Mas o que realmente chamou minha atenção foram os números postados logo abaixo das horas: 07/10/ 09.

– Rápido! Vamos! Antes que alguém veja a gente!

– Calma, Júlio. Não tem ninguém por perto. Além do que, é mais fácil eles ouvirem seus berros do que ver a gente entrando.

– Então pede para o Paulo mexer essa bunda gorda dele!

– Cala boca, Júlio! Não tenho bunda gorda nenhuma.

– Até parece que não. Venham. Temos de achar o lugar em que ela guarda sua coleção de garrafas.

– Júlio, você tem certeza de que isto vai dar certo?

– Claro que tenho, Miguel. A velha foi viajar, lembra?

Em todo o caso, é melhor nos separarmos para encontrar mais rápido. Miguel, você vasculha os quartos. Eu vou procurar na cozinha e na sala. Paulo, você desce até o porão.

– Eu não vou entrar sozinho em porão nenhum!

– Você é um banana mesmo, hein? Não sei porque trouxemos você com a gente.

– *Júlio, ele veio porque é nosso amigo. Se ele não quer ir para o porão sozinho, tudo bem. Eu troco com ele. Agora, vamos logo com isso. Quem achar alguma coisa ou ouvir algo suspeito dá um grito, ok?*

– *Achei! Paulo, Júlio, desçam aqui!*

– Miguel, onde você está?

– Aqui embaixo, Júlio! Você não vai acreditar na quantidade de garrafas que têm aqui.

– Acertamos na mosca?

– Sem dúvida, meu amigo. Acho que dá para comprar uns dez carrinhos de rolimã com o que tem aqui.

– Nossa, Miguel! É muita garrafa mesmo.

– Não disse, Paulo?

– Olha aquelas lá em cima. Temos de pegar aquelas. Devem ser as mais valiosas.

– Concordo, mas vai com cuidado Paulo. Com calma... espera aí... Cuidado, Paulo! Assim vai derrubá-las!

– Droga! O que está acontecendo aqui? Dá para fazer menos barulho?

– Calma, Júlio. O Paulo apenas deixou algumas garrafas cair-em. Você está bem, amigo?

– Algumas? Esse desastrado deve ter quebrado pelo menos umas vinte!

– Desculpa, pessoal. É que eu vi um negócio brilhando entre as garrafas lá em cima e quis ver o que era.

– Que negócio brilhando? Do que está falando?

– Ele está falando disso aqui, Júlio.

– Que capa mais linda. Que jogo é esse?

– Não sei, mas acho que deve valer muito mais que essas garrafas. Olha isso! Aqui diz: “Jogo dos espíritos”.

– Espíritos? Então nem abre isso aí!

– Cale-se, Paulo! Seu covarde. Abra o jogo, Miguel. Parece di-vertido.

– Não sei se devemos, Júlio. Concordo com o Paulo. Isso não é o tipo de coisa com a qual se deva brincar.

– Você também, Miguel? Isso é um jogo. Está escrito aí.

Uma brincadeira, nada mais. Agora abra logo antes que alguém chegue aqui. Vai lá saber se alguém ouviu o desastre causado pelo nosso amigo aí.

– Veja, Júlio. É igual ao jogo do copo.

– Perfeito! Então, que tal jogarmos um pouco?

– O que é o jogo do copo?

– É uma brincadeira conhecida, Paulo. Só isso. A gente coloca o copo neste tabuleiro aqui e todos os presentes na sala têm de segurá-lo. Depois, fazemos perguntas. Se houver algum espírito, o copo se mexe sozinho. Entende?

– Não sei se gosto dessa ideia.

– Vamos logo com isso! Vai dar uma de menininha agora, Paulo?

– Não sou menininha!

– Então prove!

– Pronto, galera. Está montado. Júlio e Paulo, podem pôr a mão no copo comigo?

- Beleza. Quem vai fazer a pergunta?
- Eu que não vou!
- Já imaginava isso, Paulo. Deixe que eu faço. Prepare-se Miguel. Aqui vai: tem algum espírito aqui?
- Droga, Miguel. O que está acontecendo aqui? O copo está se movendo!
- Não tire a mão daí, seu palerma!
- Parou no “Sim”. O que “Sim” significa?
- Ahahahaha... Significa que não estamos sozinhos, covardão.
- Júlio, não o assuste ainda mais. Calma, Paulo. Já vamos terminar, ok ? *Agora eu vou fazer uma pergunta. Qual o seu nome espírito?*
- “A”... “D”... “A”... “M”... O nome dele é Adam!
- Eu não quero mais ficar aqui! Vou embora!
- Não tire a mão do copo, Paulo!
- Júlio, deixa ele ir. É melhor terminarmos mesmo.
- Ah, Miguel. Para com isso. Só mais uma pergunta vai?
- Ok . *Mais uma pergunta. Paulo, espera a gente lá fora. Se al-guém aparecer, grita. Ok ?*
- Ok .
- Pronto. Ele já foi. Mais uma pergunta.
- Tá bom. O que mais quer perguntar?
- Lá vai: Adam você quer ser nosso amigo?
- “N”... “A”... “O”.
- Miguel! Miguel! O que você tem? Você está tremendo inteiro! Miguel! Socorro! Paulo! Paulo, me ajuda aqui!
- O que houve, Júlio? O que você fez com ele?
- Nada. Ele começou a tremer e babar de uma hora para outra.

Meu Deus! O que está acontecendo? Miguel! Miguel!

Uma mão tocou as minhas costas despertando-me do meu sono acordado. Curiosamente, a mão pertencia ao mesmo Miguel daquele dia. Apenas trinta e nove anos mais velho.

Nunca conversamos sobre o que ocorrera dentro da casa. Logo depois das tremedeiras, Miguel ficou desmaiado por alguns minutos até acordar aparentemente bem. Voltamos andando para casa e ele parecia inteiro. Combinamos manter isso em segredo entre a gente. Para mim, foi como se nunca tivesse acontecido. Parte de mim sempre desconfiou que pudesse ser ele pregando alguma peça em nós dois. Paulo e Miguel também nunca mais tocaram no assunto. Pelo menos até oito anos depois, no julgamento de Miguel.

Mas não era o momento mais propício para relembrar aquela história. Havia chegado a hora de enfrentar aquela casa uma segunda vez. Só que agora, não em busca de garrafas, mas sim de minha filha.

– Júlio, e agora? O que vamos fazer?

– Vamos fazer a única coisa que podemos para salvar Laura.

Vamos invadir a casa.

Apesar da minha suposta segurança, “falar” e “fazer” eram coisas completamente diferentes. A ideia de invadir a casa aos chutes e pontapés, derrubando portas e seguindo até o local onde Laura estivesse, podia parecer romanticamente simples na teoria; porém, como policial, sabia que a prática exigia algo muito mais elaborado.

A casa tinha duas entradas principais: a porta da frente e a dos fundos. Diversas janelas espalhadas davam ao “inimigo”

uma visão privilegiada sobre qualquer coisa que pretendêssemos fazer. Seguindo o padrão da maioria das residências da re-gião, a casa era composta por dois andares principais, além de um porão amplo e,

se me recordava bem, mal iluminado.

Em contrapartida, Miguel e eu tínhamos duas coisas ao nosso favor: o elemento surpresa e o prévio conhecimento do interior da casa, mesmo que de quase quarenta anos atrás.

Seguimos agachados até uma das janelas que havia na lateral. A grama alta e mal cuidada tentava denunciar nossa presença a cada passo. Com a arma na mão, encostei-me à parede de concreto, tirando um pequeno espelho do porta-objeto do cinto.

Estiquei a mão direita, girando o espelho nos mais diferentes ângulos, sem conseguir ver ninguém. Apesar da falta de luz lá dentro, minha primeira impressão era de que aquele andar estava mesmo vazio.

Vendo aquilo, só me restava uma única opção: entrar na casa. Acreditava que a surpresa aliada a um pouco de sorte poderia ser suficiente para que atingisse com êxito meu objetivo de resgatar minha filha e dar fim àquela história. Tinha consciência de que tudo dependeria quase que exclusivamente de mim, uma vez que Miguel não tinha a menor experiência nesse tipo de ação.

O melhor seria mesmo seguir sozinho dali para frente; entretanto, não poderia abrir mão da ajuda de Miguel naquele momento.

– Miguel, não tem jeito. Vamos ter de invadir. Só que teremos de ser silenciosos. Não sabemos o que nos aguarda lá dentro, e a última coisa que precisamos é assustar quem quer que esteja dentro desse lugar.

– Júlio, só me diga o que fazer, e eu farei.

– Ótimo. A primeira coisa é pegar esse rádio aqui. Já estamos na mesma frequência. Só vamos usá-lo em extrema necessidade. Lembre-se, temos de ser quase invisíveis.

– Entendido. Mas e quanto à casa. Como faremos?

– O melhor a fazer é nos separarmos. Vou pela frente e você segue pelos fundos. Tome, leve isto— disse, retirando do ombro uma sacola e colocando-a no chão. Retirei um pequeno pé de cabra de dentro.

– Provavelmente tudo estará trancado. Arrombar a porta fará menos barulho que quebrar o vidro de uma das janelas.

– E você, Júlio? Como fará para entrar se a porta estiver trancada?

– Não se preocupe comigo. Agora vá. Lembre-se que a vida de Laura depende de nós.

– Farei o impossível. Confie em mim.

Miguel seguiu para os fundos da casa sem pestanejar por um segundo sequer. Fiquei observando-o para ver se ele voltava os olhos para trás antes de sumir de vista, mas ele passou no teste.

Os anos de polícia ensinaram-me que um homem seguro nunca olhava para trás após iniciar sua trajetória. Isso demonstrava sua capacidade de focar-se apenas na tarefa adiante. Olhar para trás significava prender-se ao passado. E temer o futuro.

Esgueirei-me novamente encostando na parede da casa. Olhei mais uma vez para seu interior, dessa vez sem ajuda do espelho. Fechei os olhos torcendo para que meu plano funcionasse. Tirei da mochila um cilindro de aço. Acoplei o objeto ao cano do revólver que, agora, praticamente dobrava de comprimento por causa do silenciador.

– Eu disse para você não se preocupar comigo, não disse?— mur-murei baixinho, falando comigo mesmo.

A partir de agora era tudo ou nada. Falha ou sucesso. A vida de minha filha estava em minhas mãos. Segui para a frente da casa. Sem nem pensar em olhar para trás.

15h41

Assim que cheguei à varanda na frente da casa, postei-me do lado direito da porta de entrada, junto à maçaneta. Mesmo dali, a escuridão da sala impedia-me de perceber se caminhava ou não para uma armadilha; como um rato seguindo em direção à ratoeira.

Só que, assim como o rato, eu não podia evitar o instinto que me consumia por dentro. Era algo muito mais forte do que eu.

Não havia nada mais difícil do que tomar uma decisão racional quando tomado por completo pela emoção. O “pai Júlio” falava mais forte que o “policial Júlio”. Não tinha nada que pudesse fazer para evitar isso. Nem nada que quisesse.

Tentei abrir a porta, girando a maçaneta. Como esperado, trancada. Ainda agachado, passei para o outro lado da porta.

Não havia outra opção, senão arrombá-la, e aquele era o melhor ponto para que eu fizesse isso. Apontei a arma para a tranca. O

primeiro tiro fez um buraco na madeira, mas nada que influenciasse no resultado final desejado. O segundo ajudou. Só no terceiro tiro a porta deixou de ser um obstáculo.

Empurrei-a levemente com o braço esquerdo. A luz do dia, então, começou a servir como uma espécie de lanterna natural, mostrando-me alguns pontos da sala. Dei um breve sorriso ao ler a palavra “Bem-vindo” estampada no capacho da entrada.

Nada poderia ser mais irônico.

As janelas, em sua grande maioria vedadas por madeiras pregadas à parede, permitiam a entrada de luz somente pelas largas arestas. Não pude evitar comparar aquela situação em que me encontrava à situação do público momentos antes do início de uma peça, enquanto aguardava as cortinas se abrirem para descobrir o segredo existente lá atrás. No meu caso, eu era o público; a escuridão, a cortina; e o segredo, Laura.

Já havia avançado quase até a metade da sala, sem que nada chamasse minha atenção. Segui em direção à cozinha. Nada lá também. Destranquei a porta dos fundos, mas não vi Miguel.

Chamei pelo rádio. Sem resposta. Onde *diabos* ele tinha se enfiado? Talvez tivesse decidido procurar por outra entrada ou, até, achado alguma.

Cheguei a cogitar a possibilidade de Miguel ter sido capturado, apesar de que o pouco tempo em que tínhamos nos separado tornava aquilo uma hipótese improvável. Decidi arriscar, avisando-o pelo rádio.

– Miguel– eu disse, em um sussurro quase mudo–, as portas do fundo e da frente estão abertas. Não há sinal de ninguém ainda. Vou seguir para o segundo andar.

Esperei brevemente por alguma resposta, mas ela não veio.

Talvez não pudesse falar. Talvez tivesse desligado o rádio.

Segui lentamente para a escadaria que levava ao andar superior. Encostei-me no corrimão do lado esquerdo, subindo cada degrau por vez. Foi quando a luz da casa se acendeu subitamente. Meu coração acelerou pressentindo o pior. A voz que surgiu, vinda de trás, fez gelar minha espinha.

– Onde você pensa que vai?

Não sei descrever o que senti ao ver, em um canto da sala, um homem em pé com uma arma apontada para a cabeça imóvel de Laura. Vestia apenas uma calça. No peito nu uma tatuagem chamava atenção, bem acima do coração.

Duas serpentes entrelaçadas formando o símbolo do infinito.

Só então olhei seu rosto. A surpresa foi inevitável.

O homem em pé era Patrício Pontes.

– Patrício?

– Tinha certeza que ficaria surpreso, Júlio.

Patrício tinha razão. Jamais consideraria a possibilidade de vê-lo como um dos responsáveis por todas aquelas barbaridades. E o que mais me decepcionou foi não ter sequer a mínima noção dos motivos que o levaram a participar daquilo tudo.

– Devo admitir que esperava ver outra pessoa— respondi, com uma frieza superficial.

– Imaginei que eu seria a última pessoa a passar por sua cabeça. Mas, como diz o velho ditado, a vida é uma caixinha de surpresas, não é mesmo?— ele afirmou, enquanto dobrava os joelhos, colando o rosto ao de Laura.

– Laura, certamente, ficou surpresa— ele continuou.

A mão esfregando o rosto da menina não passava de uma provocação barata; entretanto, era suficiente para despertar a minha ira.

– Tire suas patas imundas da minha filha, seu animal!— disse, apontando-lhe minha arma.

Patrício não pareceu muito assustado.

– Opa! Calma lá, velhinho. Você não quer que minha arma dispare acidentalmente, quer? Não seria nada bom para sua linda princesinha aqui. Seus miolos iriam se espalhar por toda a sala; grudar na nossa pele. Se bem que tenho sérios motivos para já considerá-la uma completa desmiolada.

Ele riu como se tivesse feito a mais engraçada das observações. Respirei fundo, contando até dez. Não perderia essa batalha para mim mesmo agora. Laura não seria mais uma ví-

tima do meu destempero. Senti o *pai Júlio* abrindo caminho para o *policia*l Júlio à medida que ia me acalmando. Passei a observar os arredores, tentando achar algo que me ajudasse em meio àquele breu artificial. Precisava distraí-lo até que encontrasse algo que pudesse me ajudar a tirá-lo dali de perto da minha filha. Um tiro era só o que eu precisava para acabar com aquele tormento todo. Apenas um tiro.

A melhor coisa a fazer era mantê-lo falando. E só havia um assunto que, na minha opinião, prenderia sua atenção.

– Por que está fazendo isso?

Patrício ergueu as sobrancelhas, parecendo ter fispado a isca. Todo ato vingativo sempre vinha acompanhado de um motivo. E não havia nada mais prazeroso para alguém que punha em prática sua sórdida vingança do que explicar a sua ví-

tima as razões que o levaram a agir daquela maneira.

Então, Patrício começou a falar.

– Podia aqui inventar mil e uma razões para tornar meu discurso mais bonito; mais palpável. Mas fato é que meu motivo é o mais simples possível. Meu irmão Daniel.

Devo admitir que estranhei aquela resposta.

– O que tem seu irmão? Eu nem sabia da existência dele até falar com você no sábado.

– Eu sei que você não o conhecia. Esse é exatamente o meu ponto. Ninguém o conhecia. Daniel passou a vida toda buscando as coisas mais básicas, ter um trabalho digno, construir uma família, conviver com os amigos. Mas você acha que ele conseguiu isso? Você acha que o mundo permitiu que meu irmão fosse feliz? Não. Pelo contrário. Parecia que as coisas para ele sempre ficavam propositadamente mais difíceis. Amigos ele não tinha, além de mim, é claro. Mulheres? Essas, então, só faltavam passar por cima dele de tão invisível que ele lhes parecia. Trabalho? Qualquer coisa mais complicada que frentista de posto e Daniel via-se sumariamente excluído.

– Deve ter sido muito difícil para ele mesmo— respondi, buscando uma forma de acalmá-lo. — Eu sinto muito. Só não entendo o que isso tudo tem a ver comigo. Ou com minha filha.

Patrício levantou o rosto, antes abaixado para esconder as primeiras lágrimas, desferindo um olhar psicótico.

– O mundo deve a Daniel, Júlio. O mundo! E você faz parte dele, não faz?

Decidi continuar a questioná-lo.

– Sim. Todos nós fazemos. Só não entendo o porquê de...

– O sonho de Daniel era ser um policial, sabia?– ele disse, impedindome de completar meu pensamento. – Mas nunca permitiram isso. Ele tentou diversas vezes e, em todas elas, foi re-provado. Posto de lado como um brinquedo velho. Algo im-prestável, sem valor. A verdade é que meu irmão tinha alguns problemas. Era lento das ideias – Patrício disse girando o dedo indicador ao lado de uma das têmporas. – Demorava séculos para aprender alguma coisa. Sempre foi assim. Desde criança.

Tinha o Q.I. inferior a 70. Tecnicamente um retardado. Mas quer ouvir algo engraçado? Daniel era retardado o suficiente para não poder trabalhar na polícia, mas não para ser enviado a uma prisão comum. Nessa hora, ninguém se preocupou se ele precisava de ajuda especial ou com as limitações que haviam sido impostas a ele. Apenas o trancafiaram e jogaram a chave fora.

Novamente tentei mostrar compreensão.

– Eu entendo sua situação, Patrício. Só quero que *você* entenda que Laura...

– Cale-se!– disse ele, interrompendo meus pensamentos. – Foda-se sua Laura! Foda-se você! E todo mundo que renegou meu irmão a um segundo plano! O nosso mundo é um lugar podre, definhando na mão de vagabundos como você, Júlio. E como esta puta aqui!

– Encoste um dedo nela e eu mato você, seu merda!– minha paciência fora arremessada ao lixo. – Conheço tipinhos como você que acham que o mundo e a sociedade lhe devem alguma coisa, que são injustiçados, humilhados. Pois a verdade é que se o mundo trata-o assim, as chances são de que você mereça exatamente o que está recebendo.

– Você não ouviu nada do que eu disse até agora? Foi meu irmão quem foi humilhado e injustiçado. Não eu. E se Daniel mereceu a humilhação que recebeu a vida toda, sua filhinha aqui vai receber em breve a parte dela também. Agora abaixe essa arma!

– Eu não vou abaixar porra nenh...

Nem percebi quando algo me atingiu por trás, deixando apenas a escuridão.

O grito vinha de algum lugar de dentro daquela densa neblina. As ruas da cidade estavam desertas e pareciam col-aborar para que eu achasse de onde via o pedido de socorro.

Ao menos duas vozes gritavam clamando por ajuda. Duas mulheres.

Segui em meio ao cinza que tomava conta de tudo. As mãos tateavam à frente, tentando prevenir alguma colisão indesejada.

No asfalto não havia sinal de carro algum, apenas algumas carcaças enferrujadas que pareciam abandonadas há anos.

Mais uma vez um grito por socorro rompeu o ar. E mais outro. Dessa vez, consegui identificar o local de onde saíam.

Abandonei todo tipo de cautela ao sair correndo em meio ao mundo de fumaça cinza sem me preocupar com o que estivesse pelo caminho.

Cheguei até um abismo que dividia as duas partes da cidade.

A ponte não mais fazia parte do cartão postal da cidade. Tinha desaparecido. Olhei para baixo e vi um automóvel preso a uma enorme árvore enraizada na parede do abismo. O carro balançava dando a impressão de que poderia cair a qualquer segundo.

Dentro dele, estavam as donas das vozes que chamavam por socorro.

Meu Deus! Agatha e Sylvia!

As duas abraçavam-se enquanto aguardavam pelo momento em que o peso do carro venceria a batalha contra a natureza.

Olhei para o lado e vi uma corda caída num canto. Amarrei-a em uma das carcaças de automóvel

presentes ali e joguei a corda para baixo. Desci pela corda até bem perto de onde as duas estavam. Esticava o braço, mas não conseguia alcançá-las.

O enorme galho da árvore cedeu mais um pouco, levando-as ainda mais para baixo. Os gritos eram aterrorizadores. Podia ver que ambas lutavam para sobreviver, mas essa sobrevivência dependeria exclusivamente de mim.

Tentei esticar-me ainda mais, só que sem sucesso. Como podia estar tão perto e, ao mesmo tempo, tão longe? O carro cedeu novamente. Dessa vez, o grito proferido vinha da minha boca. Não podia perder minhas duas mulheres. Meus dois amores. Não novamente. Ouvi a voz de Agatha.

– Júlio, não se preocupe. Estamos bem – disse ela levando a mão à barriga. – Há muito mais além do que nós conhecemos.

Estaremos juntos novamente. Tenha certeza disso.

– Não. Agatha. Não. E a vi atirando-se para o ar, como um anjo caído do céu. Agora, a voz melosa vinha de Sylvia.

– Júlio, acredite em mim, eu jamais o traí– seus olhos expres-savam a mais pura verdade.

– Sei disso agora, meu amor. Se ao menos eu tivesse ouvido-a antes. Se, ao menos, eu não fosse tão cabeça dura, nós ainda seríamos uma família feliz.

– Não se culpe, meu amor – disse ela, exalando amor. – Eu o perdoo. Está mais do que na hora de você fazer o mesmo consigo.

Seu dedo chegou a tocar minha mão levemente. Um sorriso dizia-me que Sylvia era uma mulher feliz. “Diga a Laura que eu a amo” foram as últimas palavras saídas de sua boca, antes de seguir o mesmo destino de Agatha.

A estranha leveza que senti quando abri meus olhos ao despertar daquele sonho – *ou teria sido um pesadelo?* – dissipou-se no exato momento em que observei a figura estática bem a minha frente. Confirmando a informação que Cléber Nunes havia me passado da prisão, Felipe Diniz me encarava com a sutileza digna de um elefante.

Ver aquele rosto trazia-me lembranças ruins, responsáveis por uma drástica virada de 180 graus nos meus planos e na minha vida. O dia em que o havia visto assim de perto pela última vez fora o dia em que minha família esvaiu-se com o vento, tal qual um castelo de cartas.

Felipe Diniz tinha sido o homem responsável pelo fim do meu casamento.

Não fosse por minhas mãos amarradas, seu pescoço já estaria quebrado. O som da sua voz pareceu queimar meus tímpanos.

– Bom dia, Bela Adormecida. Como está a cabeça?

A pergunta não poderia ser mais propícia; impressão de que ex-plodiria a qualquer segundo. meu cérebro dava a – Vai melhorar bastante quando você me desamarrar para que possamos conversar mais à vontade– respondi, com um tom intimidatório.

– Ora, Júlio. Você é policial. Sabe muito bem que nunca devemos perder as vantagens que temos numa situação como esta.

– Então você deve saber que o esfolarei vivo se tocar em um fio sequer do cabelo de minha filha.

Ele sorriu com desdém. Odiava sorrisos assim.

– Não acha que está numa posição ingrata para fazer tais ameaças? Do jeito que enxergo as coisas, posso estuprar sua filha na sua frente, matá-la e ainda obrigá-lo a assistir a tudo.

Dei graças a Deus quando vi Laura ainda desmaiada presa à cadeira. Não queria que ela ouvisse nada daquilo. Até por ser a mais pura verdade.

– Ok. Veja bem. Por que não conversamos melhor sobre o assunto?– tinha de apelar a uma nova tática, uma vez que minhas ameaças pareciam não surtir efeito algum. – Laura não tem nada a ver com isso. Você a solta e, depois, faz o que quiser comigo. Com calma. Do jeito que você planejou todo esse

tempo. Já perdi minha namorada, meu amigo e meu bebê.

Podemos dizer que sua vingança já foi bem-sucedida.

– O que eu planejei? Ha ha ha. Júlio, sinto-me lisonjeado, mas você me dá muito crédito. Adoraria dizer a você que fui eu o arquiteto disso tudo, mas a verdade é que apenas fui presenteado com a oportunidade. Nada mais que isso.

Em pé, a minha frente, Felipe Diniz deixava-me ainda mais confuso. Se ele não havia arquitetado toda a vingança, quem teria sido? Segundo o agente penitenciário Cléber Nunes, Teotônio Saldanha não possuía as habilidades necessárias para tal. Daniel Pontes, irmão de Patrício, além de estar morto sempre fora acometido por um retardamento mental limitador.

Havia uma quinta pessoa.

– Quem é o responsável, então? Tenho o direito de saber ao menos isso.

– Você saberá quando *ela* assim desejar.

– Então, *essa pessoa* é uma mulher? – perguntei, buscando confirmação.

– Claro que é uma mulher! – respondeu Felipe, franzindo o cenho como se a pergunta fosse completamente imbecil. – O que você esperava? Não há homem no mundo capaz de algo assim. Mulheres são implacáveis. Você já devia saber disso.

Capazes de tudo quando devidamente motivadas.

Não conseguia deduzir nada com aquelas informações. Não havia ninguém que viesse a minha mente com motivos para algo assim. Felipe talvez, mas ele acabara de revelar que não era o mandante, apenas um dos executores. Vi quando Laura se mexeu na cadeira, parecendo despertar do sono profundo. Precisava fazer algo.

– Felipe, eu sei que tem motivos para querer se vingar de mim, mas Laura não fez nada a você. Eu fiz! Eu sou o responsável! Eu lhe imploro, por favor, deixe-a ir!

O homem pareceu refletir sobre o meu pedido. Patrício, ao lado, continuava calado, sem proferir uma só palavra. Assustei-me quando ouvi uma resposta positiva vinda de sua boca. Será que tinha conseguido convencê-lo de verdade? Felipe pediu para que Patrício se afastasse de Laura e começou a desatar o nó das cordas que a prendiam. Fez isso com muita facilidade, como se os nós não estivessem devidamente bem amarrados.

Levantou-se e olhou para mim.

– Pronto! Livre como um passarinho, assim como pediu.

Laura abriu os olhos encarando-me com aparente naturalidade. Pedi que não se assustasse e que seguisse para a porta o mais rápido possível, sem fazer perguntas. Ela ergueu o corpo com agilidade, deslocando o pescoço para os dois lados até que ouvíssemos os estalos. Esticou a mão em direção a Felipe, e o homem entregou-lhe a arma que segurava.

Laura apontou-a direto para o meu rosto.

Não sabia dizer qual visão parecia-me mais assustadora, se o cano frio do revólver apontado para o meu rosto ou o fato daquele dedo roçando o gatilho pertencer a minha filha. Via em seu rosto uma determinação apavorante, um ódio no olhar capaz de me fazer acreditar que estava, realmente, disposta a atirar.

Só havia uma coisa que poderia fazer.

– Laura, minha filha, o que você está fazendo? Enlouqueceu?

Ela continuou me encarando fixamente. As mãos firmes segurando o revólver direcionado a mim. A suposta frieza foi traída quando decidiu me responder.

– Estou vingando a minha mãe!

– Vingando sua mãe? Como assim?

– A morte dela foi culpa sua! Você sabe disso!

Podia ver seu corpo sendo banhado pelo nervosismo. Laura, definitivamente, tinha puxado meu temperamento. E era justamente isso que, nesse exato momento, deixava-me mais preocupado.

– Laura, sua mãe morreu em um acidente. Foi uma fatalidade.

Ninguém teve culpa de nada. Vamos, abaixe essa arma.

– Ninguém teve culpa? Ninguém teve *culpa!*? Ela nunca teria se enfiado naquele carro, naquela velocidade, se você a tivesse ouvido! Se você tivesse dado uma chance a ela!

– Laura, ninguém mais do que eu lamenta a forma como as coisas aconteceram naquele dia. Mas não se esqueça que sua mãe havia me traído com esse *verme* parado ao seu lado. Se alguém deve ser culpado de alguma coisa, é esse *filho da puta* aí, que destruiu nossa família!

– Minha mãe nunca traiu você– ela disse, tremendo o dedo no gatilho

–, apesar de você merecer isso.

– Do que está falando? Você sabe o que aconteceu.

– O que aconteceu, *papai*, é que você julgou tudo pelas aparências, sem nunca ter dado chance a ela de contar sua versão. Agora, a verdade aparece para morder a sua nuca.

– Que tipo de mentiras você anda enfiando na cabeça da minha filha?– falei, virando a cabeça em direção a Felipe.

Ele apenas descruzou os braços, aproximando-se um pouco mais de Laura. A expressão de vitória fazia-me desejar, por alguns segundos, que Laura apertasse aquele gatilho. Felipe tocou-a no ombro antes de começar a falar.

– Sua filha é uma mulher inteligente, Júlio. Não poderia ser enganada por uma simples mentira. Na verdade, eu apenas lhe contei o que aconteceu. Deixei que ela julgasse qual das versões condizia com a verdade. Não fiz nada mais que isso.

Virei os olhos para Laura. Minha conversa voltava a ser com ela.

– Laura, eu sou seu pai e eu amo você. Não me importo se você queira me culpar pela morte da sua mãe, nem se decidir atirar em mim por causa disso. Ainda assim, eu continuarei amando-a. Só não entendo porque acredita nesse sujeito e não em mim.

– Porque ele fala a verdade. E o senhor não passa de um machista que acabou com a vida da minha mãe, e com a minha, por causa de um orgulho barato. Sempre senti isso, aqui dentro– uma das mãos bateu no peito esquerdo. – E esse *homem*, a quem você se refere, serviu para comprovar isso.

– Comprovar o quê, Laura?

Felipe fez um sinal para Laura pedindo permissão para responder àquela pergunta. Dessa vez, foi o mais sucinto possível.

– Nunca estive naquele quarto por ter um caso com sua mulher.

Estive lá porque queria estuprá-la.

O silêncio imperou no ar pelos segundos que sucederam àquela revelação. Apesar da força daquelas palavras, custei a acreditar que Felipe falava a verdade. Aquela ideia veio penetrante como uma faca afiada, e admitir a veracidade do que ele falava seria como retorcê-la dentro do meu próprio peito.

Se Felipe estivesse falando a verdade, a culpa pela morte de Sylvia havia sido realmente minha. Lembrei do sonho de pouco tempo atrás. A voz embargada de Sylvia dizendo que me perdoava. Talvez estivesse se referindo a essa injustiça, a esse episódio.

Ainda assim não conseguia aceitar aquele fato. Não queria mais aquela culpa comigo.

– Você sinceramente quer que eu acredite nisso?– perguntei, com tamanha ironia que cheguei a esboçar um leve sorriso.

– Não preciso que *você* acredite, Júlio. Laura já me é suficiente.

Assim que ouvi o nome de minha filha, virei os olhos em sua direção. A arma, ainda apontada para mim, parecia pedir para que fosse disparada. No rosto de Laura pude ver uma expressão contrastante.

Uma maldade visível que não combinava com a delicadeza de seus traços. Naquela hora tive a triste convicção de que havia perdido para sempre o seu amor. Sem chances de recuperá-lo.

E por um breve segundo, desejei que ela atirasse. Mas não foi isso que ela fez. Pelo contrário. Abaixou a arma e aproximou-se um pouco de mim. O desprezo em sua voz foi avassalador.

– Não se preocupe, Júlio. Não vou tirar sua preciosa vida.

Por mais que seja o que mais queira neste mundo. A verdade é que não posso fazê-lo sofrer do jeito que gostaria. Apesar de tudo, não tenho estômago para isso. Mas há uma coisa que posso fazer. Algo que sei que o machucará muito mais que o furo de uma bala. Posso virar-lhe as costas. Assim como você virou as suas para minha mãe.

Ela estava certa. Não havia algo pior que pudesse fazer comigo. Aquela, sem dúvida, seria a mais severa das punições.

Entretanto, estava disposto a respeitá-la se tivesse a certeza de que isso apaziguaria a amargura presente em seu coração.

Morreria com prazer, se isso trouxesse paz a minha Laura.

Uma voz rompeu no canto da sala. Patrício parecia impaciente com toda aquela conversa.

– Então? Vamos matá-lo ou vamos apenas ficar aqui jogando conversa fora?

Felipe deu sinais de irritação ao ouvir a cobrança vinda de trás.

– Cale-se! Só o mataremos quando *ela* assim determinar, e você sabe disso.

– Eu digo dane-se! Acho que devemos fazer logo o que viemos aqui para fazer, pegar nossa grana e seguir o nosso caminho.

– Ele já disse para você se calar!– disse Laura, virando-se com a arma apontada para Patrício.

– Agora vai apontar essa merda para mim, vai? Você não tem coragem, garota. Matar um homem não é algo fácil.

– E como você sabe disso?– intercedeu Felipe com sarcasmo. – Você nunca matou ninguém também.

A única coisa que fez nessa história toda foi alimentar Júlio com toda a mentira que pré-fabricamos. Nada mais.

Patrício pareceu ofendido com as palavras do companheiro.

Mesmo assim, ergueu a cabeça com um orgulho meio superficial, presente naqueles que não podem admitir a derrota.

– Não matei mesmo, mas tenho certeza de que estou mais disposto a isso do que essa aí.

Laura deu mais alguns passos na direção de Patrício, apontando a arma de maneira ainda mais incisiva.

– Cale-se ou eu atiro!

– Laura, não faça isso, minha filha. Ele não vale o trabalho– eu implorei, ao ver a situação começar a sair do controle.

– Fique quieto você também! Não me chame de “filha” nunca mais! Entendeu?

Acenei que sim com a cabeça. Ela voltou a encarar Patrício.

– Fale mais uma coisa, qualquer coisa, e eu faço um furo bem no meio da sua testa. Tenho mira para isso, acredite!– ela justificou, apontando para mim. Realmente Laura tinha um bom treinamento nisso.

Graças a mim.

– Você não tem corag...

O barulho do tiro soou como uma bomba nuclear sendo det-onada. Um barulho atordoante seguido por um silêncio fúnebre.

Levei algum tempo para perceber que não havia sido Laura a autora daquele disparo. Felipe também demorou a notar. Até Laura pareceu surpresa ao descobrir que os miolos espalhados de Patrício não eram sua responsabilidade. Enquanto estávamos todos tomados pelo calor da discussão, não percebemos a chegada de uma quinta pessoa na sala. Alguém que vinha ao meu socorro pela terceira vez em poucos

dias.

Ao lado da porta, o cano de uma arma acusava-se ao liberar uma fina fumaça branca. No gatilho, trazia o dedo de Miguel.

Confesso que a mira de Miguel deixara-me impressionado.

No dia anterior mal conseguira atirar em Getúlio e, agora, havia dado um tiro perfeito, acertando em cheio a têmpora direita de Patrício, não dando chances ao rapaz que nem sequer percebeu o que o havia acertado. Agora, Miguel mantinha Felipe Diniz sob a mira de seu revólver, como se fosse um profissional com anos de experiência.

A cena que se seguiu chegava a ser cômica de tão patética.

Tanto Felipe quanto eu estávamos sob a mira de um revólver.

Ele na mira do revólver de Miguel, e eu, da pistola carregada por Laura.

– Laura, o que você está fazendo? Abaixе essa arma– ordenou Miguel, parecendo não entender aquela situação.

Torci para que Miguel conseguisse convencê-la. Não por minha vida, mas pela chance de poder mostrar a Laura o pai que eu ainda poderia ser. Se morresse agora, não teria uma segunda chance.

– Ele merece morrer!– ela respondeu, de maneira decidida.

– Ele é seu pai, Laura. Como pode falar isso?

– Ele não é meu pai! Ele é o *assassino* da minha mãe! Nada mais!

Aquelas palavras me perfuraram mais do que qualquer bala poderia fazê-lo.

– Laura, ouça-me, por favor – disse Miguel, dividindo sua concentração entre ela e Felipe. – Não importa o que ache que está fazendo, isso está errado. Não é assim que consertamos as coisas. Matar alguém não é algo fácil. Fica com você para sempre. Corroendo suas entranhas. Se apertar esse gatilho, nunca mais será a mesma. Confie em mim. Sei do que estou falando– agora seus olhos viraram-se para mim, como se fizesse um pedido velado de desculpas. – Você não vai querer esse peso em seus ombros.

As mãos de Laura começaram a tremer. Senti que suas palavras haviam surtido algum efeito. Restava, apenas, saber qual.

Olhei bem nos olhos dela. Não disse nada. Se fosse para morrer, que eu deixasse este mundo vendo o rosto que tanto amava. E que tanto havia feito chorar. Quase desejei que ela prosseguisse com aquilo tudo. Mas suas mãos abaixaram até que o revólver apontasse para o chão. O choro doído de minha filha fazia com que eu fosse invadido por uma amargura insuportável. Tive ódio de mim mesmo, por ser responsável por todo aquele sofrimento.

Miguel aproximou-se e Laura desabou com o rosto em seu ombro. A arma ainda apontada para Felipe, que permanecia imóvel, mudo. Miguel retirou a arma das mãos dela, guardando-a na cintura.

Mais uma vez, ele aparecia para salvar o dia.

– Miguel, obrigado mais uma vez, meu amigo– desta vez, chamá-lo de *amigo* foi algo que me escapou com certa naturalidade. – Agora, tire-me daqui. Por favor.

Foi quando notei tudo mudar.

Os ombros de Laura começaram a balançar de cima para baixo. O choro que partira meu coração transformava-se em uma impiedosa gargalhada. O riso foi acompanhado por Miguel e, finalmente, por Felipe. Os três olhavam para mim como se eu fosse um completo idiota, digno de pena, com os olhos mareja-dos não por sofrimento, mas sim por escárnio. Não queria entender o que aquilo significava. Confesso que tive medo da verdade e da decepção que viria acompanhando-a.

Até que Laura conseguiu conter brevemente o riso.

– Desculpe, Miguel. Mas não consegui aguentar quando ele o chamou de “amigo”.

– Nem eu – reforçou Felipe.

Miguel veio até mim, sem tirar os olhos dos meus. Como pude acreditar nele? Mas, pensando bem,

depois de tudo que havíamos passado juntos nas últimas horas, como podia não ter acreditado?

– Não se preocupem– disse ele, sorrindo para mim. – Já não aguentava mais todo esse teatro. Agora, finalmente, chegou a minha hora!

A última coisa que vi foi a arma em sua mão aproximando-se do meu olho esquerdo.

Assim que recobrei os sentidos percebi que aquilo tudo de fato acontecia. Por algum tempo, tive esperanças de que tudo pudesse não passar de um indesejado pesadelo. A sala escura dificultava, mas não impedia que visse Laura e Felipe do meu lado direito e Miguel, do esquerdo. Ao seu lado, uma antiga televisão de 29 polegadas ocupava grande parte do móvel de madeira.

Não demorou muito para que ele começasse a falar.

– Que bom que tenha acordado, Júlio. Sei que deve ter uma série de perguntas, mas antes de começar a respondê-las, gostaria que assistíssemos juntos a este filme.

Os dedos foram até um antigo aparelho de videocassete, empurrando uma fita para dentro. Confesso que achei que fosse testemunhar as torturas às quais Agatha e Tarso tinham sido submetidos, mas as imagens que apareceram não tinham nada a ver com aquilo.

Reconheci aquele tribunal e as pessoas que apareciam no filme.

Aquelas eram imagens do julgamento de Miguel, trinta anos atrás: – *Todos em pé para recepcionar o Exmo. Sr. Dr. Juiz de Direito Luiz Honorato*– ordenou o policial encostado à porta que levava à sala particular do juiz.

Um senhor austero adentrou o recinto, seguindo direto para a confortável cadeira no centro. A sua frente, havia duas mesas repletas de procuradores e advogados e, um pouco mais atrás, um auditório lotado de familiares e jornalistas.

O juiz recomeçou o julgamento sem muitos rodeios.

– *A defesa chama qual testemunha agora?*

– Excelência, a defesa pede a presença de Júlio Fontana.

Enquanto a minha versão mais jovem iniciava seus passos pelo corredor estreito do tribunal, lembrei-me instantaneamente de quase tudo que havia dito naquele depoimento. As coisas começavam a fazer sentido.

– *Sr. Fontana, eu gostaria que o senhor relatasse os eventos que aconteceram oito anos atrás, mais precisamente, em 7/10/1971, por volta das 16h30.*

– *Protesto, Meritíssimo. O que uma coisa que aconteceu há mais de oito anos tem a ver com o brutal assassinato de Débora Rezende?*– interrompeu o procurador veementemente .

– *Excelência, eu estou apenas tentando mostrar aos senhores jurados o evento que faz a ligação exata com o que testemunhou o parapsicólogo Dr. Alfredo Mantena.*

– *Protesto negado* – respondeu o juiz ao procurador, de forma decidida

– *, mas devo admitir, Doutor, que me preocupa essa estratégia adotada pela defesa. Você estão seguindo uma trilha tortuosa, na minha opinião.*

– *Excelência, tentamos apenas estabelecer a verdade. Nada mais.*

– *Prossiga, então* – autorizou o juiz indicando que a testemunha, a partir daquele momento, pertencia ao advogado de defesa.

– *Como eu dizia, Sr. Fontana, conte-nos o que aconteceu naquele 7/10/ 1971.*

Antes que minha versão mais nova começasse a falar, percebi Miguel me encarando com uma raiva contida, todavia prestes a explodir. Acreditei que nem chegaria a ver o final daquele filme. Pensava que Miguel me mataria antes. O seu *grand finale*.

De volta ao filme, o meu “jovem eu” começou a falar.

– *Miguel Romero, Paulo Carvalho e eu seguimos até uma casa na Rua Nobleman.*

– *E o que desejavam fazer lá?*

– Roubar algumas garrafas de vidro.

– *Como assim “roubar algumas garrafas de vidro”?* – perguntou o advogado, com aquele semblante de quem já sabia a resposta, mas queria que outras pessoas também a ouvissem.

– *Nós catávamos garrafas de vidro e vendíamos para o velho Florêncio. Estávamos juntando para comprar um carrinho de rolimã.*

– Um carrinho de rolimã? Legal. Como qualquer outra criança normal da idade de vocês na época dos acontecimentos. E

por que vocês seguiram para essa casa específica?

– Porque ouvimos a velha bruxa, digo, a Sra. Rios, comentando sobre a coleção de garrafas que tinha em casa. Ouvimos ela dizer, também, que se ausentaria da cidade naquele dia específico, daí achamos que a oportunidade para pegar as garrafas e conseguirmos comprar o carrinho de rolimã antes do previsto tinha aparecido. Uma coleção deveria ter coisas valiosas, certo?

– Verdade. E então o que aconteceu?

– Entramos na casa e procuramos pelas garrafas. Achamos um quarto no porão e seguimos para lá.

– E nesse quarto vocês acharam as garrafas, pegaram-nas e foram embora. É isso?

– Não. Quando chegamos lá, vimos uma porção de garrafas velhas sem valor. E nem eram tantas assim para justificar entrarmos na casa daquele jeito. Até que achamos o jogo.

– Jogo? Que jogo?

– Um jogo estranho. A capa tinha um desenho de duas cobras ou coisa parecida. Não lembro o nome. Isso já faz alguns anos. Mas posso dizer que a brincadeira se assemelhava muito àquele conhecido “jogo do copo”.

– *Senhoras e senhores, ouçam o que ele diz: o “jogo do copo”. O mesmo jogo que vocês ouviram o parapsicólogo Dr.*

Alfredo Mantena afirmar ser o principal canal condutor para possessão humana– o advogado voltou-se novamente para a testemunha. – *E o que vocês decidiram fazer com aquilo?*

– Miguel queria jogá-lo. Então, jogamos.

– *E o que aconteceu, então?*

– Chamamos Paulo e começamos o jogo. Quando o copo começou a se mexer, Paulo assustou-se e pediu para sair. Logo depois, Miguel começou a passar mal.

– Quer dizer, então, que o réu, Miguel Romero, começou a passar mal durante essa tal sessão que fizeram?

– Sim.

– E você atribui isso ao jogo?

– *Protesto. Excelência, o garoto não é um estudioso no assunto para expressar sua opinião sobre o que aconteceu com o réu* – disse o procurador, levantando-se.

– *Excelência, Júlio Fontana foi a única pessoa que testemunhou o que ocorreu com o réu. Acho que ganhou o direito de falar aqui hoje.*

– Protesto negado. Pode responder à pergunta. Mas saibam os jurados que o garoto apenas irá expressar sua opinião. Que fique claro que ele não tem conhecimento algum sobre o assunto.

– *Sr. Fontana*– disse o advogado ao se aproximar do local onde a testemunha se encontrava –, *Júlio, o que você acha que aconteceu com Miguel naquele dia?*

– *Eu não acho, Doutor, eu tenho certeza do que aconteceu com ele nesse dia. Miguel teve um ataque de mentira, conforme havíamos combinado quando Paulo estava fora do quarto.*

Tudo isso não passou de uma brincadeira de mau gosto com Paulo Carvalho.

O advogado parecia atordoado com a resposta. Claramente, aquilo não havia sido combinado entre os dois. E o pior de tudo.

Aquela resposta acabaria com toda a sua defesa. Foi fácil perceber sua revolta ao contestar Júlio no

banco das testemunhas.

– *Esse depoimento não condiz com o que foi relatado por você lá fora, Sr. Fontana! O senhor tem certeza disso que alega agora?*

– Absoluta.

– Excelência, poderia dizer à testemunha que perjúrio é crime. E que dá pena de prisão.

– Não estou mentindo. Tudo aquilo foi combinado entre nós dois.

– Excelência, eu protesto! – disse o advogado visivelmente transtornado.

– *Contra sua própria testemunha?* – o juiz indagou perplexo.

As imagens, subitamente, foram interrompidas. Miguel havia apertado o botão de *stop* e desligado a televisão na sequência. Encarou-me com seriedade.

– Você sabia que seu testemunho foi responsável pela minha condenação, não sabia?

– Seu advogado quis justificar a morte de Débora alegando que você estava possuído por um espírito qualquer e você diz que sua prisão é culpa minha? Talvez você devesse ter ido atrás da família dele, não da minha.

Miguel andou até a cadeira onde eu estava amarrado.

– Foi você quem me traiu, não ele.

– Eu traí você? Você deve estar ficando louco! Você que me traiu. A mim e à Débora, quando a matou impiedosamente.

Você sinceramente achou que eu iria corroborar uma história da carochinha como essa? Acreditou mesmo que eu iria dizer para todo mundo que estava possuído quando matou o primeiro amor da minha vida? Essa é sua justificativa para toda essa vingança sem nexos contra mim? Esse é o *grande segredo*?

Sua boca encostou no meu ouvido. Pude sentir sua respiração quente.

– Isso não é nem o começo, meu amigo.

Mesmo depois de ter ouvido e visto tudo aquilo, ainda tinha dificuldades em aceitar a veracidade do que estava acontecendo.

– Laura, minha filha, não me diga que você embarcou nessa história absurda também.

Ela continuava fuzilando-me com aquele olhar de desprezo.

– Já disse para não me chamar de “filha”! Tudo isso é culpa sua!

A morte da minha mãe, a prisão de Miguel.

Eu a interrompi.

– Miguel é um assassino! Por isso foi preso. Será que você não percebe que ele está usando-a para me atingir?

– Cale-se! – ela disse asperamente. – Você não vai conseguir acabar com nosso amor também.

– Laura, esse verme não ama você. Não consegue ver isso?

Miguel levantou-se do meu lado e seguiu até a garota.

– Amo sim, Júlio. Bastante – ele disse, abraçando-a lateralmente e pegando a arma que estava em sua mão.

Depois, continuou.

– Mas o que é o amor senão o mais passageiro dos sentimentos? Dedicar-se a ele é tão inútil quanto tentar plantar algo no deserto. Cedo ou tarde, o sentimento vai embora, deixando com a gente somente um tremendo vazio. Já a vingança não.

Seus olhos miravam a garota que o olhava sem entender onde ele iria com tudo aquilo.

– A vingança move, alimenta, energiza. É água no deserto.

Uma amargura doce que dá sentido à vida. O ódio, diferente do amor, permanece conosco. Para sempre. Enquanto o amor é efêmero, o ódio enraíza na alma, modifica, transforma. Odiar, meus amigos, é a essência da vida!

Laura parecia não acreditar no que ouvia. Não tive prazer nenhum em vê-la daquela maneira. Mesmo sabendo que eu estava certo sobre Miguel o tempo todo. Ou *quase* todo. A verdade era que Miguel também havia conseguido me ludibriar.

– Miguel, o que você está dizendo? Que não me ama mais?– ela perguntou atônita.

Ele abriu um sorriso repugnante que mostrava uma satisfação cruel.

– Estou apenas dizendo que seu pai está certo. Eu usei você desde o começo.

Os olhos de minha filha deixavam transparecer todo o seu sofrimento.

– Então, eu não passei de um mero *peão* nisso tudo?– ela perguntou, dominada por um choro raivoso.

– De maneira alguma– Miguel respondeu com seriedade, fechando o sorriso. – Seu papel é muito mais importante que esse. Você, Laura, será a rainha que utilizarei para aplicar o meu xeque-mate. Mas antes, para mostrar a você que eu não sou tão desprovido de emoções assim, vou lhe dar um presente.

Algo que, espero, traga ao menos um pouco de alívio a esse coraçõzinho tão machucado. Vou matar o homem responsável pela destruição da sua adorável família.

Pensei em fechar meus olhos, mas preferi encarar Laura.

Fiquei esperando pelo tiro, enquanto cada segundo tinha a duração de um dia. Quando a arma disparou e nada me aconteceu, olhei para o lado, só para ver Felipe caído todo ensanguentado.

No lugar do olho esquerdo, apenas uma órbita vazia e vermelha.

Com tranquilidade, Miguel dirigiu-se até Laura, que ainda parecia completamente atônita. Bateu com a arma em sua testa, fazendo-a cair desmaiada instantaneamente.

Antes que eu pudesse protestar, ele disse.

– Chegou o momento de termos uma conversinha particular.

16h08

– Devo admitir que estou um pouco nervoso agora que o momento pelo qual tanto esperava finalmente chegou – disse Miguel, enquanto andava em círculos pela sala. – Foi exatamente assim que eu sempre imaginei que ficaríamos um dia. Eu segurando todas as cartas e você... Bom, você assim, desse jeito, amarrado feito um animal antes do abate.

Miguel, então, parou, olhando-me com bastante firmeza.

– Diga-me, Júlio, você pensou em mim durante todos esses anos?

Apesar de a pergunta ser direta, permaneci calado. Aquele era o momento de ouvir, não de falar.

Para Miguel aplicava-se exatamente o contrário. As palavras seguiam numerosas, cuspidas para fora como balas de canhão.

– Tenho certeza de que você pensou em mim, Júlio. Claro que pensou. Toda vez que você se lembra da sua querida Débora, lá estou eu ao lado dela. Somos irmãos siameses em seu pensamento. Onde um está, lá estará o outro também.

Eu não disse nada, mas, ao abaixar a cabeça, admitia que Miguel tinha razão. Ele continuou seu discurso.

– Devo confessar que pensei muito em você todos esses anos. Todos os dias. Todas as horas. Quase todos os minutos.

Imaginando nosso encontro, vivendo nossas conversas dentro da minha cabeça, alimentando-me somente de vingança. Aliás Júlio, a verdade é que sem a vingança eu provavelmente já teria definhado. Sabe o que eu aprendi todos esses anos?– eu continuei quieto.

– A vingança é como aquela viagem que planejamos com muita antecedência, sabe? Aquela viagem dos sonhos para a qual nos preparamos com meses de antecedência, pouco a pouco, saboreando cada minuto que nos aproxima dela; buscando informações antecipadas sobre o lugar, o que fazer, onde comer, o que visitar. Até que chega a hora de irmos. Tudo é perfeito– entretanto, breve, efêmero. Então, damos conta de que grande parte da graça foram exatamente aqueles momentos que antecederam a viagem em si.

Enquanto ele divagava, eu apenas me concentrava em descobrir uma maneira de me livrar daquela situação.

Miguel parecia tão compenetrado que nem chegou a perceber meu objetivo.

– Sim. A vingança é como aquela viagem que marcamos

com antecedência. E agora que estamos aqui, vivendo este breve e delicioso momento, eu percebo que grande parte desse sabor é resultado de todos os anos em que alimentei o doce sonho de vingança.

Quando finalmente Miguel parou de falar, resolvi que havia chegado o momento de dizer alguma coisa. Qualquer coisa que o mantivesse falando. Precisava de mais tempo para livrar-me daquelas cordas.

– Um belo discurso, eu devo admitir; porém, tudo isso não passa de alucinações de uma mente insana. Não há o que você possa dizer que justifique tudo o que fez. Aliás, independente do que aconteça aqui, saiba que sua retribuição já pode ser considerada um sucesso. Você acabou com a minha vida. De novo.

Aquelas palavras pareceram agradá-lo em cheio. Ou isso ou seu sorriso tinha um toque masoquista.

– Obrigado pelos *elogios*, mas a verdade é que, sem ajuda, eu não teria sido tão bem-sucedido assim. O mais irônico é o fato de todos estarem mortos justamente no momento mais esperado. Ou melhor, *quase* todos.

Sentia um dos dedos da minha mão direita escapando por entre as cordas. Não levaria muito tempo para que os outros o seguissem; o problema era saber se esse tempo seria suficiente.

Tinha que mantê-lo falando.

– Consigo entender suas razões, por mais esdrúxulas que me pareçam. Felipe também, claro. Mas os outros... Eu nem conhecia essas pessoas.

– Júlio, somente os fortes precisam de motivos; aos fracos, resta a obediência. Algumas pessoas são como animais ad-estrados: pela recompensa certa, fazem qualquer coisa que lhes for pedida. Durante anos pensei em me vingar, mas o tempo tornava essa possibilidade muito distante. Foram quase vinte e nove anos de espera, até que consegui a informação sobre Felipe Diniz e os problemas entre vocês dois. Aproximei-me dele na prisão. Bastaram alguns minutos para que ele concordasse em participar de tudo. Meu plano necessitava, no mínimo, de duas pessoas, pois eu sabia que suas suspeitas recairiam sobre mim no segundo em que as mortes passassem a acontecer.

De certo modo, posso dizer que usei você, Júlio, para formar meu próprio álibi.

A verdade começava a aparecer. Mas ainda havia muitas coisas que precisariam ser explicadas.

– E o que Patrício tem a ver com tudo isso?– perguntei de forma direta.

– Sorte, nada mais. Quando conheci Felipe– Miguel disse, apontando para o corpo sem vida no chão–, ele andava acompanhado de um sujeito louco, bem violento. Estereótipo básico existente em qualquer prisão do planeta. Homens que não precisam de motivos, nem de justificativas. Homens como Teotônio Saldanha. Levei menos tempo para fazê-lo embarcar na ideia do que para convencer o próprio Felipe. Teotônio é aquele tipo de ser humano desprezível, sabe?– Miguel completou cuspidando no chão.

– Diferente de você, certo? Que é o tipo de genro que todo sogro quer.

– Você quis por um pequeno espaço de tempo.

O golpe havia sido baixo e servia para me lembrar com quem estava falando. Miguel tinha uma inteligência notável para desenvolver tudo aquilo com perfeição. E ainda era dotado de um toque manipulador invejável.

Quando o segundo dedo da minha mão começou a escapar pela corda, voltei ao assunto em pauta.

– Ponto para você. Assumo que por alguns instantes esqueci seu passado e pensei apenas em seu futuro. Pelo jeito, eu fui só mais uma pessoa a ser manipulada por você.

Ele sorriu.

– Não se sinta mal, Júlio. Qualquer um teria cedido. Só precisamos saber quais os botões a serem apertados, entende?

Todo mundo tem um lado mais suave. Com você não foi diferente. Laura então... Deus do Céu, nada poderia ter sido mais fácil. Ela praticamente implorou por um motivo para se virar contra você, só precisei dar isso a ela.

– E Patrício? – perguntei, tentando tirar Laura do assunto.

Não queria que ele voltasse a notá-la caída no chão. Torci para que ela não acordasse. Enquanto estivesse desmaiada, estaria salva.

– Como eu disse: sorte. Teotônio e Felipe andavam acompanhados de outro prisioneiro, um coitado chamado Daniel Pontes. Meio retardado. Burro como ninguém. Não servia para nada, além de encher nosso saco. Até que descobri sobre seu irmão policial chamado Patrício. Aparentemente, Patrício havia se revoltado com o sistema por condenar o irmão a cumprir pena em regime fechado na prisão. Também não foi difícil convencê-lo. E as informações que tivemos sobre ele, fizeram dele uma peça fundamental. Patrício, como bem sabe, trabalhava como perito policial, e se as coisas fossem feitas de acordo, conseguiríamos levar você, Júlio, direto a ele. Por isso a ideia do vídeo com a morte de Agatha. O papel de Patrício foi direcioná-lo até a casa de Teotônio, tornando-o um suspeito.

Dessa forma, eu teria um pouco de liberdade com você fora das minhas costas.

O terceiro dedo estava quase saindo.

– E o plano de vocês era simplesmente sair da prisão e matar todos que eu conhecia?

– Na verdade, Júlio, outra coisa que devo admitir é que todos nós tínhamos outra coisa em comum:

sairíamos da prisão quase ao mesmo tempo. Poucos meses de intervalo somente.

Esse foi outro motivo que me levou até Felipe, inicialmente.

Precisava de gente que estivesse livre quando eu deixasse a prisão. Gente que pudesse ir preparando o caminho. De outra forma, de nada adiantaria qualquer plano. O nosso alvo principal sempre foi Laura. Tudo fora centrado nela. Só quando ficamos sabendo da existência de Agatha é que as coisas começaram a se modificar um pouco. Daniel Pontes foi o primeiro a sair da prisão. Seguido por Teotônio e Felipe. Tudo isso num espaço de seis meses. Eu deixei a prisão por último.

Quando saí, todo o esquema já estava armado. Faltava apenas executá-lo.

Droga de corda!

– Enviamos o primo de Teotônio, aquele que você cortou o dedo– ele parou de falar, soltando uma pesada gargalhada. – Devo admitir que *adorei* o que você fez com ele– depois continuou a linha de raciocínio. – Ele foi vigiar Agatha na cidade dela até que recebesse a ordem de sequestrá-la. Ficou lá por um ou dois dias. O imbecil chegou a conversar com ela quando a garota foi a um bar com as amigas, pode? Segundo ele, Agatha parecia bem feliz nesse dia. Comemorava algo com um par de amigas. No dia seguinte, ela deixou a cidade, vindo para Novo Salto. Creio que já sabe qual o motivo de tanta alegria, certo?

Agatha... Meu filho... Maldita corda!

Miguel prosseguiu.

– Os dois a pegaram no posto da estrada velha, no fim de tarde da sexta-feira, e levaram-na até a casa de Teotônio. Confesso que quando cheguei lá sua namorada já estava bastante machucada. Tinha sido violentada várias vezes pelos dois. Segundo Getúlio, ela se lembrava dele da noite anterior. Depois, eu entrei em cena e, bom, o resto você já sabe. *Chop. Chop.*

Miguel concluiu, imitando uma serra com a mão direita.

– Seu filho da puta!– eu disse, consumido por um ódio mortal.

Ele pareceu eriçado com minha reação.

– Isso mesmo! Esse é o Júlio que conheço!– ele vibrava enquanto eu jogava o corpo para ambos os lados, tentando me livrar das cordas que me mantinham preso. – Uhu! É isso aí, delegado! Força!

Em segundos eu já estava exausto, como se tivesse carregado um touro inteiro nos ombros. Miguel não sabia, mas minha mão, em breve, estaria livre.

– Cansado? Já? Que bom. Ainda há mais coisa a ser dita.

Depois de Agatha, veio Tarso. Ele não estava em nossos planos, mas intrometeu-se onde não deveria. Lugar errado, hora errada.

Nada mais clichê. Só que, dessa vez, não tive nada a ver com o assunto. O trabalho foi todo de Felipe. Não há necessidade de qualquer atributo, além do desejo por carnificina, para fazer o que ele fez com seu amigo repórter. Agatha foi uma obra-prima. Pergunte a qualquer médico-legista. Já Tarso, bem, esse não passou da obra de um carnicheiro amador. Por isso tive de matar não só ele como aquele insuportável do Getúlio, que, na verdade, foi um acaso. Uma oportunidade que não poderia ser desperdiçada. Dois coelhos com uma cajadada só. Eu me liberei dele e conquistei sua confiança. Já Teotônio e toda aquela conversa sobre imunidade e tal, que ele achava fazer parte do plano contra você, nada mais foi do que uma forma de me livrar dele.

E mais uma vez, conquistar a sua confiança.

Miguel parou de falar, puxando uma cadeira até bem perto de mim. Um sadismo implacável.

– E tem Laura, também. Bom, Laura foi um presente de Deus. O plano inicial era sequestrá-la, como havíamos feito com Agatha, e fazê-lo sofrer durante algum tempo,

enlouquecendo-o com ameaças até a matarmos, mas quando notei a forma com a qual ela olhou para mim naquele rodeio, tudo mudou. Por que simplesmente matá-la, se poderia fazê-la apaixonar-se por mim? E não demorou muito para que eu conseguisse. A surra que você me deu ajudou bastante. Laura tem

um ódio impressionante de você. Às vezes, chego a achar que ela o odeia mais do que eu. Quando eu lhe contei a história sobre o assassinato de Débora, trinta anos atrás, ela nem sequer chegou a duvidar de mim. Ou me questionar. Acreditou em cada palavra que eu disse— sua voz soava com um ar de vitória.

Ele prosseguiu.

– Mas ainda faltava uma coisa. Sabia que chegaria o momento em que ela teria de optar entre mim e você, e precisava garantir que o escolhido seria eu. Então, achei que Felipe deveria lhe contar toda a verdade sobre o que aconteceu entre ele e a mãe dela. Ou seja, nada! Júlio, sua mulher dizia a verdade quando jurava que não o tinha traído— ele disse, abrindo um sorriso capaz de iluminar a sala. – Desculpe, mas chega a ser cômico de tão cármico.

Recordei-me do sonho e das palavras de Sylvia. Seria difícil ser capaz de me perdoar algum dia. Só que aquela não era a hora para lamentações. Tinha de salvar Laura e lhe dizer o que Sylvia havia pedido a mim em sonho. Continuei perguntando.

– E Paulo? O que ele tem a ver com tudo isso? Era ele quem levava a você as informações aqui de fora? Afinal, tinha de haver alguém aqui fora.

– Ah, sim. Paulo. Veja bem, o padre foi bastante útil nesse processo, mas sempre soube que havia coisas nas quais não poderia contar com ele. Não, Júlio. Havia outra pessoa me ajudando do lado de fora. Alguém que, podemos dizer, armou toda esta história.

Assim que ele terminou de falar, um cheiro forte dominou o ar, inebriando-me por alguns segundos. Um cheiro de exu-mação. Como se a própria Morte se aproximasse de nós. Ouvei um miado de gato logo atrás da porta que levava ao porão. Foi seguido de vários outros. Miguel levantou-se, seguindo até lá.

Assim que abriu a porta, alguns gatos invadiram a sala. O cheiro ficou ainda mais intenso. Miguel parecia imune àquilo tudo.

– Júlio, deixe-me apresentá-lo a minha mãe.

De todas as loucuras que pensei poder ouvir saindo de sua boca, aquela simplesmente batia todos os recordes. Parecia que Miguel se esquecia sobre nossa amizade de infância e como havíamos crescido grudados desde pequenos. Seu pai, um piloto de avião particular, tinha morrido em um acidente antes que Miguel completasse um ano, deixando a esposa sozinha para cuidar do garoto. Alessandra Romero encarou aquele de-safio com muita coragem, não deixando que nada faltasse para o filho. Até o dia em que Miguel foi preso pelo assassinato de Débora. Aquela notícia impactou-a de maneira violenta e implacável. Poucos meses foram necessários para que seu coração amargurado cedesse, desistindo de bater.

Miguel nem pôde ir ao enterro.

Então, de onde surgia essa história de “mãe”? Antes de questioná-lo, preferi ver até onde chegaria essa conversa.

Quando a mulher entrou na sala, eu me imaginei no meio de uma cova coletiva, com corpos semidecompostos expelindo gases insuportáveis para o olfato de qualquer um. A mulher tinha um aspecto bizarro, caminhando com extrema dificuldade. A pele parecia uma escama ferida, revelando ferimentos entre as diversas camadas presentes nos rostos e braços.

O aspecto da pele lembrava a de um portador de hanseníase.

Usava um pedaço de madeira como bengala e um vestido sujo e rasgado que não era o suficiente para esconder a sordidez do seu estado de *decomposição*.

Quando a vi, parada na minha frente, eu fui acometido de uma certeza apenas: aquela não era Alessandra Romero.

Miguel parecia satisfeito ao notar a confusão em minha mente.

A satisfação de quem via o plano caminhar da forma que sempre imaginou.

– Impagável, Júlio. A expressão no seu rosto é uma cópia fiel à que se formou no rosto de Paulo

quando descobriu que ela era minha mãe. Os próprios irmãos gêmeos. Realmente, não há dinheiro no mundo que pague isso.

– Não me compare àquele pedófilo, seu animal – eu disse, enquanto observava a mulher impassível. – O que ele ganhou por ter te ajudado, hein? Sabemos que Paulo nunca foi ligado ao dinheiro, então o que você ofereceu a ele? Um harém infantil?

– Um harém infantil... ha ha ha... Essa foi boa, Júlio. Devo admitir que você tem seus momentos. Não. Nada disso. O

“harém” já tinha sido entregue a ele. Por sua cooperação apenas oferecemos o nosso silêncio. Nada mais.

– Isso acontece desde quando? – eu perguntei, curioso em saber o que *nunca* havia percebido antes. Miguel foi até a mulher, levando uma cadeira para que ela se sentasse. Depois, continuou sua explicação.

– Júlio, nosso amigo nunca se perdoou por não ter testemunhado a verdade naquele tribunal. Sempre se culpou por ter sucumbido a sua pressão ao relatar o que tinha ocorrido naquele 7 de outubro, trinta e oito anos atrás. Confirmar sua história foi também uma forma de corroborar o que dizia a promotoria e me enviar direto para a cadeia. Mas Paulo Carvalho não era como você. Tinha alma. Sentia culpa. Por que você acha que ele decidiu tornar-se padre? Redenção, Júlio. Redenção.

Apesar de nunca termos conversado sobre isso, sempre soube que a culpa consumira Paulo por dentro. Não importava que Miguel tivesse degolado uma garota de 17 anos no início da sua vida. Não importava que ele tivesse extirpado dela todos os seus sonhos e perspectivas. Paulo apenas conseguia ver *aquele dia* no tribunal. Não precisávamos conversar para que eu percebesse isso.

Miguel continuou.

– Qual não foi minha surpresa quando, anos depois da minha prisão, certo domingo eu recebo a visita de um padre.

Achei que fosse algum tipo de piada, ou brincadeira de mau gosto, afinal de contas, eu nunca recebia visitas. Não sei dizer o que mais me assustou quando entrei naquela cabine: se foi ver Paulo Carvalho ali ou se foi descobrir que ele havia se tornado adepto do clero. Foi ali que decidi que me vingaria dele também. Que cara de pau de aparecer pedindo perdão, depois de ajudar a me enviar para aquele lugar. Sabia que ainda teria muitos anos pela frente naquela prisão, mas posso afirmar que ver Paulo deu novo sentido a minha vida. Deu-me perspectiva.

Miguel parou por alguns segundos. Parecia querer saborear cada momento. A mulher olhava para ele com certa ternura.

Havia algo entre os dois, mas eu estava certo de que não era amor maternal. Aquela não era Alessandra Romero. Não podia ser.

– Não se engane, Júlio – disse ele, olhando para mim novamente. – A vingança não foi planejada somente contra você.

Paulo também merecia um castigo. Mas confesso a você que as visitas dele me faziam bem. Vê-lo consumido pela culpa servia-me como um recarregamento de baterias, entende? E foi numa dessas visitas, muitos anos depois, que notei sua doença pela primeira vez.

– Como assim “doença”? – eu perguntei, ainda tentando livrar minhas mãos, só que agora com mais cuidado por causa da velha a minha frente. Tinha uma pulga atrás da orelha em re-lação àquela mulher. Sentia como se já a tivesse visto antes.

Uma estranha sensação de *déjà-vu*.

– Paulo era um homem doente, Júlio. Pedofilia é uma doença. Como o câncer, por exemplo. Você pode escolher lutar contra, mas sozinho nunca irá vencê-lo. É preciso ajuda.

Paulo teve minha ajuda. Não. “Ajuda” não é a palavra certa.

Incentivo! Isso mesmo. Paulo sempre contou com o meu incentivo.

– O que você quer dizer com isso?

– Ora, Júlio. Eu podia ver a forma com que ele olhava aquelas crianças correndo pela prisão enquanto suas mães visitavam as porcarias dos seus pais. Podia vê-lo salivar de desejo.

Acho que nem ele sabia que aquilo era desejo, mas eu sabia.

Então, ali mesmo, decidi que transformaria Paulo em um pedófilo. Como? Abrindo-lhe as portas. Levou tempo, mas consegui.

Coloqueio em contato com alguns “companheiros de prisão” que tinham acesso ao “material humano” necessário. Ele levou muito tempo para ceder, muito mesmo. Mas ainda assim cedeu à tentação.

– Paulo me disse que, além do garoto morto na sacristia, só havia tido relações sexuais com apenas um outro menino. Um garoto mais velho. Uns 16 anos.

– Então, Paulo mentiu. Temos horas de fitas gravadas com ele molestando meninos mais novos. Centenas de fotos. Quando mostramos a ele, Paulo se viu obrigado a obedecer nossas ordens. Não contamos todo nosso plano a ele, claro, apenas dissemos que a intenção era usar Agatha para atraí-lo para uma armadilha e matá-lo. Acho que ele também odiava você o suficiente para concordar com isso.

A voz de Miguel vinha invadida por um visível prazer. Ele prosseguiu.

– Mas tínhamos de ter certeza de que Paulo não daria para trás, então, antes mesmo de sair da prisão, minha mãe trouxe para a cidade uma mulher para nos ajudar. Uma cafetina que se aproximou de Paulo e estimulou-o a se relacionar com seu próprio filho. Virginia Góes.

– Então foi Paulo mesmo quem assassinou aquela mulher e o garoto. É isso que está me dizendo?

– Júlio, você não está me ouvindo. Paulo não teria coragem para fazer isso. Exatamente por isso, Felipe teve de dar cabo da mulher quando ela decidiu chantagear o padre por mais dinheiro do que havíamos combinado. Não podia deixar que a ganância de uma cafetina estragasse meus planos. Queria que todos ficassem sabendo sobre Paulo e sua doença sórdida, mas tinha de ser da minha maneira. Por isso, quando ela apareceu assassinada, deixamos tudo à mostra em sua casa para que *você* descobrisse quem era, na verdade, seu amigo. Depois, quando ele estava na cadeia, apenas ameacei matar Laura caso ele dissesse alguma coisa.

– E o linchamento? Foi você também quem planejou aquilo?

– Ha ha ha... Júlio, você me dá muito crédito. Não tive nada a ver com aquilo. Todas as pessoas têm o mal dentro delas, só esperando por uma chance de colocá-lo para fora. A prisão de Paulo foi essa chance. Se bem que, devo admitir, ao chegarmos e vê-lo ainda vivo pensei que tudo iria por água abaixo bem na melhor hora. Paulo parecia disposto a contar tudo. Por isso, enquanto você pedia ajuda pelo rádio, seu amigo morria asfixiado na outra sala.

– Seu filho da puta! Seu louco de merda! Eu vou matá-lo! Você está me ouvindo? Eu vou matá-lo!

A mulher levantou-se com dificuldade seguindo até o corpo caído e ainda inconsciente de Laura. Fez um sinal para que Miguel fosse até ela. Meu descontrole ficava cada vez maior.

– Solte-a, sua vagabunda! Não sei quem você é, mas juro que se tocar em um fio de cabelo da minha filha, eu mato você! Eu mato você!

Miguel e a mulher retiraram Laura de cima do tapete da sala. Eu gritava para que a soltassem. Minha mão estava quase livre. Mais alguns minutos somente. Talvez menos. Precisava de mais tempo.

– Só uma coisa não faz sentido em tudo o que disse, Miguel.

Nós dois sabemos que essa mulher não é Alessandra Romero.

Então quem ela é?

Ele colocou o corpo de Laura gentilmente no chão, depois, virou-se para mim degustando cada palavra que cuspiria a seguir. Eu esperava ouvir qualquer coisa, menos aquilo.

– Você tem razão. Essa não é a mãe de Miguel Romero. Ela é *minha* mãe.

– Eu não entendo...

- Miguel Romero não existe mais. Está morto.
- Você está completamente maluco – eu disse assustado com a resposta.
- Você acha? Então deixe-me contar-lhe uma história.

Alice Rios mudara-se para a pequena Novo Salto com os filhos Adam e Teo no outono de 1929. Aos 25 anos de idade, e viúva há menos de um, em razão do suicídio do marido, a jovem garota mudou-se para a cidade quando conseguiu emprego em uma pequena indústria de refrigerantes. Os filhos, de 9 e 7 anos de idade, passavam o dia em casa, esperando a mãe chegar para iniciarem seus estudos. Por decisão da mãe, nenhum dos dois frequentava a escola do município.

A decisão visava a proteger o filho mais novo, Teo, portador de elefantíase, uma doença responsável por deformidades físicas gritantes e que o impediam de ter um convívio social normal. Não haviam sido poucas as vezes em que o caçula fora humilhado e escorraçado de locais públicos por pessoas intolerantes. Adam acompanhava o irmão em tudo. Dedicando-se integralmente a ele. Tudo que era fora de limite para seu irmão mais novo, seria para ele também.

Durante vários anos, a família Rios manteve-se reclusa e distante. Muitos dos colegas de trabalho de Alice nem sabiam da existência de seus filhos. Até uma tarde em que o caçula, Teo, decidiu ir à mercearia comprar um bolo para o aniversário da mãe. Queria surpreendê-la, mas acabou surpreendido por um bando de garotos mais velhos implicando com ele. Não deu ouvido às provocações, comprou seu bolo e seguiu para casa.

Sentia os olhos fixados em si. Quis a companhia do irmão, mas ele também já trabalhava. Não podiam mais ficar juntos como antigamente. Talvez por isso tivesse desobedecido às ordens da mãe.

Enquanto caminhava pela rua, foi seguido de carro pelos rapazes que passavam tirando finta do seu corpo, cada vez mais rápido. Teo morreu atropelado às 16h29 do dia 7 de outubro de 1938. Dia do aniversário de Alice.

O garoto que dirigia o carro – e que pertencia a uma família abastada da cidade – acabou inocentado da acusação de assassinato pela morte de Teo alguns meses depois. Mas Adam tinha outros planos para ele. Um ano depois, no mesmo dia e hora em que o irmão fora assassinado, Adam atravessou de ponta a ponta a garganta do jovem responsável pela morte do irmão com uma enorme faca de cozinha. Em público. Adam foi linchado até a morte. Em seus bolsos foram encontrados apenas um talismã indígena, além de um desenho com duas cobras entrelaçadas formando o símbolo do infinito. Em cima do desenho estava escrito: União de Almas.

Foi também em um 7 de outubro, dia de seu aniversário, que Alice Rios perdeu seu segundo filho. Depois disso, sumiu no mundo.

– Você já ouviu falar em magia negra, Júlio? – ele perguntou para mim, após terminar de contar a história sobre a família Rios.

– O suficiente para saber que não existe – respondi secamente, sem demonstrar ter me impressionado com tudo o que acabara de contar.

– Pois devia. Ela existe sim. E é mais poderosa do que qualquer outra coisa. Mais alguns minutos e você poderá comprovar ao vivo e de camarote.

O relógio na parede da sala marcava 16h20.

– Você ficou maluco, Miguel. Você e essa mulher ao seu lado.

– Miguel? Não há nenhum Miguel aqui, Júlio. Só suas memórias, suas lembranças. Seu amigo não existe mais.

– Não existe? O que aconteceu com ele, então?

– Morreu. Aqui mesmo no porão dessa casa. Também num 7 de outubro. Naquele dia que vocês invadiram aqui em busca de garrafas. Coitados. Mal sabiam que não passavam de meras cobaias atraídas para uma armadilha.

– Do que está falando?

A mulher com voz de corvo atravessou a conversa com uma impaciência aterrorizante.

– Ele está falando que vocês foram atraídos para cá. Levei anos para entender o que deveria ser feito para trazer meu filho de volta. Até descobrir que o ritual funcionava apenas na data e hora da sua morte. Uma chance por ano. Nada mais. Deixei tudo preparado e tinha de atrair alguém para cá. E quem melhor do que crianças? Seres repugnantes, perturbadores, desobedientes e, acima de tudo, curiosos. Bastou jogar a história da viagem para que vocês caíssem feito uns patos. Aquele dia foi o dia da iniciação.

– Deixe-me ver se eu entendi direito. Vocês estão me dizendo que esse não é Miguel Romero, mas sim o espírito perdido de um garoto que morreu linchado sessenta anos atrás. É isso? Entendi correto?

– Exatamente isso, Júlio. Só duas correções: o meu nome é Adam Rios e não sou nenhum espírito perdido. Longe disso.

– Entendo. E essa mulher é sua mãe, eu pressuponho.

– Sim, Júlio. O nome dela é Alice Rios.

– E essa é sua história final?

– Não, Júlio. Essa não é minha história. Essa é minha *verdade*.

Diga-me uma coisa: Você já ouviu falar dessa figura?

O homem puxou o tapete para o lado revelando o desenho pintado no chão. O mesmo desenho que havia iniciado tudo aquilo. O mesmo desenho que tinha me levado a achar Agatha.

As malditas duas cobras em forma de infinito.

Contive meu espanto, apenas respondendo sua pergunta.

– Sei apenas o que Patrício me falou – respondi, direcionando meu olhar ao seu corpo estirado no chão. – Uma tatuagem de gangue de prisão.

Miguel (ou Adam...) sorriu levemente. Pelo jeito, aquele símbolo era muito mais do que somente aquilo que eu pensava.

– Esse é um poderoso feitiço de magia negra, Júlio. Conhecido como União das Almas. *Aeternus Adiunctus*. Eterna-mente unidas. Sabe o porquê desse nome? Porque nossas almas ficaram interligadas para sempre. A minha e a de minha mãe.

Entrelaçadas como duas cobras formando o símbolo do infinito.

O corpo de um definha em vida, decompondo-se pouco a pouco, todos os dias, enquanto cria a energia necessária para manter viva a alma do outro. Por isso estou aqui agora. Por isso minha mãe tem esse aspecto sórdido que você vê. Só que tudo que é cíclico, renova-se. Por anos seu corpo definhou, mantendo-me vivo, enquanto aguardava que eu saísse da prisão para um novo ritual. E de quem é a culpa disso? Sua!

Seis minutos! Bradou a velha senhora no canto da sala. No relógio da sala: 16h23.

– O que tem em seis minutos?

O homem ajoelhou-se na minha frente. Sua voz banhada pelo tom doce do sucesso.

– Júlio, não foi Miguel quem matou sua namorada. Fui eu. Levei anos para tomar controle sobre o corpo dele. Ele tinha muita resistência e eu, pouca experiência. Mas um dia ele cedeu. Você lembra o dia em que sua preciosa Débora morreu?

E a hora? Você se lembra? Coincidência? Não, meu querido. De jeito algum. Débora morreu simplesmente por estar ao meu lado quando me libertei. Tinha uma sede de sangue incontrolável.

Lembro até hoje de seus doces gritos. Recordo até hoje da expressão em seu rosto. O medo do fim. Mas aí veio você e seu maldito testemunho mentiroso. Por sua causa, minha mãe e eu esperamos trinta anos para podermos ficar juntos novamente.

Três minutos! Soou novamente a voz crocitada da velha bruxa.

– Trinta anos esperando por este momento, Júlio. Trinta anos pensando no que dizer, no que falar e, agora que o momento chegou, faltam-me as palavras.

A mulher-gato interrompeu novamente.

– Trinta anos cercada por esses malditos gatos atraídos por esse cheiro de peixe podre que sai do meu corpo— um miado sofrido foi ouvido quando ela chutou um dos felinos parado ao seu lado.— Trinta anos acordando e dormindo com lambidas e ouvindo o ronronar insuportável dessas criaturas infernais. Quero meu velho corpo de volta! E terei em breve. *Dois minutos!*

Miguel e a mulher pegaram Laura pelos membros levando-a até o centro do desenho pintado no chão. Ele ajoelhou-se ao lado dela, enquanto a mãe retirou do bolso uma espécie de tal-ismã indígena. O relógio da sala marcava 16h28.

– Parem! O que vocês vão fazer com minha filha? Soltem-na agora!

Miguel virou-se para mim com os olhos consumidos por um vermelho aterrorizante.

– Chegou a vez de Laura sofrer como Miguel sofreu todos esses anos, Júlio. Só que agora não sou mais um iniciante. Vou fazê-la sentir dores inimagináveis para qualquer pessoa. Vou levá-la ao inferno e trazê-la de volta para mais sofrimento.

– Agora!— gritou a mulher, pegando a mão de Miguel, iniciando junto com ele uma oração com palavras sem sentido.

Pude ver tudo tremendo dentro da casa. As luzes piscavam incessantemente, dando um ar ainda mais mórbido àquela cena.

As portas e janelas batiam com tamanha força que chegavam a arrancar algumas das madeiras pregadas. Os gatos fugiam para todos os cantos da casa, como que pressentindo o pior. Pude ver uma fumaça saindo pela boca, ouvidos e nariz do homem. Pela primeira vez acreditei em sua história. Adam Rios tinha sido o responsável pela morte de Débora, de Miguel, de Agatha e de Tarso. Além de enlouquecer a mente de Paulo. E, agora, queria me tirar meu bem mais precioso. Ele agora aproximava sua boca da boca de Laura. Alice ainda segurava o amuleto rezando palavras estranhas em um tom cada vez mais alto.

Quando consegui finalmente me soltar, sua boca foi a primeira coisa que acertei. Vi o queixo daquela mulher desabar em vários pedaços, apodrecido pela decomposição, enquanto ela caía de costas no chão de madeira. Pulei imediatamente para cima do corpo do homem, empurrando-o para longe de Laura.

Foram vários socos. O homem nem tentou se defender. Estava desacordado. Como se não houvesse mais vida ali. Olhei para Laura, ainda deitada no chão. Sentí um imenso alívio ao perceber seu batimento cardíaco. Minha filha estava viva.

Vi quando a mulher levantou-se correndo em direção à porta dos fundos. Seu plano não dera certo e, agora, abandonava o filho à própria sorte, enquanto tentava escapar sozinha. Fui atrás dela, saindo da casa também. Consegui alcançá-la no quintal. Pulei em seu corpo, subindo em cima do seu torso. Ela caiu de costas para o chão. Só então notei algo diferente naquela mulher, algo apavorante. Seu rosto estava rejuvenescido. Sua pele não tinha mais o aspecto escamado de antes. Pude ver a mudança ocorrendo. Bem em frente aos meus olhos. Nem percebi Laura chegando por trás.

– Não! Deixe-a ir!— minha filha disse, antes de me jogar para o lado, permitindo a fuga da mulher. Sua voz estava diferente. Grave. Demoníaca. Como se houvesse outra pessoa ali.

Meu Deus! Isso não pode ter acontecido!

Laura, ao ver a expressão em meu rosto, sorriu sordidamente.

– *Eu vou fazê-la sofrer, Júlio. Dores inimagináveis.* – então, a voz ficou mais doce: – Pai, ajude-me, por favor! É muita dor— a voz encorpou novamente:— *Isso é apenas o começo! Ha ha ha... Vou fazê-la sentir meu ódio por você por muito tempo, Júlio. Temos todo o tempo do mundo!* – e novamente a doçura apareceu:— Pai, não deixe que isso aconteça! Mate-me! Agora!

Posso sentir o mal me consumindo. Ai, meu Deus! Eu imploro!

Acabe com isso!– Adam assumiu o controle de novo:– *Isso!*

Resista, garota! Assim fica mais gostoso! Que delícia, Júlio. O que você vai fazer? Hã? Matar a própria filha? Ha ha ha. Nada seria mais bonito– a voz mudou mais uma vez.

– Faça isso, pai! Mate-me! E depois, mate Alice. Só assim tudo isso acabará! Posso ler os pensamentos dele, pai! Meu Deus!

São terríveis!

Então, percebi o olhar mudando de tom e sabia que Laura não estava mais lá. Com as mãos, puxou uma faca da cintura, tentando enfiá-la no meu peito. A voz que gritava confirmava minha suspeitas de que Adam havia vencido a batalha interna que ocorria lá dentro. A força empregada era atordoante. Pensei no sofrimento que Laura devia estar sentindo e consegui girar meu corpo jogando-a de costas para o chão. Ela novamente levantou-se partindo para cima de mim. Consegui segurar a mão que estava com a faca, girando meu corpo por trás do corpo de minha filha, imobilizando-a com uma espécie de mata-leão.

Com a mão direita, arranquei a faca da mão dela.

Aproximei minha boca do seu ouvido.

– Laura, sei que você está me ouvindo, minha filha. Tenho um recado para lhe dar. Sua mãe pediu para dizer que amará vo-cê para sempre. E eu também.

Aquelas foram as últimas palavras que disse a ela antes de usar a faca para atravessar, de ponta a ponta, o seu pescoço.

Dois anos depois...

A garrafa de uísque barato foi deixada ao lado do meu copo, assim que pedi ao *barman* minha sexta dose.

– Talvez seja melhor você já ficar com isso – ele disse, antes de voltar para o centro do balcão.

Não respondi nada. Nem agradei. Apenas mantive minha cabeça baixa e virei o líquido de uma só vez. Depois, peguei a garrafa e com-pletei o copo novamente. Bebi da mesma forma e repeti o ato mais uma vez. Pela oitava vez.

Desde a morte de Laura, as coisas haviam mudado bastante na minha vida. Após a prisão de Mizael H. Barreto pelos assassinatos de Paulo e Jaime, enfrentei o meu julgamento pela morte de Laura.

Confesso que ver os jurados me absolvendo por legítima defesa, para mim, foi pior do que ser condenado à morte. Isso significava que eles foram capazes de enxergar o quanto minha própria filha me odiava.

Mas eu havia enfrentado tudo aquilo exatamente por ela. Não que al-guém fosse capaz de entender ou que eu mesmo fosse capaz de explicar, mas eu ainda tinha uma missão a cumprir antes de tudo estar terminado. Algo que Laura havia me pedido e que eu não havia conseguido impedir da primeira vez, mas que esperava poder fazer agora.

Exatamente por isso eu havia abandonado a vida de policial e deixado a cidade de Novo Salto. *Não que alguém fosse sentir minha falta, claro. Na verdade, acho que minha decisão, para muitos, foi um alívio. A sujeira que ia sozinha para baixo do tapete. Principalmente quando a história chegou à mídia.*

Era por Laura que eu estava aqui... neste lugar... neste dia... neste horário.

O *barman*, talvez pela experiência de anos trabalhando em bares e vendo mágoas sendo afundadas em copos de uísque, decidiu conversar comigo.

– O senhor está bem?– ele perguntou, enquanto secava com um pano um copo que acabara de lavar.

– Que horas são?– perguntei, erguendo a cabeça.

– Quase 16 horas – ele respondeu, olhando para o relógio afix-ado na parede.

– Ficarei melhor em breve.

Minha resposta poderia não ter sentido algum para aquele homem, mas fazia total sentido para mim. Há exatos dois anos, vinha esperando por uma oportunidade como aquela. Uma chance de “fechar a tampa daquele caixão”. E, pelas minhas contas, isso aconteceria em mais alguns poucos minutos.

O *barman* insistiu na conversa.

– O que faz aqui neste fim de mundo?

– O que você tem a ver com isso?– perguntei, invadido por uma rispidez intencional.

O homem pareceu não se incomodar. Já devia estar acostumado a respostas semelhantes.

– Não tenho nada com isso. Só não é comum ver pessoas de fora em uma cidade tão pequena quanto a nossa. E achei que talvez fosse bom para você jogar uma conversa fora. Apenas isso.

– Peço desculpas pela grosseria, senhor. Mas prefiro não falar sobre esse assunto. É algo particular. Digamos que vim aqui fazer uma visita a uma pessoa que há tempos não vejo, e não sei como serei recebido.

– Um mulher, certo? Só uma mulher é capaz de deixar um homem desse jeito– ele disse, com um tom cômico, tentando atenuar minha aflição.

Apenas levantei o copo, virando minha nona dose de uísque. E vi um garotinho entrando pela porta.

– Zeca, o que faz aqui?– perguntou o homem abrindo um leve sorriso.

– Isso aqui não é lugar para um menino como você... *ainda* – ele finalizou, piscando os olhos para

mim.

O menino parecia bem feliz.

– Quero um refrigerante, Sr. Souza.

– Sei, sei. E com que dinheiro você pretende pagar pela bebida?

O garoto tirou do bolso uma nota de 5 dólares e entregou ao homem.

– Quantos refrigerantes dá isso?

A porta do bar, que estava apenas encostada, abriu-se um pouco mais. Como se tivesse sido empurrada pelo vento. O *barman* não gostou de ver que um gato havia entrado no bar.

– Fora! Fora!– ele gritava, fazendo sinais com uma das mãos.

– Não faça isso, Sr. Souza. Ele está comigo– interveio o garoto, pegando o felino nos braços.

– Não sabia que você tinha gato, Zeca.

– Não é meu. É da mulher que fica lá fora. O *barman* pegou uma lata de refrigerante no *freezer* e entregou ao garoto.

– Você tem direito a mais quatro dessas, *ok*?

– Oba! Agora deixa eu ir porque ela está com pressa. Tem uma surpresa para mim.

O garoto deixou o bar com o gato no colo e a bebida na mão.

– Quem é essa mulher?– perguntei com indiferença.

– Ninguém. Apenas alguém que apareceu por aqui uns

meses atrás e acampou no terreno da frente. Vive brincando com as crianças. Parece que teve um acidente e perdeu a memória ou algo parecido. Tem escoriações por todo o corpo.

Coitada. Não faz mal a ninguém. Uma mulher até bonita, se vo-cê quer saber. Infelizmente, não muito chegada a um banho, se é que você me entende– o *barman* completou, tapando o nariz com os dedos.

Apenas sorri como se tivesse achado alguma graça naquele comentário. O relógio na parede avisava o horário e a data.

Eram 16h16 do dia 7 de outubro. Tirei uma nota de cem dólares do bolso e coloquei em cima do balcão. Agradei ao *barman* gestualmente e segui para a porta.

– Ei, amigo– disse ele, chamando por mim–, não vai pegar seu troco?

– Pode ficar– respondi sem olhar para trás. – Em treze minutos isso não me servirá mais de nada.

Redenção

Contorcido em meio às ferragens, eu agonizava sozinho. A dor que assolava meu corpo nem de perto suplantava a dor que martelava minha alma. Fechei os olhos, esperando pela morte, que teimava em não chegar.

Foi quando ouvi aquele sussurro doce. Uma voz repleta de harmonia e paz. Duas coisas que faltavam em minha vida há muito tempo.

Não sei descrever o que senti ao abrir os olhos e ver o rosto angelical de Laura.

– Pai, você está bem? – ela perguntou com um ar de inocência.

– Sinto sua falta, minha filha. Não consigo me perdoar pelo que fiz.

– Não se culpe, papai. Você fez o que deveria fazer e sou grata por isso. Estou feliz, vivendo ao lado de minha mãe.

– Laura, perdoe-me, minha filha! Por favor! Eu lhe imploro!– o choro compulsivo foi incontrolável.

– Pai, não há o que perdoar. Na verdade, eu que peço perdão. Por tudo. Agora vejo o quanto você me amava. Eu amo você. Sempre am-arei. Obrigada por tudo. Só isso que eu queria dizer.

– Não vá, minha filha. Eu também amo você. Sem você minha vida não tem sentido algum.

Laura flutuava em direção ao horizonte. Antes de desaparecer por completo, virou-se para mim, com

o sorriso mais feliz que eu já tinha visto na vida. Suas palavras foram penetrantes.

– Não se preocupe, papai. Sua vida fará total sentido em breve.

Desde o acidente, aquela era a primeira vez que sonhava com Laura. Normalmente, meu sono vinha invadido pelos pesadelos daquele último 7 de outubro. O rosto demoníaco de Alice Rios enquanto decapitava sua cabeça com um machado de lenhador, os primeiros pingos de chuva tocando meu rosto antes da tempestade que se seguiu, os faróis daquele caminhão como enormes olhos hipnotizando-me.

A única coisa pior do que se suicidar, é tentar e não conseguir. Você é envolvido por uma sensação de impotência mor-tificante. Mais insignificante que um animal. Não fosse por Sarah, ainda estaria vegetando naquele leito de hospital, embriagado em autopiedade.

Talvez esse sonho com Laura fosse um sinal de que tudo iria melhorar. Não sei. Se pudesse, gostaria de sonhar com ela todas as noites. Ouvi-la dizer que me amava– *mesmo em sonho*– trazia uma paz indescritível para o meu sofrido coração.

Olhei o relógio e vi que horas eram. Quase 9h00. A manhã ensolarada contribuía ainda mais para iluminar o meu estado de espírito. Pela primeira vez, em muito tempo, sentia-me leve.

Com os braços, agarrei a cadeira de rodas estacionada ao lado da cama. Travei os pinos e conduzi meu corpo até ela. Desde o dia do acidente, não conseguia mais mover as pernas. Um mere-cido castigo para aquela atitude covarde.

Foram meses de fisioterapia para conseguir estar do jeito que estou hoje. E não teria conseguido isso sem a minha Sarah.

Meu anjo da guarda. No criado-mudo, a foto do nosso casamento. Um grito vindo de dentro do banheiro, deixou-me tenso. “Corri” até a porta o mais rápido que pude.

– Sarah! Meu amor! Você está bem?

Ela abriu a porta mostrando seu belo rosto. A pele pálida deixou-me ainda mais aflito. Não aguentaria mais notícias ruins. Na mão, Sarah carregava um palito azul. Na ponta dele, dois riscos paralelos.

– Júlio, eu estou grávida! Nós vamos ter um bebê!

Não contive o choro. Há tempos não sentia uma alegria como aquela na minha vida. Seria pai novamente. Será que seria outra menina? Pouco importava. Nada poderia trazer mais sentido a minha vida do que aquela notícia.

Então, olhando para o céu, disparei um leve sussurro.

– Eu amo você, Laura.

FIM

.pdf

Multibrasil Download - www.multibrasil.net

.ePub



2014